GRAMMATICA PORTUGUEZA

POR

JULIO RIBEIRO

> *Tentei ensinar aos meus naturaes o que eu de outrem não pude aprender.*
>
> DUARTE NUNES DE LEÃO.

> *Pour les langues, la methode essentielle est dans la comparaison et la filiation. — Rien n'est explicable dans notre grammaire moderne si nous ne connaissons notre grammaire ancienne.*
>
> LITTRÉ.

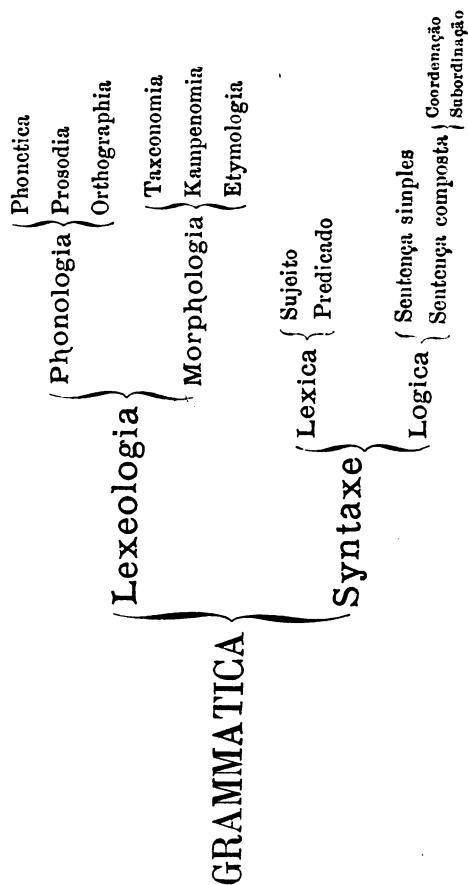
> *En aucune chose, peut-être, il n'est donné à l'homme d'arriver au but; sa gloire est d'y avoir marché.*
>
> GUIZOT.

SEGUNDA EDIÇÃO, REFUNDIDA E MUITO AUGMENTADA

S. PAULO
TEIXEIRA & IRMÃO, EDITORES
54-A — RUA DE S. BENTO — 54 A
1885

GRAMMATICA PORTUGUEZA

- **GRAMMATICA**
  - **Lexeologia**
    - Phonologia
      - Phonetica
      - Prosodia
      - Orthographia
    - Morphologia
      - Taxonomia
      - Kampenomia
      - Etymologia
  - **Syntaxe**
    - Lexica
      - Sujeito
      - Predicado
    - Logica
      - Sentença simples
      - Sentença composta
        - Coordenação
        - Subordinação

Arvore synoptica da divisão e das subdivisões da Grammatica

GRAMMATICA PORTUGUEZA

POR

JULIO RIBEIRO

Tentei ensinar aos meus naturaes o que eu de outrem não pude aprender.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

Pour les langues, la methode essentielle est dans la comparaison et la filiation.— Rien n'est explicable dans notre grammaire moderne si nous ne connaissons notre grammaire ancienne.

LITTRÉ.

En aucune chose, peut-être, il n'est donné à l'homme d'arriver au but; sa gloire est d'y avoir marché.

GUIZOT.

SEGUNDA EDIÇÃO, REFUNDIDA E MUITO AUGMENTADA

S. PAULO
TEIXEIRA & IRMÃO, EDITORES
54 A — RUA DE S. BENTO -- 54 A

1885

Esta segunda edição da **GRAMMATICA PORTUGUEZA** *pertence aos Snrs. Teixeira & Irmão, livreiros portuguezes estabelecidos em S. Paulo.*

Eu e os editores protestamos contra qualquer reproducção.

Cada exemplar vai numerado e assignado.

Exemplar n.º ....

....

Á MEMORIA VENERANDA

DE

LUIZ DE CAMÕES, FRIEDRICH DIEZ E ÉMILE LITTRÉ;

AOS COLENDOS MESTRES

André Lefèvre, Michel Bréal e Adolpho Coelho;
ao eruditissimo polygrapho Theophilo Braga;
ao mais robusto manejador actual
da Lingua Portugueza, Camillo Castello Branco;
á maior gloria do magisterio official brazileiro,
Capistrano de Abreu;

AOS DISTINCTISSIMOS PROFESSORES

Vieira de Almeida (Campinas),
Thomaz Galhardo (S. Paulo)
e Serafim de Mello (Capivary)

DEDICA ESTA SEGUNDA EDIÇÃO

DA

GRAMMATICA PORTUGUEZA

O auctor.

Peço á critica illustrada e honesta o que ella me não pode recusar—toda a severidade para com esta Grammatica.

Não é um orgulho tolo que me leva a fazer tal pedido; é o desejo de melhorar o meu trabalho em bem dos que estudam Portuguez.

Dos directores da imprensa espero uma fineza—que me sejam enviados todos os exemplares das suas folhas, em que saiam noticias e apreciações d'esta obra.

ENDEREÇO

Julio Ribeiro.

S. João de Capivary,

PROVINCIA DE S. PAULO,

BRAZIL.

PREFACIO

As antigas grammaticas portuguezas eram mais dissertações de metaphysica do que exposições dos usos da lingua.

Para afastar-me da trilha batida, para expôr com clareza as leis deduzidas dos factos do fallar vernaculo, não me poupei a trabalhos.

Creio ter ferido o meu alvo.

Os erros de etymologia e de distribuição de materia que a critica honesta e illustrada de Karl von Reinhardstoettner ([1]) e de Alexandre Hummel ([2]) descobriram na primeira edição de meu livro, corrigi-os eu n'esta segunda.

Acceitei grato os elogios da imprensa brazileira: com os louvores dos competentes, de Ruy Barbosa, de Theophilo Braga, do conselheiro Viale, exultei.

A's criticas injustas e virulentas de gente atrabiliaria que, á mingua de sciencia, lança mão do insulto, não havia resposta a dar. Não é de bom conselho perder tempo com cousas que a ninguem aproveitam.

Duas palavras sobre esta grammatica, e em particular sobre esta edição.

Abandonei por abstractas e vagas as definições que eu tomára de Burgraff: preferi amoldar-me ás de Whitney, mais concretas, e mais claras.

---

(1) **Professor da Polytekhnica de Munich.**
(2) **Distincto professor dinamarquez, residente em Tietê.**

O systema de syntaxe é o systema germanico de Becker, modificado e introduzido na Inglaterra por C. P. Mason, e adoptado por Whitney, por Bain, por Holmes, por todas as summidades da grammaticographia saxonia.

O meu modo de expôr, a ordem que segui em distribuir as materias é de Bain. Cumpre notar que, ao dar á luz em 1881 a primeira edição desta grammatica, eu ainda não tinha visto a «*A Higher English Grammar*».

Folgo de que, sem previo accordo, eu tenha no campo do pensamento caminhado a par de espirito tão elevado. Que se concluirá de ter a minha obscuridade achado sem guia o mesmo caminho seguido pelo eminente logico inglez?

E' que, sendo identicos os processos que empregamos na distribuição dos factos glotticos e na maneira de encaral-os, identico foi o resultado.

E' de crer que tenhamos ambos acertado; que se possam applicar ao caso as palavras do sr. Michel Bréal (1) sobre facto similhante, o encontro, a homogeneidade das grammaticas gregas dos srs. Chassang e Bailly: «*Quoique les* «*auteurs aient travaillé d'une façon indépendante, leurs* «*ouvrages présentent de nombreuses analogies, qui prou-* «*vent en faveur de l'un et de l'autre, puisque le champ de* «*l'erreur est trop vaste pour qu'on puisse aisément s'y ren-* «*contrer*».

Agora faço minhas as seguintes considerações de Bain, *mutatis* levemente *mutandis*: «*While availing myself of* «*the best works on the English Language, I have kept steadily* «*in view the following plan. Under Etymology* (Lexeologia) «*the three departments: 1.st, Classification of Words or the* «*Parts of Speeche* (Taxeonomia); *2nd. Inflexion* (Kampeno- «mia); *3rd., Derivation* (Etymologia), *have been separately* «*discussed. This method I think better adapted for conveying*

---

(1) *Mélanges de Mythologie et de Linguistique* **Paris, 1877, pag. 335.**

« *grammatical information than the elder one, of exhausting*
« *successively each of the Parts of Speech in all itst relations.*

« *For the sake of the accurate definition of the Parts*
« *of Speech, as well as for General Syntax, the recently in-*
« *troduced system of the Analysis of Sentences is fully*
« *explained. On this subject the method given by Mr. C. P.*
« *Mason has been principally followed* (1)».

Ocioso seria confessar o muito que devo a Paulino de Sousa, a Theophilo Braga e a outros grammaticographos portuguezes. Quem fôr versado em estudos de lingua vernacula facilmente verá de quanto me valeram esses mestres.

Pelo que respeita a Adolpho Coelho, pergunto: quem poderá escrever hoje sobre philologia portugueza sem tomal-o por guia, sem se ver forçado a copial-o a cada passo?

Apresento ao publico esta segunda edição de meu livro, escudando-o com os louvores de tres homens venerandos, Ruy Barbosa, o conselheiro Viale, André Lefèvre.

Por falta de espaço deixo com pezar de adduzir as opiniões de Sylvo Romero, de Capistrano, de Arthur, de Theophilo Braga, de tantos outros competentissimos.

Faço votos para que uma critica severa mas honesta auxilie-me sempre em melhorar um trabalho que tanto favor tem merecido.

Capivary, 30 de Dezembro de 1884.

Fragmento de uma carta do conselheiro Antonio José Viale ao Exm.° Sr. Dr. Rozendo Muniz.

«Li com grande satisfação a nova Grammatica Portugueza do professor paulista o Sr. Julio Ribeiro. Aprendi n'ella muita e muita cousa. Na minha opinião leva a palma a quantas gram-

(1) **Desvaneço-me de que até na escolha de guia a seguir me tenha eu encontrado com o grande philosopho inglez.**

maticas portuguezas conheço, algumas das quaes tenho approvado na junta central de instrucção publica, de que sou vogal.»

Parecer e Projecto da Commissão de Instrucção publica, apresentado á Camara dos Deputados em 12 de Septembro de 1882; relator Ruy Barbosa. Pagina 172; nota:

Louvores ao nosso distincto philologo, o Sr. Julio Ribeiro, pela intelligencia com que comprehendeu e traduziu esta nova direcção (a de Whitney) dos estudos grammaticaes. «Grammatica, diz elle, é a exposição methodica dos factos da linguagem.»

BARIS, 26 JANVIER 1882

21 RUE HAUTEFEUILLE

Monsieur et cher confrère.

Je n'ai pas voulu vous remercier sans vous avoir lu, ou plutôt sans m'être quelque peu familiarisé, à l'aide de votre grammaire même, avec les formes et l'organisme de la langue portugaise.

J'ai donc suivi, avec attention et plaisir, le developpement de votre pensée; et j'ai fait mon profit, au point de vue de la grammaire comparée, de votre phonétique, de vos comparaisons étymologiques, de vos beaux travaux sur les désinenses et les suffixes. Il est impossible, en parcourant vos nombreux paradigmes de substantifs, de particules et de verbes, de ne pas admirer cette richesse linguistique qui se manifeste dans le tronc aryen, et qui, après s'être épanouie en

sept familles d'idiomes indoeuropéens, a su encore faire jaillir de chaque rameau des floraisons aussi variées, aussi nettement caracterisées que les sept ou huit filles du latin.

L'intime fraternité de ces belles langues romaines, loin de nuire à leur originalité respective, en fait seulement comme un de ces chœurs harmonieux où la varieté des timbres et des voix accentue l'unité fondamentale du thème et de la mélodie.

Pourquoi, cher monsieur, me sens-je plus voisin de vous à travers l'Atlantique que de l'Anglais ou de l'Allemand, à peine separés de Paris par une journée de chemin de fer? C'est à la science du langage de repondre à cette question, trop négligée des hommes d'état à courte vue. La parenté des langues, qui est celle des idées, implique necessairement l'amitié et l'alliance des peuples. Sans aucune pensée de dénigrement et d'envie à l'egard des autres groupes aryens ou humains, les membres de la grande société latine doivent marcher la main dans la main vers le progrès social, et faire sentir leur poids dans la balance de l'équilibre universel.

Agréez, cher monsieur Julio Ribeiro, l'assurance de mes sentiments de confraternité.

André Lefèvre.

GRAMMATICA PORTUGUEZA

INTRODUCÇÃO

1. Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem (1).

A grammatica não faz leis e regras para a linguagem; expõe os factos della, ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. O estudo da grammatica não tem por principal objecto a correcção da linguagem. Ouvindo bons oradores, conversando com pessoas instruidas, lendo artigos e livros bem escriptos, muita gente consegue fallar e escrever correctamente sem ter feito estudo especial de um curso de grammatica. Não se póde negar, todavia, que as regras do bom uso da linguagem, expostas como ellas o são nos compendios, facilitam muito tal aprendizagem; até mesmo o estudo dessas regras é o unico meio que têm de corrigir-se os que na puericia aprenderam mal a sua lingua.

2. Ha muitos outros pontos de vista sob os quaes é util o estudo da grammatica.

Nós começamos a aprendizagem da falla aprendendo a entender as palavras que ouvimos pronunciar aos outros; depois aprendemos a pronuncial-as nós proprios, e a coordenal-as, como os outros fazem, para exprimir as nossas impressões, os nossos pensamentos. Um pouco mais tarde temos de aprender a entendel-as quando apresentadas á nossa vista manuscriptas ou impressas: temos de apresental-as tambem desse modo, isto é, de escrevel-as. Será então dever nosso usar da linguagem não só com correcção, mas tambem de modo que agrade aos outros, que sobre elles exerça influencia. Muitas pessoas terão ainda de aprender linguas extranhas, linguas que servem aos mesmos fins a que serve a nossa, mas de modo diverso. Nós temos mais de estudar as formas va-

(1) WILLIAM DWIGHT WHITNEY, *Essentials of English Grammar*, London, 1877, pag. 4—5.

rias por que passou a nossa lingua, temos de comparar essas fórmas com a fórma actual para que melhor entendamos o que esta é, e como veio a ser o que é. Não nós basta usar da linguagem; é mister saber o que constitue a linguagem, e o que nos importa ella. O estudo da linguagem diz-nos muito sobre a natureza e sobre a historia do homem. Como a linguagem é o instrumento e o meio principal das operações da mente, claro está que não podemos estudar essas operações e a sua natureza sem um conhecimento cabal da linguagem.

Para todos estes fins é o estudo da grammatica o primeiro passo; e o estudo da grammatica de nossa lingua o passo mais seguro e mais facil.

O estudo da grammatica divide-se em diversas partes; nunca se acaba: começa em nossa infancia, e dura toda a vida. Os homens mais intelligentes e doutos têm sempre alguma cousa a accrescentar ao seu conhecimento da linguagem, mesmo da materna.

3. *Linguagem* é a expressão do pensamento por meio de sons articulados.

4. Sons articulados significativos, quer proferidos, quer representados por symbolos, chamam-se *palavras*.

Consideradas relativamente á sua significação, chamam-se as palavras *termos*; considerados relativamente a seus elementos materiaes, chamam-se *vocabulos*.

5. A grammatica é geral ou particular.

6. *Grammatica geral* é a exposição methodica dos factos da linguagem em geral.

7. *Grammatica particular* é a exposição methodica dos factos de uma lingua determinada.

8. *Grammatica portugueza* é a exposição methodica dos factos da lingua portugueza.

9. Divide-se a grammatica em duas partes: lexeologia e syntaxe [1].

---

(1) Burgraff, *Principes de Grammaire Générale*, Liège, 1863, pag. 11. Allen and Cornwell, *English Grammar*, London, 1865, pag. 9. Ayer, *Grammaire Comparée de la Langue Française*, Paris, 1876; pag. 12. Bastin, *Étude Philologique de la Langue Française*, St. Petersbourg, 1878, vol, I, pag. 1. Chassang, *Nouvelle Grammaire Grecque*, pag. 1 e 131.

PARTE PRIMEIRA

LEXEOLOGIA

10. A *lexeologia* considera as palavras isoladas, já em seus elementos materiaes ou sons, já em seus elementos morphicos ou fórmas.

11. A lexeologia compõe-se de duas partes: phonologia e morphologia.

LIVRO PRIMEIRO

ELEMENTOS MATERIAES DAS PALAVRAS

12. *Phonologia* é o tratado dos sons articulados.

13. A phonologia considera os sons articulados

1) isoladamente, como elementos constitutivos das palavras;

2) agrupados, já constituidos em palavras;

3) representados por symbolos.

14. As partes, pois, da phonologia são tres: phonetica, prosodia e orthographia.

SECÇÃO PRIMEIRA

PHONETICA

15. *Phonetica* é o tratado dos sons articulados considerados em sua maxima simplicidade, como elementos constitutivos das palavras (1).

Som é a impressão produzida no orgam auditivo pelas vibrações isokhronas do ar.

---

(1) Bergman, *Résumé d'Études d'Ontologie Générale et de Linguistique Générale,* Paris, 1875, pag. 261.

Voz é o som laryngeo de que se servem os animaes para estabelecer entre si certas relações.

O orgam essencial para a producção de vozes é o *larynge:* os *pulmões* fazem as vezes de um folle, e a *trakhea-arteria* as de um porta-vento.

Voz articulada é a voz humana modificada por movimentos voluntarios do tubo vocal.

O apparelho, pois, da voz articulada é o *tubo vocal,* isto é, o *pharynge,* a *bocca* e as *fossas nasaes.*

O larynge humano tem dous estreitamentos formados por dous pares de linguetas — *glotte inferior* e *glotte superior,* chamados tambem *cordas vocalicas.*

Usualmente a denominação «*glotte*» comprehende-os ambos.

Atravez da glotte effectuam-se a aspiração e a exspiração. Durante esta é que se produzem as vozes, cuja intensidade está sempre na razão direta da força com que é expellido o ar.

As vozes vão modificar-se especialmente na parte superior do tubo vocal. E' este um apparelho composto de membranas e de musculos: tem orgams moveis e orgams immoveis.

Os orgams moveis são:

1) O *véo do paladar,* divisão musculo-membranosa, quasi quadrilateral, cuja margem superior apega-se á abobada palatina, ao passo que a inferior fluctúa livre sobre a base da lingua, apresentando em sua parte média a saliencia chamada *úvula* ou *campainha,* e continuando-se de cada lado com a lingua e com o pharynge por meio das prégas conhecidas anatomicamente por *pilares do véo do paladar;*

2) a *lingua,* corpo musculoso, maravilhosamente flexivel, que, ligado em parte á mandibula inferior, contrai-se, alonga-se, dobra-se, vibra, podendo ir tocar com sua extremidade quasi todos os pontos da cavidade buccal. Comparam-na pittorescamente e com muita justeza ao badalo de um sino;

3) as *faces* e os *labios.* Os labios formam a abertura da bocca, e, fechados elles, torna-se impossivel a emissão de sons articulados;

4) a *arcada dentaria inferior.*

Os orgams immoveis são:

1) as *fossas nasaes;*

2) a *abobada palatina;*

3) a *arcada dentaria superior.*

Cerrar os dentes não impede a passagem do ar; póde-se, pois fallar com os dentes cerrados.

Eis, em resumo, o mekhanismo da palavra: o ar exspirado pelos pulmões entra em vibração nos estreitamentos do larynge, onde se fórma a voz, e atravessa a bocca, onde se faz a articulação. Os musculos do larynge modificam a primeira; os do véo do paladar, da lingua, das faces e dos labios se encarregam da segunda.

16. De tres maneiras modifica-se o apparelho vocal na prolação de sons laryngeos; ha, conseguintemente, tres categorias de vozes articuladas, a saber: vozes livres, vozès constrictas, vozes explodidas.

A velha distribuição dos elementos phonologicos em *sons simples* e em *articulações*, em *vozes* e em *consonancias*, provém da observação imperfeita que dos phenomenos de vocalisação têm feito os grammaticos (1).

De facto, as chamadas *vozes* são em essencia sons produzidos pela passagem do ar nas cavidades pharyngeas e buccaes que se dispõem de modo particular, e que, por conseguinte, resoam diversamente em cada uma das prolações.

As pretendidas *consonancias* não são sons como as *vozes; são ruidos*, isto é, vibrações irregulares, mixtas e confusas demais para poderem ser percebidas em separado: estes ruidos não podem fazer-se ouvir distinctamente por si, mas differenciam-se pela maneira porque deixam começar ou acabar a emissão de uma voz. As *consonancias* não se podem pronunciar sem que se associem a uma *voz:* d'ahi o seu nome — *cum sonare.*

No momento de emittir-se uma *voz* a cavidade buccal e a pharyngea dispõem-se de modo tal, que apresentam ao ar, que vai produzir a voz, certos *obstaculos* que elle abala, d'onde o ruido mais ou menos accentuado das *consonancias* (2).

Em resumo, tanto *vozes* como *consonancias* não passam de *sons laryngeos de vozes* propriamente ditas, que se modificam diversamente ao atravessarem a parte superior do tubo vocal.

---

(1) Girault Duvivier, *Grammaire des Grammaires*, édition de Lemaire, Paris, 1873, vol. I, pag. 4. Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica*, Lisboa, 1871, pag. 2—6.

(2) Mathias Duval, *Cours de Physiologie*, Paris, 1879, pag. 504 e 505.

2

O erro dos grammaticos consiste na apreciação falsa dos ruidos da bocca, ou de qualquer outra parte do apparelho de phonação: todo o som laryngeo é a voz a que dá modo de ser, a que imprime fórma o jogo continuo ou momentaneo dos orgams moveis da bocca (1).

Os grammaticos da India conheceram e discriminaram bem estes factos: ás vozes chamaram elles *svara* (sons), ao passo que ás pretendidas *consonancias* deram o nome de *vyanjana* (o que torna distincto, o que manifesta) (2).

17. Todos os sons laryngeos que têm passagem livre pelo tubo vocal mais ou menos alongado são *vozes livres*.

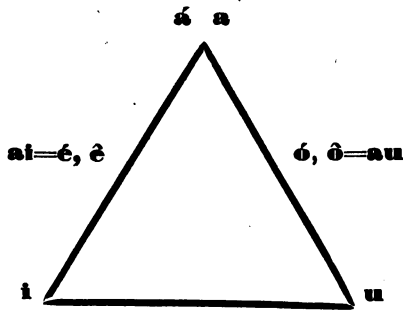
De todos os elementos da linguagem o menos complexo, o que com mór facilidade se produz, é a voz livre **a**: consiste ella em uma mera emissão de som laryngeo por entre os labios descerrados.

A voz livre **i** é produzida pela maxima dilatação horisontal da bocca, ou, em outros termos, é a voz livre em cuja enunciação a abertura oral extende-se longitudinalmente até o ultimo grau.

A prolação da voz livre opposta **u** effectua-se pela maxima approximação dos cantos da bocca, durante a emissão do som.

As outras vozes livres são intermediarias em relação ás tres principaes: assim **e** fica entre **a** e **i**; **o** entre **a** e **u**.

Em Francez representa-se frequentemente **e** por **ai**, e **o** por **au**, ex.: «*m***ai***son—vr***ai***—***au***teur—ch***au***d*».

As vozes livres typos podem ser propriamente dispostas assim:

(1) Burgraff, *Obra citada*, pag 34 e 38; De Brosses, citado ás pag. 46 da mesma obra; Barbosa Leão, *Colècção de Estudos e Documentos*, Lisbôa, 1878, pag. 3.

(2) Max Muller, *Nouvelles Leçons sur la Science du Langage*, trad. de Harris et Perrot, Paris, 1867, vol. I, pag. 155.

As vozes da esquerda do diagramma são produzidas por dilatação do orificio da bocca, e as da direita por contracção do mesmo orificio; as vozes mais distantes de **a**, isto é, **i** e **u**, são as que assim se modificam em mais elevado grau; as intermedias, isto é, **e** e **o**, produzem-se por uma alteração menor do feitio natural da bocca, e participam tanto da fórma mais simples **a**, como das mais profundamente modificadas **i** e **u** (1).

A generalidade dos grammaticos confunde estas vozes com as lettras que as representam, e tanto a umas como a outras dão elles o nome de *vogaes* (2).

As vozes livres podem ser classificadas segundo os orgams que mais concorrem para a sua formação: **a** é, pois, guttural; **i** palatal; **u** labial.

18. Se na emissão das vozes livres contrai-se o véo do paladar de modo que passe o ar para as fossas nasaes, obtêm-se vozes *an, en, in, on, un,* chamadas *compostas* ou *nasaes* em opposição ás primitivas *a, e, i, o, u,* consideradas *puras*.

19. Todos os sons laryngeos modificados por estreitamento parcial do tubo vocal são *vozes constrictas*.

Esse estreitamento do tubo vocal póde ter logar em diversos pontos: ao nivel mais ou menos do meio da lingua elle dá **che, je, lhe, nhe**; na altura da lingua, **se, ze**; entre a ponta da lingua e a parte posterior dos dentes incisivos superiores, **ne**; entre o labio inferior e a borda dos mesmos dentes incisivos, **fe, ve**; entre os labios, **me**. Para pronunciar **le**, que é **re** enfraquecido, a ponta da lingua achata-se de encontro ao paladar, e a voz passa pelos vãos que ficam entre a lingua e as partes lateraes das arcadas dentarias. **Re** é um som vibrante rolado.

A generalidade dos grammaticos confunde estas vozes com as lettras que as representam, e tanto a umas como a outras dão elles o nome de *consoantes semivogaes* (3).

---

(1) Nordheimer, *A Critical Grammar of the Hebrew Language*, New-York, 1838, vol. I, pag. 10—11

(2) Emmanuel Alvarus *Instit. Grammatica*, Romæ, 1860, pag. 174.

(3) Idem, *Opus citatum*, pag. 174

*

20. Todos os sons laryngeos modificados por occlusão subita e completa do tubo vocal em qualquer de seus pontos são *vozes explodidas*.

Variam estas vozes conforme o ponto do tubo vocal em que se opera a occlusão: tendo ella logar entre o meio da lingua e a abobada palatina, produzem-se **ke, ghe**; entre a ponta da lingua e a parte posterior dos dentes incisivos superiores, estando um tanto separadas as arcadas dentarias, effectuam-se **te, de**; entre os labios obtêm-se **pe, be.** Quando o som se faz ouvir no momento em que separam-se os pontos occlusos do tubo vocal, ha explosão que póde ser precedida de murmurio vocal, de um como esforço primo para vencer o obstaculo.

A pluralidade dos grammaticos confunde estas vozes com as lettras que as representam, e tanto a umas como a outras dão elles o nome de *consoantes mudas* (1).

21. Em resumo, se se quer distinguir estas tres ordens de vozes basta determinar

1) para as vozes livres — a forma do tubo vocal;
2) para as vozes constrictas — o ponto do estreitamento do mesmo tubo;
3) para as vozes explodidas — os orgams que operam a occlusão d'elle.

As vozes modificadas labiaes e sobretudo as labiaes explodidas são as mais faceis de pronunciar, attenta a simplicidade de movimentos que exigem; são as primeiras pronunciadas pela criança—*papá, mamã*, etc.; são as que com mór facilidade se consegue fazer repetir a certos animaes, e que se encontram naturalmente formadas no balido, no mugido, etc. (2).

---

(1) *Ibidem.*

(2) Mandl, *Hygiène de la voix parlée ou chantée.* Paris, 1879.

Eis as vozes constrictas e explodidas methodicamente classificadas segundo estes principios:

	Vozes constrictas				Vozes explodidas	
	Sibilantes	Nasaes	Liquidas	Vibrante	Surdas	Sonoras
Gutturaes	. . .	. . .	. . .	. . .	ke	ghe
Palataes	je, che	nhe	. . .	. . .	. . .	. . .
Linguaes	. . .	lhe	le, re	rre	. . .	. . .
Dentaes	se, ze	ne	. . .	. . .	te	de
Labiaes	fe, ve	me	. . .	. . .	pe	be

Este diagramma apresenta uma classificação aproximativa; é susceptivel de modificações.

Com effeito, as vozes constrictas e explodidas resultam em sua maxima parte da acção concurrente de varios orgams: **me**, por exemplo, é ao mesmo tempo nasal e labial; **ne**, dental e nasal; **le, re, rre** são linguaes, palátaes e dentaes; **fe, ve,** labiaes e dentaes.

A differença entre as vozes explodidas *surdas* e as *sonoras* é que estas se produzem com vibração das cordas vocalicas (glotte), e aquellas não.

22. As vozes livres puras mais importantes são oito:

1) *a* agudo como em ch**á**
2) *a* grave » » mes**a**
3) *e* agudo » » p**é**
4) *e* fechado » » merc**ê**
5) *i* commum » » v**i**l
6) *o* aberto » » m**ó**
7) *o* fechado » » av**ô**
8) *u* commum » » s**u**l.

23. As vozes livres compostas ou nasaes mais importantes são cinco:

1) *an* como em **tam**pa, **can**ja
2) *en* » » **tem**po, **den**te, re**fém**, jo**ven**
3) *in* » » **lim**po, **tin**ta
4) *on* » » **tom**bo, **son**da
5) *un* » » ca**lum**ba, **mun**do.

As vozes livres estudadas á luz de uma analyse severa apresentam gradações em numero infinito (1): todavia para as necessidades da pratica bastam algumas principaes de entre ellas, as quaes possam servir de typos a todas.

As treze vozes livres acima especificadas capitulam todas as vozes livres da lingua portugueza aliás abundantissimas.

24. As vozes constrictas e explosivas são dezenove:

1) *be* como em **b**oi
2) *ke* » » **c**al
3) *de* » » **d**ó
4) *fe* » » **f**é
5) *ghe* » » **g**ado
6) *je* » » **j**aca
7) *le* » » **l**uz
8) *me* » » **m**ó
9) *ne* » » **n**ó
10) *pe* » » **p**ó
11) *re* » » ca**r**o
12) *rre* » » **r**ei
13) *se* » » **s**ol
14) *te* » » **t**il
15) *ve* » » **v**oz
16) *ze* » » **z**ebra
17) *che* » » **ch**á
18) *lhe* » » **lh**ama
19) *nhe* » » cu**nh**a.

(1) Max Muller, *Obra citada*, vol. I, pag. 146.

25. Trinta e duas são, pois, as vozes elementares essenciaes da lingua portugueza.

Ha mais dous sons distinctos banidos hoje do uso da gente culta: *dje, tche*.

Os caipiras de S. Paulo pronunciam **dj***ente*, **dj***ogo*. Os mesmos e tambem os Minhotos e Trasmontanos dizem **tch***apéo*, **tch***ave*.

F. Diez pensa que *dje, tche* são as fórmas primitivas de *je* e *che* (1), e tudo leva a crêr que realmente o são.

Dje é som romanico genuino: existe em Provençal, em Italiano, e no seculo XIII existia no Francez que o transmittiu ao Inglez, onde até agora se acha, ex.: «**j***ealousy*». Em escriptos latinos do seculo IX encontram-se as fórmas *pegiorentur, pediorentur*, por *pejorentur*.

Tche é tambem som romanico castiço: existe em Provençal, em Italiano, em Hespanhol, e existiu no Francez, donde passou para o Inglez que ainda hoje o conserva, ex.: «**ch***amber*».

A existencia de ambas estas fórmas no fallar do interior do Brazil prova que estavam ellas em uso entre os colonos portuguezes do seculo XVI. A antiguidade e a vernaculidade do *tche* attestam-se pela sua permanencia na linguagem do Minho e de Trás-os-Montes: como sabe-se, o povo rude é conservador tenaz dos elementos arkhaicos das linguas.

26. Casos ha em que uma só voz experimenta duas modificações simultaneas: as vozes assim modificadas chamam-se complexas. São: *ble, bre, cle, cre, cse* (orthographado por *cc, cç, x*), *cte, dre, fle, fre, gle, gme, gne, gre, mne, ple, pre, pse, pte, ske, skhe, ste, tle, tme, tre, vre*, ex.: «**bl***eso*—**br***ado*—**cl***ero*—**cr***edo*—*ne***x***o*—*ba***ct***erias*—**dr***aga*—**fl***echa*—**fr***ota*—**gl***obo*—*zeu***gm***a*—*di***gn***o*—**gr***ado*—**mn***emonica*—**pl***anta*—**pr***ato*—*la***ps***o*—*a***pt***ero*—*e***sk***eleto*—*e***skh***ema*—*e***st***ylo*—*a***tl***as*—**tm***ese*—**tr***apo*—*la***vr***a*».

Toda a voz póde sempre passar por duas modificações, se fôr uma d'ellas antecedente e a outra subsequente: em *dor*, por exemplo, a mo-

(1) *Grammaire des Langues Romanes*, Trad. d'Auguste Brachet et Gaston Paris, Paris, 1874, vol. I, pag. 358—360.

dificação *d* precede a voz *o*, e segue-a a modificação *r*. Só nos casos da presente especificação é que duas modificações conglobam-se para preceder a voz.

SECÇÃO SEGUNDA

PROSODIA

27. *Prosodia* é o tratado dos sons articulados em relação á sua intensidade comparativa, quando constituidos em palavras.

Prosodia é o mesmo que *accentuação*: ambos os termos etymologicamente considerados referem-se á modulação dos sons, porquanto entre os Gregos e entre os Romanos a enunciação era uma como toada melodiosa (1). Nas linguas modernas prosodia tem a accepção restricta da definição.

28. *Syllaba* é o som articulado expresso por uma só emissão de voz.

Sem voz livre não ha syllaba (2): já ficou dito que o chamado som consoante não é som, mas apenas fórma de som.

29. A combinação de duas vozes livres distinctas em uma só syllaba, de modo que se ouçam as duas vozes elementares, chama-se *diphthongo*.

F. Diez (3), seguindo a opinião de Constancio (4) e de outros

---

(1) *Accentus* dictus est ab *accinendo*, quod sit quasi quidam cujusque syllabæ cantus: epud Græcos ideo *prosodia* dicitur quod προσᾴδεται ταῖς συλλαβαῖς». Diomedes, edit. *Putsch*, pag. 425.

«Est autem in dicendo etiam quidam cantus.» Cicero, *Orator*, XVIII.

(2) Balmes, *Curso de Filosofia Elemental*, Paris, 1872, pag, 234.

(3) *Obra citada*, vol. I pag. 354.

(4) *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza*, Paris, 1873, «Introducção Grammatical», pag. XIII.

grammaticos, entende que existem em Portuguez verdadeiros triphthongos, e cita para exemplos: *eg**uae**s, averig**uai**s, averig**uei**s.*

30. Vozes livres puras junctas a vozes livres puras formam diphthongos puros; vozes livres nasaes junctas a vozes livres puras formam diphthongos nasaes.

31. Os *diphthongos puros* são dezenove:

1) *ae, ai* como em p**ae**, esv**ai**
2) *au* » » p**au**
3) *ea* » » láct**ea**
4) *ei* » » l**ei**
5) *éi* » » pap**éi**s
6) *eo* » » niv**eo**
7) *éo* » » c**éo**
8) *eu* » » jud**eu**
9) *ia* » » glor**ia**
10) *ie* » » sér**ie**
11) *io* » » vár**io**
12) *iu* » » fer**iu**
13) *óe, ói* » » her**óe**, Nytér**oi**
14) *oi* » » f**oi**
15) *ou* » » s**ou**
16) *ua* » » ag**ua**
17) *ue* » » g**ue**la
18) *ui, uy* » » f**ui**, R**uy**
19) *uo* » » ard**uo**,

A primeira voz componente de um diphtongo chama-se *prepositiva;* a segunda, *subjunctiva.*

32. Os *diphthongos nasaes* são tres:

1) *ãe* como em m**ãe**
2) *ão, am* » » m**ão**, benç**am**
3) *õe, õem* » » p**õe**, p**õem**

Ui só é diphthongo nasal em *m**ui**, m**ui**to,* que se lêm *muin, muinto.*

33. Os vocabulos podem constar de uma syllaba ou de mais de uma syllaba. Chamam-se

1) os de uma	syllaba	*monosyllabos.*
2) » » duas	syllabas	*dissyllabos.*
3) » » tres	»	*trissyllabos.*
4) » » quatro ou mais	»	*polysyllabos.*

34. *Accento tonico* é a predominancia do tom que no mesmo vocabulo tem uma syllaba sobre outras.

As syllabas são longas ou breves conforme a duração do tempo que se gasta em proferil-as ; esta duração chama-se *quantidade.*

Em Grego e em Latim a quantidade (χρόνος, *tempus)* não dependia do accento tonico (τόνος, *tenor).*

Em Portuguez bem como na pluralidade das linguas modernas quantidade e accento tonico confundem-se, e só é considerada verdadeiramente longa a syllaba predominante (1). Soares Barbosa (2), apreciando erradamente o mekhanismo phonetico das linguas modernas, tenta em vão combater esta doutrina que já era corrente entre os grammaticos do seculo passado (3).

35. O accento tonico recai em Portuguez sobre uma das tres syllabas finaes dos vocabulos polysyllabos: não recúa para aquém da antepenultima.

Exceptua-se o verbo seguido de enclíticas, ex.: «Aos pobres annunci*a-se-lhes* o Evangelho» (Pereira de Figueiredo).

36. Relativamente ao accento tonico dividem-se os vocabulos em oxytonos e barytonos. São *oxytonos* os que têm o

---

(1) J. A. Passos, *Diccionario Grammatical Portuguez*, Rio de Janeiro, 1865, art. *Prosodia.* Sotero dos Reis, *Grammatica Portugueza*, Maranhão, 1871, segunda edição, pag. 292.

(2) *Obra citada*, pag. 19—35.

(3) A. J. R. Lobato *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, Paris, 1837, pag. 145.

accento tonico na ultima syllaba, ex.: «*vapor* — *canhão*»; são *barytonos* os que não têm o accento tonico na ultima syllaba. Subdividem-se os barytonos em paroxytonos e proparoxytonos: são *paroxytonos* os que têm o accento tonico na penultima syllaba, ex.: «*cidáde*»; são *proparoxytonos* os que o têm na antepenultima, ex.: «*cámara*».

Os vocabulos oxytonos são tambem chamados *agudos;* os paroxytonos, *graves;* os proparoxytonos, *esdruxulos* ou *dactylicos*.

37. São oxytonos os vocabulos acabados

1) por *á*, *é*, *ê*, *i*, *y*, *ó*, *ô*, *u*, ex,: «*alvará* — *café* — *mercê* — *nebri* — *guarany* — *avó* — *avô* — *bahu*».
Exceptuam-se *álkali*, *júry*, *tilbury*, e os vocabulos latinos em *i*, *is*, *u*, *us* admittidos em Portuguez sem mudança de fórma, ex.: «*quási* — *ársis* — *bilis* — *cutis* — *paréntheses* — *tribu* — *Vénus* — *virus*».

(*S* final nunca influe sobre a collocação do accento tonico.)

2) por voz livre nasal, ex.: «*irmã* — *palafrêm* — *marfim* — *semitôm* — *jejúm*».
Exceptuam-se dos acabados
a) por *ã* — *iman*, *orphan*.

(*An* é a fórma graphica de *ã* breve.)

b) por *em* — *ádem*, *hómem* e seus compostos *gentilhómem* e *lobishómem*; *hôntem* e seu composto *antehôntem*; *jóven*, *núvem*, *órdem* e seus compostos *contraórdem*, *desórdem*; os vocabulos latinos admittidos em portuguez sem mudança de fórma, ex.: *cerumen*, *regimen*; os terminados por

gem, ex.: «*págem — vertigem — salsugem*»; as fórmas verbaes, ex.: «*ámem — entêndem — pártem*». Destas tiram-se as terceiras pessôas de ambos os numeros do presente do indicativo, e a segunda do singular do presente do imperativo de *ter*, *vir* e de seus compostos, os quaes seguem a regra geral.

Eu nunca representa terminação de palavra oxytona.

c) por *om* (1) — *cánon — cólon*
d) por *um* — *álbum — ultimátum*, e mais vocabulos latinos em *um* admittidos em Portuguez sem mudança de fórma.

3) pelos diphthongos puros *ae (ai)*, *au*, *ei*, *éi*, *éo*, *eu*, *iu*, *óe*, *oi (õe)*, *ou*, *ui*, ex.: «*amáe — esvai — saráu — lerêi — papéis — chapéo — camaféu — feriu — heróe — depôis — rebôe — Guardafui*».
Exceptuam-se dos acabados por *ei* as fórmas em *eis* do imperfeito e do plusquam perfeito do indicativo, do imperfeito do condicional e do imperfeito do subjunctivo de todos os verbos, ex.: «*amáveis — entendêreis — partirieis — vísseis*»; o plural dos substantivos em *avel*, ex.: «*sáveis* (afóra *cascavéis* que segue a regra)»; o plural dos adjectivos em *avel* e em *il* breve, ex.: «*fríáveis — fosseis*».

4) por todos os diphthongos nasaes, ex.: «*Guimarães — capitão — perpõe*».
Dos que acabam por *ão* exceptuam-se *accórdam*, *bênçam*, *frángam*, *lódam*, *médam*, *orégam*, *órgam*, *pégam*, *órpham*, *râbam*, *sótam*, e *zángam*; as fór-

(1) Veja-se a orthographia (67, 2.)

mas verbaes em *ão* (afóra as do futuro que seguem a regra) ex.: «*ámam — entendêram — partiriam*.

An é a fórma graphica de *ão* breve.

5) por *l, r, z*, ex.: «*mainél — mulhér — rapáz*».
Exceptuam-se dos acabados

a) por *l* — *Annibal, Asdrúbal, Setúbal, Tentúgal, Túbal, arrátel* e *consul;* os substantivos acabados por *avel*, ex.: «*condestável* (afóra *Azavél* e *cascavél* que seguem a regra)» e por *evel* e *ivel*, ex.: «*casével — nivel*»; os adjectivos terminados por *avel, evel, ivel, ovel, uvel*, ex.: «*friável — indelével — terrivel — móvel — solúvel*»; alguns adjectivos terminados por *il*, ex.: «*ágil—débil—dócil—fácil—fértil—fóssil—fútil—hábil—ignóbil—inconsútil—móbil—pênsil—portátil—projéctil — réptil — útil — verosimil* e seus compostos». Os mais adjectivos em *il* e tambem *revél* e *novél* seguem a regra, querendo alguns grammaticos e lexicographos que *pênsil, projéctil* se pronunciem *pensil, projectil, reptil*.

b) por *r*—*alcáçar, aljôfa, almiscar, ámbar, assúcar, cadáver, cáncer, dura-máter* e *pia-máter, kharácter*, (plural *kharactéres*), *cathéter, crêmor, éther, júnior, Júpiter, mártyr, nácar, néctar, prócer, revólver, sênior, siler, sóror, súlphur, Tánger, Victor*.

Grammaticos ha (1) que contam *Gibraltar* entre estes exceptuados: enganam-se. *Gibraltar*, corruptela do arabico «*Ghib-altlah* (monte da entrada)», é vocabulo oxytono.

Caldas rimou-o com mar:

> «Jaz sepultada
> «No fundo mar,
> «Perto do estreito
> «De *Gibraltar* (2)».

(1) M. R. Costa, *Grammatica Portugueza*, segunda edição, Rio de Janeiro, pag. 6.

(2) *Parnaso Lusitano*, Paris, MDCCCXXVII, pag. 149.

Gibráltar é modo inglez de accentuar o vocabulo: a verdadeira pronuncia hespanhola, como se póde ver em Webster (1), é tambem *Gibraltár*.

38. São paroxytonos os vocabulos acabados

1) por *a, e, o,* ex.: «*mêsa—bálde—ládo*».

2) pelos diphthongos *ea, eo, ia, ie, io, ua, uo,* ex.: «*láctea—níveo—vária—série—vigário — mágua — árduo*».

3) por *x,* ex.: «*cálix*».

Ea, eo, são sempre diphthongos. De *ea* encontram-se como excepções *Cananéa, Paulicéa* que por anologia melhor se escreveriam; *Cananéia, Paulicéia.*

Ia é diphthongo nos substantivos terminados

1) por *bia,* ex.: «*lábia—tíbia*».

Destes exceptuam-se *hydrophobía, mancebía.*

2) por *cia,* ex.: «*enxárcia—philáucia*».

Destes exceptuam-se *advocacía, aristocracía, bacía, delegacía, democracía, diplomacía, legacía, melancía, prophecía, supremacía, theocracía*».

3) por *kia,* ex.: «*paróksia*».

4) por *pia,* ex.: «*cópia—prosápia*».

Destes exceptuam-se *pía, utopía* e os derivados gregos de 'ἄνθρωπος, *lycanthropía, philanthropía,* etc.

Ia é tambem diphthongo

1) na terminação feminina dos adjectivos em *io,* ex.: «*vária—vicária*».

2) na terminação de nomes proprios femininos, ex.: «*Zenóbia—Márcia—Canídia—Pelágia—Thessália — —Mesopotâmia—Oceánia—Tartária—Ásia — Hypátia—Morávia—Eudóxia—Thomázia*».

Destes exceptuam-se *Albergaría, Alcobía, Alexandría,*

(1) *An American Dictionary of the English Language*, Springfield, Mass., 1869. pag. 1643.

Almería, Anadía, Andaluzía, Antiokhía, Armía, Bahía, Berbería, Cafraría, Deidamia, Faria (masculino e feminino), *Freiría, García* (masculino e feminino), *Hungría, Iphigenía, Iría, Laudamía, Leiría, Lombardía, Luzía, Malvazía, María, Mendía, Nicomedía, Normandía, Picardía, Samaría, Seleucía, Sophía, Thalía, Trafaría, Turquía.*

Ia não é diphthongo, e fica o **i**, conseguintemente, debaixo do accento tonico.

1) nas terminações verbaes, ex.: «*amaría—fazía*».

2) na terminação de substantivos appellativos quando precedida por *kh, qu, d, f, ph, g, l, m, n, r, s, t, v, x, z,* ex.: «*monarkhía—franquía—abbadía—almofía—philosophía—theología—revelía—anemía—manía—drogaría—poesía—quantía—avaría—coxía—azía*». Exceptuam-se dos terminados

a) em *khia—aristolókhia.*

b) em *dia—balbúrdia, comédia, concórdia, custódia, desídia, discórdia, encyclopédia, enxúndia estúrdia, facúndia, gymnopédia, inédia, insídia, iracúndia, misericórdia, orthopédia, palinódia, paródia, perfídia, pericárdia, prosódia. psalmódia, rhapsódia, salabórdia, tragédia, túndia.*

c) em *fia—bazófia, embófia, empáfia.*

d) em *gia—estratégia—régia.*

e) em *lia—algália, bromélia, camélia, contumélia, dáhlia, eutrapélia, família, magnólia, tília, vigília.*

f) em *mia—alkhimia, blasphémia, homonýmia, infámia, lipothýmia, metonýmia, múmia, synonýmia.*

g) em *nia—acrimónia, actínia, agrimónia, begónia, bignónia, cachimónia, khalcedónia, celidónia, ceremónia, colónia, colophónia, demónia, gloxínia, ignomínia, insánia, parcimónia, santimónia, sardónia, ténia, vénia, zizánia.*

h) em *ria—albuminúria, alimária, araucária, ária, artéria, candelária, centúria, cúria, decúria, dysentéria, dysúria, escória, estrangúria, féria, fragária, fimbria, phylactérias, fumária, fúria, gíria, glória, hematúria, história, incúria, injúria, iskhúria, lamúria, léria, leziria, lipýria, luminária, luxúria, matéria, memória, miséria, mollúria, palmatória, penúria, pepitória, sória, vanglória, victória.*

i) em *sia—amásia, antonomásia, ardósia, cásia, colocásia, geodésia, magnésia, paronomásia.*

j) em *tia, angustia.*

k) em *via—anadúvia, ignávia, lascivia, lixivia, protévia.*

l) em *zia—dúzia.*

Ie não é diphthongo nas terminações dos verbos, ex.: *annuncie, pronuncie,* etc.

Io é diphthongo

1) na terminação dos substantivos. ex.: «*Januário—critério*».

2) na terminação dos adjectivos, ex., «*plenário—divisório*».

Exceptuam-se

a) dos substantivos—*adubio, alvedrio, amavios, armentio, arripio, assobio, atavio, bafio, bailio, baixio, brio, bugio, calafrio, chio, cicio, cio, Clio, corrupio, Khio, cunhadio, Dario* (em Camões *Dário*), *desafio, desfastio, desvario, desvio, estio, fastio, feitio, fio, frio, gentio, gio, Io, mio, mulherio, navio, passadio, pavio, pio, plantio, poderio, pousio, rapazio, rio, ripio, rocio, rodopio, safio, talhafrio, thio, tresvario, trincafio, vadio.*

b) dos adjectivos—*alfario, algarvio, arredio, baldio, bravio, corredio, doentio, erradio, escorregadio, esguio, lavradio, macio, novedio, pio, prestadio,*

regadío, sadío, sombrío, tardío, valadío, vadío, vazío.

Io não é diphthongo na primeira pessôa do singular do presente do indicativo dos verbos em *iar*, ficando, conseguintemente, o **i** sob o accento tonico, ex.: «*pronuncío*».

Ua, ue, uo, não são diphthongos nas terminações dos verbos, ex.: *accentúa, continúa; accentúe, continúe; accentúo, continúo. Ua* tambem não constitue diphthongo quando terminação feminina de substantivos e adjectivos acabados em *u*, ex.: *perúa, núa* de *peru, nu.*

Em geral todo o concurso de vozes livres no meio de vocabulos fórma diphthongo, se uma dellas é **i** ou **u**.

Exceptuam-se

a) *heroína, paraíso, ruína, ruído*, e todos os vocabulos em que **i** soffre modificação subsequente, ex.: «*Coímbra—ruim*; os verbos, como *arguir, constituir*, etc..

b) *alahúde, atahúde, saúde* e todos os vocabulos em que **u** soffre modificação subsequente, ex.: *Ataúlpho—paúl*».

39. São vocabulos proparoxytonos em geral

1) as primeiras pessôas do plural do imperfeito e do plusquam perfeito do indicativo, do imperfeito do condicional e do imperfeito do subjunctivo, ex,: «*dávamos—entendêramos—partiríamos—víssemos*».

2) todos os superlativos proprios, ex.: «*brevíssimo—celebérrimo—facílimo—máximo—mínimo—óptimo péssimo*».

3) os adjectivos terminados pelas desinencias latinas

aco, a	ex.	*maniaco, a*	*loquo a*	ex.	*ventriloquo, a*
aro, a	»	*sáfaro, a*	*nubo, a*	»	*prónubo, a*
cola,	»	*agricola*	*paro, a*	»	*oviparo, a*
fero, a	»	*lucifero, a*	*pede*	»	*bipede*
fluo, a	»	*mellifluo, a*	*peto, a*	»	*centripeto, a*
frago, a	»	*saxifrago, a*	*sono, a*	»	*altisono, a*
fugo, a	»	*prófugo, a*	*ubo, a*	»	*incubo, a*
geno, a	»	*nubigeno, a*	*ulo, a*	»	*crédulo, a*
gero, a	»	*armigero, a*	*uplo, a*	»	*sêxtuplo, a*
ico, a	»	*económico a*	*volo, a*	»	*benévolo, a*
ido, a	»	*esquálido, a*	*vomo, a*	»	*ignivomo, a*
imo, a	»	*décimo, a*	*voro, a*	»	*carnivoro, a*
iplo, a	»	*múltiplo, a*			

Exceptuam-se dos terminados

a) por *aco, a—opáco, a; poláco, a; velhaco, a.*
b) por *ico, a—aprico, a; pudico, a* e seu composto *impudico, a.*
c) por *ido, a*—os participios aoristos dos verbos da segunda e da terceira conjugação, ex.: «*entendido—rostido*».
d) por *imo, a—cadimo, a.*

4) os substantivos terminados por

gena	ex.	*indigena*	*ula*	ex.	*espórtula*
olo	»	*vitriolo*	*ulo*	»	*cúmulo*

Exceptuam-se dos terminados

a) por *olo—carólo, cebôlo, consólo* e seu composto *desconsólo, miôlo, rebôlo, tijôlo.*
b) por *ula—casúla, cogúla, escapúla, medúlla, matúlla.*

c) por *ulo*—*Catúllo, casúlo, cogúlo, Iúlo, Lucúllo, miúllo, Tibúllo.*

5) os substantivos terminados pelas desinencias gregas

ada	ex.	*lusiada,*	*phoro*	ex.	*phósphoro,*
allage	»	*endllage,*	*phrase*	»	*antiphrase,*
anthropo	»	*misánthropo* (1)	*phyto*	»	*neóphyto,*
bole	»	*hypérbole,*	*poda*	»	*antipoda,*
cephalo	»	*hydrocéphalo,*	*polis*	»	*pentápolis,*
dromo	»	*hippódromo* (2),	*ptero*	»	*lepidóptero,*
gamo	»	*bigamo,*	*pylo*	»	*eolipylo,*
grapho	»	*telégrapho,*	*scapho*	»	*pyróscapho,*
gono	»	*polýgono,*	*scopo*	»	*horóscopo,*
logo	»	*prólogo,*	*sopho*	»	*philósopho,*
meno	»	*energúmeno,*	*sporo*	»	*Zoósporo;*
metro	»	*thermómetro,*	*stole*	»	*diástole,*
nomo	»	*astrónomo,*	*stoma*	»	*peristoma,*
onymo	»	*homónymo,*	*strophe*	»	*epistrophe,*
phago	»	*lotóphago*	*syllabo*	»	*polysýllabo,*
phalo	»	*bucéphalo,*	*these*	»	*antithese,*
phano	»	*diáphano,*	*tomo*	»	*cistótomo,*
philo	»	*Theóphilo*	*tono*	»	*monótono,*
phobo	»	*photóphobo,*	*typo*	»	*arkhétypo.*
phono	»	*teléphono,*			

Ha muitos vocabulos que são proparoxytonos sem esta-

(1) Os adjectivos gregos μισάνθρωπος, φιλάνθρωπος etc., origem immediata dos nossos substantivos *misánthropo, philánthropo,* etc., têm o accento na antepenultima syllaba.

(2) Ἱππόδρομος em grego é a «raia de carreiras»; Ἱπποδρόμος é o jockey. Segue-se que o termo Portuguez *hippodromo,* que significa sómente «raia de carreira», deve ser pronunciado *hippódromo,* e não *hippodrômo.*

rem incluidos n'estas regras, ex.: *Relámpago—êmbolo*». Só a pratica poderá servir de guia nestes casos.

40. Nos vocabulos polysyllabos, além do accento tonico, ha accentos secundarios: são as predominancias dos elementos componentes que ainda se fazem sentir, apezar de subordinadas á syllaba regente do composto. Facil é conhecel-as pela dissecção da palavra: *bárbaramênte* tem o accento secundario na primeira syllaba; *cortêzania* o tem na segunda; em *vantojôsissimo* recai elle sobre a terceira, exactamente como acontece com as primitivas *bárbara, cortêz, vantajôso.*

E' um verdadeiro *schibboleth* (1) para o extrangeiro a collocação do accento secundario: note-se a differença entre *apparêntemênte,* pronuncia correcta, e *appárentemênte,* pronuncia viciada pela retrocessão do referido accento.

41. Os substantivos, adjectivos e participios de duas ou de mais syllabas, que na penultima têm a voz fechada **ô**, mudam essa voz para a aberta **ó** nas terminações femininas do singular, e nas de ambos os generos do plural, ex.:

ôvo, nôvo, pôsto,
óva, nóva, pósta,
óvos, nóvos, póstos,
óvas, nóvas, póstas.

42. Têm sempre a voz fechada *ô* na penultima syllaba

1) *abandôno, abôno, algôz, alvorôço, alvorôto, apôio, arrôcho, arrôio, arrôlo, balôfo, barrôco, bôbo, bôdo, bôjo, bôlbo, bôlo, bôlso, bôto, cachôrro, dôrço, côco, colôno, côrro, côto, côcho, côxo, desabôno, dôbro,*

---

(1) Biblia, *Juizes.* XII, 6.

dôno, embôno, encôsto, endôsso, engôdo, ensôsso, entôno, entrecôsto, enxacôco, esbôço, escôlho, espôso, estôfo, entôrno, farricôco, ferrôlho, fôfo, fôjo, fôrro (liberto), *frôxo, gafanhôto, garôto, gôdo, gôgo gômo, gôrdo, gôsto, gôto, gôzo* (cão), *jôrro, lôbo, lôdo, lôgro, marôto, minhôto, môço, môio, môlho* (adubo), *mômo, môno, môrmo, môrro, môsto, môcho, nôjo, ôco, ôlmo, patrôno, Peixôto, perdigôto, pilôto, pimpôlho, piôlho, pôldro, pôlvo, pômbo, pômo, Pôrto* (quando appellido de familia), *pôtro, rapôso, repôlho, rôdo, rôlho, rôlo, rôsto, rôto, rôxo, salôbro, sôldo* (estipendio), *sôco* (murro), *sôlho, sômno, sôpro, sôro, sôrvo, Tinôco, tôdo, tôlo, tômo, tôno, tôpo* (summidade), *tôsco, trambôlho, thrôno, vôlvo, vôo, zarôlho, zôrro, chamôrro, chôcho*, e os derivados destes.

Nem todos os mestres da lingua se acham de accôrdo sobre o som do *o* no plural destes nomes: a presente lista é em parte extrahida de obras que tratam do assumpto, e em parte organizada segundo o parecer de pessôas doutas consultadas pelo auctor.

2) os nomes femininos terminados
 a) em *ôlha*, ex.: «*fôlha—rôlha*».
 b) em *ôra* (designando pessôas), ex.: «*professôra—protectôra—senhôra*».

 Exceptua-se *nóra*.

 c) em *ôrra*, ex.: «*gôrra—zôrra*».
 Exceptua-se *desfórra*.

3) *alcôva, arrôba, bôlsa, carôcha, cebôla, côdea, côlcha, côstra, crôsta, escôva, fôrca, fôrça, fôrma, lagôsta, môsca, ôstra, pôlpa, rôla, sôpa, sôrda*, etc.

43. Têm sempre a voz aberta *ó* na penultima syllaba —*abrólho, apódo, Apóllo, bolinhólo, canóro, cochichólo, cóllo*,

cópo, cópto, cornozóllo, demagógo, devóto, dólo, Dóto, emmenagógo, Eólo, fóco, flóco, hydragógo, hyssópo, ignóto, Isidóro, lóro, mólho (feixe), *módo, móto, nósso, nóto, pedagógo, pólo, póro, próto, protocóllo, pyrópo, remórso, remóto, rógo, sialogógo, sócco* (calçado), *sólo, sonóro, subsólo, Theodóro, tiracóllo, torcicóllo, tópo* (encontro), *tóro, trópo, vósso, vóto, chóque.*

Demagógo, emmenagógo, hydragógo, pedagógo, sialogógo, etc., são usualmente pronunciados *demagôgo, emmenagôgo,* etc.

44. Alteram-se os vocabulos por addição, por eliminação, por transposição e por absorpção de vozes ou de modificações.

Os modos de realisarem-se estas alterações chamam-se *figuras de metaplasmo.*

Ha tres figuras de addição, tres de eliminação, duas de transposição, uma de transformação, e duas de absorpção.

Chama-se a addição de voz feita

1) ao principio de um vocabulo—*prothese,* ex.: «*acrêdor*» por «*crêdor*»;
2) ao mèio—*epenthese,* ex.: «*Mavórte*» por «*Marte*»;
3) ao fim—*paragoge,* ex.: «*martyre*» por «*martyr*»

Chama-se a eliminação de voz feita

1) ao principio de um vocabulo—*apherese,* ex.: «*liança*» por «*alliança*»;
2) ao meio—*syncope,* ex.: «*imigo*» por «*inimigo*»;
3) ao fim—*apocope,* ex.: «*marmor*» por «*marmore*».

A transposição de uma voz ou de uma modificação chama-se *metathese,* ex.: «*vigairo—frol*» por «*vigario—flor*».

O futuro do indicativo e o imperfeito do condicional dos verbos admittem entre o thema e a desinencia as fórmas complementares dos pronomes pessoaes, ex.: «*dir-te-ei—fal-o-ias—amar-nos-emos—pôr-vos-ão*» em vez de «*direi-te—faria-te—amaremos-nos—porão-vos*». Esta figura, que é realmente uma variedade da *metathese,* chama-se *tmese.*

A transformação de uma voz ou de uma modificação chama-se *antithese,* ex.: «*Sulla—amal-o*» por «*Sylla—amar-o*».

A absorpção da voz livre pura que termina um vocabulo pela voz livre inicial do vocabulo seguinte chama-se *synalepha,* ex.: «*da, mo*» por *de-a, me-o*».

A synalepha não se effectua quando está sob o accento tonico a voz livre terminal do primeiro vocabulo, nem tampouco na inserção por *tmése* de pronomes em verbos.

A pratica da synalepha é mais seguida em Portugal do que no Brazil, todavia ella é de rigor na leitura corrente, bem como a ligação dos vocabulos quando seus elementos o permittem, ex.:

«*Dom donzel, onde é que está el-rei? dizia Affonso Domingues ao pagem*» (ALEXANDRE HERCULANO)

lê-se:

«*Dom donzé londé questá el-rei? dizí Affonso Domingue záo pagem*».

A absorpção da voz livre nasal que termina um vocabulo pela voz livre inicial do vocabulo seguinte chama-se *ekthlipse*, ex.: «*co'as—c'os*», por «*com as—com os*».

A ekthlipse só se empréga na poesia e na conversação familiar.

SECÇÃO TERCEIRA

ORTHOGRAPHIA

45. *Orthographia* é o tratado da representação symbolica dos sons articulados.

Não está ainda fixa a orthographia da lingua portugueza: prevalece comtudo nella o elemento etymologico.

Varias tentativas se têm feito para estabelecer em Portuguez a orthographia exclusivamente phonetica; todas têm abortado.

Ainda ultimamente subiu em Portugal á consideração da Academia Real das Sciencias o parecer de uma commissão que advogava e punha em pratica tal systema (1): nada produziu.

Orthographia phonetica em Portuguez é utopia: como muito bem disse o snr. Theophilo Braga (2), «os partidarios da orthographia phonetica representam modernamente na grammatica o papel dos que procuravam a linguagem natural.»

---

(1) *Representação á Academia Real das Ciências sobre a Refórma da Ortografía*, Lisbôa, 1878.
(2) *Grammatica Portugueza Elementar*, Porto, 1876, pag. 146.

46. Os symbolos das modificações que no tubo vocal experimentam os sons laryngeos chamam-se *lettras*.

O som expresso por uma lettra chamava-se em Grego *Στοχεία*, e a propria lettra *γράμμα*; em Latim o som era *elementa*, e a representação graphica delle *littera*, lettra.

Lettra não é *signal:* a lettra representa um só elemento de palavra; o signal representa uma palavra inteira. A expressão arithmetica «*dous mais quatro*» escreve-se com quatorze lettras, ao passo que bastam-lhe tres signaes «*2+4*».

Quando a palavra consta de um só elemento phonico é possivel represental-a por uma só lettra, ex.: os artigos «*o, a*».

Tanto lettras como signaes comprehendem-se na denominação geral *kharactéres*.

47. Chama-se *alphabeto* o systema de lettras usado para representar os elementos phonicos de um idioma.

48. Constam em geral os alphabetos de *lettras simples* e de *lettras compostas*.

A lettra é simples quando consiste em um só symbolo, ex.: «*a, t*»: é composta quando formada por um symbolo e por uma notação, ou por mais de um symbolo.

Uma reunião de symbolos só constitue lettra composta quando toda ella representa um valor unico, ex.: «*phth*» que vale *t* simples: se cada symbolo conserva seu valôr proprio já a reunião não fórma lettra composta, porém sim grupo de lettras, ex.: «*cl—pr*».

A lettra composta tambem se chama *digramma*.

49. O alphabeto portuguez consta de 25 lettras simples e 83 compostas.

As simples são—*a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

As compostas são:

à, ah, ha,=*a* de *caso.*
ã, am, an, han=*an* de *canso.*
bb, bh=*b.*

cc, *cqu, kh, kkh, qu*= *k*.
bd, cd, dd, dh, gd= *d*.
é, eh, he=*e* de *meta*.
ê=*e* em *sebo*.
em, en, hen=*em* de *tempo*.
ff, ph=f.
gg, gh, gu=*g* em *paga*; *gg* tambem=*j*.
i, ih, hi, hy=*i*
im, in, ym, yn=*in* de *sinto*.
ll=*l*.
gm, mm=*m*.
gn, mn, nn=*n*
ó, oh, ho=*o* de *cova*.
ô=*o* em *povo*
õ, om, on, hom, hon=*on* de *conde*
pp=*p*
rh, *rr, rrh*=*r*
cc, ç, cç, pç, ps, sc, ss=*c* em *face*.
bt, ct, phth, pt, th, tt, tth=t
uh, hu=*u*
um, un, hum,=*um* de *chumbo*
w=*u* e *v*
ch, sch, sh=*x*
zz=*z*
lh=*lh de telha*.
nh=*nh* de *tenho*.

50. Dividem-se as lettras em vogaes e alterantes. São *vogaes* as que representam vozes livres, e *alterantes* as que symbolisam as modificações de constricção e de explosão por que passam os sons laryngeos no tubo vocal.

As *vogaes simples* são seis—*a, e, i, o, u, y*.

As *alterantes simples* são dezenove—*b, c, d, f, g, h. j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z*.

Inclue-se o *h* entre as lettras por uniformidade de classificação: na maioria dos vocabulos portuguezes elle não passa de signal etymologico, cuja utilidade é indicar a aspiração da palavra extrangeira raiz. Todavia em *bahia, cahia, alahude, atahude,* etc., serve para marcar a separação de vozes que sem o seu auxilio poderiam ser tomadas como formando diphthongos.

51. *Accentos* são notações orthographicas com que se compõem lettras para exprimir a natureza, a predominancia, a contracção, a suppressão de vozes livres.

52. Ha em Portuguez quatro accentos: o *agudo* (´), o *circumflexo* (^), o *nasal* ou *til* (~), e o *suppressor* ou *apostropho* (').

Alguns lexicographos usam do *accento grave* (`), para marcar os sons fechados (1): tal accento, extranho ao Portuguez, acha-se banido do uso geral (2).

53. O accento agudo colloca-se

1) sobre *a* inicial para indicar contracção de vozes similhantes, ex.: «*á*» por «*aa*», «*áquelle*» por «*a aquelle*».

Escreve-se «*vestido á Luiz XI—Estylo á Camões*», porque em taes locuções ha ellipse da palavra «moda»: «*vestido á Luiz XV*» é ellipse de «*Vestido á moda de Luiz XV*». Em Francez diz-se até: *Habillé à la diable.*

2) no corpo dos vocabulos sobre todas as vogaes excepto *y*: serve então para indicar a tonicidade da syllaba, ex.: «*dádiva—tétrico—maníaco—córrego—lúrido*».

3) sobre *a, e, o* na terminação dos vocabulos; serve

(1) Moraes, *Diccionario da Lingua Portugueza,* 7.ª edição, Lisboa, 1877—1878.

(2) Garrett, *Da Educação,* 2.ª edição, Porto, 1869, pag.—11-12

em taes casos para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o abrimento da voz, ex.: «*alvará—café—mocotó*».

54. O accento circumflexo colloca-se

1) sobre *e*, *o* no corpo e no fim dos vocabulos para indicar tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o fechamento da voz, ex.: «*quêdo—côvo—mercê—avô*».
2) sobre *e* para indicar contracção de vozes similhantes, ex.: «*têm*» por «*teem*».

55. O accento nasal ou til colloca-se

1) sobre *a* no fim dos vocabulos para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente a nasalidade da voz, ex.: «*galã—manhã*».
2) sobre a prepositiva dos diphthongos nasaes, ex.: «*mãe—garanhão—põe*».

Seria erro escrever *aẽ, aõ, oẽ* com til na subjunctiva: a voz nasal destes diphthongos é a prepositiva, e sobre a lettra que a representa é que deve cahir o signal de nasalidade.

Pela historia das fórmas do Portuguez vê-se que o til é uma abreviação de *m* ou *n*: os antigos escreviam *tẽpo, põte* por *tempo, ponte*.

56. O apostropho colloca-se no logar de uma vogal suppressa, ex.: «*d'este—p'ra*» em vez de «*de este—para*».

O uso do apostropho vai-se tornando cada vez mais raro na prosa. Escreve-se hoje *delle, do, lho*, etc., e não mais *d'elle, d'o, lh'o*. A differenciação necessaria entre certos vocabulos faz-se por meio do accento agudo: assim *désse, déste*, fórmas do verbo *dar*, levam accento que as distinga de *desse, deste*, contracções de *de esse, de este*.

Escrever *n'um, n'uma*, etc., como geralmente se faz, é absurdo. Taes fórmas são contracções de *em um, em uma*, etc.: a usar-se do

apostropho ha de ser escrevendo-se *'num, 'numa* de modo que elle occupe o logar da vogal *e* desapparecida.

Melhor é seguir o caminho mais curto, e escrever *no, num.*

57. A voz aberta tonica *á* representa-se

1) por *a* no principio e no meio dos vocabulos, ex.: «*chato—retalho*».
2) por *á* no fim dos vocabulos, ex.: «*alvará—pachá*».
3) por *ah* na interjeição *ah* e nas palavra extrangeiras que tem por etymologia essa lettra composta, ex.: «*dahlia*».
4) por *ha* nas palavras que tem por etymologia essa lettra compósta, ex.: *habil—harmonia*».

O accento que em *cáfila, sáfaro,* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *ca, sa,* etc.

58. A voz aberta tonica *é* representa-se

1) por *e* no principio e no meio dos vocabulos, ex.: «*elo—tareco*».
2) por *é* no fim dos vocabulos, ex.: *café—maré*».
3) por *eh* e *he* nos vocabulos que por etymologia têm essas lettras compostas, ex.: «*Menzaleh, heliaco*».

O accento de *pégo* (abysmo) e o de *prégar* (declamar sermões) são usados para differençar esses vocabulos de *pego* (presente de *pegar*) e de *pregar* (cravar pregos).

O accento que em *lépido, tétrico* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *pe, te,* etc.

59. A voz fechada tonica *ê* representa-se por *ê* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: «*mercê—você*». Nos mais casos escreve-se com *e* (simples), ex.: «*medo—remo*».

O accento de *pêgo* (participio irregular do verbo *pegar*) é usado para differençar esse vocabulo dos dous outros acima referidos *pego* e *pégo*.

60. A voz tonica commum *i* representa-se

1) por *i* (simples) no corpo dos vocabulos em geral, e na terminação dos vocabulos oxytonos. ex.: «*ensino—javali*».
2) por *í* (accentuado) nas syllabas cuja tonicidade se quer indicar ex.: «*annuncío—varío*» dos verbos «*annunciar—variar*».

O fim do accento neste caso é o mesmo que o dos accentos de *a* e de *e*, já vistos; serve para differençar vocabulos.

3) por *e* na terminação de todos os vocabulos barytonos e na conjuncção *e*, ex.: «*cidade—mosarabe—montes e valles*», que se lêm «*cidadi—montis i vallis*».

A maioria dos Brazileiros assim pronuncia: em Portugal diz-se «*cidádê—mosárabê—montês ê vallês*» dando á voz terminal um som abafado, muito distincto de *i*.

4) por *y* nos vocabulos derivados de palavras gregas escriptas com υ, e nas terminações dos nomes tupys, ex.: «*hypothese—typo—Jacarehy*».

E' uso representar por *y* a voz commum *i* que occorre entre duas vozes livres: escreve-se, pois, «*Goyaz—Guyana*».

Cumpre, todavia, notar que tal pratica só está em voga com os nomes proprios: *caiar, goiabada*, etc., escrevem-se com *i*.

5) por *ih* na interjeição *ih!*
6) por *hi* e *hy* nos vocabulos que por etymologia têm essas lettras compostas, ex.: *hippico—hydra*».

61. A voz aberta tonica *ó* representa-se

1) por *o* no principio e no meio dos vocabulos, ex.: *oleo—minhoca*».
2) por *ó* (accentuado) na terminação dos vocabulos, ex.: «*enxó—filhó*».
3) por *oh* na interjeição «*oh!*».
4) por *ho* nos vocabulos que têm por etymologia essa lettra composta, ex.: «*hora—hospede*».

Os compostos de vocabulos oxytonos terminados em *ó* retêm o accepto, ex.: «*avósinha—sómente*».

O accento que em *estólido, sólido* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *tó, só,* etc.

62. A voz fechada *ô* representa-se por *ô* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: «*avô—bisavô*». Nos mais casos escreve-se com *o* (simples), ex.: «*povo—rodo*»

63. A voz tonica commum *u* representa-se

1) por *u* no principio e no meio dos vocabulos, ex.: «*tuba—entrudo*».

2) por *ú* no fim dos vocabulos ex.: «*tatú, urubú*».

3) por *uh* e *hu* nos vocabulos que têm por etymologia essas lettras compostas, ex.: «*uhlano—humido*».

Em alguns vocabulos inglezes admittidos em Portuguez sem alteração de fórma graphica a voz *u* representa-se por *w*, ex.: «*whig—whist*».

O accento que em *húmido, lúrido* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz: indica apenas a tonicidade das syllabas *hú, lú,* etc.

Observação. As vozes *a, ê, ô,* quando não são tonicas, representam-se sempre pelas lettras simples *a, e, o,* ex.: «*cadoz, mesinha, polido*». As vozes abertas *é, ó,* passando na derivação dos vocabulos de tonicas a atonicas, retêm o accento ex.: «*pésinho, avósinha* [61, 4)]. A

voz *u* atonica final representa-se por *u* no vocabulo *tribu*; nos outros casos representa-se sempre por *o*, ex.: «*livro, macho*».

64. A voz nasal *an* representa-se

1) por *ã*—na terminação dos vocabulos oxytonos, ex.: «*galã—irmã*».
2) *am*—no corpo dos vocabulos antes de *b, m, p*, ex.: «*ambos—gramma—rampa*».
3) por *an*—em todos os outros casos, ex.: «*canja—iman*».
4) por *han* em vocabulos derivados de linguas extrangeiras, assim originariamente escriptos, ex.: «*hangho—hanseatico*».

65. A voz nasal *en* representa-se

1) por *em*—na terminação dos vocabulos; no corpo delles antes de *b, m, p*, nos compostos de *além, aquem, bem, decem, sem*: ex.: «*ordem—palafrem emboço — emmoldurar — temporão — alemtejano — aquemgangético — bemdizer — decemviro — semsaborão*».
2) por *en*—na terminação do vocabulo *joven*, e nos casos não comprehendidos acima.

Escrevem-se tambem com *en*—*especimen, gluten, hymen, hyphen, lichen* (*likhen* melhor orthographia), *pollen* e outros vocabulos tomados do Latim sem mudança de fórma: em taes casos, porém, a terminação *en* não é nasal.

3) por *hen*—nos vocabulos derivados do grego ἕνδεκα ex.: «*hendecasyllabo*»; e tambem em alguns nomes proprios derivados do Saxonio, ex.: «*Henrique*».

66. A voz nasal *in* representa-se

1) por *im*—na terminação dos vocabulos, e no corpo

d'elles vindo antes de *b, m, p,* ex.: «*assim—imbuir immediato—impedir*».

2) por *in*—em todos os casos não comprehendidos acima, ex.: «*lindo—pinto*».

3) por *ym*—no corpo de vocabulos derivados do Grego, antes de *b, m, p,* ex.: «*Symbolo—Symmakho—tympano*».

4) por *ym*—no corpo de vocabulos derivados do Grego em todos os outros casos, ex.: *synodo—syntaxe*».

67. A voz nasal *on* representa-se

1) por *om*—no fim dos vocabulos, e no corpo delles vindo antes de *b, m, p,* ex.: «*semiton—bomba—gomma—romper*», e tambem em «*commigo—comtigo—comsigo—comnosco—comvosco*», e em outros compostos de *com*, ex.: «*comtanto, comtudo*».

2) por *on*—na terminação dos vocabulos *canon, colon,* nos derivados destes e nos casos não comprehendidos acima, ex.: «*redondo—tonto*».

3) por *hom*, e *hon* nos vocabulos que por etymologia têm o *h* que entra nessas lettras compostas, ex.: «*hombro*; *honra*»

68. A voz nasal *un* representa-se

1) por *um*—na terminação dos vocabulos; no corpo delles, vindo antes de *b, m, p*; nos compostos de *circum, duum, trium:* ex.: «*atum—chumbar—summulista—cumprir—circumstancia—duumviro—triumviro*».

2) por *un*—nos casos não comprehendidos na regra acima, ex.: «*fundar—mundano*».

3) por *hum* em *humbral, humbreira*

69. O plural dos nomes terminados por *an, em, en*

(nasal), *im*, *om*, *um* escreve-se sempre com *n*, ex.: «*orphans*—*ordens*—*palafrens*—*jovens*—*patins*—*sons*—*jejuns*».

70. A modificação vocal *be* representa-se

1) por *b*—na maioria dos casos, ex.: «*ambos*—*siba*».

Ha como já ficou dito (16—21) differença entre *modificação vocal* e *voz modificada:* modificação vocal é simplesmente a fórma que imprime ao som laryngeo tal ou tal jogo das partes moveis da bocca; voz modificada é o som laryngeo já revestido dessa fórma. Assim, *b* é uma modificação vocal, *be*, uma voz modificada.

A vogal *e* que na exposição de cada uma destas regras sobre orthographia acompanha as alterantes (*be, ke,* etc.) é posta para obviar á impossibilidade de proferir modificação sem som.

2) por *bb*—em *abbade, abbreviar, gibba, rabbi, sabbado,* e nos derivados destes.
3) por *bh*—em *abhorrecer*, e em seus derivados, bem como na transcripção de certas palavras sanskritas, ex.: «*bhavam*».

71. A modificação vocal *ke* representa-se

1) por *c*—antes de *a, o, u*, ex.: «*cabo*—*copa*—*cuba*».
2) por *cc*—em *acclamar, acclimar, acclive, accommodar, accorrer, accrescentar, accrescer, accubito, accumular, accurado, accusar, bocca, ecclesiastico, occasião, occaso, occorrer, occultar, occupar, peccar, seccar, socco, soccorrer, succo, succumbir* e nos derivados destes.
3) por *cqu*—em *acquisição, acquirir, acquiescencia, acquiescer*.
4) por *k*—em *kabyla, kadosh, kakatus, kaleidoscopo, kali, kan, kandjar, kanguru, kaolin, karaita, karakusa, karmatico, kava, kerosene, kenosoico, kepi, keratite, kerauno, kermes, kermesse, keroda, kino, kiosque, kirsch, klopemania, knut, krem-*

lim, kufico, kusso, kyllopodia, kymrico, kyrie-eleison, kyriologia, kyrios, kistos, parokia, nos derivados destes e em varios outros vocabulos, oriundos de linguas extrangeiras mórmente da grega em que esta modificação é representada por *k.*

Escreve-se geralmente *parochia,* e para isso ha razão: S. Jeronymo e Isidoro de Sevilha escreveram em Latim *parochia.* Este vocabulo, porém, não é de bom cunho: veio do Grego πάροχος por uma confusão. A palavra genuina emprega-a Santo Agostinho: é *parœcia* do Grego παροικία. A seguir a melhor etymologia deve-se escrever em Portuguez *parokia.*

5) por *kh* — nos derivados de raizes gregas escriptas por χ e em algumas palavras oriundas de linguas orientaes, «*anakhronismo — arkhetypo — Akhmet — Khorassan*».

Os derivados de palavras gregas escriptas com χ orthographam-se usualmente com *ch,* ex.: «*anachronismo — archetypo*»; mas insta acceitar a refórma acima, já proposta por Grivet (1) e por varios outros grammaticos. Os latinos querendo trasladar para o seu idioma o χ que é κ aspirado, com muito acerto pospuzeram ao *c,* que no seu alphabeto equivalia sempre a *k,* o *h,* signal de aspiração: representar, porém χ por *ch* portuguez, que symbolisa uma modificação vernacula especialissima, é dislate etymologico que só serve para difficultar o tirocinio da lingua.

Com effeito, quem será capaz de saber a pronuncia exacta dos vocabulos «*archeiro, archonte*» só por vel-os escriptos? Não é a confusão originada de tal uso de lettras improprias um estorvo sério ao conhecimento perfeito da lingua franceza? Os vocabulos *chirurgien* e *chiromancie* por exemplo, derivam-se ambos da mesma raiz χείρ e todavia um pronuncia-se *xirurgien* e o outro *kiromancie!*

---

(1) *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza,* Rio de Janeiro, 1865, pag. 226.

6) por *kkh*—nos derivados de raizes gregas escriptas por *kkh*, ex.: «*Bakkho—ekkhymose*».

O douto snr. Antonio Ennes na sua monumental traducção da Historia Universal de Cesar Cantu (1) já adoptou para os nomes proprios estas refórmas orthographicas [5)6)]. Oxalá o tivera feito em todos os casos em que é ella exigida pela etymologia.

A verdadeira orthographia dos termos de metrologia *kilo, kilometro,* etc.», é «*khilo, khilometro,* etc.»: a raiz grega de taes vocabulos é χίλιοι.

7) por *q* — antes de *u* nos vocabulos em que *u* representa voz.

U representa voz

a) antes de *a, o, u,* ex.: «*quadro* (afóra *quaderno, quatorze* que se lêm *caderno, catorze*), *quociente* — *equuleo*».

b) nos vocabulos *adquirir, antiquissimo, delinquir, deliquescencia, deliquio, eloquencia, exequente, exequivel, frequencia, inquerito, liquido, obliquidade, questão, questor, quiproquo, Quirites, sequela, sequencia, sepuestro, tranquilidade, ubiquidade*, e nos derivados destes, bem como nos derivados das raizes latinas «*æquus, equus, quinque, sequor*», ex.: «*equidade* — *equino* — *quinquefolio* — *sequencia*, etc».

«*Cuestão*» pronunciam alguns; «*kestão*» dizem outros: a setima edição do Diccionario de Moraes segue o primeiro modo.

8) por *qu* — antes de *e* e de *i*, ex.: «*quero* — *quilha*».

O *u* neste caso não representa voz, é mero signal ortho-

(1) *Historia Universal* por Cesar Cantu, reformada e ampliada por Antonio Ennes, Lisbôa, 1879.

graphico; as excepções já ficaram notadas na regra antecedente.

Em vocabulos berberes escreve-se *q* (simples) antes de qualquer vogal, ex.: «*Barqah, Qoceyr.*»

72. A modificação vocal *de* representa-se

1) por *bd* — em *subdito*.
2) por *cd* — em alguns vocabulos derivados do Grego, ex.: «*anecdota*».
3) por *d* — na maioria dos casos ex.: «*dar* — *Dido*».
4) por *dd* — em *addensar, addição, addicionar, addido, addir, additar, adducção, adduzir, reddito.*
5) por *dh* — em *adhesão, adherir, adhortar,* nos derivados destes e na transcripção de algumas palavras sanskritas, e de outras linguas estrangeiras, ex.: «*dhuli*».
6) por *gd* — em *Emygdio, Magdala, Magdalena,* etc.

73. A modificação vocal *fe* representa-se

1) pôr *f*
   a) nos vocabulos primitivos, simples, ex.: «*afan* — *Africa*».
   b) nos derivados destes, ex.: «*afanoso* — *africano*».
   c) nos derivados puramente portuguezes, ex.: «*afocinhar* — *afofar*».
   d) nos compostos com os prefixos *de, pre, pro, re,* ex.: «*defender* — *preferir* — *professor* — *refutar*».
2) por *ff* — nos compostos latinos começados por *a, di, e, o, su,* que passaram para o Portuguez quasi sem alteração, ex.: «*affecto* — *differir* — *efficiente* — *offender* — *suffragio*».
3) por *ph* — nos derivados da lingua grega, ex.: «*phrodito* — *photographo*».

74. A modificação vocal *ghe* representa-se

1) por *g* — antes de *a, o, u,* ex.: «*gato* — *gota* — *gula*».
2) por *gg* — nos compostos latinos começados por *a* e *su* que passaram para o Portuguez quasi sem mudança de fórma, ex.: «*aggravar* — *suggesto*».
3) por *gh* — em muitos vocabulos extrangeiros, principalmente arabes, ex.: «*Almhogreb*—*Gharb*—*Ghez*, etc.».
4) por *gu*—antes de *e* e *i*, ex.: «*guerra*—*guita*».

Antes de *e* e de *i* a lettra *u* é simples signal orthographico, e só serve para mostrar que *g* representa a modificação explodida *gh*, e não a constricta *j*. Todavia antes de *e* e de *i* conserva a lettra *u* seu valor proprio em *ambiguidade, antiguidade, aguentar, arguir, contiguidade, guela, languidez, linguistica, linguiça, unguento.*

75. Como já ficou dito o *h* em Portuguez a nenhuma modificação de voz corresponde; verdadeiramente não é lettra: é antes uma notação etymologica e orthographica. Como notação etymologica recorda a aspiração das raizes latinas, gregas e de outras linguas; como notação orthographica entra na formação das lettras compostas *ah, bh, ch, dh,* etc.

Deve-se pois escrever com *h*

1) as interjeições *ah, oh.*
2) as palavras em que o uso o admitte para marcar a não existencia de diphthongo, ex.: «*alahude* — *atahude*».

Muitos marcam esta não existencia de diphthongo por accento agudo, escrevendo *alaúde*—*saúde:* Garrett propõe para o mesmo fim a dierese (··) (1).

(1) *Obra citada*, pag. 10—12.

3) os vocabulos que o têm de origem, ex.: «*haver* — *heliometro* — *hippodromo* — *hora* — *humildade* — *hyperbole* — *uhlano*, etc.».

Sobre escreverem-se com ou sem *h* as terminações do futuro do indicativo e do imperfeito do condicional dos verbos, não ha e nem pode haver duvida fundada: o *h* deve ser eliminado. Com effeito, em *amar-te-ei, far-te-ia* e outras fórmas similares, *amarei, faria* etc. scindem-se em *amar-ei far-ia*, e no ponto de scisão insere-se por tmese um pronome pessoal no objectivo ou no objectivo adverbial. Nada mais simples. A querer-se, por amor da etymologia, escrever *amar-te-hei, far-nos-hias* tambem se deverá escrever *amarhei, farhias* nos casos mais simples. A não usar-se do *h* etymologico nestes ultimos, tambem não se poderá usar nos primeiros.

76. A modificação vocal *je* representa-se

1) por *g* — antes de *e, i, y*, ex.: «*gelo* — *gibba* — *gyro*».
Dos vocaculos que começam por *je* exceptuam-se *Jebus, jecorario, jectigação, jecuiva, Jehovah, jeitar, jejum, jejuno, jellala, jencionaes, Jenissey, jenipapo, jenolim, jequiry, jequitibá, Jequetinhonha, jerataca, jerepemonga, jererê, Jeremias, Jericó, jerimum, jerivá, Jersey, Jerumirim, Jerusalem, Jesus, jetahy, macujê* e os derivados destes, ex.: «*jesuita* — *jehovista* — *jetahy-peva*, etc.».
Entre *Geropiga* e *Jeropiga* ha differença: *Geropiga* (com *g*) é um liquor feito de mosto e vinho. *Jeropiga* (com *j*) significa uma especie de tisana, e tambem clyster.

2) por *j*
a) antes de *a, o, u*, ex.: «*jaca* — *jota* — *juba*».
b) na terminação da terceira pessôa do aoristo do indicativo, e nas de todas do presente do subjunctivo dos verbos em *jar*, ex.: de «*festejar*» «*festejei*

— *festeje* — *festejes* — *festeje* — *festejemos* — *festejeis* — *festejem*».

c) nos derivados do verbo latino *jacio*, ex.: *adjectivo* — *conjectura* — *objecto* — *projectil* — *sujeito*».

São estas as regras possiveis sobre o emprego de *g* em *j* para representar a modificação *je*; e é o que basta. A excepção que pretendiam estabelecer alguns grammaticos, mandando escrever *laranjeira*, *anjinho*, sobre especiosa, é pouco seguida.

77. A modificação vocal *le* representa-se

1) por *l*

a) nos vocabulos começados por *a*, ex.: «*alegrar* — *alugar*».

b) nos vocabulos começados por *e*, ex.: «*elaterio* — *elucidario*».

Exceptuam-se destes *ella*, *ellas*, *elle*, *elles*, *ellipse* e seus derivados, *ello* (variação antiquada de *elle*).

c) nos vocabulos começados por *o*, ex.: «*olaia* — *oleo*».

Exceptuam-se destes *olla*, *ollaria*, *olleiro*.

2) por *ll*

a) nos compostos de vocabulos começados por *l* com os prefixos *al*, *col*, *il* derivados dos latinos *ad*, *con*, *in*, ex.; «*alludir* — *colligir* — *illegitimo*».

b) nos compostos de *mel* e de *mil* ex.: «*mellifluo* — *millenio*».

c) nas syllabas *bel*, *cel*, *del*, *gil*, *gril*, *mil*, *nel*, *pel*, *pil*, *tel*, *til*, *vel*, *zel*, quando sobre ellas recahir o accento tonico, seguindo-se-lhes uma vogal, ex.: «*barbella* — *cancella* — *cadella* — *pugillo* — *grillo* — *mamillo* — *panella* — *pelle* — *pupillo* — *martello* — *scintilla* — *novella* — *donzella*».

Ha muitas excepções a esta regra: só um bom diccionario póde ser guia segura para todos os casos.

78. A modificação vocal *me* representa-se

1) por *m*—na pluralidade dos casos, ex.: «*Allemanha—amar*».
2) por *gm*—em *apophtegma, augmento,* e nos derivados deste.
3) por *mm*
   a) em muitos vocabulos derivados do Latim e do Grego, ex.: «*gemma—grammatica*».
   b) nos compostos de vocabulos começados por *m* com os prefixos *com, em, im* (alterações de *con, in*), ex.: «*commover—emmadeirar—immortal*».

79. A modificação vocal *ne* representa-se

1) por *n*—na pluralidade dos casos, ex.: «*cano—tenaz*».
2) por *gn*—em *assignar—malignar—signal,* nos derivados destes, e em *Ignez—Ignacio,* etc.
3) por *mn*—em alguns vocabulos tomados do Latim e do Grego e nos derivados desses vocabulos, ex.: «*alumno—columna—hymno—mnemonico*».
4) por *nn*—nos compostos de vocabulos começados por *n* com os prefixos *an, en, in* (alterações de *ad, in*), ex.: «*annunciar—ennobrecer—innocente*».

80. A modificação vocal *pe* representa-se

1) por *p*—na pluralidade dos vocabulos, ex.: «*apagar—eponymo*».
2) por *pp*
   a) nos compostos de vocabulos começados por *p*

com os prefixos *ap*, *op*, *sup* (alterações de *ad*, *ob*, *sub*), ex.: «*applaudir—oppugnar—supprimir*».

b) em *Aggripa*, *Agrippina*, *cippo*, *Joppe*, *Oppia*, *Poppa*, e nos vocabulos derivados do nome grego *hippos* (cavallo) ex.: «*hippodromo—hippico—Hippolyto—Philippe*».

81. A modificação vocal *re* (*r* brando como em *caro*) representa-se sempre por *r* ex.: «*furo — saracura — tóro*».

Depois de *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *p*, *ph*, *t*, *v*, a lettra *r* serve para representar o elemento brando das modificações compostas *br*, *cr*, etc., ex.: «*brodio — cravo — draga — frota — grato — primo — phrenetico — trama — livro*».

82. A modificação vocal *rre* (*r* forte como em *roda*, *Conrado*) representa-se

1) por *r*

a) no principio dos vocabulos usuaes, ex.: «*roca — rumo*».

b) depois de *l*, *m*, *n*, *s*, ex.: «*chilrar — Amrão — Conrado — Israel*».

c) nos vocabulos compostos com os prefixos *a*, *de*, *pre*, *pro*, ex.: «*araigar — derogar — prerogativa — proromper*».

Nos vocabulos compostos com o prefixo *a* vai prevalecendo o uso de *rr*, e muitos escrevem *arraigar*.

2) por *rh* — no principio de vocabulos derivados do Grego, ex.: «*rhetorica — rhombo*».

3) por *rr* — entre vogaes no corpo de vocabulos, ex.: «*carro — murro*».

4) por *rrh* — entre vogaes nos vocabulos derivados do Grego, ex.: «*arrhas — catarrho*».

83. § 1.º A modificação *se* no principio dos vocabulos representa-se

1) por *c* — antes de *e* e de *i* nos derivados e compostos de *centum, circum, cis*, ex.: «*centena — centumviro — circo — circumstancia — cisalpina — cisgangetico*», e em muitissimos outros vocabulos.

2) por *s*

a) sempre antes de *a, o, u*, ex.: «*sapo, sola, sumo*».

Até o principio deste seculo escreviam-se com *ç* inicial muitas palavras, «ex.: *çapato — çorda — çurriada*».

b) antes de *e* e de *i* na maioria dos vocabulos da lingua, ex.: «*seda — siba*».

3) por *ps* — em *psalmo* e em seus derivados, ex.: *psalterio — psalmodia*, etc.».

§ 2.º A modificação vocal *se* no corpo dos vocabulos representa-se

1) por *c*

a) antes de *i* nos substantivos derivados de adjectivos verbaes, ex.: «*constancia — confidencia*» de «*constante — confidente*».

b) nas diversas terminações dos tempos dos verbos, ex.: «*conhecer — rociar — empeciamos*, e no adjectivo *refece*».
Exceptua-se *ser*.

c) nos derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *ci* ou *ti*, ex.: «*officio — vicio*» de «*officio — vitio*».

2) por *cc*

a) antes de *e* e de *i* nos compostos de vocabulos começados por *c* com o prefixo *ac* (alteração de *ad*), ex.: «*accelerar — accidente*».

b) antes de *i* nos verbos derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *cti*, ex.: «*fraccionar*» de «*fractio*».

3) por *ç*

a) antes de *a* e de *o* em muitos verbos tanto da primeira como da terceira conjugação, ex.: «*roçava — roço — reconheça — reconheço*».

b) antes de *a*, *o*, *u*, em *açacalar*, *açafata*, *açafate*, *açafrão*, *açafrôa*, *açamo*, *açodar*, *açofeifa*, *açor*, *açorar*, *açorda*, *açotéa*, *açougue*, *açoute*, *açude*, *açular*, etc.

c) antes das terminações *ão*, *ões* em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *ti*, ex.: «*locução — locuções — turbação — turbações*» de «*locutione — turbatione*».

d) na terminação de muitos substantivos depois de *a*, *an*, *ar*, *e*, *en*, *er*, *i*, *in*, ex.: «*cabaça — melaço pujança — engrimanço — garça — cadarço — peça — codeço — licença — lenço — terça — berço — linguiça — chouriço — pinça — painço*, etc.

4) por *cç* — antes das terminações *ão*, *ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *cti*, ex.: «*acção — acções — satisfacção — satisfacções*» de «*actione — satisfactione*».

5) por *pç* — antes das terminações *ão*, *ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *pti*, ex.: «*descripção — descripções — subscripção — subscripções*» de *descriptione — subscriptione*».

6) por *s* — nos compostos de vocabulos começados por *s*, com os prefixos *a*, *de*, *pre*, *pro*, *sobre*, ex.: *asellar — deservir — presentir — proseguir — sobresahir*».

Nos compostos com os prefixos *a* e *de* vai prevalecendo o uso de *ss*: muitos escrevem *assellar*, *desservir*.

7) por *sc* — em derivados de vocabulos latinos em que

figura a modificação *sc*, ex.: «*condescender—rescindir—sciencia—scintillar*».

8) por *ss*—entre vogaes

a) na terminação do imperfeito do subjunctivo de todos os verbos, ex.: «*amasse—entendesse—partisse—compuzesse*».

b) na terminação dos superlativos proprios, ex.: «*justissimo—pessimo—riquissimo*».

c) na terminação dos substantivos verbaes, ex.: «*confessor—professor*».

9) por *x*— em *anxiedade, apoplexia, auxilio, defluxo, maximo, proximo, syntaxe* e nos derivados destes.

§ 3.º) A modificação vocal *se* no fim dos vocabulos representa-se

1) por *s*—na puralidade dos casos, ex.: «*alas—altares—narizes—Paris—vozes—urras—zurzis*».

2) por *x*—em varios vocabulos tomados do Latim sem alteração ou com pequena alteração de fórma graphica, ex.: «*appendix—calix—duplex—Felix—index—phenix*, etc.».

3) por *z*

a) nas terminações *az, ez, iz, oz, uz,* do singular dos vocabulos oxytonos, ex.: «*matraz—revez—nariz—cadoz—luz*».

Exceptuam-se *gurupés* e os monosyllabos *mes, tres, pus, sus.*

b) nas terminações *az, ez, iz, oz, uz,* dos tempos dos verbos *dizer, fazer, querer, trazer, conduzir, deduzir, induzir, produzir, reduzir, seduzir, pôr,* e nos derivados destes (á excepção de *requerer*) ex.: «*faz —fez—diz—quiz—poz—puz—compuz reduz,* etc.»

84. A modificação vocal *te* representa-se

1) por *bt* — em *subtil* e em seus derivados, ex.: «*subtilisar*».
2) por *ct* — nos derivados de vocabulos latinos e gregos em que se encontra essa modificação, ex.: «*conjectura* — *dactylo*».
3) por *phth* — em varios vocabulos derivados do Grego, ex.: «*apophthegma* — *diphthongo*».
4) por *pt* — nos derivados de vocabulos latinos e gregos em que se encontra essa modificação, ex.: «*proscripto* — *symptoma*».
5) por *t* — na maioria dos vocabulos, ex.: «*cantar* — *propheta*».
6) por *th* — nos derivados de vocabulos gregos em que se encontra a modificação θ, ex.: «*Athenas* — *theosopho* — *thia* — *thio* (1)».

«*Th* — lettra composta, representante do θ do alphabetho «Grego, como em *methodo, thema, theoria, theatro,* (voca«bulos originarios).

«Havia antigamente abuso no emprego desta lettra, escre«vendo-se com ella palavras em que nem a etymologia, nem «a pronuncia a exigem, como *theor, cathegoria, author, au«thoridade;* e ainda hoje se vê esse abuso no nome proprio «*Nitheroy,* que assim é geralmente escripto; como se na lin«gua indigena brazileira houvesse aquelle kharacter grego.

«Convem corrigir a orthographia desta palavra, assim co«mo se tem corrigido a de outras.

«Nem se póde dizer que o *th* fosse alli introduzido para «indicar a aspiração que naquella lingua sem escriptura ti-

---

(1) Do Grego θεῖος, θεία. E' curioso que o Hespanhol, o Italiano, o Portuguez e o dialecto da Picardia tenham tomado este termo do Grego, deixando de parte os vocabulos latinos *avunculus* e *amita* dos quaes os francezes derivaram os seus *oncle* e *tante*. *Tia, Tio* (Hesp.), *Zia, Zio,* (Ital.), *Thia, Thio,* (Port.), *Thïe, Théion* (dialecto picardo).

«nha o som consoante *t* de tal vocabulo, pois não é crivel «que só neste houvesse a aspiração, quando todos os mais «se escrevem com *t* simples» (1)

7) por *tt*

a) nos derivados de compostos de vocabulos latinos começados por *t* com o prefixo *at* (alteração de *ad*), ex.: «*attenção — attrahir — attributo*».

b) nos derivados dos vocabulos latinos *littera*, *mittere*, e nos derivados e compostos de taes derivados, ex.: «*lettra — metter — illitterato — permittir*, etc.».

c) em varios outros vocabulos derivados do Latim, ex.: «*atticismo — setta*.

85. A modificação vocal *ve* em vocabulos propriamente portuguezes representa-se sempre por *v*, ex.: «*ovo — relva — reviver*».

Em alguns vocabulos extrangeiros, mórmente allemães, admittidos em Portuguez sem alteração de fórma graphica, a modificação *v* representa-se por *w*, ex.: «*thalweg — Wurtemberg*».

Nos vocabulos que, assimilados pelo uso geral, fazem já parte integrante do cabedal da lingua, deve-se sempre escrever com *v*, ex.: «*valsa — visigothico*».

Constancio (2) extende este preceito até aos nomes geographicos, e quer que se escreva *Veimar*, *Vestphalia*.

E' excesso de rigor; mas antes isso do que o inqualificavel dislate de escrever-se com *w* vocabulos que o não têm de origem; *revólver*, por exemplo, escripto usualmente *rewolver*. O vocabulo é inglez, derivado do verbo *to revolve*, de pura procedencia latina. Lê-se em Webster: (3).

«*Revolve*, v. i. [imp. & p. p. *revolved;* p. pr. & vb. n. *revolving*] «[Lat. *revolvere*, *revolutum*, from *re* again, back, and *volvere* to roll, «turn round; O. Fr. *revolver*, Sp. & Port. *revolver*, It. *rivolvere*].

---

(1) J. A. Passos, *Obra citada*, art. Th.

(2) *Obra citada*, lettra W.

(3) *Obra citada*, artigos *Revolve* e *Revolver*.

«1. To turn or roll around on an axis.
«2. To move round a center; as, the planets revolve roumd the «sun.
«To return [Rare] *Ayliffe.*

«*Revolv'er,* n. One who, or that which revolves; specially, a fi«re-arm with several loading-chambers or barrels so arranged as to «revolve on an axis and be discharged in succession by the same lock; «a repeater;—chiefly used of pistols of such construction.»

Se se escrevesse *rewolver,* dever-se-ia ler, segundo as regras da phonetica ingleza, *riuólvar* e não *revólver.*

E' realmente vergonhoso nada ter a dizer quando Americanos e Inglezes nos perguntam pela causa da deturpação sandía do seu vocabulo...

86. A modificação vocal *xe* representa-se

1) por *ch*—tanto no principio como no corpo da maioria dos vocabulos, ex.: «*chave—cacho*».

Nos vocabulos *catechismo, schisma* o *h* não serve para formar lettra composta: é mudo por uso. Taes vocabulos lêm-se *catecismo, cisma,* e alguns escriptores já assim os orthographam.

2) por *x*

a) depois do som nasal *en,* ex.: «*enxada—enxerto—enxuto*».

Exceptuam-se *enchacotar, enchamel, encharcar, encher, enchouçar, enchouriçar,* e os derivados destes.

En nestes casos todos é mero prefixo, e os themas de si começam por *ch.*

b) depois de diphthongo, ex.: *eixo—peixe—frouxo—paixão*».

c) em vocabulos de origem arabe; os pricipaes são:

oxald, xacoco, xadrez, xairel, xamate, xaque, xaqueca, xaquema, xara, xarafim, xarão, xaraque, xareta, xaroco, xarope, xanter, xelma, xeque (Herculano escreve *cheik* (1)), *xergão*.

d) em *abexim, Alexandre, annexim, bexiga, bocaxim, bruxo, buxa, buxo* (arvore), *cartaxo, coaxar, coxa, coxia, coxim, coxo, debuxo, dixe, faxa, faxina, graxa, laxante, lixa, mexer, pixe, praxe, puxar, rixa, roxo, taxa, vexar*, e nos derivados destes.

3) por *sch* em vocabulos tomados das linguas orientaes, ex.: *padischah, schibboleth*.

4) por *sh*—em vocabulos inglezes admittidos em Portuguez sem alteração graphica, ex.: «*Shakespeare—Sharpa*».

87. A modificação vocal *ze* representa-se.

1) por *s*

a) depois de vogal no corpo de vocabulos derivados de raizes latinas em que tal modificação se escreve por *s*, ex.: «*accusar—casa—mesa*» de «*accusare—casa—mensa*».

b) em *obsequio, subsistencia, extrinseco, intrinseco*, e em alguns compostos com o prefixo *trans*, ex.: «*transacto—transitorio*».

2) por *x*—depois de *e* inicial, ex.: «*exacto—eximir*».

Querem os grammaticos Portuguezes que *ex* neste caso valha *eiz*, e que *exacto, eximir*, etc., leiam-se *eizacto, eizimir*, etc.

3) por *z*

a) no principio dos vocabulos, ex.: «*zelo—zimbro*».

---

(1) *Eurico*, 4.ª Edição, Lisbôa, pag. 187 e *passim*.

b) depois de *a* inicial, ex.: «*azougue—azul*».
Exceptuam-se *asar, Asia, asinha* (adv.), *asir, asinino, asylo.*

c) nas terminações *aza, eza*, de vocabulos propriamente portuguezes, ex.: «*raza — crueza*».

d) nos derivados de vocabulos latinos em que a modificação *z* está por *c, d* ou *t* ex.: «*dizer — fazer — preza — razão*» de «*dicere — facere — preda — ratione*».

e) no plural dos nomes que terminam no singular por *az, ez, iz, oz, uz*, ex.: «*rapazes — vezes — codornizes — piozes — alcatruzes*».

f) nos verbos em *ar* cujo thema não tem *s*, ex.: «*organizar — prophetizar*».

4) por *zz* — em alguns nomes proprios da lingua arabe, ex.: «*Azzarat*».

88. A modificação vocal *lhe* representa-se sempre por *lh*, ex.: «*colheita — mulher.*»

Em *gentilhomem, philharmonica*, etc., o *h* não fórma com o *l* lettra composta; é simples signal etymologico: taes vocabulos lêm-se *gentilomem, philarmonica*. Seria mais judicioso escrever *gentil-homem phil-harmonica*, etc.

89. A modificação vocal *nhe* representa-se sempre por *nh*, ex.: «*canhoto — manhã*».

No seculo XVI a modificação *nhe* representava-se tambem por *gn*: lê-se nos *Lusiadas* (1):

«D'estes arrenegados muitos são
«No primeiro esquadrão que se adianta
«Contra irmãos e parentes (caso estranho!)
«Quaes nas guerras civis de Julio e *Magno*».

---

(1) Canto IV, Est. XXXII.

Em *anhelar, anhelito* etc., e nos compostos de derivados latinos com o prefixo *in* como *inhabil, inherente,* o *h* não fórma com o *n* lettra composta; é simples signal etymologico: taes palavras lêm-se *anelar, anélito, inábil, inerente,* etc.

90. As modificações voccaes compostas (26) representam-se sempre pelas lettras simples correspondentes aos seus elementos: assim a modificação composta *tm* (do vocabulo *tmese*) é representada por *t* e *m*, e não por *phth*, e *gm*, porquanto a lettra simples correspondente ao elemento *t* da modificação acima é *t* e não *phth*, e a correspondente ao elemento *m* é *m* e não *gm*.

91. A modificação vocal *cs* representa-se

1) por *cc* — em *acceder, accepção, accesso, accional,* etc.
2) por *cç* — em *convicção, facção, ficção, fracção,* etc.
3) por *x* — em *axilla, convexo, crucifixo, fixar, fluxo, flexivel, genuflexo, heterodoxo, inflexão, influxo, nexo, orthodoxo, paradoxo, plexo, prolixo, reflexo, sexo, xiphoide, xylographia, xyloide,* etc., e nos derivados destes.

92. O diphthongo *ae* representa-se

1) por *ae*
   a) em *pae*.
   b) no plural dos nomes em *al*, ex.: «*capitaes — salgueiraes*».
   c) na segunda pessôa do plural do presente do imperativo dos verbos da primeira conjugação, ex.: «*amae — dae — perdoae*».
2) por *ai* — em todos os outros casos, ex.: «*aipo — balaio — amais — dais — perdoais — sais — vais*».

93. O diphthongo *au* representa-se sempre por *au*, ex.: «*auto — cauto — grau — pau*».

Alguns mestres da lingua mandam escrever sempre por *ao* este diphthongo quando é final de syllaba (1): outros fazem uma distincção cerebrina, preceituando que se escrevam por *au* os vocabulos *grau* e *nau*, e por *ao* todos os mais, ex.: «*mao—pao*» (2).

«Com grande impropriedade, diz Garrett, escrevem alguns com «*ao* as palavras *pau*, *mau* e similhantes: as vogaes *a*, *o* não produzem «o som d'aquellas palavra, nem fazem diphthongo senão o nasal—se é «que diphthongo se lhe póde chamar (3)».

94. O diphthongo *ea* representa-se sempre por *ea*, ex.: «*lactea — nivea*».

95. O diphthongo *ei* representa-se sempre por *ei*, ex.: «*lei — notaveis — sahireis — vestirieis*».

96. O diphthongo *éi* representa-se sempre por *éi*, ex.: «*papéis — revéis*».

97. O diphthongo *eo* representa-se sempre por *eo*, ex.: «*lacteo — niveo*».

98. O diphthongo *éo* representa-se sempre por *éo*, ex.: «*chapéo — escarcéo*».

99. O diphthongo *eu* representa-se sempre por *eu*, ex.: «*feudo — judeu — meu — comeu — lambeu*».

A respeito da materia desta regra diz Timotheo Lecussan Verdier (4):

«Daremos outra satisfacção orthographica acerca da desinencia «em *u* da terceira pessoa do singular de alguns preteritos, no modo in«dicativo dos verbos. Os nossos maiores sempre a terminaram em *u*, e «nunca em *o*. Hoje algumas pessoas escrevem *lêo*, *ouvío*, *ferío*, etc., e «carregam a penultima com accentos, ora agudos, ora circumflexos. «Os antigos sempre escreveram *leu*, *ouviu*, *feriu* etc., sem accento al«gum».

---

(1) J. A. Passos, *Obra citada*, pag, 33. T. C. Portugal, *Orthographia da Lingua Portugueza*, Paris, 1837, pag. 11.

(2) Vergueiro e Pertence, *Compendio da grammatica Portugueza*, Lisbôa, 1871, pag. 136.

(3) *Obra citada*, pag. 11, nota.

(4) *O Hyssope*, Paris, 1817, prefacio, pag. XIII.

*

100. O diphthongo *ia* representa-se sempre por *ia*, ex.: «*gloria — memoria*».

101. O diphthongo *ie* representa-se sempre por *ie*, ex.: «*serie — superficie*».

102. O diphthongo *io* representa-se sempre por *io*, ex.: «*rosario — vario*».

103. O diphthongo *iu* representa-se sempre por *iu* na terceira pessôa do singular do aoristo da segunda e da terceira conjugação, ex.: «*feriu — sahiu — vestiu — viu*».

Alguns mestres da lingua querem nestes casos que o diphthongo *iu* seja orthographado *io* (1). Não têm elles razão: a judiciosa observação de Garrett, acima citada (93), milita tambem para este caso.

104. O diphthongo *óe* representa-se

1) por *óe* — na pluralidade dos casos, ex.: «*heróe — pharóes — remóe*».
2) por *oy* — em alguns nomes proprios, ex.: *Eloy — Godoy*».

Sobre a orthographia do outro nome da bahia de Guanabara diz o erudito snr. Capistrano de Abreu (2): *Nyteróe* e não *Nictheroy, Nitherohy, Nitherohi, Nitheroy,* como ERRADAMENTE se escreve».

105. O diphthongo *ói* representa-se sempre por *oi*, ex.: «*boi — depois — foi*».

106. O diphthongo *ou* representa-se sempre por *ou*, ex.: «*couro — louro — mandou — tomou*»,

---

(1) CONSTANCIO, *Obra citada*, «Introducção Grammatical» pag. L. T. C. PORTUGAL, *Obra citada*, pag. 12.

(2) VALLE CABRAL, *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1882, pag. 9.

Este diphthongo é por alguns escripto e pronunciado *oi* no corpo dos nomes: assim, em vez de *agouro, couros, louro,* etc., lêm elles *agoiro, coiro, loiro,* etc. Esta substituição justificavel em certos casos (*agoiro, coiro,* por exemplo, de *augurium, corium*), em muitos outros o não é. A maioria dos escriptores emprega sempre *ou,* excepto em *oito* e seus derivados.

107. O diphthongo *ua* representa-se sempre por *ua,* ex.: «*agua — magua*».

Alguns escriptores escrevem antietymologicamente *agoa, magoa.*

108. O diphthongo *ue* representa-se sempre por *ue,* ex.: «*guela — lingueta*».

109. O diphthongo *ui* representa-se

1) por *ui*—na maioria dos casos, ex.: «*fui—fluido*».
2) por *uy*—em alguns nomes proprios, ex.: «*Guy—Ruy*».

110. O diphthongo *uo* representa-se sempre por *uo,* ex.: «*arduo—exiguo*».

111. O diphthongo nasal *ãe* representa-se sempre por *ãe,* ex.: «*capitães—mãe*».

Os portuguezes pronunciam *em* final como o diphthongo *ãe*: vem dahi a rima tão extranha aos ouvidos, de *mãe* com *ninguem, tambem,* etc., ex.:

«Triste de quem der um ai
«Sem achar ekho em *ninguem!*
«Felizes os que têm pae,
«Mimosos os que tem *mãe!*» (1)

112. O diphthongo nasal *ão* representa-se

1) por *am*—quando sobre elle não cai o accento tonico [37-4)], ex.: «*bençam—amam—entenderam—partiriam*».

(1) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*, Canto IV.

2) por *ão*—quando sobre elle cai o accento tonico [37-4)], ex.: «*amarão—entenderão—botão,* etc.».

113. O diphthongo nasal *õe* representa-se

1) por *õe*—na maioria dos casos, ex.: «*botões—tu pões—elle põe*».

2) por *õem*—sómente na terceira pessôa do plural do presente do indicativo dos verbos em *or,* ex.: «*elles põem—repõem—compõem,* etc.».

114. Algumas regras geraes se pódem estabelecer para a regularisação da orthographia; são:

1.ª

Seguir fielmente a etymologia, quando se lhe não oppõe a pronuncia, ex.: «*atheu—sciencia*» e não «*ateu—ciencia.*

«Eu não creio em nenhuma orthographia, diz Garrett (1), senão «na etymologica por ser aquella em que póde haver menos questões, «schismas e heresias».

2.ª

Modificar o rigor etymologico quando se lhe oppõe a pronuncia, ex.: «*esse—estatua—olhos—princeza*» e não *epse—statua—oclhos—princepsa*».

Das lettras compostas de *s* com outras alterantes só pode ser inicial *sc* antes de *e,* de *i* e de *y,* ex.: «*scena—sciencia—scylla*». A todas as outras antepõe-se um *e* euphonico, ex.: «*esbrizar—escala—escoria—escudo—eskhema—esclerotica—escriba—espuria—estylo,* etc.».

Esta prothese euphonica (ainda mais rigorosa entre os Hespanhoes que até com *sc* antes de *e* e de *i* a praticam, escrevendo *escena, escitico* por *scena, scythico)* já era usada no Latim da decadencia, nas inscripções khristãs de Roma, nas inscripções africanas.

«Encontra-se mais frequentemente um *i* diante dos grupos *sc, st,* «*sp: iscolasticus, iscripta, istatuam, istudio, istipendiis, Istiliconis, is-*

(1) *Obra citada*, pag. 61.

«*pumosus, ispeculator, ispes, Ispartacus;* por vezes é um *e: escole, Es-*«*tefaniæ.* O *i* apparece alli pelo segundo seculo, e torna-se mais usual «nos fins do quarto e nos principios do quinto. Mais tarde é elle subs«tituido pelo *e*, e é justamente o *e* que se encontra diante da lettra si«bilante seguida de uma explodida surda nas linguas novo-latinas: *especie, escada, estabulo, espada*» (1).

3.ª

Seguir sómente a pronuncia, empregando as alterantes conforme as modificações que ellas em geral representam, quando não ha razão de etymologia para dobrar lettras simples, ou para empregar lettras compostas, ex.: «*tabóca*» e não «*tabbóca*» e nem «*phthabhoka*»,

4.ª

Pôr accento sobre a vogal predominante dos vocabulos pouco usuaes, quando pelas regras prosodicas se não puder conhecer a predominancia, ex.: «*dáctylo—thálamo*, etc.» ou quando houver necessidade de distinguir uma voz aguda de de uma voz fechada, ex.: «*côvo* (adj., concavo)—*cóvo* (subst., cesto de apanhar peixe)».

5.ª

Preferir uma lettra a um accento para melhor distincção dos vocabulos, sempre que não haja nisso inconveniente, ex.: «*Sahir—bahu*» e não *Saír—baú*».

6.ª

Conservar as alterações feitas na etymologia em prol da pronuncia, ou para distinguir um vocabulo de outros, ex.:

(1) Guardia et Wierzeyski, *Grammaire de la Langue Latine*. Paris, 1876, pag, 69.

«*conceição* — por — *concepção* — ; *catarata* (doença de olhos) — e — *cataracta* (catadupa) ; *maça* — e — *massa*, etc. ».

Observação n.º 1.) As palavras portuguezas genuinas terminam ou, por voz livre, ou por alguma destas 7 modificações—*l, m, n, r, s, x, z*.

Observação n.º 2.) Nenhum vocabulo principia ou acaba por vogal dobrada.

Foi uso dobrarem-se vogaes no fim de vocabulos para indicação de tonicidade de syllaba: escrevia-se *saa, see, soo* por *sá, sé, só*. Ainda hoje ha quem escreva *teem, veem* etc. para distinguir a terceira pessôa do plural da terceira do singular.

E' desnecessario. Um accento produz o mesmo effeito que a repetição da vogal, «*elle tem, elles têm, elle vem, elles vêm,* evitando-se uma fórma graphica absurda e desgraciosa. Quando se encontram duas vogaes no fim de um vocabulo, como em *môo, vôo*, etc., é porque são tambem duas e distinctas as vozes representadas: realmente *môo, vôo* lêm-se, *mô-u, vô-u*.

Observação n.º 3.) Nenhum vocabulo Portuguez principia ou acaba por alterante dobrada.

Nos seculos XV e XVI dobrava-se *l* no principio e no fim dos vocabulos, escrevendo-se por exemplo «*Llourenço—anell*»; do seculo XIII ao seculo XIV dobráva-se *r* no principio dos vocabulos, e no corpo delles depois de lettra alterante, ex.: «*rreceber—honrra*»; desde o principio da monarkhia até o seculo XV escrevia-se *ssa, ssas* por *sa, sas* (sua, suas).

Observação n.º 4.) Antes de *b, m, p,* usa-se de *m* e não de *n*, ex.: «*ambos—grammatica—trompa*».

Exceptuam-se alguns substantivos proprios allemães, ex.: «*Oldenburgo—Schœnbrunn*».

115. Ao partirem-se vocabulos em fim de linha observem-se as seguintes regras:

1.ª

Respeite-se sempre na pratica a integridade das syllabas, ex.: «*am-bar—pau-ta—vo-a-dor*».

2.ª

Separem-se os vocabulos compostos pelos seus elementos de composição, ex.: «*con-star—in-spirar*».

3.ª

Lettras alterantes que parecem independentes ou que não sôam acompanham a syllaba subsequente, ex.: «*affli-cto—prom-pto*».

LIVRO SEGUNDO

ELEMENTOS MORPHICOS DAS PALAVRAS

116. *Morphologia* é o tratado das fórmas que tomam as palavras para constituir a linguagem.

117. A morphologia considera as palavras sob a relação de fórma

1) como constituindo grandes grupos de idéas de que se compõe o pensamento;
2) como entidades phonicas que se modificam individualmente para representar cada idéa em particular;
3) como originando-se umas de outras.

118. As partes, pois, da morphologia são tres; taxeonomia, kampenomia ou ptoseonomia e etymologia.

SECÇÃO PRIMEIRA

TAXEONOMIA

119. *Taxeonomia* é a distribuição das palavras em grupos correspondentes aos grupos de idéas de que se compõe o pensamento.

120. Dividem-se as palavras em oito grupos ou categorias, a saber: Substantivo, Artigo, Adjectivo, Pronome, Verbo, Adverbio, Preposição e Conjuncção.

121. Estes oito grupos arranjam-se entre si em tres divisões naturaes; são

1) tres grupos de palavras (independentes das outras, capazes de formar sentenças por si e entre si—o *substantivo*, o *pronome* e o *verbo*.
2) tres grupos de palavras qualificadoras, dependentes sempre de outra palavra que ellas descrevem ou limitam—o *artigo*, o *adjectivo* e o *adverbio*.
3) dous grupos de palavras connectivas que juntam uma palavra com outra, ou uma sentença com outra—a *preposição* e a *conjunção*.

A pluralidade dos grammaticos conta mais o Participio e a Interjeição.

Ora o participio é parte integrante do verbo e, como tal, não deve formar categoria á parte.

A interjeição, grito involuntario, instinctivo, animal, não representa idéia, não constitue parte do discurso, é mais som do que palavra. (1)

122. As oito categorias de palavras arranjam-se ainda em dois grupos: o das palavras sujeitas á flexão ou *variaveis*, e o das não sujeitas á flexão ou *invariaveis*. São variaveis, o artigo, o adjectivo, o pronome e o verbo: são invariaveis o adverbio, a preposição e a conjuncção.

As palavras hoje invariaveis já gosaram de vida, já tiveram fórmas moveis nas linguas matrizes: são, se é permittido o simile, organismos inferiores cujas junctas ankylosaram-se, cujas partes fluidas solidificaram-se por uma como crystallisação linguistica. No adverbio encontram-se ainda vestigios de flexão.

A linguagem, interprete da intelligencia, é um instrumento de analyse: com effeito, as palavras servem para distinguir os seres, os objectos, as qualidades, as substancias reaes ou abstractas, as acções, os estados diversos das pessôas, das cousas, todas as manifestações da

---

(1) Guardia et Wierzeyski; *Obra citada*, pag. 72—75; Burgraff, *Obra citada*, pag. 526; Bastin, *Obra citada*, pag. 303.

vida, todos os phenomenos, até mesmo os que caem sob o dominio da imaginação e do futuro, o contingente, o absurdo, o impossivel. Ajuntem-se ainda as relações innumeraveis de tempo e de logar, de genero e de especie, de numero e de qualidade, de causa e de effeito; as relações e as correlações infinitas de tudo o que existe, e que se póde conceber; passe-se dos elementos simples da linguagem, do som laryngeo, da articulação, da syllaba á palavra; da palavra á proposição; da proposição ao discurso... Pasmará a mente ante a simplicidade desse mekhanismo assombroso, ou antes dessa organisação pujante cujas funcções multiplas executam-se por meio de um numero tão limitado de apparelhos. (1).

I

SUBSTANTIVO

123. *Substantivo* é o nome de um objecto, de uma cousa, ex.: «*agua—floresta—passaro* ».

Qualquer palavra pertencente a qualquer categoria das partes do discurso torna-se substantivo, quando usada como nome de uma cousa distincta, ex.: «*Vives é um verbo*»; neste exemplo «*vives*» é substantivo porque é usado para indicar uma palavra particular.

124. Dividem-se os substantivos em substantivos proprios e em substantivos appellativos.

125. *Substantivos proprios* são os nomes individuaes, ex.: «*Amazonas—Saldanha*».

Os substantivos proprios tornam-se appellativos quando significam mais do que um individuo, e quando são empregados para representar uma classe, ex.: «*Os Macaulays e os Herculanos não abundam—Pedro V foi um Marco Aurelio*».

Todavia taes palavras são melhor consideradas como substantivos proprios quando são applicadas a uma raça, a uma familia, a uma dynastia, ex.: *Os Malaios—os Andrades—os Orléans*».

---

(1) Guardia et Wierzeyski, *Obra citada*, pag. 72; F. Dubner, *Grammaire Elémentaire et Pratique de la Langue Grecque*, Paris, 1855, pag. 11—14

126. *Substantivos appellativos* são nomes que competem a classes de cousas, e podem ser applicados a qualquer membro da classe, ex.: «*homem—cavallo—cidade—espingarda*».

Os substantivos appellativos tornam-se substantivos proprios ou partes de substantivos proprios, quando usados como nomes de cousas individuaes, ex.: «*Bahia—Porto—Rio-Grande—Villa-Bella*».

127. Os substantivos appellativos subdividem-se em concretos, abstractos, collectivos, verbaes, e compostos.

128. *Substantivos concretos* são nomes de cousas que têm ou que se suppõe terem existencia actual, ex.: «*não—firmamento—ouro—unicornio*».

Palavras como *algodão, cobre, oxygenio,* etc., chamam-se *substantivos materiaes*.

129. *Substantivos abstractos* são nomes de qualidades ou de propriedades consideradas á parte das cousas a que existem ligadas, ex.: «*bondade—peso—sciencia—virtude*».

As palavras desta classe não exprimem existencias independentes, mas sómente abstracções arkhitectadas pela mente ao attentar nas existencias que ellas kharacterisam. Por meio do emprego de adjectivos ou de participios podem taes abstracções ser expressas como attributos das cousas a que pertencem, ex.: «*menino bom—martello grande—homem sciente—general experimentado*». Os attributos, quando são considerados á parte das causas, recebem nomes e formam substantivos abstractos.

130. *Substantivos collectivos* ou *substantivos de multidão* são nomes que denotam muitos individuos considerados como formando um todo ou aggregado, ex.: «*armada—exercito—povo*».

As cousas significadas pelos substantivos collectivos existem realmente, mas só pela conjuncção de suas partes constituintes: involvem sempre, pois, idéias de pluralidade.

Os substantivos collectivos têm significação singular quando é idéia predominante a união das partes que constituem a concepção. Nesta proposição «*A camara foi dissolvida*» são topicos que com maior força se apresentam ao espirito—a união dos deputados em um corpo, e a destruição dessa união: prevalece, conseguintemente, a significação singular. Nesta outra «*A plebe estava amotinada*» o que attrahe a attenção vêm a ser os actos de rebeldia e os excessos por parte de muitos individuos da plebe: predomina o sentido de plural.

Ha certos *collectivos* que se podem chamar *especiaes* porque se applicam mais particularmente a uma cousa do que a outra; são entre outros:

Alcatéia de lobos
Armento de bois
Bando de { aves, ciganos, salteadores }
Cáfila de camelos
Cardume de peixes
Corja de { bebados, ladrões, tratantes, vadios }
Chusma de criados
Enxame de abelhas
Fato de cabras
Joldra de assassinos
Malta de capoeiras
Manada de bois
Matilha de cães
Manga de arcabuzeiros
Nuvem de moscas
Ponta de mulas
Rancho de soldados
Récua de cavalgaduras
Roda de homens
Sucia de velhacos
Vara de porcos

131. *Substantivos verbaes* são certas partes do verbo empregadas como substantivos, ex.: «*Fallar é prata—callar é ouro*».

Em todas as linguas é o infinito empregado como substantivo

132. *Substantivos compostos* são os nomes que se formam pela reunião

1) de dous substantivos, ex.: «*couve-flor*».
2) de um substantivo e de um adjectivo, ex.: «*pedreiro-livre*».
3) de um verbo e de um substantivo, ex.: «*saca-trapo*».

4) de uma preposição e de um substantivo, ex.: «*sub-chefe*».

5) de dous substantivos ligados por preposição, ex.: «*cabo-de-esquadra*».

6) de dous verbos, ex.: «*ruge-ruge*».

7) de um verbo e de um adverbio, ex.: «*mija-mansinho*».

8) de tres palavras diversas, ex.: «*mal-me-quer*».

II

ARTIGO

133. Artigo é uma palavra que se antepõe ao substantivo afim de particularisar-lhe a significação.

Palavra átona, que nada exprime por si, o artigo contribue poderosamente para a clareza da expressão: tornando as palavras precisas e vivazes, dá elle calor á phrase, veste-a de realidade. A este respeito fica o Latim classico muito abaixo das linguas neo-latinas: estes dous sentidos diversissimos «*dá-me pão, dá-me o pão*» traduzem-se em Latim pela fórma unica «*da mihi panem*», ficando á conta do contexto a elucidação do dizer.

134. O artigo é *o* (1).

III

ADJECTIVO

135. *Adjectivo* é uma palavra que descreve ou determina o substantivo.

136. Divide-se o adjectivo em adjectivo descriptivo e adjectivo determinativo.

---

(1) Chassang (*Nouvelle Grammaire Française* Paris, 1881) elimina o chamado artigo indefinito, que vai com toda a razão occupar o seu logar de adjectivo determinativo indefinido.

137. O *adjectivo descriptivo* denota a qualidade ou a propriedade da cousa significada pelo substantivo a que elle se refere.

Este adjectivo chama-se tambem *qualificativo.*

138. O adjectivo descriptivo é *restricto* quando denota uma qualidade accessoria do substantivo, ex.: «*homem bom—cavallo preto*»; é *explicativo* quando denota uma qualidade essencial, que já se inclue na idéa do objecto, ex.: «*diamante duro—homem mortal*». O mesmo adjectivo é muitas vezes tomado em ambos os sentidos.

Observação n.º 1.) O adjectivo descriptivo não tem significação por si: denota sempre alguma qualidade ou propriedade que se suppõe existir ligada a um sujeito.

Observação n.º 2.) O adjectivo descriptivo é facilmente convertido em substantivo; isto em consequencia de empregarem-se palavras que significam qualidade em vez das que significam cousas em que residem qualidades.

139. O *adjectivo determinativo* denota o numero, a posição ou qualquer outra limitação da cousa significada pelo substantivo a que elle se refere.

Este adjectivo chama-se tambem *limitativo.*

140. Subdivide-se o adjectivo determinativo em numeral, demonstrativo, distributivo, conjunctivo, possessivo e indefinido.

141. *Determinativo numeral* é um adjectivo empregado para designar limitação numerica, ex.: «*um—dous—tres;—primeiro—segundo—terceiro;—duplo—triplo—quadruplo*».

142. O determinativo numeral chama-se

1) *Cardial*—se só denota numero sem referir-se a ordem de successão, ex.: «*Dez homens—cem moedas*».

Os determinativos numeraes cardiaes, são:

Um, dous, ambos, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezeseis, dezesete, dezoito, dezenove, vinte, vinte-um, vinte-dous, trinta, quarenta, cincoenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem, duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, novecentos, mil, dous mil, um milhão de, dous milhões de, etc.

2) *Ordinal*—se denota a ordem em que occorrem as cousas, com relação ao numero de cousas similhantes que as precederam, ex.: «*o quarto rei—o decimo filho*».

Os determinados numeraes ordinaes são:

Primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, setimo, oitavo, nono, decimo undecimo ou *decimo-primeiro, duodecimo* ou *decimo-segundo, decimo-terceiro, decimo-quarto, decimo quinto, decimo-sexto, decimo-setimo decimo-oitavo, decimo-nono, vigesimo, vigesimo-primeiro, vigesimo-segundo, trigesimo, quadragesimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo, octogesimo, nonagesimo, centesimo, ducentesimo, trecentesimo, quadrigentesimo, quingentesimo, sexcentesimo, septingentesimo, octingentesimo, nongentesimo, millesimo, millionesimo,* etc.

3) *Multiplicativo*—se denota o numero de vezes que

uma cousa é augmentada ou multiplicada, ex.: «*duplo—triplo—centuplo*».

Os determinativos numeraes multiplicativos são:

Duplo, triplo, quadruplo, quintuplo, sextuplo, decuplo, centuplo, multiplo.

Ha muitas fórmas numericas que não pertencem ao adjectivo, ex.:

Substantivos) *metade, dobro, dezena, cento, milhão*, etc.
Verbos) *dobrar, quartear, dizimar, centuplicar*, etc.
Adverbios) *primeiramente, secundariamente*, etc.

143. *Determinativo demonstrativo* é o que designa pessôas ou cousas, distinguindo-as de outras no que diz respeito a logar ou a tempo, ex.: «*Esta espingarda—essa faca—aquelle veado*».

Os determinativos demonstrativos são: *este, esse, aquelle, este outro, esse outro, aquelle outro.*

Este indica proximidade em relação á pessôa que falla; é o demonstrativo da primeira pessôa: «*esta espingarda*» indica a espingarda que está junto da pessôa que falla. *Esse* indica proximidade em relação á pessôa com quem se falla; é o demonstrativo da segunda pessôa: «*essa faca*» indica a faca que está perto da pessôa com quem se falla. *Aquelle* indica distancia absoluta ou proximidade com relação a terceiro; é o demonstrativo da terceira pessôa: «*quelle veado*» indica o vèado que se vê ou que se suppõe ao longe.

144. *Determinativo distributivo* é o que indica que os individuos que compõem um todo ou aggregado devem ser considerados separadamente, ex.: «*Cada terra tem seu uso—cada soldado levava a sua barraca*».

Os determinativos distributivos são *cada, cada um, cada qual.*

145. *Determinativo conjunctivo* é o que conjuncta clausulas, ex.: «*Um homem, o qual eu vi—os amigos aos quaes mandamos as fructas*».

Os determinativos conjunctivos são *qual, o qual, cujo.*

Muitos grammaticos admittem uma classe de determinativos interrogativos: não ha razão para a existencia de tal classe. Em todo o periodo interrogativo dá-se a ellipse da proposição principal, e o chamado determinativo interrogativo é, sem tirar nem pôr, o determinativo conjunctivo servindo para ligar duas proposições.

146. *Determinativo possessivo* é o que indica senhorio ou posse em referencia ás cousas significadas pelos substantivos a que elle se junta, ex.: «*Minha espingarda — teu cavallo*».

Os determinativos possessivos são *meu, teu, seu, nosso, vosso, proprio, alheio.*

Muitos adjectivos qualificativos parece involverem uma idéia de possessão, ex.: «*Fazenda nacional—familia imperial*», isto é «*Fazenda da nação—familia do imperador*».

Ao contrario, os adjectivos possessivos perdem por vezes a sua accepção propria, para tomar um sentido vago, indeterminado, ex.: «*Vou bem de musica: já toco* MINHAS *valsas—Já faz seu frio*».

147. *Determinativo indefinido* é o que limita pessôa ou cousa sem indicação de individualidade particular, ex.: «*Alguns homens—certos negocios*».

Os determinativos indefinidos são: «*Algum, bastante, certo, mais, menos, mesmo, muito, nenhum, outro, pouco, qualquer, quanto, quejando, só, tal, tanto, todo, um*».

O que kharacterisa terminantemente o adjectivo, e o discrimina de qualquer outra especie de palavras, é a circumstancia de andar elle sempre ligado a um substantivo ou pronome, na qualidade de attributo ou na de predicado. Vindo a preencher outra funcção, isto é, a figurar por si só, quer de sujeito, quer de complemento directo, quer emfim de complemento indirecto, elle deixa de ser adjectivo para assumir uma qualificação diversa. Neste novo estado os descriptivos passam a ser tidos como substantivos, e os determinativos como pronomes. (1).

---

(1) Grivet, *Obra citada*, pag. 90.

Todavia o distributivo *cada* nunca se emprega sem substantivo claro; os numeraes cardiaes, embora empregados sós, não são considerados pronomes; os numeraes ordinaes e multiplicativos bem como os possessivos, quando empregados sem substantivo claro, são substantivos pelo artigo.

IV

PRONOME

148. *Pronome* é uma palavra usada em logar de um substantivo.

149. Divide-se o pronome em pronome substantivo e em pronome adjectivo.

150. *Pronome substantivo* é o que está em logar do substantivo sem limital-o por maneira nenhuma, ex.: «*Elle falla*» em vez de «*Pedro falla*».

151. *Pronome adjectivo* é o que está em logar do substantivo, limitando-o ao mesmo tempo de alguma maneira, ex.: «*Este relogio é bom, aquelle é ruim*». O pronome *aquelle* está em logar do substantivo *relogio*, e ao mesmo tempo limita-o, indicando a distancia em que se acha a cousa que elle representa.

Eu, tu, elle, nós, vós, elles são pronomes substantivos; *este, esse, aquelle, este outro, esse outro, aquelle outro* são pronomes adjectivos.

152. Os pronomes substantivos são chamados pronomes pessoaes.

153. *Os pronomes pessoaes* denotam pessôas.

154. *Pessôa* é a maneira por que se relaciona o sujeito com o predicado.

Parece quasi impossivel dar uma definição clara e distincta do termo *pessôa:* adquire-se, porém, exacto conhecimento da palavra quando se attende á significação dos pronomes pessoaes.

155. Ha tres pessôas: a *primeira* denota quem falla;

a *segunda*, o interlocutor; a *terceira*, o assumpto; ex.: «*Creio* EU *que* TU *não poderás cortar* o PAU: ELLE *é duro*».

156. Ha tres classes de pronomes pessoaes, a saber: *pronomes da primeira pessôa; pronomes da segunda pessôa; pronomes da terceira pessôa.*

São:

da primeira) *eu, nós;*
da segunda) *tu, vós;*
da terceira) *elle, elles;*

157. O pronome adjectivo divide-se em *demonstrativo, distributivo, conjunctivo, possessivo* e *indefinido.*

O pronome adjectivo, como já se deu a entender na observação final do capitulo antecedente, nada mais é do que o adjectivo determinativo empregado na sentença sem substantivo claro. Todavia nesta classe ha pronomes essenciaes que não são empregados como adjectivos, isto é, que não podem ser construidos com substantivos. Taes são

demonstrativos *isto, isso, aquillo;*
Isto corresponde á primeira pessôa; *isso*, á segunda; *aquillo*, á terceira.
conjunctivos *que, quem, o que quer que, quem quer, quem quer que.*
indefinidos *al, algo, alguem, beltrano, fulano, homem, nada, ninguem, outrem, sicrano, tudo.*

Observação n.º 1) Que nas phrases interrogativas e exclamativas emprega-se tambem adjectivamente, ex.: «*Que homem aquelle?—Que mulher!*»

Observação n.º 2.) Sobre o uso de *homem* como pronome diz o sr. Theophilo Braga:

«No Portuguez do seculo XV e XVI, e ainda hoje na linguagem «popular, encontra-se o substantivo *homem* usado como pronome inde-«finido. El-rei D. Duarte, traduzindo o tratado *De modo Confitendi*» de «S. Thomaz de Aquino, traz: «*Porém nom póde* HOMEM *têr-se que algu-«ma cousa não diga...*» A phrase latina era: «*Hæc tamen tacere non «valeo*». E' ainda hoje popularissima na fórma de *home*, e no provin-«cialismo insulano «*heme*».

«No *Cancioneiro Geral*, em Sá de Miranda e Ferreira, usa-se esta

«fórma pronominal tão peculiar hoje no Francez *on*, de *om* e de *hom-*
«*me*, ex.: «*Leixar* HOMEM *liberdade* (*Cancioneiro Geral*)—*Cuida* HOMEM
«*que bem escolhe—Que se não póde* HOMEM *erguer* (SÁ DE MIRANDA)».
«No anexim popular «HOME *pobre uma vez á loja*» a sua fórma indefini-
«da é «QUEM *é pobre vai uma vez á loja*». Sobretudo nos anexins po-
«pulares é bastante frequente este facto: «*Anda* HOMEM *a trote para ga-*
«*nhar capote*» por «*Anda-se*», etc. «*Deita-se* HOMEM *pelo chão para ga-*
«*nhar gabão*». O substantivo *gente* tambem se emprega neste sentido,
«sobre tudo no dialecto brazileiro: «*Quando a* GENTE *está com* GENTE...
«GENTE *me deixe*...» (1).

Grammaticos ha que consideram como pronomes os adjectivos numeraes quando sós na oração (2).

V

VERBO

158. *Verbo* é uma palavra que enuncia, diz ou declara alguma cousa. O verbo implica sempre uma asserção ou predicação.

159. Divide-se o verbo em verbo intransitivo e verbo transitivo.

160. *Verbo intransitivo* é o que enuncia um estado, ou mesmo uma acção que não se exerce directamente sobre um objecto.

161. *Verbo transitivo* é o que enuncia uma acção que se exerce directamente sobre um objecto.

Esta classificação funda-se na natureza do predicado contido no verbo.

O predicado apresenta-se ao nosso espirito:

1) como simples estado, como puro modo de ser (ἰδιοπάθεια, *status, habitus*) de um objecto, ex.: *estar—sentar—tombar—morrer*». Chamam-se intransitivos os verbos que involvem taes predicados. Assim, *tombar* é um verbo intransitivo por-

(1) *Obra citada*, pag. 64.

(2) GRIVET, *Obra citada*, pag. 96.

que a qualidade que notamos no objecto que é *tombante* (termo ficticio) nos apparece como puro modo de ser desse objecto, como simples mudança de logar que elle effectua de um momento para outro.

2) Como o estado de um objecto, como um modo de ser desse objecto, que póde produzir, ou que produz realmente algum effeito sobre outro objecto, ex.: «*ferir—quebrar—amar—odiar*». Chamam-se transitivos estes verbos porque o objecto a que elles se referem exerce uma acção que actua sobre outro objecto extranho, que passa para sobre elle.

Para que o estado de um objecto qualquer se nos appresente como transitivo preciso é que involva idéia de movimento. E ainda não basta. E' tambem preciso que esse estado se apresente, em virtude do movimento, como produzindo um effeito qualquer sobre outro objecto, ou ao menos como capaz de o produzir.

Assim, *andar, tombar* não são verbos transitivos porque as idéias das qualidades *andante, tombante* que elles encerram não representam o objecto de que taes qualidades são predicadas, como exercendo acção sobre outro. Ellas nol-o mostram em simples estado de movimento.

Verdade é que se diz vulgarmente «*a acção de andar, de tombar*». Neste caso a palavra *acção* está tomada em sentido lato, quiçá improprio, e não indica por fórma alguma que o objecto que *anda, tomba* actue sobre objecto extranho.

Apezar de tudo tal classificação não é e nem pode ser absoluta: muitos verbos empregam-se indifferentemente como intransitivos ou como transitivos, e quasi que não ha um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa empregar como intransitivo.

162. Os verbos transitivos podem estar na voz activa e na voz passiva. Estão na *voz activa* quando a acção transitiva que representam é exercida pelo sujeito da oração: estão na *voz passiva* quando, pelo contrario, tal acção é exercida sobre esse sujeito.

Os Estoicos chamaram ao verbo transitivo em voz activa—Καθηγόρημα ὀρθόν—*verbum rectum, verbo direito*; ao verbo transitivo em voz passiva deram o nome de ὕπτιον—*verbum supinum, verbo deitado de costas;* ao verbo intransitivo classificavam elles como—οὐδέτερον—*verbum neutrum, verbo que não era direito, nem deitado de costas*. Estas denomi-

nações foram tomadas, ao que parece, das attitudes diversas dos athletas ao darem e receberem golpes (1).

163. O verbo chama-se mais

1) *Auxiliar*—quando empregado como elemento subsidiario na formação
   a) dos tempos compostos de todos os verbos.
   b) de todos os tempos dos verbos passivos.
   c) de todos os tempos dos verbos periphrasticos e frequentativos.

   Os verbos auxiliares são *haver, ter* e *ser*.

2) *Regular* — quando segue exactamente seu paradigma de conjugação, ex.: «*louvar — defender*».
3) *Irregular* — quando não segue exactamente seu paradigma de conjugação, ex.: «*dar — caber*».
4) *Impessoal* — quando em accepção propria não póde ter por sujeito um nome de pessôa, ex.: «*trovejar — acontecer*».
5) *Defectivo* — quando não é empregado em todas as fórmas, ex.: «*feder — colorir*».
6) *Periphrastico* — quando ao seu infinito ligam-se por meio da preposição *de* os tempos dos verbos *haver* ou *ter*.
   a) O verbo periphrastico formado com os tempos do verbo *haver* chama-se *promissivo*, ex.: «*Eu hei de comprar*».
   b) O verbo periphrastico formado com os tempos do verbo *ter* chama-se *obrigativo*, ex.: «*Eu tenho de comprar*».
7) *Frequentativo* — quando ao participio imperfeito ajuntam-se tempos seus ou de outro verbo para de-

(1) R. Schmidt, *Stoicorum Grammatica*, Halis, 1839, pag. 63.

notar duração e progresso do estado de movimento ou de actividade, marcado pelo seu predicado, ex.: *Ir indo — vir vindo — estar cahindo — andar estudando*».

8) *Terminativo* — quando o predicado n'elle contido exige um termo indirecto de acção: *dar, usar* são verbos terminativos porque os predicados *dante usante* (palavras ficticias) nelles contidos requerem termos indirectos de acção, ex.: «*Dar alguma cousa a alguem — usar de alguma cousa*».

São *terminativos* verbos intransitivos e transitivos.

9) *Prodominal* — quando por uso da lingua emprega-se sempre com um pronome objectivo que representa o sujeito, ex.: «*Queixar-se — condoer-se*».

A distribuição da acção do verbo em *reciproca, reflexiva*, etc., está mais no dominio da logica do que no da grammatica. Diz Garret (1):

«O verdadeiro systema de grammatica devêra ser «o de simplificar, mas parece que acintemente não «tratam sinão de augmentar entidades e fazer diffi«cultoso o que é simples e facil, multiplicando ter«mos e categorias de divisões e subdivisões em cou«sas que as não precisam. Que quer dizer, por exem«plo, *verbo reciproco?* E' um verbo activo, nem «mais, nem menos, com um pronome no objectivo, «assim como podia ter um nome».

VI

ADVERBIO

164. *Adverbio* é uma palavra que qualifica um verbo, um adjectivo ou um outro adverbio.

(1) *Obra citada*, pag. 237.

Prisciano, grammatico latino do seculo VI definiu o adverbio *«Est pars orationis indeclinabilis, cujus significatio verbis adjicitur»;* Court de Gébelin (1) e outros grammaticos modernos (2) têm o mesmo modo de entender, isto é, que o adverbio só modifica verbos. Chamam ao adverbio *adjectivo do verbo,* e dão-lhe superlatividade em phrases como *«muito eloquentemente, pouco prudentemente».* A opinião mais seguida é que elle modifica adjectivos, verbos e outros adverbios.

165. Conforme a natureza da modificação que exprime, divide-se o adverbio em *adverbio*

1) *de tempo—agora, ainda, amanhã, antes, cedo, hoje, hontem, depois, já, jamais, logo, nunca, ora, quando, sempre, tarde, então.*
2) *de logar—onde, aqui, ahi, alli, aquém, além, acima, arriba, avante, cá, lá, acolá, fóra, dentro, algures, alhures, nenhures, perto, longe, trás.*

   Aqui é o adverbio de logar da primeira pessôa; *ahi,* da segunda; *alli, lá, acolá,* etc., da terceira.
3) *de ordem—primeiramente, ultimamente, depois.*
4) *de modo—bem, mal, assim, como, acintemente,* e a mór parte dos que se formam pela adjuncção da terminação *mente* a um adjectivo.
5) *de conclusão logica—conseguintemente, consequentemente.*
6) *de quantidade—muito, pouco, assás, mais, menos, tão, quão, tanto, quanto, como, quasi.*
7) *de affirmação — sim, verdadeiramente, effectivamente, realmente, certamente.*
8) *de negação—nada, não, menos, nunca, jamais.*
9) *de duvida—talvez, acaso, quiçá.*
10) *de exclusão—só, somente, apenas, unicamente, siquer, sinão.*
11) *de designação—eis.*

---

(1) BECGRAFF, *Obra citada,* pag. 522.
(2) BERGMAN, *Obra citada,* pag. 448.

166. Chama-se *locução adverbial* uma reunião de palavras que faz as vezes de um adverbio, ex.: «*de balde—ás direitas*».

VII

PREPOSIÇÃO

167. *Preposição* é uma palavra que liga um substantivo ou um pronome a um ou outro substantivo ou a um outro pronome, a um adjectivo, a um verbo, mostrando a relação que ha entre elles.

168. As preposições portuguezas são: *a, ante, após (pos), até (té), com, contra, de, desde (des), em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre, trás.*

169. *Abaixo, acerca, acima, afóra, além, antes, aquém, á roda, ao redor, atrás, conforme, debaixo, de cima, defronte, detrás, dentro, depois, diante, excepto, junto, longe, perto, perante*, etc., são adverbios ou mesmo locuções prepositivas, sem o serem realmente.

170. Póde-se juntar uma preposição a outra para modificar a natureza da relação, ex.: «*Por entre—de sobre*».

A este respeito diz Moraes: «Outras vezes o nome se offerece ao «nosso entendimento em duas relações: v. g. «a porta *de sobre* o muro»: «onde «muro» se offerece como possuidor da «porta», e como logar so- «bre que ella estava» (1). E accrescenta em nota: Os Hebreus tinham o «mesmo uso. V. Oleastri, Hebraism. Canon 5'—*Non auferetur sceptrum «de Jehudah, et Scriba de interpedes ejus, donec veniat Siloh et ei obe- «dientia gentium.*—Os Latinos usaram o mesmo: v. g.—*in ante diem; «in super rogos; de sub; de super.*—Nós dizemos—*de entre muros; pe- «rante, empós, após de; desno tempo; desde,* de *des* e *de*—*Foram-me ti- «rar dos claustros e de sobre os livros (Vida do Arcebispo). De sob as «arvores (Menina e Moça); Mora a sobripas,* etc.».

---

(1) *Epitome da Grammatica Portugueza,* na 7.ª edição do *Diccionario,* pag. XIV.

171. Chama-se *locução prepositiva* uma reunião de palavras que faz as vezes de uma preposição, ex. : *Em cima de—a cavalleiro de*».

VIII

CONJUNCÇÃO

172. *Conjuncção* é uma palavra que liga sentenças entre si, e que prende tambem entre si palavras usadas do mesmo modo em uma sentença.

Burgraff (1) entende que a conjuncção só liga *proposições* e a maioria dos exemplos em contrario explica-os elle por meio de ellipses: na expressão «*tres e seis são nove*» opina o douto philologo que «*e*» seja uma verdadeira preposição equivalente de «*com*».

173. Divide-se a conjuncção em conjuncção coordenativa e conjuncção subordinativa.

174. *Conjuncção coordenativa* é a que liga entre si asserções independentes umas de outras, ou que prende umas com outras palavras usadas do mesmo modo em uma sentença.

175. A conjuncção coordenativa é

1) *Copulativa—e, tambem, nem.*
2) *Continuativa—pois, ora, outrosim.*
3) *Explicativa—como.*
4) *Disjunctiva—ou, quer.*
5) *Adversativa—mas, porém, todavia.*
6) *Conclusiva—logo, pois.*

176. *Conjuncção subordinativa* é a que liga entre si asserções dependentes umas de outras.

A conjuncção subordinativa nunca liga palavras entre si.

---

(1) *Obra citada*, pag. 512.

177. A conjuncção subordinativa é

1) *Condicional—si.*
2) *Causal—porque, como, que.*
3) *Concessiva—embora, quer.*
4) *Temporal—como, quando.*
5) *Integrante—que, como, si.*

Deve-se antes escrever *si* do que *se*: este modo de orthographar a palavra, sobre ser mais conforme com a pronuncia, identifica o derivado com a raiz latina. Em Francez e em Hespanhol adoptou-se *si*; em Italiano, *se*.

A este respeito escreve Timotheo Lecussan Verdier (1): «Acerca «da conjuncção condicional *si* que hoje vertemos em *se*, observará o «leitor que em muitos logares deste poema ella se acha impressa *si*. «Seguimos este modo de a escrever, não só por ser mais etymologico «e adoptado em outras linguas que, como a nossa, derivam da latina; «mas tambem porque em manuscriptos e livros antigos portuguezes te«mos encontrado esta condicional, escripta *si* e não *se*. Ainda mais, co«mo esta conjuncção *si* sempre precede e começa todo o inciso que a «pede, é indubitavel que nunca se pode equivocar com o pronome *si* «que sempre tem de ser precedido e accompanhado de alguma preposi«ção—*a si, de si, por si, após si,* etc. Observará outrosim o leitor que «o pronome *si*, quando regido por verbo, muda-se em *se*, e que neste «caso muitas vezes precede o verbo; e, essencialmente, si o inciso é «condicional: ora, encontrando-se com a conjuncção *si*, si esta se escre«ver e pronunciar *se*, e si o verbo que se segue começa pelas syllabas «*se* ou *ce*; o triplice successivo som de *se* será sem duvida sobejamente «desagradavel, por exemplo: *Se se separa; se se segura; se se segue; se* «*se celebra; se se semeia; se se ceifa; se se sega, se se ceia,* etc. Observe «finalmente o leitor que, si a euphonia das linguas modernas pede «muitas vezes alguma alteração na prolação de palavras que nas lin«guas de que são derivadas se pronunciam bem diversamente; em a «nossa, como a mais chegada de todas á latina, a mesma euphonia «pede tambem em alguns casos, e mórmente neste, que não desvaire«mos da etymologia e da orthographia, e que evitemos tão ingratas ca«cophonias, como a que fica apontada. As linguas hespanhola e franceza, «hoje mais distantes que a nossa da fonte latina de que ellas manam, «conservaram a orthographia e a pronuncia da condicional *si*; os nossos

(1) *Obra citada*, pag. X.

«maiores assim a pronunciaram e escreveram; escrevamol-a, pois, e «pronunciemol-a como elles. Declaramos que sempre escreveremos «desta maneira, e que nos pesa de algumas, e não poucas, condicio- «naes que ainda se acham nesta edição, impressas em *se* por haverem «escapado á nossa correcção».

178. Chama-se *locução conjunctiva* uma reunião de palavras que faz as vezes de uma conjuncção, ex.: «*logo que —comtanto que—si bem que,* etc.»

IX

INTERJEIÇÃO

179. *Interjeição* é um som articulado que exprime um affecto subito, ou que imita um som inarticulado, ex.: «*Oh!... disse o principe. Esta unica interjeição lhe fugia da bocca; mas que discurso houvera ahi que a egualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada* (A. HERCULANO).—*Paf!... um primeiro tiro. Paf!... um segundo tiro. Paf!... uma saraivada* (ANONYMO)».

Os Gregos não consideraram a interjeição como verdadeira palavra, por isso que é ella antes clamor instinctivo do que signal de idéia; por conveniencia classificaram-na entre os adverbios; foram os grammaticos latinos que lhe assignaram logar distincto entre as partes do discurso. Scaligero, De Brosses, Destut Tracy e muitos outros grammaticos celebres tiveram-na como a palavra por excellencia, como a parte primitiva e principal do conjuncto de signaes que exprimem o pensamento. Era justa a opinião dos mestres gregos: a interjeição não representa idéia, não involve noção; é articulação instinctiva, é grito animal, não é palavra (1).

180. As interjeições exprimem

1) a dôr—*ai! ui!*

2) o prazer—*ah! oh!*

---

(1) GUARDIA ET WIERZEYSKI; *Obra citada*, pag. 75. BASTIN, *Obra citada*, pag. 303. BURGRAFF, *Obra citada*, pag. 527—528.

3) o allivio—*ah! eh!*
4) o desejo—*oh! oxalá!*
5) a animação—*eia! sus!*
6) o applauso—*bem! bravo!*
7) imposição de silencio—*chiton! psio! caluda!*
8) a aversão—*ih! chi!*
9) o appello—*ó! olá! psit! psiu!*
10) a impaciencia—*irra! apre!*

Ha interjeições onomatopaicas, isto é, que imitam ruidos, ex.: «*Zaz!—truz!*».

Ha ainda uma interjeição de duvida muito usada em Portugal e quasi desconhecida no Brazil; é *ágora*. Diz-se, por exemplo «*Pedro está rico*». Responde o interlocutor para mostrar a duvida no mais alto ponto: «*Agora está!*» O tom em que se pronuncia esta interjeição é especialissimo.

181. Chama-se *locução interjectiva* qualquer reunião de palavras empregada exclamativamente, ex.: «*Pobre de mim!—Que gosto!*».

SECÇÃO SEGUNDA

KAMPENOMIA OU PTOSEONOMIA

182. *Kampenomia* ou *Ptoseonomia* é o conjuncto das leis que presidem á flexão das palavras.

183. *Flexão* é a mudança que exprimenta a palavra variavel para representar as diversas gradações da idéia.

184. Distinguem-se na palavra variavel dous elementos principaes: o thema e a terminação.

1) *Thema* é o elemento da palavra, que indica em generalidade a idéia que ella é chamada a representar.

2) *Terminação* é o elemento da palavra, que restringe de um ou de outro modo a idéia indicada pelo thema. Em *ingestão, ingesto, ingest* é o thema, e *ão, o* são terminações, o thema chama-se tambem *radical;* e a terminação *desinencia.*

Ha differença entre *thema* e *raiz*: *raiz* é o elemento primo da palavra, o som que encerra a idéia matriz, conservada pura através das migrações etymologicas. Em *ingerir* a terminação é *ir*; o thema *inger*; a raiz *ger*:

in é o que se chama um *prefixo*. A's vezes é o thema constituido pela raiz em sua pureza, ex.: de *gerir ger*; ás vezes é elle formado pela raiz modificada por um prefixo, ex.: de *ingerir inger (ger+in)*; ás vezes altera-se a raiz para construil-o, ex.: de *saber, saiba, insipiencia* themas *sab, saib, insip;* raizes alteradas *sab, saib, sip;* raiz primitiva *sap*.

185. São palavras sujeitas á flexão o nome e o verbo.

O adverbio marca a transição das palavras variaveis para as invariaveis: com effeito é elle como que um adjectivo ankylosado; e, si, rigorosamente fallando, não recebe flexão, modifica-se todavia para exprimir grau de comparação, ex.: «*lindamente, lindissimamente*».

186. Ha *flexão nominal e flexão verbal; themas e terminações nominaes, e themas e terminações verbaes.*

O *thema* é o desenvolvimento da *raiz* primitiva (monosyllabica sempre nas linguas indo-germanicas): modifica-se ou converte-se elle em substantivo ou em adjectivo si a flexão é nominal, e em verbo si ella é verbal.

187. *Flexão nominal* é a união das terminações nominaes com o thema.

188. Por meio da *flexão nominal* representa-se o genero, o numero e o grau de significação.

189. *Genero* é a distincção flexional dos nomes em relação aos sexos das cousas por elles significadas ou modificadas.

A expressão *nome* comprehende tanto o substantivo como o adjectivo.

190. As palavras que representam cousas que não tem sexo assumem genero, na maioria dos casos; por analogia de flexão.

191. Ha em Portuguez dous generos: o *masculino* e o *feminino*.

192. *Numero* é a distincção flexional dos nomes em relação ao facto de representarem ou de modificarem elles uma só cousa ou mais de uma cousa.

193. Ha em Portuguez dous numeros: o *singular* e o *plural*.

1) Um nome que representa ou que modifica uma só cousa está no singular, ex.: «*navio espaçoso, vela branca*».
2) Um nome que representa ou que modifica mais de uma cousa está no plural, ex.: «*navios espaçosos, velas brancas*».

194. *Grau*

1) em relação ao substantivo, é a faculdade de poder elle representar uma cousa ou em estado normal, ou augmentada, ou diminuida.
2) em relação ao adjectivo, é a faculdade de poder elle qualificar o substantivo
   a) sem comparal-o com outro,
   b) comparando-o com outro,
   c) exaltando-o pela comparação acima de todos os individuos da especie representada pelo substantivo,
   d) exaltando-o em absoluto.

195. Ha em Portuguez tres graus de significação para o substantivo normal, augmentativo, diminutivo, e tres tambem para o adjectivo: positivo, comparativo e superlativo.

196. *Flexão verbal* é a união das terminações e desinencias nominaes com o thema.

Relativamente ao verbo deve haver differença entre *terminação* e *desinencia*. Em rigor, *terminação* é o elemento do verbo que restringe a significação do thema verbal em relação ao modo e ao tempo, e *desinencia* é o elemento que restringe esse mesmo tempo em relação ao numero e pessôa. Praticamente, mesmo em referencia ao verbo, na palavra *terminação* comprehendem-se *terminação* e *desinencia*.

197. Por meio da flexão verbal representa-se o modo, o tempo, o numero e a pessoa do verbo.

198. *Modo* é a fórma que o verbo assume para qualificar a sua enunciação.

199. Ha em portuguez quatro modos: o indicativo, o condicional, o imperativo e o subjuntivo.

200. A enunciação do verbo é representada

1) pelo *indicativo* como real,
2) pelo *condicional* como dependente de uma condição,
3) pelo *imperativo* como exigida por uma ordem, por uma manifestação de vontade,
4) pelo *subjunctivo* como contingente.

201. *O infinito* e *o participio* são antes *fórmas nominaes* do verbo do que modos: o infinito representa o substantivo; o participio, o adjectivo.

A este respeito diz o grande philologo indianista, snr. Miguel Bréal (1): «Ha erros mais graves que se deveriam expungir dos livros de «estudos: esses erros imbuem no espirito de nossos meninos idéias que «prejudicam mais tarde a intelligencia da syntaxe.

«Nada é mais simples que a noção do modo, si limitamo-nos ao «indicativo, ao imperativo e ao subjunctivo. O modo, diremos nós ao «menino, muda conforme a maneira porque se appresenta a proposição. «Si nos contentarmos com expôr ou ennunciar um facto, empregaremos «o indicativo. Si quizermos dar uma ordem, será o imperativo. O sub-

(1) *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*, Paris, 1877, pag. 328—329.

«junctivo serve para exprimir uma acção que é considerada como pos«sivel ou como desejavel. Obscurecemos, porém, a idéia de modo desde «que a estendemos ás fórmas impessoaes, como são o infinito, o supi«no (1), os participios. Realmente elles não são modos, mas sim forma«ções de uma natureza á parte, a que é preciso dar um outro nome.

«Com effeito, o que kharacterisa o verbo é que elle por si só póde «representar uma proposição, como o vemos em phrases taes como «*audio, pergite, taceat.* Para empregar a linguagem da logica, o sujeito «nestas proposições é representado pela desinencia, o predicado pela «raiz ou thema: quanto á copula que os reune, é ella supprida por nossa «intelligencia. Mas dá-se cousa inteiramente diversa com fórmas como «*legere, amans, monitus:* por si proprias ellas não apresentam sentido «completo, porquanto nestas palavras nosso espirito concebe de maneira «diversa a relação entre a flexão e o radical. A copula interior não é «subentendida, de modo que não ha proposição. *Legere, amans, moni«tus* são na realidade formações nominaes. Tocamos aqui na differença «essencial que ha entre verbo e nome. Todas as outras noções que o «verbo serve ainda para notar são accessorias. O tempo, a voz, a pes«sôa, o numero, a força transitiva, são de importancia secundaria, e «vêm de certa meneira por accrescimo. Já se deixa ver que confusão «introduz-se no espirito das crianças quando reunem-se sob a mesma «designação de modo fórmas verbaes como *venite, lege, eamus,* e for«mações nominaes como *audire, legendi, lusum*».

O snr. Adolpho Coelho (2) tambem considera o infinito e o participio fórmas nominaes do verbo.

O infinito Portuguez tem a peculiaridade de ser sujeito a flexão pessoal e numerica.

202. *Tempo* do verbo é a forma que elle assume para determinar a epokha do seu enunciado.

203. As epokhas são tres: presente, passado e futuro.

204. Para determinar as varias gradações de anterioridade e de posterioridade das tres epokhas nos diversos mo-

---

(1) Nas linguas romanicas não ha supino; o snr. Bréal refere-se ao Latim.

(2) *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez,* Lisbôa, 1870, pag. 124 e seguintes.

dos e fórmas nominaes tem o verbo portuguez vinte e quatro tempos, como se póde ver deste quadro

	Indicativo	Imperativo	Condicional	Subjunctivo	Infinito	Participio
Presente	1	1	. . .	1	2	1
Imperfeito . . .	1	. . .	1 (2)	1	. . .	. . .
Perfeito	1	. . .	1	1	2	. . .
Aoristo (1) . . .	1	. . .	. . .	. . .	. . .	1
Plusquam perfeito .	1	. . .	. . .	1	. . .	. . .
Futuro	2	. . .	. . .	2	. . .	. . .
Gerundio	. . .	. . .	. . .	. . .	2	. . .

205. Em geral

1) O *presente* indica a actualidade daquillo que o verbo enuncia, ex.: «*Pedro* É *imperador*»,

2) o *imperfeito* indica a actualidade, em relação a uma épokha passada, d'aquillo que o verbo enuncia, ex.: «*Em 1798* ERA *Washington presidente* dos Estados Unidos.—*Eu* ESTAVA *almoçando quando elle chegou*».

3) o perfeito indica a reiteração preterita do enunciado do verbo, ex.: «TEMOS ESTADO *em Paris quatro vezes.—O ministerio* TEM SIDO *muito* GUERREADO.»

---

(1) Do grego 'αὀριστος *indefinido, indeterminado:* tomou-se da grammatica grega a denominação do tempo, e a maneira de classifical-o.

(2) Em geral considera-se este tempo como presente; alguns grammaticos têm-no como futuro. Pelo estudo comparativo da grammatica latina vê-se que é imperfeito, e como tal o avaliam, entre outros, o snr. Bento José de Oliveira na *Nova Grammatica Portugueza,* (13.ª edição, Coimbra 1878) e o snr. Adolpho Coelho *Obra Citada,* pag. 18.

Tem escapado a todos os grammaticos esta feição kharacteristica do perfeito portuguez—a reiteração do enunciado do verbo em um tempo passado. Com effeito, a distincção entre tempo inteiramente decorrido e tempo que ainda perdura nada faz em relação ao emprego exacto de aoristo e do perfeito. O aoristo, como se vai vêr, enuncia indeterminadamente uma cousa passada: o perfeito declara que essa cousa foi repetida. E' intuitivo pelo simples confronto destas phrases:

Comi laranjas... Tenho comido laranjas.
Estive em Roma... Tenho estado em Roma.

4) O *aoristo* indica em absoluto a preteritividade do enunciado do verbo, ex.: «*Pedro morreu.—Perdeu-se o navio.*»
5) o *plusquamperfeito* indica a preteritividade do enunciado do verbo com referencia de anterioridade a uma époкha passada, ex.: *Quando chegou Blucher a Waterloo já as tropas francezas* TINHAM PERDIDO *a esperança da victoria*».
6) o *futuro* indica simples futuridade do enunciado do verbo, ex.: «*Paulo será ministro*».
7) O *futuro anterior* indica a futuridade do enunciado do verbo com anterioridade a uma circumstancia qualquer, ex.: «*Pedro já* TERÁ SIDO *acclamado quando chegarem as tropas*».

206. Os tempos são *simples* ou *compostos*: *simples* são os que se formam pela adjuncção da terminação e da desinencia ao thema; *compostos* são os que se formam pela adjuncção dos tempos dos verbos auxiliares ao participio aoristo.

207. *Numero* do verbo é a fórma que o verbo assume para indicar a unidade ou a pluralidade do sujeito.

208. *Sujeito* é aquella cousa a cujo respeito se faz o enunciado do verbo.

209. *Pessoa* do verbo é a fórma que o verbo assume para indicar que seu enunciado se faz em relação a quem falla, ao interlocutor de quem falla, ou a respeito de terceiro.

210. *Conjugar* um verbo é fazel-o passar por todas as suas flexões.

I

SUBSTANTIVO

§ 1.º

Genero

211. O genero do substantivo é determinado pela significação do thema ou pela flexão.

A flexão nominal, perfeita relativamente ao numero e ao grau, é deficiente no que diz respeito ao genero: na mór parte dos casos ha necessidade de pedir ao thema a significação do substantivo para determinar-se o genero a que elle pertence. Em geral póde-se dizer que as regras tiradas da desinencia para determinar o genero de um substantivo estão sempre subordinadas ás que se tiram da significação do thema.

212. São masculinos em virtude da significação do thema

1) os substantivos que significam macho, quer sejam appellativos, quer sejam proprios, ex.: «*Homem—cavallo—Caligula—Incitatus*».
2) os nomes proprios de anjos, demonios, deuses, semideuses, e outras creações anthropomorphicas a que se attribue o sexo masculino ex.: «*Azrael—Satanaz—Jupiter—Hercules*».
3) Os nomes proprios de ventos, ex.: «*Boreas—Zephyro*».
4) os nomes proprios de montes, ex.: «*Himalaya—Ossa—Pelion*».
5) os nomes proprios de rios, ex.: «*Lima—Parahyba—Sena*».

6) os nomes proprios de mares, ex.: *Baltico—Caspio*».
7) os nomes proprios de mezes, ex.: «*Janeiro—Abril*».
8) os nomes das lettras do alphabeto, os dos algarismos e os das notas musicaes, ex.: «o *J*;—o *R*;—o *4*;—o *5*;—o *dó*;—o *fá*».
9) os infinitos dos verbos e quaesquer palavras, phrases ou sentenças empregadas como substantivos, ex.: «O *dar*;—o *partir*;—o *bom*;— o *sim*;—o «*não posso*» *do rei*».

213. São femininos em virtude da significação do thema

1) os substantivos que significam femea, quer sejam appellativos, quer sejam proprios, ex.: «*Mulher—leôa—Dido—Estricte* (cadella de Acteon)».
2) os nomes proprios de deusas, nymphas e outras divindades e personificações allegoricas, a que se attribue o sexo feminino, ex.: «*Juno—Eukharis—Clotho—Tisiphone—Discordia*, etc.».
3) os nomes proprios de cidades, villas e aldeias, ex.: *Bysancio—Trancoso—Saint Nasaire*.

Os nomes proprios que foram primitivamente appellativos têm o genero que indica a sua desinencia, ex.: «O *Porto*—a *Bahia*».

4) os substantivos que designam cousas abstractas, ex.: «*Pallidez—saude—superficie*».
5) os nomes dos dias da semana, ex.: «*Segunda-feira—Sexta-feira*. Exceptuam-se *Sabbado* e *Domingo* que são masculinos.

214. Os substantivos que têm uma só fórma para designar ambos os sexos chamam-se *communs de dous*, ex.: «*Artifice—conjuge—guia*».

A estes se podem juntar os nomes proprios de familia, ex.: «*O sr. Peixoto—a sr.ª Peixoto—o sr. Miranda—a sr.ª Miranda*».

215. Os nomes que sob um só genero indicam tanto o sexo feminino como o masculino chamam-se *epicenos*, ex.: «*Jacu—Leopardo—Tigre*».

Em relação ao genero regem-se este nomes pelas desinencias; para distincção dos sexos aggregam-se-lhes as palavras *macho* e *femea*, ex.: «*O jacu femea—a onça macho*». *Macho* e *femea* são usados como adjectivos de dous generos, si bem que encontrem-se nos escriptos classicos portuguezes as variações *macha* e *femeo*.

216. São masculinos em virtude da desinencia os substantivos terminados.

1) por *á, e, é, i, o, ó, u, y*, ex.: «*Alvará—balde—café—javali—livro—cipó—avô—peru—jaboty*».
Exceptuam-se os acabados
a) por *á—Pá*.
b) por *e—Arvore, ave, carne, cidade, couve, fonte, lebre, parede, parte, planicie, ponte, rede, sebe, sede, serpente, torre, vide, chave*, e todos os substantivos abstractos (que são numerosos), ex.: «*sêde, tolice, virtude*».
c) por *é—Chaminé, fé, galé, libré, maré, polé, ralé, ré, sé*.
d) por *ó—Eiró, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró*.
e) por *u—Tribu*.
f) por *y—Juruty*.
2) por *au, eo, eu*, ex.: «*Pau—chapéo—breu*».
Exceptuam-se dos acabados em *au—Nau*.
3) por *ak*, ex.: «*Almanak*».
4) por *al, el, il, ol, ul*, ex.: «*Pinhal—marnel—barril—lençol—paul*».
Exceptuam-se dos acabados em *al—cal* e varios adjectivos substantivados, ex.: «*Capital—moral*».
5) por *em, im, om, um*, ex.: *Armazem—marfim—trom—jejum*».
Exceptuam-se dos acabados por *em—ordem, nuvem*, e bem assim aquelles cuja terminação *em* é mo-

dificada por *g*, ex.: «*vertigem*». *Ádem* é masculino no singular e feminino no plural.

6) por *an, en, on*, ex.: *Iman—hyphen—colon*».
7) por *ar, er, ir, or, ur*, ex.: «*Altar—talher—nadir—valorc—atur*».

Exceptuam-se dos acabados

a) em *er—Colher*.
b) em *or—Cor, dor, flor*.

8) por *is, us*, ex.: «*Lapis—virus*».
Exceptuam-se dos acabados em *is—bilis, cutis, phenis*.
9) por *az, ez, iz, oz, uz*, ex.: «*Matraz—revez—matiz—cadoz—capuz*».

Exceptuam-se dos acabados

a) em *az—Paz, tenaz*.
b) em *ez—rez, tez, torquez, vez*.
c) em *iz—aboiz, cerviz, cicatriz, matriz, raiz, sobrepeliz, variz*.
d) em *oz—Foz, noz, pioz, voz*.
e) em *uz—Cruz, luz*.

10) por *ão* ex.: «*Coração*».

As excepções a esta regra são muito numerosas: em geral póde-se dizer que são femininos os substantivos derivados de adjectivos e de verbos, ex.: «*Aptidão—multidão—transformação—variação*». Todos os augmentativos em *ão* são masculinos.

217. São femininos em virtude da desinencia os substantivos terminados

1) por *a*, ex.: «*Casa—cunha*».

Exceptuam-se *alpaca, cabreuva, kholera* (doença), *phoca, mappa, pampas, tapa, vicunha, lhama, chin-*

chilla e os derivados do Grego terminados em *ma* e *ta*, ex.: «*Clima, cometa*».

Asthma, cataplasma **e** ***khrisma*** **são femininos.**

Schisma (cisma **melhor orthographia, segundo a pronuncia fixada pelo uso) é masculino e feminino.**

Cometa, estratagema, planeta **e alguns outros foram outrora femininos em Portuguez: explica-se assim a destemperada syllepse de genero que os grammaticos querem á fina força metter na conta a Camões:**

«Mas já *a planeta* que no céo primeiro
«Habita cinco vezes *apressada*
«Agora meio rosto, agora inteiro
«Mostrára emquanto o mar cortava a armada (1).

A famigerada figura teve de certo origem em um erro typographico da edição *princeps* dos *Lusiadas*, reproduzido nas edições subsequentes.

2) por *ã, ê*, ex.: «*Lã—mercê*».

Exceptuam-se dos acabados em *ã—caftã, talismã.*

218. Converte-se um substantivo que representa individuo do sexo masculino em outro que representa individuo do sexo feminino

1) mudando a desinencia

a) *o* em *a*, ex.: «*Filho, filha—gato, gata*».

b) *ão* em *ôa*, ex.: *Furão, furôa—leão, leôa*».

c) *ão* em *ona* nos augmentativos, ex.: «*Sabichão, sabichona*».

2) ajuntando *a* aos vocabulos terminados pela voz livre *u* ou por qualquer modificação, ex.: «*perú, perúa; defensor, defensora; juiz, juiza; marechal, marechala*».

Estes substantivos, ou antes, adjectivos substanti-

---

(1) *Lusiadas*, Canto V. Est, XXIV.

vados, tiveram outrora uma só terminação para ambos os generos, ex.: «*D'averdes donas por entendedores*».

(*Cancioneiro da Vaticana, n.º 786*)

«*Eu sou má ledor de lettra tirada*».

JORGE FERREIRA, *Eufrozina*.

219. Os adjectivos substantivados que terminam em *a* e *e* não mudam, ex.: «*Persa, Arabe*».

220. São irregulares

Abbade	feminino	*abbadessa*
actor	»	*actriz*
allemão	»	*allemã*
alcaide	»	*alcaideza*
anão	»	*anã*
autocrata	»	*autocratriz*
ancião	»	*anciã*
avô	»	*avó*
barão	»	*baroneza*
bode	»	*cabra*
boi, touro	»	*vacca*
cão	»	*cadella*
carneiro	»	*ovelha*
catalão	»	*catalã*
cavallo	»	*egua*
cervo	»	*corça*
cidadão	»	*cidadã*
coimbrão	»	*coimbrã*
compadre	»	*comadre*
conde	»	*condessa*
diacono	»	*diaconiza*
dom	»	*dona*
duque	»	*duqueza*
elephante	»	*elephanta*
embaixador	»	*embaixatriz*
escrivão	»	*escrivã*
filhote	»	*filhota*
folgazão	»	*folgazona*
frade	»	*freira*
frei	feminino	*soror*
gallo	»	*gallinha*
gamo	»	*corça*
genro	»	*nora*
heróe	»	*heroina*
hospede	»	*hospeda*
homem	»	*mulher*
ilhéo	»	*ilhôa*
imperador	»	*imperatriz* e *imperadora* (Gil Vicente)
infante	»	*infanta*
irmão	»	*irmã*
judeu	»	*judia*
khristão	»	*khristã*
ladrão	»	*ladra*
macho	»	*femea*
meião	»	*meiã*
mestre	»	*mestra*
monge	»	*monja*
mulo ou macho	»	*mula* ou *besta*
padrasto	»	*madrasta*
padre	»	*madre*
padrinho	»	*madrinha*
pae	»	*mãe*
pagão	»	*pagã*
papa	»	*papiza*
pardal	»	*pardoca*

parente	feminino	*parenta*	*réo*	feminino	*ré*
perdigão	»	*perdiz*	*sacerdote*	»	*sacerdotisa*
peru	»	*perua*	*sakhristão*	»	*sakhristã*
poeta	»	*poetiza*	*sandeu*	»	*sandia*
principe	»	*princeza.*	*sultão*	»	*sultana*
prior	»	*prioreza*	*vão*	»	*vã*
propheta	»	*prophetiza*	*villão*	»	*villã*
rapaz	»	*rapariga*	*visconde*	»	*viscondessa*
rei	»	*rainha*	*zangam*	»	*abelha*

221. 1) Alguns substantivos que significam cousas que não têm sexo admittem flexão de genero, e no feminino indicam quasi sempre augmento de volume ou de capacidade no sentido da largura. Taes são

Bacio	feminino	*bacia*	*jarro*	feminino	*jarra*
bago	»	*baga*	*poço*	»	*poça*
barco	»	*barca*	*regueiro*	»	*regueira*
buraco	»	*buraca*	*rio*	»	*ria*
caldeiro	»	*caldeira*	*sacco*	»	*sacca*
caneco	»	*caneca*	*sapato*	»	*sapata*
cantharo	»	*canthara*	*taleigo*	»	*taleiga*
cesto	»	*cesta*	*vallo*	»	*valla*
fosso	»	*fossa*	*chinello*	»	*chinella*
horto	»	*horta*	*chuço*	»	*chuça*

2) Com alguns substantivos o masculino exprime ideia de unidade, e o feminino tem sentido collectivo, ex.:

fructo	feminino	*fructa*
grito	»	*grita*
lenho	»	*lenha*
madeiro	»	*madeira*
marujo	»	*maruja*
ramo	»	*rama*

3) Muitos substantivos masculinos têm com outros femininos identidade morphica e etymologica, diver-

gindo completamente na significação, ex.: «*porto* e *porta*».

4) Muitissimos substantivos masculinos têm com outros femininos similhança morphica, sem que sejam congeneres, nem por significação, nem por etymologia, ex.:

MASCULINOS	FEMININOS
aro, argola	*ara*, altar
banho, ablução	*banha*, gordura
caso, successo	*casa*, morada
fito, alvo	*fita*, tira de seda
medo, pavor	*lima*, utensilio
limo, lodo	*méda*, montão de feixes
prato, vaso	*prata*, metal
queixo, maxilla	*queixa*, lamento
sino, campa	*sina*, sorte
tropa, récua, exercito	*tropo*. termo rhetorico.

5) Os seguintes substantivos são indefferentemente masculinos ou femininos: «*aneurisma, apostema, espia, guia, personagem, sentinella*».

§ 2.º

Numero

222. O numero dos substantivos é indicado pela flexão.

Exceptuam-se os substantivos cujo singular termina por *s*, os quaes conservam-se invariaveis, ex.: «*O alferes, os alferes —o ourives, os ourives*». Todavia ainda n'este caso usavam os antigos escriptores da flexão, escrevendo *alfereses*, *ouriveses*. *Deus* ainda faz *deuses*, e *simples*, no sentido de «ingrediente», faz *simplices*.

223. A *flexão nominal numeral* consiste na addição da desinencia *s* ao singular dos nomes.

224. Recebem a flexão numeral sem soffrer mais modificações os substantivos terminados

1) por voz livre pura, ex.: «*Filha, filhas—alvará, alvarás—rede, redes—galé, galés—nebri, nebris—livro, livros—cipó, cipós—tribu, tribus—jacu, jacus—tilbury, tilburys—tupy, tupys*».

2) por *ã*, ex.: «*Galã, galãs*».

Exceptua-se *ademã* que faz *ademães ou ademanes*.

3) por *am*, ex.: *Orgam, orgams*».

4) por n, ex.: «*Iman, imans—regimen, regimens—colon, colons*».

Exceptua-se *canon* que faz *canones*».

5) por *k*, ex.: «*Almanak, almanaks*».

225. Soffrem modificações para receber a flexão numeral todos os não comprehendidos nas especificações acima.

226. As modificações que experimentam os substantivos para receber a flexão numeral consistem na inserção, na troca e na queda de sons, e, conseguintemente, de lettras.

227. Os substantivos terminados

1) por *r* ou *z* inserem um *e*, ex.: «*Mar, mares—matiz matizes*».

2) por *al, ol, ul* deixam cair *l* e inserem *e*, ex.: «*Capital, capitaes—lençol, lençoes—paul, paues*».

Exceptuam-se *cal, mal, real* (moeda hespanhola) e *consul* que fazem *cales, males, reales* e *consules*. *Real* (moeda portugueza e brazileira) faz *réis*.

3) por *el* deixam cair o *l*, e inserem *i*, ex.: «*Painel, paineis*».

4) por *il* (paroxytono) deixam cair o *l*, e inserem *e* antes de *i*, ex.: «*Fossil, fosseis*».

5) por *il* (oxytono) deixam somente cair o *l*, ex.: «*Reptil, Reptis*».

6) por *em*, *im*, *om*, *um* trocam o *m* por *n*, ex.: «*Margem, margens—fim, fins—tom, tons—atum, atuns*».
7) por *x* trocam o *x* por *ce*, ex.: «*Calix, calices*».
8) por *ão* trocam *ão* por *õe*, ex.: «*Coração, corações*»

Exceptuam-se d'estes

a) os que recebem a flexão sem soffrer mais modificações.

São

Alão	*irmão*
aldeião	*loução*
ancião	*mão*
anão	*meião*
castellão	*pagão*
cidadão	*soldão*
coimbrão	*vão*
comarcão	*villão*
cortezão	*vulcão*
kristão	*chão*
grão	

Alão	faz	tambem	no	plural	*alães* e *alões*
aldeião	»	»	»	»	*aldeães* e *aldeões*
ancião	»	»	»	»	*anciães* e *anciões*
cortezão	»	»	»	»	*cortezões*
soldão	»	»	»	»	*soldães*
villão	»	»	»	»	*villães* e *villões*
vulcão	»	»	»	»	*vulcães* e *vulcões*

b) os que para receber a flexão trocam *ão* por *ãe*.

São

Allemão	*phaisão*
capellão	*guardião*

capitão	*guião*
catalão	*massapão*
cão	*pão*
deão	*sakhristão*
ermitão	*tabellião*
escrivão	*truão*
folião	*charlatão*

Folião	faz	tambem	no	plural	*foliões*
phaisão	»	»	»	»	*phaisões*
guardião	»	»	»	»	*guardiões*
guião	»	»	»	»	*guiões*
sakhristão	»	»	»	»	*sakhristãos*
charlatão	»	»	»	»	*charlatões.*

227. O plural dos substantivos compostos subordina-se ás seguintes regras:

1) Os substantivos compostos formados por dous substantivos ou por um substantivo e um adjectivo recebem a flexão numeral em ambos os elementos quando é uso escreverem-se esses elementos separados por hyphen, ex.: «*Couve-flor, couves-flores—pedreiro-livre, pedreiros-livres*».

Exceptuam-se os que por uso escrevem em uma palavra só, sem discriminarem-se os elementos componentes, ex.: «*Lengalenga—madreperola—madre-silva—pontapé—varapau—aguardente—cantochão—logartenente—rapadura*», que fazem «*Lengalengas, varapaus, aguardentes, rapaduras*, etc.». «*Padre-nosso*» faz indefferentemente «*padre-nossos*» e «*padres-nossos*».

Precedendo o adjectivo na composição, o substantivo composto recebe a flexão numeral sómente no ultimo elemento, ex.: «*recta-guarda, recta-guar-*

das, vangloria, vanglorias». Gentil-homem faz no plural *gentis-homens.*

Recebem tambem uma flexão numeral em ambos os elementos os nomes dos dias da semana, ex.: *Segunda-feira, terça-feira* que fazem *segundas-feiras, terças-feiras. Meio dia, Norte-Sul, verde-mar, verde-montanha, verde-Paris,* não se usam no plural.

Grandalmirante, grão-cruz, grão-mestre, grandofficial, grand-opera fazem no plural *grandalmirantes, grão cruzes, grão-mestres, grandofficiaes, grand-operas* (1).

2) os substantivos compostos formados por um verbo e um substantivo recebem flexão sómente no substantivo, ex.: «*Tirapés—guarda-chuvas*».

3) Os substantivos compostos formados por um adverbio e um adjectivo ou por uma preposição e um substantivo recebem flexão sómente no substantivo, ou no adjectivo ex.: «*Sub-chefe, sempre-vivas*».

4) Os substantivos compostos formados por dous substantivos ligados por preposição recebem a flexão sómente no primeiro substantivo ex.: «*Cabos-de-esquadra*».

Si o segundo elemento já está com flexão numerica pedida pelo sentido, é claro que ella deve ser conservada, ex.: «*Um mestre de meninos, dous mestres de meninos*».

5) Os substantivos compostos formados por dous verbos recebem a flexão em ambos, ex.: «*Luzes-luzes—ruges—ruges*».

Exceptuam-se *ganha-perde* e *leva-traz* que não admittem flexão numerica.

---

(1) A razão é que=*grão, gran, grand'* é o thema de *grande,* tendo se de uma vez perdido a terminação. O mesmo dá-se com são=*san, sant'.*

A palavra «*vaivem*» fórma o seu plural de dous modos: no sentido proprio faz «*vaivens*», ex.: «*Dar vaivens á porta*»; no sentido figurado faz «*vais-vens*», ex.: «*Os vais-vens da sorte*».

6) Os substantivos compostos formados por um verbo e um adverbio não recebem flexão numerica, ex.: «*Uma sucia de mija-mansinho*».

7) Os substantivos compostos formados por tres palavras diversas recebem flexão sómente no ultimo elemento, ex.: «*Mal-me-queres*.

229. Muitos substantivos empregam-se mais geralmente no plural; são:

1) «*algemas, alviçaras, arredores, ambages, andas, calendas, caricias, ervilhas, cãs, cocegas, confins, damas*, (jogo), *escovens, esgares, esponsaes, exequias, fastos, fauces, ferias, fezes, grelhas, idus, lampas, laudes, lemures, matinas, manes, migas, nonas, ovens, papas, pareas, preces, primicias, refens, semeas, sevicias, syrtes, suissas, tremoços, trevas, victualhas, viveres* e os nomes dos *naipes*: *copas, espadas, ouros, paus*».

2) os nomes de cousas pares, ex.: «*bofes, bragas, calças, ceroulas, tesouras, ventas*, etc.»

Todavia diz-se *grelha, treva, refem, calça, ceroula, tesoura*, etc.; e até com alguns como *calça, ceroula, tesoura* vai prevalecendo o uso do singular.

230. Não são habitualmente usados no plural

1) os nomes proprios, ex.: Pedro, Tito.

Exceptua-se um caso: quando são elles tomados figuradamente para significar individuos da mesma classe, como *os Virgilios, os Homeros, os Cesares, os Alexandres*, etc., isto é, os poetas celebres como Virgilio e Homero, os grandes generaes como Cesar, etc.

2) Os nomes de sciencias e artes, tomadas individualmente, ex.: «*a theologia, a philosophia, a esculptura, a pintura*, etc.»;

Exceptua-se o caso de serem taes nomes tomados como nomes de doutrinas scientificas, de obras de arte ex.: «as philosophias dos deistas—as esculpturas de Miguel Angelo—as pinturas de Raphael.

3) Os nomes de qualidades habituaes e os de necessidades e molestias de organismo, ex.: «*a fé, a esperança,* e *a caridade, a fome, a sede, a febre,*» menos quando são tomadas pelos actos e effeitos d'ellas, ex.: «*duas fés e crenças—Deus aborrece avarezas*, isto é, *os actos viciosos da avareza; passei fomes e sedes; reinam febres paludosas*».

4) Os nomes de metaes ou substancias elementares inorganicas, ex.: «*ouro, prata, cobre, hydrogenio, azote, carbone,* etc.»; excepto si quizermos significar peças, artefactos, porções ou especies, accidentalmente differentes, como «*estar a ferros—muitas pratas—aguas mineraes—aguas thermaes, etc*»;

5) Os nomes de productos animaes ou vegetaes, ex.: «*leite—mel—cera—canella—seda, etc.*»;

Todavia diz-se: «*andar a leites;* os méis do Brazil; as sedas de Lyão, etc.»

6) Os nomes de ventos, etc.: «*norte—sul,* etc.»; todavia, cursando dias e temporadas, é costume dizer: «*Entraram-lhe os suestes, os nordestes, as brisas—cursavam os levantes,* etc.»;

Ás vezes o singular emprega-se pelo plural, ex.: *Já tem visto muito janeiro—Sempre diz muita mentira—Tenho lá estado muita vez—Esta moça tem lindo cabello*».

§ 3.º

Grau

231. *A flexão nominal gradual* consiste na addição de desinencias augmentativas ou diminutivas aos nomes em grau normal.

232. São *desinencias augmentativas* principaes *ão, aço, az, azio, alha, orio* e *astro* (de uso litterario este ultimo).

233. Para formar o augmentativo

1) Os nomes terminados em voz livre pura deixam ca«hir a vogal que a representa, e assumem uma das desinencias acima ex.:

de *macaco*	*macacão*
» *mestre*	*mestraço*
» *velhaco*	*velhacaz*
» *copo*	*copazio*
» *muro*	*muralha*
» *fino*	*finorio*
» *poeta*	*poetastro*

2) Os nomes terminados por voz modificada, isto é, por lettra alterante, recebem as duas primeiras desinencias acima sem mais modificações, ex.:

de *mulher*	*mulherão*
» *monsenhor*	*monsenhoraço*

A desinencia *orio* só se adapta a nomes terminados por voz livre.

São muitos os augmentativos idiomaticos que se não sujeitam a regras e a classificações regulares, ex.: «*Amigalhão, bebarraz, bebarro, beberrão, boqueirão, cabeçorra, casarão, corpanzil, canzarrão, doudarrão, espadagão, fatacaz, fradalhão, fradegão,*

*

gatarrão, homemsarrão, ladravaz, linguaraz, machacaz, moçalhão, narigão, porcalhão, rapagão, sabichão, santarrão, toleirão, velhaças, velhão, velhancão.

Ha ainda *beijoca* de *beijo*, *moçoila* de *moça*, *naviarra de nau.*

234. O augmentativo exprime-se tambem pela adjuncção do adjectivo «*forte*», ex.: *forte admiração, forte maroto, forte tolo*. Taes phrases são sempre exclamativas.

235. Alguns substantivos ha formados pela adjuncção de desinencias augmentativas a themas verbaes e não a outros substantivos, ex.: *estirão, fujão, chorão,* e o irregular *comilão.*

236. São *desinencias diminutivas* principaes *inho, ito.*

237. Para formar o diminutivo

1) Todos os nomes barytonos terminados por voz livre pura deixam cair a vogal que a reprensenta, e assumem uma das desinencias acima ex.:

de *gato*	*gatinho*
» *moça*	*mocita*

2) Todos os nomes terminados por voz livre nasal ou por diphtongo, bem como os oxitonos terminados por voz livre pura, inserem um *z* para se encorparem a desinencia, ex.:

de *irmã*	*irmãzinha*
» *pagem*	*pagemsinho*
» *marfim*	*marfimsinho*
» *som*	*somzinho*
» *jejum*	*jejunzinho*
» *pae*	*paesinho*
» *boi*	*boisinho*
» *ladrão*	*ladrãosinho*

3) Os nomes acabados por voz modificada, isto é, por lettra alterante, recebem as desinencias sem mais modificação, ex.:

de *colher*	*colherinha*
» *nariz*	*narizinho*

Todavia diz-se *Gabrielsinho, Manuelsinho,* e tambem *colhersinha, mulhersinha.*

238. São desinencias diminutivas secundarias *ejo, el, ello, ete, eto, elho, ico, im, ilho, isco, ola, olo, ote, oto; ex.:*

de *logar*	*logarejo*
» *corda*	*cordel*
» *porta*	*portello*
» *jogo*	*joguete*
» *coro*	*coreto*
» *folha*	*folhelho*
» *abano*	*abanico*
» *espada*	*espadim*
» *brocado*	*brocadilho*
» *pedra*	*pedrisco*
» *rapaz*	*rapazola*
» *bolinho*	*bolinholo*
» *velho*	*velhote*
» *perdigão, pico*	*perdigoto, picoto.*

A flexão com estas desinencias rege-se pelas mesmas leis por que se governa a que foi feita com as principaes. A desinencia *olo* ajunta-se as mais das vezes a diminutivos em *inho,* ex.: «de *bolinho—bolinholo*».

239. São diminutivos irregulares

de *aguia*	*aguilucho*,	de *monte*	*montezinho*
» *ave*	*avesinha*	» *mulher*	*mulherinha*
» *camara*	*camarazinha*	» *parte*	*partesinha*
» *cão*	*canito*	» *povo*	*populacho*
» *diabo*	*diabrete*	» *rapaz*	*rapagote*
» *fonte*	*fontezinha*	» *rio*	*riacho*
» *frango*	*franganito*	» *verão*	*veranico*
» *grão*	*granito*	» *velho*	*velhusco*
» *lobo*	*lobato* e *lobacho*	» *vulgo*	*vulgacho*
» *moça*	*moçazinha*		

240. Ha ainda

1) um diminutivo em *ebre*—*casebre*.
2) diminutivos familiares, ex.: « de *pae*, *papae*,—de *thio*, *titio*, *de senhor*, *sôr*, *sô* e até *seu*—de *senhora*, *sôra*, *sia* (Minas) *nha* (S. Paulo)—de *soror*, *sôr*.
3) diminutivos eruditos em *culo*, *olo*, *ulo*, ex.: «*Corpusculo*—*homunculo*—*capreolo*—*nucleolo*—*globulo*—*granulo*».
4) diminutivos caseiros e irregulares (alguns) de nomes proprios, ex.:

de *João*	*Joãosinho*
» *Pedro*	*Pedrinho*
» *Anna*	*Nicota*
» *Francisco*	*Chico*, *Chiquinho*, *etc*..
» *José*	*Juca*, *Juquinha*, *etc*..
» *Luiz*	*Lulú*
» *Maria*	*Maricas*, *Maricota*, *etc*.

241. A cada desinencia gradual masculina corresponde quasi sempre uma desinencia feminina: assim

a *ão*	corresponde	*ona*	a *ico*	corresponde	*ica*
» *aço*	»	*aça*	» *ilho*	»	*ilha*
» *orio*	»	*oria*	» *olo*	»	*ola*
» *inho*	»	*inha*	» *oto*	»	*ota*
» *ejo*	»	*eja*	» *culo*	»	*cula*
» *ello*	»	*ella*	» *eolo*	»	*eola*
» *eto*	»	*eta*	» *ulo*	»	*ula etc.*
» *elho*	»	*elha*			

Exemplos:

Macacão	de	*macaco*	corresponde a	*solteirona*	de	*solteira*
senhoraço	»	*senhor*	» »	*senhoraça*	»	*senhora*
finorio	»	*fino*	» »	*finoria*	»	*fina*
gatinho	»	*gato*	» »	*gatinha*	»	*gata*
mocito	»	*moço*	» »	*mocita*	»	*moça*
logarejo	»	*logar*	» »	*carqueja*	»	*carque*
portello	»	*porta*	» »	*picadella*	»	*picada*
coreto	»	*coro*	» »	*maleta*	»	*mala*
folhelho	»	*folha*	» »	*quartelha*	»	*quarta*
abanico	»	*abano*	» »	*pellica*	»	*pelle*
brocadilho	»	*brocado*	» »	*espiguilha*	»	*espiga*
bolinhólo	»	*bolinho, bolo*	» »	*casinhola*	»	*casinha, casa*
picoto	»	*pico*	» »	*casota*	»	*casa*
corpusculo	»	*corpo*	» »	*molecula*	»	*mole*
capréolo	»	*capro*	» »	*capréola*	»	*cabra* (Latim p)
globulo	»	*globo*	» »	*fórmula*	»	*fórma*

A fórma diminutiva tem por vezes força de superlativo, quer no sentido phisico, quer no moral, ex.: «*Vacca chegadinha a parir*, isto é, *muito chegada*—*Um pobresinho*, isto é, *um homem muito pobre*».

A facilidade de flexão gradual é um dos elementos da vida energica e da mobilidade graciosa da lingua portugueza: tambem o emprego acertado d'essas formas, tão maravilhosamente cambiantes, é de grande, de quasi insuperavel difficuldade para quem não bebeu o conhecimento da lingua com o leite materno. Um exemplo de entre milhares: de *pobre* fórma-se o diminutivo *pobrete* que representa a ideia primitiva burlescamente diminuida; de *pobrete* deriva-se o augmentativo *pobretão* que mais ainda accentua o ridiculo que já pesava sobre *pobreto* de *pobretão*,

obtem-se o diminutivo *pobretãosinho* que vem ajuntar ao ridiculo uma como lastima insultuosa.

O infinito presente e o gerundio fórmas nominaes do verbo, equivalentes, a substantivos assume a flexão diminutiva, ex.: «*Um andarzinho—Estar dormindinho—Eu e ella andamos muito manas* PASSIANDITO *a par* (1)».

Em Hespanhal e em Gallego dá-se o mesmo uso.

II

ARTIGO

242. O artigo, estrictamente fallando, não tem radical ou thema: é antes uma desinencia prepositiva, cujo fim é, como já se viu, particularisar a significação do substantivo.

243. As flexões ou melhor as variações do artigo definido são:

Singular	masculino	*o*
»	feminino	*a*
Plural	masculino	*os*
»	feminino	*as*

III

ADJECTIVO

244. O adjectivo admitte flexões de genero, de numero, de grau de significação e de grau de qualificação.

245. Em geral as leis da flexão dos adjectivos são as mesmas que governam a flexão dos substantivos: assim de *bonito* tiram-se *bonitos, bonita, bonitas, bonitão, bonitona, bonitinho, bonitinha, bonitote, bonitota* etc.

(1) A. F. Castilho, *Sonho de uma noute de S. João*, Acto II. Scena 2.ª

§ 1.º

Genero

246. Admittem flexão de genero

1) os adjectivos descriptivos terminados

a) por *o*, os quaes mudam *o* em *a* ex.: «*Branco branca*».

b) por *ez, ol, or, u,* os quaes ajuntam simplesmente a desinencia *a*, ex: «*Camponez, camponeza—hespanhol, hespanhola — defensor, defensora — nu, nua*».

Exceptuam-se como invariaveis:

a) dos acabados em *ez—cortez* com seu composto *descortez*; *montez, pedrez, pescarez, soez.*

Todos os adjectivos em *ez* eram antigamente invariaveis. Lê-se ainda em Diniz (1):

«Quem mais sente as terriveis consequencias
«E' a nossa *portugueza*, casta linguagem».

b) dos acabados em *ol—reinol.*

Hespanhol era tambem invariavel: dizia-se «*lingua hespanhol, manta hespanhol*».

c) dos acabados em *or—anterior, citerior, exterior, inferior, interior, maior, melhor, peior, posterior, semsabor, superior.*

d) por *ão,* os quaes mudam *ão* em *ã* ex.: «*Vão, vã*».

Grão (*gran*, apocope de *grande*) é invariavel.

e) por *om*, em que *om* troca-se por *oa* ex.: «*bom, boa* (é o unico da classe).

2) os adjectivos determinativos na seguinte ordem

(1) *Hyssope,* Canto V.

a) os numeraes cardiaes *um, dois,* que fazem *uma, duas.*
b) todos os numeraes ordinaes, ex.: «*Quarto—quinto,* etc.» que fazem regularmente «*quarta—quinta,* etc.»
c) todos os multiplicativos, ex.: «*Duplo—quadruplo,* etc.» que fazem regularmente «*dupla—quadrupla,* etc.»
d) todos os demonstrativos, ex.: «*Este—esse,* etc.» que fazem «*esta, essa,* etc.»
e) o distributivo «*cada um*» que faz regularmente «*cada uma*».
f) o conjunctivo «*cujo*» que faz regularmente «*cuja*».
g) os possessivos «*nosso, vosso, proprio, alheio*» que fazem regularmente «*nossa, vossa, propria, alheia*».

«*Meu, teu, seu*» fazem regularmente «*minha, tua, sua*».

h) os indefinidos «*algum, certo, mesmo, muito, outro, pouco, quanto, quejando, tanto, todo*» que fazem o feminino regularmente» *alguma, certa, mesma,* etc.»

247. Não admittem flexão de genero

1) os adjectivos terminados por *e, al, el, il, ul, ar, er, az, iz, oz, m, n, s,* ex.: «*Leve—geral—fiel—subtil—azul—particular—esmoler—efficaz — feliz—feroz—ruim—joven—simples*».
2) os adjectivos determinativos seguintes:
   a) os numeraes cardiaes de «*dous*» em diante, ex.: «*Tres—dez,* etc.»

   Exceptuam-se os compostos de «*um*» e «*dous*», ex.: «*Vinte e um—trinta e dous*» que fazem «*vinte e uma—trinta e duas,* e os nomes de centenas, ex.: *duzentas, quinhentas*».

b) o distributivo «*cada*».
c) os conjunctivos «*qual, que*».
d) os indefinidos «*mais, menos, qual, quer, só, tal*».

§ 2.º

Numero

248. Os adjectivos, tanto descriptivos como determinativos, seguem geralmente na flexão numeral as regras dadas para a flexão numeral dos substantivos.

249. São invariaveis quanto ao numero

1) grão (apocope de *grande*) e *são* (apocope de *Santo*)
2) os determinativos *cada, cada um, mais, menos, que*.

«*Qualquer*» faz no plural «*quaesquer*».

§ 3.º

Grau

250. Considera-se a qualidade de uma cousa como existindo nella em maior ou em menor grau. O adjectivo póde exprimir essa qualidade em todos os seus graus. Quando a exprime como simplesmente existindo, diz-se que está no grau *positivo* de qualificação; ex.: «*O ouro é pesado*». Quando a exprime como existindo em grau maior ou menor relativamente a outras cousas que tambem a tenham, diz-se que está no grau *comparativo*, ex.: «*A platina é mais pesada do que a prata, e menos fuzivel de que o ouro*». Quando a exprime como existindo no mais elevado ou no mais diminuto grau relativamente a outras cousas que tambem a tenham, diz-se que está no *superlativo relativo*, ex.: «*O ouro é o mais pesado dos metaes.*» Quando a exprime como existindo em elevado grau, mas sem estabelecer comparação com outras cousas que tambem a tenham, diz-se que está no *superlativo absoluto*, ex.: *uro é pesadissimo*».

251. Só o superlativo absoluto é que se fórma em Portuguez por meio de flexão.

Ver-se-á na *syntaxe* a maneira de formar os graus de comparação e de superioridade relativa. Todavia *bom, mau, grande, pequeno* têm comparativos flexionaes de radicaes latinos, são; *Melhor peior, maior, menor*». «*Junior, major, prior, senior*» e outros comparativos latinos são sempre substantivos em Portuguez, e só remotamente involvem idéia de comparação.

252. A desinencia gradual de superlatividade absoluta é *simo*.

Esta terminação *simo* deriva-se da terminação latina *simo* (ablativo de *simus*). A fórma superlativa *simus* é abrandamento de *timus* que ainda se encontra pura em *intimus*; vem do aryaco *tamas* ex.: *anatamas*. *Simus*=*timus* contrae-se em certos casos, de modo que desapparece completamenté *s*=*t*, ex.: *facilimus*, *maximus*, *pulcherrimus*; em Portuguez: *facilimo*, *maximo*, *pulkherrimo*.

253. Para receber esta desinencia os adjectivos terminados

1) por *al*, *il*, *u* nenhuma modificação experimentam, ex.: «de *essencial*, *essencialissimo*—de *agil*, *agilissimo*—de *crú*, *cruissimo*».
2) por *vel* mudam *vel* em *bil*, ex.: «de *amavel*, *amabilissimo*».
3) por *um* mudam *m* em *n*, ex.: «de *commum*, *communissimo*».
4) por *ão* mudam *ão* em *an*, ex.: «de *vão*, *vanissimo*».
5) por *z* mudam *z* em *c*, ex.: «de *ferraz*, *feracissimo*».
6) por *e* e *o* deixam cair a vogal, ex.: «de *triste*, *tristissimo*—de *lindo*, *lindissimo*».

254. São superlativos absolutos irregulares, ou antes, formados de radicaes latinos

Acerrimo	de	*acre*	*generalismo*	de	*geral*
amicissimo	»	*amigo*	*homilissimo* ou *homillimo*	»	*homilde*
antiquissimo	»	*antigo*	*liberrimo*	»	*livre*
asperrimo	»	*aspero*	*magnificentissimo*	»	*magnifico*
celeberrimo	»	*celebre*	*miserrimo*	»	*misero*
khristianissimo	»	*khristão*	*nobilissimo*	»	*nobre*
crudelissimo	»	*cruel*	*pauperrimo*	»	*pobre*
difficilimo	»	*difficil*	*sacratissimo*	»	*sagrado*
dolcissimo	»	*doce*	*sapientissimo*	»	*sabio*
facilimo	»	*facil*	*saluberrimo*	»	*salubre*
fidelissimo	»	*fiel*	*similimo*	»	*similhante*
frigidissimo	»	*frio*	*uberrimo*	»	*ubertoso*

Encontram-se todavia frequentemente as fórmas regulares *amiguissimo, antiguissimo, asperissimo, celebrissimo, cruelissimo, humildissimo, etc.*

255. Os seguintes, formados tambem de radicaes latinos, são superlativos absolutos heterogeneos, isto é, correspondem a positivos de que são morphologicamente diversissimos.

Infimo	de	*baixo*
maximo	»	*grande*
minimo	»	*pequeno*
optimo	»	*bom*
pessimo	»	*mau*
summo	»	*alto*
supremo	»	*alto*

Encontram-se frequentemente as fórmas regulares *baixissimo, grandissimo, pequenissimo, bonissimo, altissimo. Mau* faz tambem *malissimo.*

Comquanto, rigorosamente fallando, o substantivo não possa admittir esta flexão, que é propria do adjectivo discritivo, todavia encontram-se as fórmas—*cousissima, irmanissimo.* Na

edade media se dizia em Latim barbaro «*dominissima*». Plauto escreveu: «*O patrue mi patruissime*»

256. Os adjectivos podem tambem flexionar-se para exprimir o grau augmentivo e o diminutivo. As regras que seguem são as mesmas dos substantivos, ex. «de *soberbo* — *soberbão, soberbaço; soberbinho, soberbito,* etc.

O participio do presente e o aoristo assumem flexões augmentativas e diminutivas, ex. «*Amantão, amantinho* de *amante* — *encolhidão, encolhidinho* de *encolhido*».

257. São augmentativos irregulares de adjectivos

1) os adjectivos terminados em *udo* que indicam por si abundancia, desenvolvimento na idéia significada pelo seu thema, ex.: *barrigudo, beiçudo, linguarudo, narigudo, olhudo, orelhudo, testudo,* etc».

2)	*feanchão*	de	*feio*
	fracalhão	»	*fraco*
	grandalhão	»	*grande*
	gordanlhudo	»	*gordo*
	pedinchão }	»	*pedinte*
	pidonho }	»	
	santarrão	»	*santo*
	secarrão	»	*secco*
	tristonho	»	*triste.*

IV

PRONOME

258. Os pronomes substantivos ou pessoaes, para exprimir as diversas relações (Vide a *syntaxe*), flexionam-se do modo especial seguinte:

SINGULAR

	1.ª Pessôa	2.ª Pessôa	3.ª Pessôa
Relação subjectiva	*eu*	*tu*	*elle, ella*
» objectiva	*me*	*te*	*o, a, se*
» adverbial	*mim, comigo*	*ti, comtigo*	*si, comsigo, elle, ella*
» objectiva-adverbial	*me*	*te*	*lhe, se.*

PLURAL

	1.ª Pessôa	2.ª Pessôa	3.ª Pessôa
Relação subjectiva	*nós*	*vós*	*elles, ellas*
» objectiva	*nos*	*vos*	*os, as, se*
» adverbial	*nós, comnosco*	*vós, comvosco*	*si, comsigo, elles, ellas*
» objectiva-adverbial	*nos*	*vos*	*lhes, se.*

Lhe, como se vê do eskhema acima, só recebe flexão de numero, e fórma *lhes.*

Lhes em concurso com *o, a, os, as,* fórma *lho, lha, lhos, lhas,* ex.:

«O' santas que embalais os berços das crianças,
«E assim **lh***os* revestis de floreas esperanças (1)».

Nos *Luziadas* encontra-se a cada passo *lhe* como fórma invariavel, ex.:

---

(1) Guilherme Braga, *Parnaso Portuguez* de Theophilo Braga, Lisbôa, 1877, pag. 121.

«A cidade *correram* e *notaram*
«Muito menos daquillo que *queriam*
«Que os Mouros cautelosos se guardavam
«De **lhe** mostrarem tudo que *pediam* (2)»

O, a, os, as, me, te, se, lhe, nos, vos, lhes chamam-se pronomes *encliticos* por isto que sempre se acostam ao verbo depois do qual vêm, ex.: «*Viu-a—dizem-me,* etc.»

259. Aos pronomes adjectivos applica-se tudo o que ficou dito sobre a flexão dos adjectivos determinativos.

V

VERBO

260. Ha em Portuguez quatro conjugações que se distinguem pela terminação do presente do infinito :

a primeira tem a terminação do presente do infinito em *ar* ex.: «*Cantar*».
» segunda » » » » » » » *er* ex.: «*Vender*».
» terceira » » » » » » » *ir* ex.: «*Partir* ».
» quarta » » » » » » » *ôr* ex.: «*Pôr*» .

Os elementos completos da flexão verbal regular acham-se no seguinte quadro synoptico : para as tres primeiras conjugações — *cantar vender, partir* — nada mais ha a fazer do que junctar as terminações do quadro aos themas — *am, vend, part.* — A quarta conjugação — *pôr* — está no quadro pratica e não scientificamente disposta : com effeito, antepondo-se a modificação — p — ás terminações, está conjugado o verbo. Mas cumpre notar que o thema do verbo não se limita a essa modificação — p — : as vozes fechadas *ô* e *u* e as nasaes que figuram nas terminações pertencem ao thema que é de facto —*pô*, *põ*; *pu*, *punh* e não — *p* — simplesmente.

---

(2) Canto II, Est. IX.

pos	eros	soas	INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	[illegible] Pessoal	[illegible] Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Hei	…	…	Haja	Haver		…
		2.ª	Has	Ha	…	Hajas	Haveres		…
		3.ª	Ha	…	…	Haja	Haver	Haver	…
	Plural	1.ª	Havemos ou hemos	…	…	Hajamos	Havermos		…
		2.ª	Haveis ou heis	Havei	…	Hajais	Haverdes		…
		3.ª	Hão	…	…	Hajam	Haverem		…
Imperfeito	Singular	1.ª	Havia ou hia	…	Haveria ou houvera	Houvesse ou houvera	…	…	
		2.ª	Havias ou hias	…	Haverias ou houveras	Houvesses ou houveras	…	…	
		3.ª	Havia ou hia	…	Haveria ou houvera	Houvesse ou houvera	…	…	Havendo
	Plural	1.ª	Haviamos ou hiamos	…	Haveriamos ou houveramos	Houvessemos ou houveramos	…	…	
		2.ª	Havieis ou hieis	…	Haverieis ou houvereis	Houvesseis ou houvereis	…	…	
		3.ª	Haviam ou hiam	…	Haveriam ou houveram	Houvessem ou houveram	…	…	
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho havido	…	Teria ou tivera havido	Tenha havido	Ter havido		…
		2.ª	Tens havido	…	Terias ou tiveras havido	Tenhas havido	Teres havido		…
		3.ª	Tem havido	…	Teria ou tivera havido	Tenha havido	Ter havido	Ter havido	…
	Plural	1.ª	Temos havido	…	Teriamos ou tiveramos havido	Tenhamos havido	Termos havido		…
		2.ª	Tendes havido	…	Terieis ou tivereis havido	Tenhais havido	Terdes havido		…
		3.ª	Têm havido	…	Teríam ou tiveram havido	Tenham havido	Terem havido		…
Aoristo	Singular	1.ª	Houve	…	…	…	…	…	
		2.ª	Houveste	…	…	…	…	…	
		3.ª	Houve	…	…	…	…	…	Havia, a, os, as
	Plural	1.ª	Houvemos	…	…	…	…	…	
		2.ª	Houvestes	…	…	…	…	…	
		3.ª	Houveram	…	…	…	…	…	

Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Houvera ou tinha havido	...	...	Tivesse ou tivera havido	...	...	...
		2.ª	Houveras ou tinhas havido	...	...	Tivesses ou tiveras havido	...	...	...
		3.ª	Houvera ou tinha havido	...	...	Tivesse ou tivera havido	...	...	...
	Plural	1.ª	Houveramos ou tinhamos havido	...	...	Tivessemos ou tiveramos havido	...	...	...
		2.ª	Houvereis ou tinheis havido	...	...	Tivesseis ou tivereis havido	...	...	...
		3.ª	Houveram ou tinham havido	...	...	Tivessem ou tiveram havido	...	...	...
Futuro	Singular	1.ª	Haverei	...	...	Houver	...	...	...
		2.ª	Haverás	...	...	Houveres	...	...	...
		3.ª	Haverá	...	...	Houver	...	...	...
	Plural	1.ª	Haveremos	...	...	Houvermos	...	...	...
		2.ª	Havereis	...	...	Houverdes	...	...	...
		3.ª	Haverão	...	...	Houverem	...	...	...
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei havido	...	...	Tiver havido	...	...	...
		2.ª	Terás havido	...	...	Tiveres havido	...	...	...
		3.ª	Terá havido	...	...	Tiver havido	...	...	...
	Plural	1.ª	Teremos havido	...	...	Tivermos havido	...	...	...
		2.ª	Tereis havido	...	...	Tiverdes havido	...	...	...
		3.ª	Terão havido	...	...	Tiverem havido	...	...	...
Gerundio			...	...	...	...	...	Havendo	...
Gerundio anterior			...	...	...	...	...	Tendo havido	...

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmas nominaes		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO Pessoal	INFINITO Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Tenho	......	......	Tenha	Ter		
		2.ª	Tens	Tem	......	Tenhas	Teres		
		3.ª	Tem	......	......	Tenha	Ter	Ter	Tente
	Plural	1.ª	Temos	......	......	Tenhamos	Termos		
		2.ª	Tendes	Tende	......	Tenhais	Terdes		
		3.ª	Têm	......	......	Tenham	Terem		
Imperfeito	Singular	1.ª	Tinha	......	Teria ou tivera	Tivesse ou tivera	......	......	
		2.ª	Tinhas	......	Terias ou tiveras	Tivesses ou tiveras	......	......	
		3.ª	Tinha	......	Teria ou tivera	Tivesse ou tivera	......	......	Tendo
	Plural	1.ª	Tinhamos	......	Teriamos ou tiveramos	Tivessemos ou tiveramos	......	......	
		2.ª	Tinheis	......	Terieis ou tivereis	Tivesseis ou tivereis	......	......	
		3.ª	Tinham	......	Teriam ou tiveram	Tivessem ou tiveram	......	......	
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho tido	......	Teria tido ou tivera tido	Tenha tido	Ter tido		......
		2.ª	Tens tido	......	Terias tido ou tiveras tido	Tenhas tido	Teres tido		......
		3.ª	Tem tido	......	Teria tido ou tivera tido	Tenha tido	Ter tido	Ter tido	......
	Plural	1.ª	Temos tido	......	Teriamos tido ou tiveramos tido	Tenhamos tido	Termos tido		......
		2.ª	Tendes tido	......	Terieis tido ou tivereis tido	Tenhais tido	Terdes tido		......
		3.ª	Têm tido	......	Teriam tido ou tiveram tido	Tenham tido	Terem tido		......
Aoristo	Singular	1.ª	Tive	......	......	......	......	......	
		2.ª	Tiveste	......	......	......	......	......	
		3.ª	Teve	......	......	......	......	......	Tido, a, os, as
	Plural	1.ª	Tivemos	......	......	......	......	......	
		2.ª	Tivestes	......	......	......	......	......	
		3.ª	Tiveram	......	......	......	......	......	

Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Tivera ou tinha tido			Tivesse tido ou tivera tido		
		2.ª	Tiveras ou tinhas tido			Tivesses tido ou tiveras tido		
		3.ª	Tivera ou tinha tido			Tivesse tido ou tivera tido		
	Plural	1.ª	Tiveramos ou tinhamos tido			Tivessemos tido ou tiveramos tido		
		2.ª	Tivereis ou tinheis tido			Tivesseis tido ou tivereis tido		
		3.ª	Tiveram ou tinham tido			Tivessem tido ou tiveram tido		
Futuro	Singular	1.ª	Terei			Tiver		
		2.ª	Terás			Tiveres		
		3.ª	Terá			Tiver		
	Plural	1.ª	Teremos			Tivermos		
		2.ª	Tereis			Tiverdes		
		3.ª	Terão			Tiverem		
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei tido			Tiver tido		
		2.ª	Terás tido			Tiveres tido		
		3.ª	Terá tido			Tiver tido		
	Plural	1.ª	Teremos tido			Tivermos tido		
		2.ª	Tereis tido			Tiverdes tido		
		3.ª	Terão tido			Tiverem tido		
Gerundio								Tendo
Gerundio anterior								Tendo tido

Tabella n.º 4

Conjugação do verbo substantivo SER

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos: INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Fórmas nominaes: INFINITO Pessoal	INFINITO Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Sou	...	...	Seja	Ser	Ser	...
		2.ª	És	Sê	...	Sejas	Seres		...
		3.ª	É	...	...	Seja	Ser		...
	Plural	1.ª	Somos	...	...	Sejâmos	Sermos		...
		2.ª	Sois	Sêde	...	Sejais	Serdes		...
		3.ª	São	...	...	Sejam	Serem		...
Imperfeito	Singular	1.ª	Era	...	Seria ou fôra	Fosse ou fôra	...	...	Sendo
		2.ª	Eras	...	Serias ou fôras	Fosses ou fôras	...	...	
		3.ª	Era	...	Seria ou fôra	Fosse ou fôra	...	...	
	Plural	1.ª	Eramos	...	Seriamos ou fôramos	Fossemos ou fôramos	...	...	
		2.ª	Ereis	...	Serieis ou foreis	Fosseis ou fôreis	...	...	
		3.ª	Eram	...	Seriam ou foram	Fossem ou fôram	...	...	
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho sido	...	Teria ou tivera sido	Tenha sido	Ter sido	Ter sido	...
		2.ª	Tens sido	...	Terias ou tiveras sido	Tenhas sido	Teres sido		...
		3.ª	Tem sido	...	Teria ou tivera sido	Tenha sido	Ter sido		...
	Plural	1.ª	Temos sido	...	Teriamos ou tiveramos sido	Tenhamos sido	Termos sido		...
		2.ª	Tendes sido	...	Terieis ou tivereis sido	Tenhais sido	Terdes sido		...
		3.ª	Têm sido	...	Teriam ou tiveram sido	Tenham sido	Terem sido		...
Aoristo	Singular	1.ª	Fui	...	...	...	...	...	Sido (invariavel)
		2.ª	Foste	...	...	...	...	...	
		3.ª	Foi	...	...	...	...	...	
	Plural	1.ª	Fomos	...	...	...	...	...	
		2.ª	Fostes	...	...	...	...	...	
		3.ª	Fôram	...	...	...	...	...	

Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Fôra ou tinha sido			Tivesse ou tivera sido			
		2.ª	Fôras ou tinhas sido			Tivesses ou tiveras sido			
		3.ª	Fôra ou tinha sido			Tivesse ou tivera sido			
	Plural	1.ª	Fôramos ou tinhamos sido			Tivessemos ou tiveramos sido			
		2.ª	Fôreis ou tinheis sido			Tivesseis ou tivereis sido			
		3.ª	Fôram ou tinham sido			Tivessem ou tiveram sido			
Futuro	Singular	1.ª	Serei			Fôr			
		2.ª	Serás			Fôres			
		3.ª	Será			Fôr			
	Plural	1.ª	Seremos			Fôrmos			
		2.ª	Sereis			Fôrdes			
		3.ª	Serão			Fôrem			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei sido			Tiver sido			
		2.ª	Terás sido			Tiveres sido			
		3.ª	Terá sido			Tiver sido			
	Plural	1.ª	Teremos sido			Tivermos sido			
		2.ª	Tereis sido			Tiverdes sido			
		3.ª	Terão sido			Tiverem sido			
Gerundio								Sendo	
Gerundio anterior								Tendo sido	

Tabella n.º 5 — Conjugação do verbo ESTAR

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmas nominaes		
							INFINITO		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Pessoal	Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Estou			Esteja	Estar	Estar	Estante
		2.ª	Estás	Está		Estejas	Estares		
		3.ª	Está			Esteja	Estar		
	Plural	1.ª	Estamos			Estejamos	Estarmos		
		2.ª	Estais	Estae		Estejais	Estardes		
		3.ª	Estão			Estejam	Estarem		
Imperfeito	Singular	1.ª	Estava		Estaria ou estivera	Estivesse ou estivera			Estando
		2.ª	Estavas		Estarias ou estiveras	Estivesses ou estiveras			
		3.ª	Estava		Estaria ou estivera	Estivesse ou estivera			
	Plural	1.ª	Estavamos		Estariamos ou estiveramos	Estivessemos ou estiveramos			
		2.ª	Estaveis		Estarieis ou estivereis	Estivesseis ou estivereis			
		3.ª	Estavam		Estariam ou estiveram	Estivessem ou estiveram			
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho estado		Teria ou tivera estado	Tenha estado	Ter estado	Ter estado	
		2.ª	Tens estado		Terias ou tiveras estado	Tenhas estado	Teres estado		
		3.ª	Tem estado		Teria ou tivera estado	Tenha estado	Ter estado		
	Plural	1.ª	Temos estado		Teriamos ou tiveramos estado	Tenhamos estado	Termos estado		
		2.ª	Tendes estado		Terieis ou tivereis estado	Tenhais estado	Terdes estado		
		3.ª	Têm estado		Teriam ou tiveram estado	Tenham estado	Terem estado		
Aoristo	Singular	1.ª	Estive						Estado
		2.ª	Estiveste						
		3.ª	Esteve						
	Plural	1.ª	Estivemos						
		2.ª	Estivestes						
		3.ª	Estiveram						

Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Estivera ou tinha estado			Tivesse ou tivera estado			
		2.ª	Estiveras ou tinhas estado			Tivesses ou tiveras estado			
		3.ª	Estivera ou tinha estado			Tivesse ou tivera estado			
	Plural	1.ª	Estiveramos ou tinhamos estado			Tivessemos ou tiveramos estado			
		2.ª	Estivereis ou tinheis estado			Tivesseis ou tivereis estado			
		3.ª	Estiveram ou tinham estado			Tivessem ou tiveram estado			
Futuro	Singular	1.ª	Estarei			Estiver			
		2.ª	Estarás			Estiveres			
		3.ª	Estará			Estiver			
	Plural	1.ª	Estaremos			Estivermos			
		2.ª	Estareis			Estiverdes			
		3.ª	Estarão			Estiverem			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei estado			Tiver estado			
		2.ª	Terás estado			Tiveres estado			
		3.ª	Terá estado			Tiver estado			
	Plural	1.ª	Teremos estado			Tivermos estado			
		2.ª	Tereis estado			Tiverdes estado			
		3.ª	Terão estado			Tiverem estado			
Gerundio								Estando	
Gerundio anterior								Tendo estado	

Tabella n.º 6

Conjugação do verbo CANTAR (paradigma da 1.ª Conjugação)

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos: INDICATIVO	Modos: IMPERATIVO	Modos: CONDICIONAL	Modos: SUBJUNCTIVO	Fórmas nominaes: INFINITO Pessoal	Fórmas nominaes: INFINITO Impessoal	Fórmas nominaes: PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Canto			Cante	Cantar	Cantar	Cantante
		2.ª	Cantas	Canta		Cantes	Cantares		
		3.ª	Canta			Cante	Cantar		
	Plural	1.ª	Cantamós			Cantemos	Cantarmos		
		2.ª	Cantais	Cantae		Canteis	Cantardes		
		3.ª	Cantam			Cantem	Cantarem		
Imperfeito	Singular	1.ª	Cantava		Cantaria ou cantára	Cantasse ou cantára			Cantando
		2.ª	Cantavas		Cantarias ou cantáras	Cantasses ou cantáras			
		3.ª	Cantava		Cantaria ou cantára	Cantasse ou cantára			
	Plural	1.ª	Cantavamos		Cantariamos ou cantáramos	Cantassemos ou cantáramos			
		2.ª	Cantaveis		Cantarieis ou cantareis	Cantasseis ou cantáreis			
		3.ª	Cantavam		Cantariam ou cantaram	Cantassem ou cantaram			
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho cantado		Teria ou tivera cantado	Tenha cantado	Ter cantado	Ter cantado	
		2.ª	Tens cantado		Terias ou tiveras cantado	Tenhas cantado	Teres cantado		
		3.ª	Tem cantado		Teria ou tivera cantado	Tenha cantado	Ter cantado		
	Plural	1.ª	Temos cantado		Teriamos ou tiveramos cantado	Tenhamos cantado	Termos cantado		
		2.ª	Tendes cantado		Terieis ou tivereis cantado	Tenhais cantado	Terdes cantado		
		3.ª	Têm cantado		Teriam ou tiveram cantado	Tenham cantado	Terem cantado		
Aoristo	Singular	1.ª	Cantei						Cantado, a, os, as
		2.ª	Cantaste						
		3.ª	Cantou						
	Plural	1.ª	Cantámos						
		2.ª	Cantastes						
		3.ª	Cantaram						

Plusquam-perfeito	Singular	2.ª	Cantáras ou tinhas cantado			Tivesses ou tiveras cantado			
		3.ª	Cantára ou tinha cantado			Tivesse ou tivera cantado			
	Plural	1.ª	Cantaramos ou tinhamos cantado			Tivessemos ou tiveramos cantado			
		2.ª	Cantareis ou tinheis cantado			Tivesseis ou tivereis cantado			
		3.ª	Cantaram ou tinham cantado			Tivessem ou tiveram cantado			
Futuro	Singular	1.ª	Cantarei			Cantar			
		2.ª	Cantarás			Cantares			
		3.ª	Cantará			Cantar			
	Plural	1.ª	Cantaremos			Cantarmos			
		2.ª	Cantareis			Cantardes			
		3.ª	Cantarão			Cantarem			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei cantado			Tiver cantado			
		2.ª	Terás cantado			Tiveres cantado			
		3.ª	Terá cantado			Tiver cantado			
	Plural	1.ª	Teremos cantado			Tivermos cantado			
		2.ª	Tereis cantado			Tiverdes cantado			
		3.ª	Terão cantado			Tiverem cantado			
Gerundio								Cantando	
Gerundio anterior								Tendo cantado	

Tabella n.º 7

Conjugação do verbo VENDER (paradigma da 2.ª Conjugação)

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmas nominaes		
							INFINITO		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Pessoal	Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Vendo			Venda	Vender	Vender	Vendente
		2.ª	Vendes	Vende		Vendas	Venderes		
		3.ª	Vende			Venda	Vender		
	Plural	1.ª	Vendemos			Vendamos	Vendermos		
		2.ª	Vendeis	Vendei		Vendais	Venderdes		
		3.ª	Vendem			Vendam	Venderem		
Imperfeito	Singular	1.ª	Vendia		Venderia ou vendêra	Vendesse ou vendêra			Vendendo
		2.ª	Vendias		Venderias ou vendêras	Vendesses ou vendêras			
		3.ª	Vendia		Venderia ou vendêra	Vendesse ou vendêra			
	Plural	1.ª	Vendiamos		Venderiamos ou vendêramos	Vendessemos ou vendêramos			
		2.ª	Vendieis		Venderieis ou vendêreis	Vendesseis ou vendêreis			
		3.ª	Vendiam		Venderiam ou vendêram	Vendessem ou vendêram			
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho vendido		Teria ou tivera vendido	Tenha vendido	Ter vendido	Ter vendido	
		2.ª	Tens vendido		Terias ou tiveras vendido	Tenhas vendido	Teres vendido		
		3.ª	Tem vendido		Teria ou tivera vendido	Tenha vendido	Ter vendido		
	Plural	1.ª	Temos vendido		Teriamos ou tiveramos vendido	Tenhamos vendido	Termos vendido		
		2.ª	Tendes vendido		Terieis ou tivereis vendido	Tenhais vendido	Terdes vendido		
		3.ª	Têm vendido		Teriam ou tiveram vendido	Tenham vendido	Terem vendido		
Aoristo	Singular	1.ª	Vendi						Vendido, a, os, as
		2.ª	Vendeste						
		3.ª	Vendeu						
	Plural	1.ª	Vendemos						
		2.ª	Vendestes						
		3.ª	Venderam						

Tense	Number	Person							
Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Vendêra ou tinha vendido			Tivesse ou tivera vendido			
		2.ª	Vendêras ou tinhas vendido			Tivesses ou tiveras vendido			
		3.ª	Vendêra ou tinha vendido			Tivesse ou tivera vendido			
	Plural	1.ª	Vendêramos ou tinhamos vendido			Tivessemos ou tiveramos vendido			
		2.ª	Vendêreis ou tinheis vendido			Tivesseis ou tivereis vendido			
		3.ª	Venderam ou tinham vendido			Tivessem ou tiveram vendido			
Futuro	Singular	1.ª	Venderei			Vender			
		2.ª	Venderás			Venderes			
		3.ª	Venderá			Vender			
	Plural	1.ª	Venderemos			Vendermos			
		2.ª	Vendereis			Venderdes			
		3.ª	Venderão			Venderem			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei vendido			Tiver vendido			
		2.ª	Terás vendido			Tiveres vendido			
		3.ª	Terá vendido			Tiver vendido			
	Plural	1.ª	Teremos vendido			Tivermos vendido			
		2.ª	Tereis vendido			Tiverdes vendido			
		3.ª	Terão vendido			Tiverem vendido			
Gerundio								Vendendo	
Gerundio anterior								Tendo vendido	

Tabella n.º 8

Conjugação do verbo PARTIR (paradigma da 3.ª Conjugação)

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmas nominaes		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO — Pessoal	INFINITO — Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Parto	...	...	Parta	Partir	Partir	...
		2.ª	Partes	Parte	...	Partas	Partires		...
		3.ª	Parte	...	...	Parta	Partir		...
	Plural	1.ª	Partimos	...	...	Partamos	Partirmos		...
		2.ª	Partis	Parti	...	Partaes	Partirdes		...
		3.ª	Partem	...	...	Partam	Partirem		...
Imperfeito	Singular	1.ª	Partia	...	Partiria ou partira	Partisse ou partira	...	...	Partindo
		2.ª	Partias	...	Partirias ou partiras	Partisses ou partiras	...	...	
		3.ª	Partia	...	Partiria ou partira	Partisse ou partira	...	...	
	Plural	1.ª	Partiamos	...	Partiriamos ou partiramos	Partissemes ou partiramos	...	...	
		2.ª	Partieis	...	Partirieis ou partíreis	Partisseis ou partíreis	...	...	
		3.ª	Partiam	...	Partiriam ou partiram	Partissem ou partiram	...	...	
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho partido	...	Teria ou tivera partido	Tenha partido	Ter partido	Ter partido	...
		2.ª	Tens partido	...	Terias ou tiveras partido	Tenhas partido	Teres partido		...
		3.ª	Tem partido	...	Teria ou tivera partido	Tenha partido	Ter partido		...
	Plural	1.ª	Temos partido	...	Teriamos ou tiveramos partido	Tenhamos partido	Termos partido		...
		2.ª	Tendes partido	...	Terieis ou tivereis partido	Tenhais partido	Terdes partido		...
		3.ª	Têm partido	...	Teriam ou tiveram partido	Tenham partido	Terem partido		...
Aoristo	Singular	1.ª	Parti	...	...	...	...	...	Partido, a, os, as
		2.ª	Partiste	...	...	...	...	...	
		3.ª	Partiu	...	...	...	...	...	
	Plural	1.ª	Partimos	...	...	...	...	...	
		2.ª	Partistes	...	...	...	...	...	
		3.ª	Partiram	...	...	...	...	...	

Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Partira ou tinha partido			Tivesse ou tivera partido			
		2.ª	Partiras ou tinhas partido			Tivesses ou tiveras partido			
		3.ª	Partira ou tinha partido			Tivesse ou tivera partido			
	Plural	1.ª	Partiramos ou tinhamos partido			Tivessemos ou tiveramos partido			
		2.ª	Partireis ou tinheis partido			Tivesseis ou tivereis partido			
		3.ª	Partiram ou tinham partido			Tivessem ou tiveram partido			
Futuro	Singular	1.ª	Partirei			Partir			
		2.ª	Partirás			Partires			
		3.ª	Partirá			Partir			
	Plural	1.ª	Partiremos			Partirmos			
		2.ª	Partireis			Partirdes			
		3.ª	Partirão			Partirem			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei partido			Tiver partido			
		2.ª	Terás partido			Tiveres partido			
		3.ª	Terá partido			Tiver partido			
	Plural	1.ª	Teremos partido			Tivermos partido			
		2.ª	Tereis partido			Tiverdes partido			
		3.ª	Terão partido			Tiverem partido			
Gerundio								Partindo	
Gerundio anterior								Tendo partido	

Tabella n.º 9

Conjugação do verbo PÔR (paradigma da 4.ª Conjugação)

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos				Fórmas nominaes		
			INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO — Pessoal	INFINITO — Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Ponho	....	....	Ponha	Pôr	Pôr	Poente ou ponente
		2.ª	Pões	Põe tu	....	Ponhas	Pôres		
		3.ª	Põe	....	....	Ponha	Pôr		
	Plural	1.ª	Pomos	....	....	Ponhamos	Pôrmos		
		2.ª	Pondes	Ponde vós	....	Ponhais	Pôrdes		
		3.ª	Põem	....	....	Ponham	Pôrem		
Imperfeito	Singular	1.ª	Punha	....	Poria ou pozera	Pozesse ou pozera	....	....	Pondo
		2.ª	Punhas	....	Porias ou pozeras	Pozesses ou pozeras	....	....	
		3.ª	Punha	....	Poria ou pozera	Pozesse ou pozera	....	....	
	Plural	1.ª	Punhamos	....	Poriamos ou pozeramos	Pozessemos ou pozeramos	....	....	
		2.ª	Punheis	....	Porieis ou pozereis	Pozesseis ou pozereis	....	....	
		3.ª	Punham	....	Poriam ou pozeram	Pozessem ou pozeram	....	....	
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho posto	....	Teria ou tivera posto	Tenha posto	Ter posto	Ter posto	....
		2.ª	Tens posto	....	Terias ou tiveras posto	Tenhas posto	Teres posto		....
		3.ª	Tem posto	....	Teria ou tivera posto	Tenha posto	Ter posto		....
	Plural	1.ª	Temos posto	....	Teriamos ou tiveramos posto	Tenhamos posto	Termos posto		....
		2.ª	Tendes posto	....	Terieis ou tivereis posto	Tenhais posto	Terdes posto		....
		3.ª	Têm posto	....	Teriam ou tiveram posto	Tenham posto	Terem posto		....
Aoristo	Singular	1.ª	Puz	....	....	....	....	....	Posto, a, os, as
		2.ª	Pozeste	....	....	....	....	....	
		3.ª	Poz	....	....	....	....	....	
	Plural	1.ª	Pozemos	....	....	....	....	....	
		2.ª	Pozestes	....	....	....	....	....	
		3.ª	Pozeram	....	....	....	....	....	

Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Pozera ou tinha posto			Tivesse ou tivera posto			
		2.ª	Pozeras ou tinhas posto			Tivesses ou tiveras posto			
		3.ª	Pozera ou tinha posto			Tivesse ou tivera posto			
	Plural	1.ª	Pozeramos ou tinhamos posto			Tivessemos ou tiveramos posto			
		2.ª	Pozereis ou tinheis posto			Tivesseis ou tivereis posto			
		3.ª	Pozeram ou tinham posto			Tivessem ou tiveram posto			
Futuro	Singular	1.ª	Porei			Pozer			
		2.ª	Porás			Pozeres			
		3.ª	Porá			Pozer			
	Plural	1.ª	Poremos			Pozermos			
		2.ª	Poreis			Pezerdes			
		3.ª	Porão			Pozerem			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei posto			Tiver posto			
		2.ª	Terás posto			Tiveres posto			
		3.ª	Terá posto			Tiver posto			
	Plural	1.ª	Teremos posto			Tivermos posto			
		2.ª	Tereis posto			Tiverdes posto			
		3.ª	Terão posto			Tiverem posto			
Gerundio								Pondo	
Gerundio anterior								Tendo posto	

Tabella n.º 10

Conjugação da voz passiva, verbo SER VENDIDO

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos: INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Fórmas nominaes: INFINITO Pessoal	INFINITO Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Sou vendido	...	...	Seja vendido	Ser vendido		...
		2.ª	És vendido	Sê vendido	...	Sejas vendido	Seres vendido		...
		3.ª	É vendido	...	...	Seja vendido	Ser vendido	Ser vendido	...
	Plural	1.ª	Somos vendidos	...	...	Sejamos vendidos	Sermos vendidos		...
		2.ª	Sois vendidos	Sêde vendidos	...	Sejais vendidos	Serdes vendidos		...
		3.ª	São vendidos	...	...	Sejam vendidos	Serem vendidos		...
Imperfeito	Singular	1.ª	Era vendido	...	Seria ou fôra vendido	Fosse ou fôra vendido	...	...	
		2.ª	Eras vendido	...	Serias ou fôras vendido	Fosses ou fôras vendido	...	...	
		3.ª	Era vendido	...	Seria ou fôra vendido	Fosse ou fôra vendido	...	...	Sendo vendido
	Plural	1.ª	Eramos vendidos	...	Seriamos ou fôramos vendidos	Fossemos ou fôramos vendidos	...	...	
		2.ª	Ereis vendidos	...	Serieis ou foreis vendidos	Fosseis ou fôreis vendidos	...	...	
		3.ª	Eram vendidos	...	Seriam ou foram vendidos	Fossem ou fôram vendidos	...	...	
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho sido vendido	...	Teria ou tivera sido vendido	Tenha sido vendido	Ter sido vendido		...
		2.ª	Tens sido vendido	...	Terias ou tiveras sido vendido	Tenhas sido vendido	Teres sido vendido		...
		3.ª	Tem sido vendido	...	Teria ou tivera sido vendido	Tenha sido vendido	Ter sido vendido	Ter sido vendido	...
	Plural	1.ª	Temos sido vendidos	...	Teriamos ou tiveramos sido vendid.	Tenhamos sido vendidos	Termos sido vendidos		...
		2.ª	Tendes sido vendidos	...	Terieis ou tivereis sido vendidos	Tenhais sido vendidos	Terdes sido vendidos		...
		3.ª	Têm sido vendidos	...	Teriam ou tiveram sido vendidos	Tenham sido vendidos	Terem sido vendidos		...
Aoristo	Singular	1.ª	Fui vendido	...	...	...	...	...	
		2.ª	Foste vendido	...	...	...	...	...	
		3.ª	Foi vendido	...	...	...	...	...	Vendido, a, os, as,
	Plural	1.ª	Fomos vindidos	...	...	...	...	...	
		2.ª	Fostes vendidos	...	...	...	...	...	
		3.ª	Fôram vendidos	...	...	...	...	...	

Tempo	Número	Pessoa							
Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Fôra ou tinha sido vendido			Tivesse ou tivera sido vendido			
		2.ª	Fôras ou tinhas sido vendido			Tivesses ou tiveras sido vendido			
		3.ª	Fôra ou tinha sido vendido			Tivesse ou tivera sido vendido			
	Plural	1.ª	Fôramos ou tinhamos sido vendidos			Tivessemos ou tiveramos sido vend.			
		2.ª	Fôreis ou tinheis sido vendidos			Tivesseis ou tivereis sido vendidos			
		3.ª	Fôram ou tinham sido vendidos			Tivessem ou tiveram sido vendidos			
Futuro	Singular	1.ª	Serei vendido			Fôr vendido			
		2.ª	Serás vendido			Fôres vendido			
		3.ª	Será vendido			Fôr vendido			
	Plural	1.ª	Seremos vendidos			Fôrmos vendidos			
		2.ª	Sereis vendidos			Fôrdes vendidos			
		3.ª	Serão vendidos			Fôrem vendidos			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei sido vendido			Tiver sido vendido			
		2.ª	Terás sido vendido			Tiveres sido vendido			
		3.ª	Terá sido vendido			Tiver sido vendido			
	Plural	1.ª	Teremos sido vendidos			Tivermos sido vendidos			
		2.ª	Tereis sido vendidos			Tiverdes sido vendidos			
		3.ª	Terão sido vendidos			Tiverem sido vendidos			
Gerundio								Sendo vendido	
Gerundio anterior								Tendo sido vendido	

Tabella n.º 11

Conjugação do verbo periphrastico promissivo HAVER DE CANTAR

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos: INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Fórmas nominaes: INFINITO Pessoal	INFINITO Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Hei de cantar	......	....	Haja de cantar	Haver de cantar	Haver de cantar	......
		2.ª	Has de cantar	......	....	Hajas de cantar	Haveres de cantar		......
		3.ª	Ha de cantar	......	....	Haja de cantar	Haver de cantar		......
	Plural	1.ª	Havemos de cantar	......	....	Hajamos de cantar	Havermos de cantar		......
		2.ª	Haveis de cantar	......	....	Hajais de cantar	Haverdes de cantar		......
		3.ª	Hão de cantar	......	....	Hajam de cantar	Haverem de cantar		......
Imperfeito	Singular	1.ª	Havia de cantar	......	Haveria ou houvera de cantar	Houvesse ou houvera de cantar	......	......	Havendo de cantar
		2.ª	Havias de cantar	......	Haverias ou houveras de cantar	Houvesses ou houveras de cantar	......	......	
		3.ª	Havia de cantar	......	Haveria ou houvera de cantar	Houvesse ou houvera de cantar	......	......	
	Plural	1.ª	Haviamos de cantar	......	Haveriamos ou houveramos de cant.	Houvessemos ou houveramos de cantar	......	......	
		2.ª	Havieis de cantar	......	Haverieis ou houvereís de cantar	Houvesseis ou houvereis de cantar	......	......	
		3.ª	Haviam de cantar	......	Haveriam ou houveram de cantar	Houvessem ou houveram de cantar	......	......	
Perfeito	Singular	1.ª	....	......	....	....	......	......	......
		2.ª	....	......	....	....	......	......	......
		3.ª	....	......	....	....	......	......	......
	Plural	1.ª	....	......	....	....	......	......	......
		2.ª	....	......	....	....	......	......	......
		3.ª	....	......	....	....	......	......	......
Aoristo	Singular	1.ª	Houve de cantar	......	....	....	......	......	......
		2.ª	Houveste de cantar	......	....	....	......	......	......
		3.ª	Houve de cantar	......	....	....	......	......	......
	Plural	1.ª	Houvemos de cantar	......	....	....	......	......	......
		2.ª	Houvestes de cantar	......	....	....	......	......	......
		3.ª	Houveram de cantar	......	....	....	......	......	......

Plusquam-perfeito	Singular	1.ª	Houvera de cantar						
		2.ª	Houveras de cantar						
		3.ª	Houvera de cantar						
	Plural	1.ª	Houveramos de cantar						
		2.ª	Houvereis de cantar						
		3.ª	Houveram de cantar						
Futuro	Singular	1.ª	Haverei de cantar			Houver de cantar			
		2.ª	Haverás de cantar			Houveres de cantar			
		3.ª	Haverá de cantar			Houver de cantar			
	Plural	1.ª	Haveremos de cantar			Houvermos de cantar			
		2.ª	Havereis de cantar			Houverdes de cantar			
		3.ª	Haverão de cantar			Houverem de cantar			
Futuro anterior	Singular	1.ª							
		2.ª							
		3.ª							
	Plural	1.ª							
		2.ª							
		3.ª							
Gerundio								Havendo de cantar	
Gerundio anterior								Tendo havido do cantar (desusado)	

Tabella n.° 12

Conjugação do verbo frequentativo ANDAR CANTANDO

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos: INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Fórmas nominaes: INFINITO Pessoal	INFINITO Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Ando cantando	...	...	Ande cantando	Andar cantando		...
		2.ª	Andas cantando	Anda cantando	...	Andes cantando	Andares cantando		...
		3.ª	Anda cantando	...	...	Ande cantando	Andar cantando	Andar cantando	...
	Plural	1.ª	Andamos cantando	...	...	Andemos cantando	Andarmos cantando		...
		2.ª	Andais cantando	Andae cantando	...	Andeis cantando	Andardes cantando		...
		3.ª	Andam cantando	...	...	Andem cantando	Andarem cantando		...
Imperfeito	Singular	1.ª	Andava cantando	...	Andaria ou andára cantando	Andasse ou andára cantando	...	...	...
		2.ª	Andavas cantando	...	Andarias ou andáras cantando	Andasses ou andáras cantando	...	...	...
		3.ª	Andava cantando	...	Andaria ou andára cantando	Andasse ou andára cantando	...	...	...
	Plural	1.ª	Andavames cantando	...	Andariamos ou andáramos cantando	Andassemos ou andáramos cantando	...	...	...
		2.ª	Andaveis cantando	...	Andarieis ou andáreis cantando	Andasseis ou andáreis cantando	...	...	...
		3.ª	Andavam cantando	...	Andariam ou andaram cantando	Andassem ou andáram cantando	...	...	...
Perfeito	Singular	1.ª	Tenho andado cantando	...	Teria ou tivera andado cantando	Tenha andado cantando	Ter andado cantando		...
		2.ª	Tens andado cantando	...	Terias ou tiveras andado cantando	Tenhas andado cantando	Teres andado cantando		...
		3.ª	Tem andado cantando	...	Teria ou tivera andado cantando	Tenha andado cantando	Ter andado cantando	Ter andado cantando	...
	Plural	1.ª	Temos andado cantando	...	Teriamos ou tiveramos andado cant.	Tenhamos andado cantando	Termos andado cant.		...
		2.ª	Tendes andado cantando	...	Terieis ou tivereis andado cantando	Tenhais andado cantando	Terdes andado cantado		...
		3.ª	Têm andado cantando	...	Teriam ou tiveram andado cantando	Tenham andado cantando	Terem andado cant.		...
Aoristo	Singular	1.ª	Andei cantando	...	...	...	...	...	...
		2.ª	Andaste cantando	...	...	...	...	...	...
		3.ª	Andou cantando	...	...	...	...	...	...
	Plural	1.ª	Andamos cantando	...	...	...	...	...	...
		2.ª	Andastes cantando	...	...	...	...	...	...
		3.ª	Andaram cantando	...	...	...	...	...	...

Plusquam-perfeito	Singular	[1.ª]	Andara ou tinha andado cantando			Tivesse ou tivera andado cantando			
		2.ª	Andáras ou tinhas andado cantando			Tivesses ou tiveras andado cantando			
		3.ª	Andára ou tinha andado cantando			Tivesse ou tivera andado cantando			
	Plural	1.ª	Andáramos ou tinhamos andado cant.			Tivessemos ou tiveramos andado cant.			
		2.ª	Andáreis ou tinheis andado cantando			Tivesseis ou tivereis andado cantando			
		3.ª	Andaram ou tinham andado cantando			Tivessem ou tiveram andado cantando			
Futuro	Singular	1.ª	Andarei cantando			Andar cantando			
		2.ª	Andarás cantando			Andares cantando			
		3.ª	Andará cantando			Andar cantando			
	Plural	1.ª	Andaremos cantando			Andarmos cantando			
		2.ª	Andareis cantando			Andardes cantando			
		3.ª	Andarão cantando			Andarem cantando			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Terei andado cantando			Tiver andado cantando			
		2.ª	Terás andado cantando			Tiveres andado cantando			
		3.ª	Terá andado cantando			Tiver andado cantando			
	Plural	1.ª	Teremos andado cantando			Tivermos andado cantando			
		2.ª	Tereis andado cantando			Tiverdes andado cantando			
		3.ª	Terão andado cantando			Tiverem andado cantando			
Gerundio									
Gerundio anterior								Tendo andado cantando	

Tabella n.º 13

Conjugação do verbo pronominal QUEIXAR-SE

Tempos	Numeros	Pessoas	Modos: INDICATIVO	IMPERATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	Fórmas nominaes: INFINITO Pessoal	INFINITO Impessoal	PARTICIPIO
Presente	Singular	1.ª	Eu me queixo			Eu me queixo	Queixar-me eu	Queixar-se	Queixante
		2.ª	Tu te queixas	Queixa-te tu		Tu te queixas	Queixares-te tu		
		3.ª	Elle se queixa			Elle se queixa	Queixar-se elle		
	Plural	1.ª	Nós nos queixamos			Nós nos queixemos	Queixarmo-nos nós		
		2.ª	Vós vos queixaes	Queixae-vos vós		Vós vos queixeis	Queixardes-vos vós		
		3.ª	Elles se queixam			Elles se queixem	Queixarem-se elles		
Imperfeito	Singular	1.ª	Eu me queixava		Eu me queixaria ou me queixára	Eu me queixasse ou me queixara			Queixando-se
		2.ª	Tu te queixavas		Tu te queixarias ou te queixáras	Tu te queixasses ou te queixáras			
		3.ª	Elle se queixava		Elle se queixaria ou se queixára	Elle se queixasse ou se queixára			
	Plural	1.ª	Nós nos queixavamos		Nós nos queixariamos ou nos queixáramos	Nós nos queixassemos ou nos queixáramos			
		2.ª	Vós vos queixaveis		Vós vos queixarieis ou vos queixáreis	Vós vos queixásseis ou vos queixáreis			
		3.ª	Elles se queixavam		Elles se queixariam ou se queixáram	Elles se queixassem ou se queixáram			
Perfeito	Singular	1.ª	Eu me tenho queixado		Eu me teria ou me tivera queixado	Eu me tenha queixado	Ter-me eu queixado	Ter-se queixado	
		2.ª	Tu te tens queixado		Tu te terias ou te tiveras queixado	Tu te tenhas queixado	Teres-te tu queixado		
		3.ª	Elle se tem queixado		Elle se teria ou se tivera queixado	Elle se tenha queixado	Ter-se elle queixado		
	Plural	1.ª	Nós nos temos queixado		Nós nos teriamos ou nos tiveramos queix.	Nós nos tenhamos queixado	Termo-nos nós queix.		
		2.ª	Vós vos tendes queixado		Vós vos terieis ou vos tivereis queixado	Vós vos tenhais queixado	Terdes-vos vós queix.		
		3.ª	Elles se têm queixado		Elles se teriam ou se tiveram queixado	Elles se tenham queixado	Terem-se elles queix.		
Aoristo	Singular	1.ª	Eu me queixei						Queixado
		2.ª	Tu te queixaste						
		3.ª	Elle se queixou						
	Plural	1.ª	Nós nos queixamos						
		2.ª	Vós vos queixastes						
		3.ª	Elles se queixaram						

Plusquam perfeito	Singular	1.ª	Eu me queixára ou me tinha queixado			Eu me tivesse ou me tivera queixado			
		2.ª	Tu te queixáras ou te tinhas queixado			Tu te tivesses ou te tiveras queixado			
		3.ª	Elle se queixára ou se tinha queixado			Elle se tivesse ou se tivera queixado			
	Plural	1.ª	Nós nos queixáramos ou nos tinhamos queix.			Nós nos tivessemos ou nos tiveramos queix.			
		2.ª	Vós vos queixáreis ou vos tinheis queixado			Vós vos tivesseis ou vos tivereis queixado			
		3.ª	Elles se queixáram ou se tinham queixado			Elles se tivessem ou se tiveram queixado			
Futuro	Singular	1.ª	Eu me queixarei			Eu me queixar			
		2.ª	Tu te queixarás			Tu te queixares			
		3.ª	Elle se queixará			Elle se queixar			
	Plural	1.ª	Nós nos queixaremos			Nós nos queixarmos			
		2.ª	Vós vos queixareis			Vós vos queixardes			
		3.ª	Elles se queixarão			Elles se queixarem			
Futuro anterior	Singular	1.ª	Eu me terei queixado			Eu me tiver queixado			
		2.ª	Tu te terás queixado			Tu te tiveres queixado			
		3.ª	Elle se terá queixado			Elle se tiver queixado			
	Plural	1.ª	Nós nos teremos queixado			Nós nos tivermos queixado			
		2.ª	Vós vos tereis queixado			Vós vos tiverdes queixado			
		3.ª	Elles se terão queixado			Elles se tiverem queixado			
Gerundio								Queixando-me	
Gerundio anterior								Tendo-me queixado	

Tabella n.º 14

Conjugação do verbo impessoal TROVEJAR

Tempos	Modos			Fórmas nominaes	
	INDICATIVO	CONDICIONAL	SUBJUNCTIVO	INFINITO (Impessoal)	PARTICIPIO
Presente	Troveja	....	Troveje	Trovejar	Trovejante
Imperfeito	Trovejava	Trovejaria ou trovejára	Trovejasse ou trovejára	....	....
Perfeito	Tem trovejado	Teria ou tivera trovejado	Tenha trovejado	Ter trovejado	....
Aoristo	Trovejou	....	Tivesse ou tivera trovejado	....	Trovejado
Plusquam-perfeito	Trovejára ou tinha trovejado	....	Trovejar	....	....
Futuro	Trovejará	....	Tiver trovejado	....	....
Futuro anterior	Terá trovejado	....	....	....	....
Gerundio	....	....	....	Trovejando	....
Gerundio anterior	....	....	....	Tendo trovejado	....

Sobre as tabellas *retro* ha a notar:

TABELLA N.º 3 O participio presente *Tente* é usado na phrase «*A' mão tente*».

TABELLA N.º 5 O participio presente *Estante* é classico: «Mouros mercadores *estantes* na terra», JOÃO DE BARROS, *Decada I*, Liv. VII, Cap. 9.

TABELLA N.º 8. D'esta conjugação empregam-se alguns participios presentes, como «*Ouvinte, pedinte, seguinte*, etc.».

TABELLA N.º 10. Estão n'este eskhema sómente terminações masculinas do singular e do plural, sendo que a voz passiva admitte tambem terminações femininas; a conjugação completa deveria ser: «Indicativo presente—*Sou vendido* ou *vendida*, etc.».

TABELLA N.º 11. Como o verbo periphrastico promissivo conjuga-se o periphrastico obrigativo, substituindo-se *ter* a *haver*. Fórma-se a voz passiva de ambos estes verbos, trocando-se em todos os tempos, modos e fórmas nominaes a fórma activa do infinito pela correspondente passiva, ex.: «*Hei* ou *tenho* DE LOUVAR» converte-se em «*Hei* ou *tenho* DE SER LOUVADO.»

TABELLA N.º 12. O verbo frequentativo não tem participios. Quando elle é formado por um verbo unico faltam-lhe tambem os tempos em que occorrem flexões homographas: «*Vir vindo*», por exemplo, não tem a segunda forma do indicativo plusquam perfeito, a qual deveria ser «*Eu tinha vindo vindo*», e nem outras similhantes.

261. São verbos irregulares principaes da primeira conjugação *dar, estar*, todos os verbos terminados por *ear* e alguns terminados por *iar*.

Os grammaticos chamam irregularidades todas as modificações dos themas e das terminações verbaes que elles não conseguiram fazer entrar em um ou outro de seus inflexiveis paradigmas. O methodo racional, que vê na lingua um organismo e não o producto do capricho ou do acaso, não poderia admittir como anomalias as mais usadas fórmas verbaes; aquellas fórmas que constituem, por assim dizer, a propria essencia do discurso. O methodo racional procura a razão dessas

pretensas irregularidades, e explica-as pelas leis da euphonia, cujo papel tão consideravel foi na formação das linguaes romanicas. Excepção feita de *ser* e de *ir*, cada um dos quaes tem varios themas, não ha em Portuguez, propriamente fallando, verbos irregulares (1).

1) *Dar*

Indicativo presente—*Dou, dás, dá; damos, dais, dão*, Indicativo aoristo—*Dei, déste, deu; demos, déste, deram.* Subjunctivo presente—*Dê, dês, dê; demos, deis, dêm.*

2) *Estar*

Está conjugado por inteiro (Tabella n.º 4).

3) Verbos terminados por *ear*

Os verbos terminados por *ear* tomam *i* entre *e* e *a* na primeira, na segunda e na terceira pessôa do singular, e na terceira do plural do indicativo presente, e communicam essa irregularidade ás mesmas pessôas do subjunctivo presente, e á segunda do singular do imperativo, ex.: *Cear* que faz: Indicativo presente—*Ceio, ceias, ceia; ceiam.* Imperativo—*Ceia.* Subjunctivo presente—*Ceie, ceies, ceie; ceiem.*

Exceptua-se *crear* que só é irregular no indicativo presente—*Crio, crias, cria; creamos creais, criam,* e, conseguintemente, no subjunctivo presente—*Crie, cries,* etc. [Vide adiante a observação n.º 2, sobre os verbos irregulares, 1)].

4) verbos terminados por *iar*

Os verbos terminados por *iar* são regulares ex.: *Criar*, que se conjuga *Crio, crias,* etc.

Exceptuam-se *agenciar, anciar, cadenciar, commerciar, mediar, negociar, odiar, penitenciar, premiar, remediar, sentenciar,* que tomam um *e* antes de *i* nas mesmas pessoas que

(1) Ayer, *Obra citada,* pag. 177—178.

as dos verbos em *ear* acima mencionados, ex.: Indicativo presente—*Agenceio, agenceias, agenceia; agenceiam.* Imperativo —*Agenceia.* Subjunctivo presente—*Agenceie, agenceies, agenceiem.*

262. São verbos irregulares principaes da segunda conjugação *caber, crer, dizer, fazer, haver, jazer, perder, poder, prazer, querer, requerer, saber, ter, trazer, valer, ver.*

1) *Caber*

Indicativo presente—*Caibo, cabes, cabe; cabemos, cabeis, cabem.* Indicativo aoristo—*Coube, coubeste, coube; coubemos, coubestes, couberam.*

2) *Crer*

Indicativo presente—*Creio, crês, crê; cremos, credes, crêm.* Como *crer* se conjuga *ler.*

3) *Dizer*

Indicativo presente—*Digo, dizes, diz; dizemos, dizeis, dizem.* Indicativo aoristo—*Disse, disseste, disse; dissemos, dissestes, disseram.* Indicativo futuro—*Direi, dirás, dirá; diremos, direis, dirão.* Condicional imperfeito—*Diria, dirias, diria; diriamos, dirieis, diriam.*

4) *Fazer*

Indicativo presente—*Faço, fazes, faz; fazemos, fazeis, fazem.* Indicativo aoristo—*Fiz, fizeste, fez; fizemos, fizestes, fizeram.* Indicativo futuro—*Farei, farás, fará; faremos, fareis, farão.* Condicional imperfeito—*Faria, farias, faria; fariamos, farieis, fariam.*

5) *Haver*

Está já conjugado por inteiro (Tabella n.° 2).

*

6) *Jazer*

Indicativo presente—*Jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.* Indicativo aoristo—Fórma moderna, regular. *Jouve, jouveste, jouve; jouvemos, jouvestes, jouveram,* fórma antiga.

7) *Perder*

Indicativo presente—*Perco, perdes, perde; perdemos, perdeis, perdem.*

8) *Poder*

Indicativo presente—*Posso, podes, pode; podemos, podeis, podem.* Indicativo aoristo—*Pude, poudeste, poude; poudemos, poudestes, pouderam.* E' melhor orthographia do que—*Podeste, póde; podemos, podestes, poderam,* porquanto representa-se assim, com o diphthongo portuguez *ou*, a attracção do diphtongo latino *ui* de *potui, potuisti,* etc. Não tem imperativo.

8) *Prazer* (impessoal)

Indicativo presente—*Praz.* Indicativo aoristo—*Prouve.* O composto pronominal *comprazer-se* é quasi perfeitamente regular: só na terceira pessoa do singular do presente do indicativo tem a fórma irregular *compraz.*

10) *Querer*

Indicativo presente—*Quero, queres, quer; queremos, quereis, querem.* Indicativo aoristo—*Quiz, quizeste, quiz; quizemos, quizestes, quizeram.* Não tem imperativo. Subjunctivo presente—*Queira, queiras, queira; queiramos, queiraes, queiram.* Tanto a este como ao verbo *poder* deu Vieira imperativo, quando disse: «*Querei* só o que podeis, e sereis omnipotentes. Si quereis ser omnipotentes, *podei* só o justo e o licito (1)».

---

(1) *Serm.* tom. IV, edic. mod. pag. 297.

11) Requerer

Indicativo presente—*requeiro, requeres, requer; requeremos, requereis, requerem.* Indicativo aoristo—*Requeri, requereste, requereu; requeremos, requerestes, requereram.*

12) Saber

Indicativo presente—*Sei, sabes, sabe; sabemos, sabeis, sabem.* Indicativo aoristo—*Soube, soubeste, soube; soubemos, soubestes, souberam.* Subjunctivo presente—*Saiba, saibas, saiba; saibamos, saibais, saibam.*

13) Ter

Está já conjugado por inteiro (Tabella n.º 2).

14) Trazer

Indicativo presente—*Trago, trazes, traz; trazemos, trazeis, trazem.* Indicativo aoristo—*Trouxe, trouxeste, trouxe; trouxemos, trouxestes, trouxeram.* Indicativo futuro—*Trarei, trarás, trará; traremos, trareis, trarão.* Condicional imperfeito—*Traria, trarias, traria; trariamos, trarieis, trariam.*

15) *Valer*

Indicativo presente—*Valho, vales, vale* ou *val; valemos valeis, valem.*

16) *Ver*

Indicativo presente—*Vejo, vês, vê; vemos, vedes, vêm.* Indicativo aoristo—*Vi, viste, viu; vimos, vistes, viram.* O verbo derivado *prover* aparta-se em alguns tempos da conjugação de *ver*. Indicativo aoristo—*Provi, proveste, proveu; provemos, provestes, proveram.* Participio aoristo—*Provido.*

283. São verbos irregulares da terceira conjugação *adherir, acudir, aggredir, cahir, cobrir, conduzir, cortir, frigir, ir, medir, parir, remir, rir, vir.*

1) *Adherir*

Indicativo presente—*Adhiro, adheres, adhere; adherimos, adheris, adherem.* Como *adherir* conjugam-se *advertir, comedir, compellir, competir, convergir, despir, discernir, divergir, divertir, emergir, enxerir, expellir, ferir, impellir, inherir, mentir, preterir, reflectir, repellir, repetir, seguir, sentir, servir, vestir.* (*Enxerir* tambem se escreve *inserir*).

Convergir, divergir, emergir são tambem da segunda conjugação—*converger, diverger, emerger.*

2) *Acudir*

Indicativo presente—*Acudo, acodes, acode; acudimos, acudis, acodem.* Como *acudir* conjugam-se *bulir, construir, cuspir, destruir, engulir, fugir, sacudir, subir, sumir, tussir.*

Os escriptores antigos conservavam sempre o *u* na mór parte d'estes verbos, escrevendo *acude, construe, fuge.*

3) *Aggredir*

Indicativo presente—*Aggrido, aggrides, aggride; aggredimos, aggredis, aggridem.* Como *aggredir* conjuga-se *prevenir, progredir, transgredir.*

4) *Cahir*

Indicativo presente—*Caio, cais, cai; cahimos, cahis, caem.* Como *cahir* conjugam-se *sahir, trahir.*

5) *Cortir*

Indicativo presente—*Curto, curtes, curte; cortimos, cortis, curtem.* Como *cortir* conjugam-se *ordir, sortir.*

A respeito d'este ultimo diz Francisco José Freire (1): «N'este «verbo ha uma especial irregularidade que é causa de alguns erros, «pronunciando-se em diversas pessoas e linguageus algumas vezes *sor*, «e outra *sur*. A regra dos orthographos para o acerto é que, quando «depois do *t* se seguir *i*, se diga *sor*, v. g., *sortiamos, sortis, sortia*, «*sortias*, etc.; e quando depois do *t* se seguir *a* ou *e*, se pronuncie *sur*; «por exemplo *surta elle, surte, surtem*, etc.».

6) *Cobrir*

Indicativo presente — *Cubro, cobres, cobre; cobrimos, cobris, cobrem*. Como *cobrir* conjuga-se *dormir*.

7) *Conduzir*

Indicativo presente — *Conduzo, conduzes, conduz; conduzimos, conduzis, conduzem*. Como *conduzir* conjugam-se todos os verbos terminados em *uzir*, ex.: «*Induzir*».

8) *Frigir*

Indicativo presente — *Frijo, freges, frege; frigimos, frigis, fregem*.

9) *Ir*

Indicativo presente — *Vou, vais vai; vamos* ou *imos, ides, vão*. Indicativo imperfeito — *Ia, ias, ia; iamos, ieis, iam*. Indicativo aoristo — *Fui, foste, foi; fomos, fostes, fôram*. Imperativo — *Vai; ide*. Subjunctivo presente — *Va, vas, va; vamos, vades, vão*.

10) *Medir*

Indicativo presente — *Meço, medes, mede; medimos, medis, medem*. Como *medir* conjugam-se *ouvir, pedir*.

---

(1) *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, Lisboa, 1842, 2.ª parte, pag. 31.

Sobre os pretendidos compostos d'este ultimo diz Francisco José Freire (1): «*Despedir*: grande contorversia ha sobre si se ha de dizer «*eu me despido*, ou *eu me despeço*. Esta pronunciação é do uso reinan«te, mas a primeira é não menos que de Vieira em mais de um logar das «suas obras. Na 5.ª pag. do tom. 1, escrevendo ao principe D. Theodo«sio, lhe diz: «*Eia, meu principe, despida-se vossa alteza dos livros*» «etc. No tom. 2.º pag. 343, disse tambem: «*Com esta ultima adverten«cia vos despido, ou me despido de vós*» etc.. Seguiu este classico a «Duarte Nunes de Leão na sua *Orthographia*, o qual, fazendo um ca«talogo de varias pronunciações que se deviam emendar, diz na pag. «70 *despido-me* e não *despeço-me*. Os rigoristas estão ainda pelos exem«plos de Vieira e outros bons.» *Impedir* nos nossos melhores authores «acho-o conjugado: *Eu impido, tu impides, elle impide*, etc.. Duarte Nu«nes, na *Origem da Lingua Portugueza*, pag. 124, diz: «*Adherencia é a* «*que entre nós impide fazer-se justiça*» etc.. Fundados n'este exemplo e «em outros de diversos classicos, especialmente de Vieira, é que ainda «alguns não querem fazer irregular este verbo, dizendo: *impido, impi«des, impede*, etc., como hoje diz a maior parte dos modernos».

Os verbos *despedir e impedir* só têm com *pedir* similhança de forma: sua origem e sua significação são diversissimas das d'este ultimo.

11) *Parir*

Indicativo presente — *Pairo, pares, pare; parimos, paris, parem.*

12) *Remir*

Indicativo presente — *Redimo, redimes, redime; remimos, remis, redimem.* Imperativo — *Redime; remi.*

13) *Rir*

Indicativo presente — *Rio, ris, ri; rimos, rides, riem.*

14) *Vir*

Indicativo presente — *Venho, vens, vem; vimos, vindes, vêm.* Indicativo imperfeito — *Vinha, vinhas, vinha; vinhamos,*

(1) *Obra citada*, pag. 29.

vinheis, vinham. Indicativo aoristo — *Vim, vieste, veiu; viemos, viestes, vieram.* Imperativo — *Vem; vinde.*

Observação n.º 1.) Os verbos compostos conjugam-se exactamente como os simples de que se derivam. Por não attenderem a isto é que pessoas, aliás doutas, conjugam os verbos *avir* e *desavir* com as flexões de *haver*, dizendo «*Elle tem de se haver comigo — Os socios se deshouveram*», devendo ser «*Elle tem de se avir commigo — Os socios se desavieram*». Moraes e Constancio erram, procurando explicar a phrase incorrecta «*Have-lo com alguem*» a qual deve ser emendada «*Avil-o com alguem*»

Comprazer, prover, requerer affastam-se de seus simples *prazer, ver, querer*, como fica consignado na lista dos verbos irregulares da segunda conjugação.

Observação n. 2.) Na conjugação dos verbos irregulares attenda-se com muito cuidado ás regras seguintes

1) Quando um verbo é irregular na fórma da primeira pessoa de singular do indicativo presente, communica essa irregularidade a todas as fórmas do subjunctivo presente, ex.: «*Medir*» Indicativo presente — *Meço*, subjunctivo presente — *Meça, meças, meça; meçamos, meçais, meçam.*

   Exceptuam-se *dar, estar, haver, ir, querer, saber*, que, fazendo no indicativo presente — *dou, estou, hei, vou, quero, sei*, fazem no subjunctivo presente — *Dê, esteja, haja, vá, queira, saiba*, como ficou consignado nos logares respectivos.

2) Quando um verbo é irregular nas fórmas da segunda pessoa tanto do singular como do plural do indicativo presente, communica essa irregularidade ás formas das pessoas correspondentes do imperativo, ex.: «*Remir*» Indicativo presente, segunda pessoa do singular — *Redimes;* segunda pessoa do plural — *remis*: Imperativo, segunda pessoa do singular — *Redime;* segunda pessoa do plural — *remi.*

3) Quando um verbo é irregular na fórma da terceira pessoa do plural do indicativo aoristo, communica essa irregularidade ás formas em *ra* do indicativo plusquam perfeito e do condicional imperfeito, a todas do subjunctivo imperfeito e ás do subjunctivo futuro, ex.: «*Trazer*» Indicativo aoristo — *Trouxeram*, indicativo plusquam perfeito, condicional imperfeito e subjunctivo imperfeito em *ra* — *Trouxera, trouxeras, trouxera; trouxeramos, trouxereis, trouxeram*: Subjunctivo imperfeito (1.ª forma) *Trouxesse, trouxesses, trouxesse; trouxessemos, trouxesseis, trouxessem*: Futuro — *Trouxer, trouxeres, trouxer; trouxermos, trouxerdes, trouxerem.*

4) Todos os verbos regulares e irregulares communicam o radical de suas fórmas do infinito presente impessoal a todas as fórmas do indicativo futuro, do condicional imperfeito e do infinito presente pessoal ex.: «*Valer*» Indicativo futuro—*Valerei, valerá , valerá; valeremos, valereis, valerão*: Condicional imperfeito—*Valeria, valerias, valeria; valeriamos, valerieis, valeriam*: Infinito presente pessoal—*Valer, valeres, valer; valermos, valerdes, valerem.*

Exceptuam-se *dizer, fazer, trazer,* que, por uma contracção especial no indicativo futuro, fazem —*Direi, dirás, dirá; diremos, direis, dirão*: *Farei, farás, fará; faremos, fareis, farão*: *Trarei, trarás, trará; traremos, trareis, trarão*; e no condicional imperfeito—*Diria, dirias, diria; diriamos, dirieis, diriam*: *Faria, farias, faria; fariamos, farieis, fariam*: *Traria, trarias, traria; trariamos, trarieis, trariam.*

Observação n.º 3) Os verbos chamados por muitos grammaticos «accidentalmente irregulares» são verbos perfeitamente regulares: as suas pretendidas irregularidades desapparecem, si se presta a devida attenção ás regras da orthographia.

Sobre tal assumpto diz sensatamente Soares Barbosa (1). Nunca «se devem confundir as consonancias com as consoantes, isto é os sons «elementares das consoantes, com as letras consoantes que nossa ortho-«graphia usual empregou para os exprimir na escriptura. Si um som «elementar sôa sempre o mesmo ao ouvido, quer se escreva de um mo-«do, quer de outro, para que se ha de fazer da irregularidade da escri-«ptura uma irregularidade na conjugação?

«Por exemplo: as lettras *c, g,* antes de *a, o, u,* dão a mesma «consonancia que *qu* e *gu* antes de *e* e *i*. Não se devia, portanto, dar por «irregular uma caterva de verbos portuguezes terminados em *car* e *gar*, «como: *ficar, julgar,* etc., pela razão de nossa orthographia se servir, «não já d'estas figuras, mas de *qu* e *gu,* para exprimir a mesma conso-«nancia antes de *e* no perfeito (aoristo) *fiquei, julguei,* e no presente do «subjunctivo *fique, julgue,* etc.

«Da mesma sorte a lettra *g* antes de *e* e *i* representa ao ouvido a «mesma consonancia que exprime o nosso *j* consoante antes de qual-«quer vogal. Os verbos, pois, em *ger* e *gir,* como *eleger, fingir,* e in-«finitos outros d'esta especie, não deviam ser contados por nossos gram-«maticos na classe dos irregulares, por se escreverem com *j* em logar «de *g,* quando se lhe segue *a, o,* como: *elejo, eleja; finjo, finja,* A ano-

(1) *Obra citada,* pag. 187.

«malia, assim como a analogia, está sempre nos sons da lingua, e não «em sua orthographia, e, si de uma cousa se póde argumentar para ou-«tra, é d'esta para aquella e não d'aquella para esta. Só esta observa-«ção restitue á classe dos regulares um grande numero de verbos, ex-«cluidos d'ella sem razão por nossos grammaticos.

«Pelo mesmo principio já estabelecido não são tambem irregulares «os verbos *attrahir, cahir,* e seus compostos *contrahir, distrahir, reca-«hir,* etc., *sahir,* e outros similhantes. Porque, si o *h,* com que ora se «escrevem, é para separar as duas vogaes em ordem a não fazerem di-«phthongo, e mostrar que o *i* é longo e agudo, muito melhor faziam «isto os nossos antigos dobrando o *i,* e escrevendo *caiir, saiir;* e nós «ainda melhor, accentuando o mesmo *i,* d'este modo *«caír, saír»;* e ti-«rando o accento quando faz diphthongo no presente do indicativo e do «subjunctivo, como *caio, caia, saio, saia,* etc.»

264. São defectivos

1) Os verbos *brandir, carpir, feder, fruir, fulgir, ganir,* e *latir* que se não empregam nas formas em que ao thema se deveria seguir *a* ou *o*. Assim, não se pode dizer—*brando, branda; carpo, carpa; fedo, feda; fruo, frua; fuljo, fulja; gano, gana, lato, lata,* etc.

2) Os verbos *abolir, addir, adir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, emollir, empedernir, exinanir, exhaurir, extorquir, fallir, florir, munir, polir, renhir, retorquir, submergir,* que se não empregam nas formas em que o thema se déveria seguir *a, e, o*. Assim não se póde dizer *addo, ado, bana, demole,* etc.

O correctissimo escriptor, snr. Ramalho Ortigão, usou da fórma *colorem* do verbo *colorir.*

3) Os verbos *precaver* e *rehaver* que não são usados nas tres pessoas no singular e na terceira do plural do indicativo presente; no imperativo e no subjuntivo presente.

265. Muitos verbos têm dous participios aoristos, um regular e outro irregular: este ultimo é contracção do pri-

meiro, ou então vem immediatamente do verbo latino. Os participios aoristos irregulares são mais usados como adjectivos verbaes, e é por isso que os vemos quasi sempre depois de *ser e estar*.

«E' digno de ler-se o que escreve Leoni (1) sobre este assumpto: «Os participios, que tem fórma regular, são geralmente os que se con«jugam com os verbos *ter* e *haver*, porque denotam uma acção feita ou «executada; pelo contrario os irregulares, sendo apenas meros adjecti«vos verbaes, designam sómente qualidade, como todos os adjectivos. Assim, não podemos 'dizer: *Temos afflicto alguem*, em vez de *temos* «*affligido*: porque *afflicto* póde ser um estado não promovido ou causa«do por outrem; e «*affligido*» quer dizer «*feito afflicto*»; pelo que, «*Temos affligido*» significa *Temos feito o acto de affligir*, ou *temos feito* «*com que alguem ficasse afflicto*».

1) *Primeira conjugação*

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Acceitar,	Acceitado,	Acceito;
Affeiçoar,	Affeiçoado,	Affecto;
Annexar,	Annexado,	Annexo;
Aprompt ar,	Apromptado,	Prompto;
Arrebatar,	Arrebatado,	Rapto, *ant.*;
Bemquistar,	Bemquistado,	Bemquisto;
Botar, *embotar*,	Botado,	Bôto;
Captivar,	Captivado,	Captivo *ou* Capto;
Cegar,	Cegado,	Cego;
Circumcidar,	Circumcidado,	Circumciso;
Compaginar,	Compaginado,	Compacto;
Completar,	Completado,	Completo;
Concretar,	Concretado,	Concreto;
Condensar,	Condensado,	Condenso;
Confessar,	Confessado,	Confesso;
Cultivar,	Cultivado,	Culto;

(1) *Genio da Lingua Portugueza*, Lisboa, 1858, tom. I, pag 244.

Inf. Pres.	Part. Aor. Reg.	Part. Aor. Irr.
Curvar,	Curvado,	Curvo;
Densar,	Densado,	Denso;
Descalçar,	Descalçado,	Descalço;
Despertar,	Despertado,	Desperto;
Dispersar,	Dispersado,	Disperso;
Entregar,	Entregado,	Entregue;
Enxugar,	Enxugado,	Enxuto;
Estreitar,	Estreitado,	Estreito;
Exceptuar,	Exceptuado,	Excepto, *usado hoje como preposição*;
Excusar,	Excusado,	Excuso, *ant.*;
Exemptar,	Exemptado,	Exempto;
Expressar,	Expressado,	Expresso;
Expulsar,	Expulsado,	Expulso;
Extremar,	Extremado,	Extreme, *ant.*;
Faltar,	Faltado,	Falto;
Fartar,	Fartado,	Farto;
Findar,	Findado,	Findo;
Fixar,	Fixado,	Fixo;
Ganhar,	Ganhado,	Ganho;
Ignorar,	Ignorado,	Ignoto;
Infectar,	Infectado,	Infecto;
Infestar,	Infestado,	Infesto;
Inficionar,	Inficionado,	Infecto;
Inquietar,	Inquietado,	Inquieto;
Juntar,	Juntado,	Junto;
Lesar,	Lesado,	Leso;
Libertar,	Libertado,	Liberto;
Limpar,	Limpado,	Limpo;
Livrar,	Livrado,	Livre;
Malquistar,	Malquistado,	Malquisto;
Manifestar,	Manifestado,	Manifesto;
Misturar,	Misturado,	Misto;
Molestar,	Molestado,	Molesto;

INF. PRES	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Murchar,	Murchado,	Murcho;
Occultar,	Occultado,	Occulto;
Pegar,	Pegado,	Pêgo;
Professar,	Professado,	Professo;
Quietar,	Quietado,	Quieto;
Rejeitar,	Rejeitado,	Rejeito, *ant.*;
Requisitar,	Requisitado,	Requisito;
Safar, *tirar fóra ou desembaraçar,*	Safado,	Safo;
Salvar,	Salvado,	Salvo;
Seccar,	Seccado,	Secco;
Segurar,	Segurado,	Seguro;
Sepultar,	Sepultado,	Sepulto, *ant.*;
Situar,	Situado,	Sito;
Soltar,	Soltado,	Sôlto;
Sujeitar,	Sujeitado,	Sujeito;
Suspeitar,	Suspeitado,	Suspeito;
Suxar,	Suxado,	Suxo;
Vagar,	Vagado,	Vago;
Voltar,	Voltado,	Vôlto.

2) *Segunda conjugação*

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Absolver,	Absolvido,	Absolto *ou* absoluto;
Absorver,	Absorvido,	Absorto;
Accender,	Accendido,	Acceso;
Agradecer,	Agradecido,	Grato:
Arrepender,	Arrependido,	Arrepeso, *ant.*;
Attender,	Attendido,	Attento;
Bemquerer,	Bemquerido,	Bemquisto;
Benzer,	Benzido,	Bento;
Colher,	Colhido,	Colheito, *ant.*;
Comer,	Comido,	Comesto, *ant.*;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Conceder,	Concedido,	Concesso, *ant.*;
Conhecer,	Conhecido,	Cognito;
Conter,	Contido,	Conteudo, *ant.*;
Convencer,	Convencido,	Convicto;
Converter,	Convertido,	Converso;
Corromper,	Corrompido,	Corrupto;
Cozer,	Cozido,	Cozeito *ou* coito, *ant.*;
Defender,	Defendido,	Defeso;
Desonvolver,	Desenvolvido,	Desenvolto;
Despender,	Despendido,	Despeso, *ant.*;
Deter,	Detido,	Deteudo, *ant.*;
Dissolver,	Dissolvido,	Dissoluto;
Devolver,	Devolvido,	Devoluto;
Eleger,	Elegido,	Eleito;
Encher,	Enchido,	Cheio;
Escolher,	Escolhido,	Escolheito, *ant.*;
Esconder,	Escondido,	Escuso;
Escorrer,	Escorrido,	Escorreito, *termo popular*;
Escurecer,	Escurecido,	Escuro;
Extender,	Extendido,	Extenso;
Immerger,	Immergido,	Immerso;
Incorrer,	Incorrido,	Incurso;
Interromper,	Interrompido,	Interrupto, *pouco usado*;
Involver,	Involvido,	Involto;
Manter,	Mantido,	Manteudo, *ant.*;
Nascer,	Nascido,	Nado *ou* nato;
Pender,	Pendido,	Penso;
Perverter,	Pervertido,	Perverso;
Prender,	Prendido,	Preso;
Propender,	Propendido,	Propenso;
Querer, *querer bem*,	Querido,	Quisto;
Reconhecer,	Reconhecido,	Recognito;

Inf. Pres.	Part. Aor. Reg.	Part. Aor. Irr.
Recozer,	Recozido,	Recoito, *ant.*;
Refranger,	Refrangido,	Rafracto;
Remover,	Removido,	Remoto;
Reprehender,	Reprehendido,	Reprehenso;
Resolver,	Resolvido,	Resoluto;
Reter,	Retido,	Reteudo, *ant.*;
Retorcer,	Retorcido,	Retorto;
Revolver,	Revolvido,	Revôlto;
Romper,	Rompido,	Roto;
Solver,	Solvido,	Soluto;
Submetter,	Submettido,	Submisso;
Surprehender,	Surprehendido,	Surpreso;
Suspender,	Suspendido,	Suspenso;
Tanger,	Tangido,	Tacto;
Tender,	Tendido,	Tenso;
Ter,	Tido,	Teudo, *ant.*;
Tolher,	Tolhido,	Tolheito, *ant.*;
Torcer,	Torcido,	Torto;
Volver,	Volvido,	Vôlto *ant.*;

2) *Terceira Conjugação*

Inf. Pres.	Part. Aor. Reg.	Part. Aor. Irr.
Abstrahir,	Abstrahido,	Abstracto;
Adquirir,	Adquirido,	Acquisto;
Affligir,	Affligido,	Afflicto;
Aspergir,	Aspergido,	Asperso;
Assumir,	Assumido,	Assumpto;
Cingir,	Cingido,	Cincto;
Circumduzir,	Circumduzido,	Circumducto;
Coagir,	Coagido,	Coacto;
Compellir,	Compellido,	Compulso;
Comprimir,	Comprimido,	Compresso;
Concluir,	Concluido,	Concluso;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Confundir,	Confundido,	Confuso;
Contrahir,	Contrahido,	Contracto;
Contundir,	Contundido,	Contuso;
Convellir,	Convellido,	Convulso;
Corregir,	Corregido,	Correcto;
Diffundir,	Diffundido,	Diffuso;
Diluir,	Diluido,	Diluto;
Digerir,	Digerido,	Digesto;
Dirigir,	Dirigido,	Directo;
Distinguir,	Distinguido,	Distincto;
Distrahir,	Distrahido,	Distracto;
Dividir,	Dividido,	Diviso, *pouco usado*,
Erigir,	Erigido,	Erecto;
Excluir,	Excluido,	Excluso;
Exhaurir,	Exhaurido,	Exhausto;
Eximir,	Eximido,	Exempto;
Expellir,	Expellido,	Expulso;
Exprimir,	Exprimido,	Expresso;
Extinguir,	Extinguido,	Extincto;
Extorquir,	Extorquido,	Extorto;
Extrahir,	Extrahido,	Extracto;
Fingir,	Fingido,	Ficto;
Frigir,	Frigido,	Frito;
Haurir,	Haurido,	Hausto;
Illudir,	Illudido,	Illuso;
Incluir,	Incluido,	Incluso;
Induzir,	Induzido,	Inducto;
Infundir,	Infundido,	Infuso;
Inserir,	Inserido,	Inserto;
Instruir,	Instruido,	Instructo, *pouco usado*;
Introduzir,	Introduzido,	Introducto;
Obtundir,	Obtundido,	Obtuso;
Omittir,	Omittido,	Omisso;

INF. PRES.	PART. AOR. REG.	PART. AOR. IRR.
Opprimir,	Opprimido.	Oppresso;
Possuir,	Possuido,	Possesso;
Recluir,	Recluido,	Recluso;
Remittir,	Remittido,	Remisso;
Repellir,	Repellido,	Repulso;
Reprimir,	Reprimido,	Represso, *pouco usado*;
Restringir,	Restringido,	Restricto;
Submergir,	Submergido,	Submerso;
Supprimir,	Supprimido,	Suppresso, *pouco usado*
Surgir,	Surgido,	Surto;
Tingir,	Tingido,	Tincto;

266. Alguns verbos ha cujas fórmas regulares do participio aoristo antiquaram-se, servindo as irregulares tanto de adjectivos verbaes, como de verdadeiros participios na formação dos tempos compostos. São

1) *Primeira Conjugação*

INF. PRES.	PART. AOR. REG. *Antiq.*	PART. AOR. IRR. *usado.*
Gastar,	Gastado,	Gasto;
Pagar,	Pagado,	Pago;

2) *Segunda Conjugação*

INF. PRES.	PART. AOR. REG. *Antiq.*	PART. AOR. IRR. *usado*
Escrever,	Escrevido,	Escripto;
Descrever,	Descrevido,	Descripto;
Prescrever,	Prescrevido,	Prescripto, etc.

3) *Terceira Conjugação*

INF. PRES.	PART. AOR. REG. *Antiq.*	PART. AOR. IRR. *usado*
Abrir,	Abrido,	Aberto;
Cobrir,	Cobrido,	Coberto;
Descobrir,	Descobrido,	Descoberto;
Encobrir,	Encobrido,	Encoberto;
Imprimir,	Imprimido,	Impresso.

VI

Adverbio

267. No admittir graus de comparação (*lindamente, mais lindamente, lindissimamente, boamente, melhormente, optimamente)* revela o adverbio ter sido palavra flexional nas antigas linguas indo-germanicas, fontes da portugueza. Como já ficou dito (184) marca elle a transição das palavras variaveis para as invariaveis.

Alguns adverbios, os adjectivos adverbiados e as locuções adverbiaes assumem flexões diminutivas para exprimir encarecimento, superlatividade, ex.: «*Levantai-me cedinho — Fallou baixinho—Estar de pésinho.*»

SECÇÃO TERCEIRA

ETYMOLOGIA

268. *Etymologia* é o conjuncto das leis que presidem á derivação das palavras nas diversas linguas.

Lexeogenia seria termo preferivel a *Etymologia*. Comtudo este ultimo tem em seu favor desde seculos a consagração universal: não póde, pois, ser substituido.

Bem como as especies organicas que povôam o mundo, as linguas, verdadeiros organismos sociologicos, estão sujeitas á grande lei da lucta pela existencia, á lei da selecção. E é para notar-se que a evolução linguistica se effectua muito mais promptamente do que a evolução das

especies: nenhuma lingua parece ter vivido por mais de mil annos, ao passo que muitas especies parece terem-se perpetuado por milhares de seculos.

E' admiravel o seguinte confronto (1):

A SELECÇÃO

nas especies	*nas linguas*
1) As especies têm suas variedades, obra do meio ou de causas physiologicas.	1) As linguas têm os seus dialectos, obra do meio ou dos costumes.
2) As especies vivas descendem geralmente das especies mortas do mesmo paiz.	2) As linguas vivas descendem geralmente das linguas mortas do mesmo paiz.
3) Uma especie em um paiz isolado passa por menos variações.	3) Uma lingua em um paiz isolado passa por menos variações.
4) Variações produzidas pelo cruzamento com especies distinctas ou extrangeiras.	4) Variações produzidas pela introducção de palavras novas, devidas ás relações exteriores, ás sciencias, á industria.
5) A superioridade das qualidades physicas que asseguram a victoria dos individuos de uma especie causa da selecção.	5) O genio litterario e a instrucção publica centralisada, causas da selecção:
6) A belleza da plumagem ou a melodia do canto, causa da selecção.	6) A brevidade ou a euphonia causa da selecção.
7) Lacunas numerosas nas especies extinctas.	7) Lacunas numerosas nas linguas extinctas.
8) Probabilidades de duração de uma especie em um numero dos individuos que a compõem.	8) Probabilidades de duração de uma lingua em o numero dos individuos que a fallam.
9) As especies extinctas não reapparecem mais.	9) As linguas extinctas não reapparecem mais.
10) Progresso nas especies pela divisão do trabalho physiologico.	10) Progresso nas linguas pela divisão do trabalho intellectual.

(1) ÉMILE FERRIÈRE, *Le Darwinisme*, Paris, pag. 121 a 223.

CLASSIFICAÇÃO GENEALOGICA

nas especies	*nas linguas*
1) Constancia de estructura; orgams de alta importáncia physiologica; orgams de importancia variada.	1) Constancia de estructura; radicaes de alta importancia; flexões de importancia variada.
2) Vestigios de estructura primordial: orgams rudimentarios ou atrophiados: estructura embryonaria.	2) Vestigios de estructura primordial: lettras rudimentarias ou atrophiadas: phase embryonaria.
3) Uniformidade de um conjuncto de kharacteres.	3) Uniformidade de um conjuncto de kharacteres.
4) Cadeia de affinidades nas especies vivas ou extinctas.	4) Cadeia de affinidades nas linguas vivas ou extinctas.

269. As palavras da lingua portugueza derivam-se
1) de palavras da lingua latina considerada mãe;
2) de outras palavras da mesma lingua portugueza.
3) de palavras de linguas extrangeiras antigas e modernas.

A lingua latina, transformando-se, produziu sete linguas chamadas *novo-latinas* ou *romanicas*—*O Portuguez,* o *Hespanhol,* o *Francez,* o *Provençal,* o *Italiano,* o *Ladino* e o *Rumeno* (1).

270. O dominio actual da Lingua Portugueza comprehende 18.050:000 pessoas em uma area territorial de 10.277:000 khilometros quadrados, assim distribuida pela America do Sul, Europa, Africa, Asia e Oceania:

---

(1) HOVELACQUE, *La Linguistique,* Paris, 1877, pag. 317.

	Khilometros quadrados	Habitantes
Norte—Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco	4.172.000	3.080.000
Leste—Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo	942.000	3.950.000
Sul—Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul	536.000	750.000
Centro—Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso	2.702.000	2.320.000
Reino Europeu, Madeira, Açores	93.000	4.700.000
Ilhas da Africa	4.000	150.000
Guiné Meridional (1)	810.000	2.000.000
Moçambique	1.000.000	350.000
India	4.000	450.000
Macau e Timor	14.000	300.000
Totaes	10.277.000	18.050.000

271. O estudo comparativo das linguas romanicas leva-nos ao conhecimento das leis gloticas que presidiram á evolução do Latim. No estado actual da sciencia physiologica é impossivel assignalar todas as causas que produziram taes leis. O que não soffre duvida é quanto contribuiu para ellas a influencia do meio, alliada ao pendor que tem o homem, assim como todo o animal, para empregar o minimo exforço possivel na realisação de actos physiologicos (2). E' por causa

(1) Na população que dão os documentos officiaes a esta região, bem como nas de Moçambique e de Tímor, estão comprehendidas muitissimas tribus que não fallam Portuguez. Seria talvez rasoavel baixar o total a 16.000.000.

(2) O principio biologico que, conjunctamente com a acção dos meios, produz a contração dos sons vogaes e a permutação das alte-

d'esta tendencia, pronunciadissima nos climas enervadores dos paizes intertropicaes, que as linguas européas tanto se têm adoçado e corrompido em certas partes da America.

272. Na passagem do Latim para Portuguez nota-se:

1) a persistencia do accento tonico: *fémea* de *fémina*, *hómem* de *hómine*, *pállido* de *pállido* (1).

E' esta a grande lei da evolução glottica que deu o dominio romanico: pela persistencia do accento prepetuou-se o Latim nas suas sete filhas. Se se eliminasse das palavras romanicas o accento latino, originar-se-ia um khaos linguistico em que ninguem se poderia mais entender; perder-se-hia de uma vez o fio conductor que levou Diez e Brachet ás suas maravilhosas descobertas; extinguir-se-ia o germen de vida que deu Acoli á Italia e Coelho a Portugal.

---

rantes, chama-se o—*principio da minima acção,*—isto é, do menor esforço a fazer para pronunciar.

Baseia-se neste principio a celebre—LEI DE GRIMM—que se póde assim resumir: «Estando verificado, como está; que o alphabeto primitivo de nossos idiomas só comporta as alterantes —*k*, *g*, *gh; t*, *d*, *dh; p*, *b*, *bh; n*, *m; r*, *l; j*, *v; s*—segue-se que:

as	—*sonoras,*	*surdas,*	*aspiradas,*	—originaes
são	—*surdas,*	*aspiradas,*	*sonoras*	—em Gothico
e	—*aspiradas,*	*sonoras,*	*surdas*	—em Alto Allemão.

Exemplo tomado dos sons dentaes:

Sanskrito	*Danta* (dente)
Latim	*Dentis*
Grego	*Odóntos*
Gothico	*Tunthus*
Inglez	*Tooth*
Alto Allemão	*Zande*
Allemão	*Zahn*

(1) Para exemplos de derivação de substantivos e adjectivos emprega-se o ablativo singular da declinação latina.

2) a queda da voz livre não accentuada
  a) no principio das palavras: *bispo* de ***e**piscopo, re-logio* de ***h**orologio*.
  b) no meio das palavras: bondade de *bon**i**tate*, caldo de *cal**i**do*.

Esta syncope dá-se especialmente com a voz *i*, sendo rara com as outras.

  c) no fim das palavras: *amor* de *amor**e***, *tom* de *to-n**o***. Esta apocope dá-se com as vozes *e* e *i* depois das modificações *c, b, m, n, r*. Com *u* é ella rara.

3) queda de modificações vocaes e até de syllabas inteiras
  a) no principio das palavras: *irmão* de ***g**ermano*.

E' rarissima esta apherese.

  b) no meio das palavras: *boi* de *bo**v**e*, *dedo* de *di-**gi**to*, *dono* de *do**mi**no*, *vêa* (*veia*) de *ve**n**a*, *mãe* de *ma**tr**e*.

Esta syncope dá-se especialmente com as modificações *b, d, g (gh), l, n, r, v*; com o grupo *tr*, e com as syllabas em que entram taes elementos.

  c) no fim das palavras: *si* (*sim*) de *si**c***, *a* de *a**d***, *vime* de *vimi**ne***.

Esta apocope dá-se especialmente com as modificações *c, d, m, n, t*, e com as syllabas em que entram taes elementos.

4) conversão das vozes tonicas
  a) *e* em *i*: *migo*, de *mecum*, *sigo* de *secum*, *sigo* (verbo) de *sequor*, *tigo* de *tecum*.
  b) *i* em *e*: *cedo* de *cito*, *pero* de *piro*.
  c) *o* em *u*: *cumpro* de *compleo*.

E' rara esta conversão.

d) *u* em *o*: *copa* de *cupa*, *lobo* de *lupo*.

5) conversão das vozes atonicas

a) *a* em *e*: *espargo* de *aspárago*.
b) *a* » *i*: *Ignez* » *Agnéte*.
c) *e* » *o*: *Oruga* » *erúca*.
d) *e* » *ou*: (por attracção): *ouriço de ericio*.
e) *i* » *e*: *gengiva* de *gingiva*.
f) *o* » *e*: *escuro* » *obscúro*.
g) *u* » *o*: *ortiga* » *urtica*.
h) *u* » *ou*: *ourina* » *urina*.

6) conversão dos diphthongos

a) *ae* em *e*: *Cesar* de *Cæsar*.
b) *au* em *a*, *o*, *ou*, ou *oi*: *Agosto* de *Augusto*; *pobre* de *paupere*; *mouro*, *moiro* de *mauro*; *ouro*, *oiro* de *auro*.

7) conversão em *j* da voz livre quando posta antes de outra tambem livre: *jerarkhia* de hierarchia; *Julio* de *Iulio*.

8) abrandamento das modificações vocaes fortes; especialmente

a) de *b* em *v*: *arvore* de *arbore*, *fava* de *faba*
b) de *c* em *g*: *gruta* de *crypta*, *lago* de *lacu*.
c) de *f* em *v*: *ourives* de *aurifice*, *Estevam* de *Stephano*.
d) de *n* em *l*: *alma* (álima) de *anima*, *alimaria* de *animalia*.
e) de *p* em *b*: *lobo* de *lupo*, *pobre* de *paupere*.

Por meio de uma forma intermedia em *b*, *p*, transforma-se em *v*: *escova* de *scopa* por meio de *scoba*; *povo* de *pobo* (fórma antiga) e de *poplo*, *poblo* fórmas conjecturaes. Compare-se o Hespanhol *pueblo*. E' raro este abrandamento.

f) de *t* em *d*: *roda* de *rota*, *vide* de *vite*.

9) reforço das modificações vocaes brandas, especialmente de *l* por *d*: *escada* de *scala*, *deixar* de *laxare*.

10) dissimilação de modificações para evitar que sejam repetidas na mesma palavra. Faz-se

a) convertendo uma modificação vocal em outra da mesma classe: *alvitre* de *arbitrio* (*r* em *l*); *marmelo* de *melimelo* (*l* em *r*); *rouxinol* de *lusciniolu* (*l* em *r*).

b) suprimindo uma modificação vocal: *próa* de *prora* (suppressão de *r*), *frade* de *fratre* (suppressão de *r*).

11) de generação

a) de *c* (k) em *s*: *cera* (pronuncia-se *sera*) de *cera* (pronuncia-se *kera*); *Cicero* (pronuncia-se *Sissero*) de *Cicero* (pronuncia-se *Kikero*).

b) de *g* (*gh*) em *j*: *gente* (pronuncia-se *jente*) de *gente* (pronuncia-se *ghente*); *giro* (pronuncia-se *jiro*) de *gyro* (pronuncia-se *ghiro*).

c) de *s* em *z*: *casa* (pronuncia-se *caza*) de *casa* (pronuncia-se *cassa*); *rosa* (pronuncia-se *roza*) de *rosa* (pronuncia-se *rossa*).

d) de *x* (*cs*) em *z*: *exame* (prouuncia-se *ezame*) de *examine* (pronuncia-se *egzamine*).

e) de *x* (*cs*) em *x* (*ch*): *luxo* (pronuncia-se *lucho*) de *luxu* (pronuncia-se *lucsu*).

f) de *ti* em *ç*: *nação* de *natione*, *Horacio* de *Horatio*.

12) conversão de modificações geminadas em molhadas; especialmente

a) de *ll* em *lh*: *galha* de *galla*; *centelha* de *scintilla*.

b) de *nn* em *nh*: *grunhir* de *grunnire*, *pinha* de *pinna*.

13) desapparição da primeira de duas modificações que actuam sobre a mesma voz: *augmento* (pronuncia-se *aumento*) de *augmento*; *recto* (pronuncia-se *réto*) de *recto*; *psalmo* (pronuncia-se *salmo*) de *psalmo*.

14) dissolução em voz livre da primeira de duas modificações que actuam sobre a mesma voz.

A modificação dissolvida fica formando diphthongo com a voz precedente. *C*, *g*, *l*, *p*, iniciaes de grupos modificativos dissolvem-se em *i*: *noite* de *nocte; reinar* de *regnare*; *buitre, escuitar* (forma antiga e usada ainda no Brazil), *fruita* (forma antiga e ainda usada no Brazil), *muito* de *vulture, ascultare, fructu, multo; conceito* de *concepto*. *X* divide-se em *cs*: *c* dissolve-se em *i*, e *s* assume a fórma graphica de *x* com valor de *ch*: *eixo* de *axe, teixo* de *taxo*. O mesmo acontece com os grupos *ct, ps, sc, ss: feito* de *facto, caixa* de *capsa, feixe* de *fasce, paixão* de *passione*.

Sobre a voz que precede a modificação dissolvida ha a notar

a) a voz *a* antes de *i*, resultante da dissolução de *p* (grupo *ps*) e de *s* (grupo *ss*) fica inalterada: *caixa* de *capsa, paixão* de *passione*.

b) a voz *a* antes de *i*, resultante da dissolução de *c* (grupos *cs*=*x* e *ct*) e de *s* (grupo *sc*) converte-se em *e* e forma o diphthongo *ei*: *teixo* de *taxo, feito* de *facto, feixe* de *fasce*.

c) a voz *a* antes de *i*, resultante da dissolução de *l*, converte-se em *o*, formando o diphthongo *oi: coice* de *calce; foice* de *falce*.

Na mór parte dos casos, a dissolução depois de *o*, além de ser em *i* pode tambem ser em *u: noite* ou *noute, coice* ou *couce, foice* ou *fouce*. Todavia ha fórmas immoveis consagradas pelo uso; diz-se sempre *oito* e não *outo; Outubro, douto* e não *Oitubro, doito*.

Depois de *u* é rara a dissolução de *c* em *i;* todavia ha exemplos, como os acima citados *escuitar, fruito* que se encontram em Camões e são vigentes no Brazil.

N'este caso de dissolução a voz precedente *u* converte-se por vezes em *o: aloitar, loitar* (em Portuguez antigo, no dialecto Gallego e ainda hoje no interior do Brazil) por *luctar* de *luctare*.

15) conversão em *ch* dos grupos iniciaes *cl, fl, pl*: *chave* de *clave; chamma* de *flamma, chuva* de *pluvia*.

Para comprehender-se como estes grupos latinos pouderam dar a modificação *ch*, o unico meio é recorrer á comparação com as outras linguas romanicas.

Os grupos iniciaes *cl, fl, pl* em Francez permacem inalterados— *clef, flamme, pluie;* em Hespanhol convertem-se em *ll—llave, llama lluvia;* em Italiano o segundo elemento *(l)* dissolve-se em *i—chiave fiamma, pioggia.* Esta ultima lingua permitte-nos organisar o seguinte eskhema (1) em o qual a transformação gradativa pode ser seguida pela vista.

kl	*fl*	*pl*
ki	*fi*	*pi*
kj	*fj*	*pj*
j	*j*	*j*
ch	*ch*	*ch*

Nos tres grupos *l* dissolve-se em *i;* por sua vez *i* transforma-se em *j; j* repelle o primeiro elemento *(k, f, p),* e toma o som que tem em gallego *(Xente, Xaneiro, Xunho, Xuiz)* representado graphicamente por *ch.*

Robustecem ainda esta theoria as formas castelhanas *jaga, jano, jeno;* em Portuguez *chaga, chão, cheio;* em Hespanhol classico *llaga, llano, lleno;* em Italiano *piaga, piano, pieno;* em Francez *plaie, plain, plein;* em Latim *plaga, plano, pleno.* A consanguineidade das fórmas portuguezas *chaga, chão, cheio* com as castelhanas *jaga, jano, jeno,* além de ficar phonicamente estabellecida a uma simples audição, prova-se tambem historicamente. Em um praso do seculo XIV (2) lê-se «*Ua fila de Margarida que* JAMAM *Luzia, que traga com elles este herdamento*».

16) conversão do grupo medio *ct* em *ch* nas palavras *cacho* de *cacto* (3), *colcha* de *culc'ta, trecho* de *tracto.*

---

(1) No eskhema está *c* substituido por *k:* de facto, k é sempre o representante do *c* latino, e a lettra *c* nas linguas romanicas symboliza diversas modificações *(k, s, tch).*

(2) SANTA ROSA VITERBO, *Elucidario,* artigo *jamar.*

(3) E' esta a primeira vez que apparece a verdadeira etymologia da pala vra portugueza *cacho.* Moraes nada diz sobre a derivação de tal palavra; o douto organisador do *Diccionario de Fr. Domingos Vieira* ensina que é ella de origem duvidosa; Diez *(Worterbuch der Romanischen Sprachen)* propõe *cap'lare (capulare).* Constancio deriva-a

17) conversão em *lh* dos grupos medios

a) *bl*: *ralhar* de *rab'lare* (rabulare), *trilhar* de *trib'lare* (*tribulare*).
b) *cl*: *espelho* de *spec'lo* (*speculo*), *olho* de *oc'lo* (*oculo*).
c) *gl*: *coalhar* de *coag'lare* (*coagulare*), *telha* de *teg'la* (*tegula*).
d) *pl*: *escolho* de *scop'lo* (*scopulo*) *manolho* (*manojo*, Brazil) de *manup'lo* (*manupulo*, *manipulo*).
e) *sl*; *ilha de is'la* (*insula*).

E' o unico exemplo do caso. Compare-se o Francez *île* (*isle*).

f) *tl*: *rolha* de *rot'la* (*rotula*), *velho* de *vet'lo* (*vetulo*).

A par d'estas encontram-se outras fórmas diversas, derivadas destes mesmos grupos, por exemplo:

a) *bl*: *diabo*, *diacho*, *dianho* (S. Paulo), assim como a forma regular *dialho* (Minas).
b) *cl*: *mancha* a par de *malha* de *mac'la* (*macula*)
c) *gl*: tecla a par de *telha* teg'la (tegula); *regra* a par de *relha* de *reg'la* (*regula*).
d) *pl*: *ancho* de *amplo*. A causa desta anomalia é a nasalidade da syllaba que procede o grupo: seria difficil sinão impossivel pronunciar satisfactoriamente *lh* depois de *m* ou *n*. *Encher* de *implere;* é esta uma palavra composta:

---

de *acinus*!!! O maior mestre actual da philologia portugueza, o colendo sr. Adolpho Coelho, entende que *colcha* e *trecho* são os casos unicos da conversão do grupo medio *ct* em *ch*.

Colcha e *trecho* autorisam-nos a derivar *cacho* de *cacto* (κάκτος), palavra grega que significa ALCACHOFRA, e que Plinio (21, 16,57) empregou em Latim como nome de uma planta siciliana «que tem caules sahidos da raiz e alastrados pelo chão».

raiz *ple* de *plere* (testo), *in* prefixo. Reduz-se, pois, a um simples caso da regra acima [16)] sobre *pl* inicial.

e) tl: rolo, rol de *rot'lo (rotulo).*

18) inserção de um *b* euphonico entre os elementos *m* e *r* do grupo *mr*, resultante da queda de uma voz: *lembrar* (*nembrar* antigo) de *mem'rare* (*memorare*), *hombro* de *hum'ro* (*humero*).

Compare-se *combro* de *cum'lo (cumulo) numbro* popular por *numero)* de *num'ro (numero); semblante (sembrante* antigo) de *sim'lante (similante)*

A' acção da mór parte das leis exaradas acima escapam muitos casos que, longe de serem excepções, são exemplos de leis mais particulares que não cabe aqui registrar.

19) a obliteração do genero neutro.

20) o apparecimento dos artigos *o, a, os, as, um, uma, uns, umas*.

21) a suppressão dos casos e a passagem da declinação para o estado analytico por meio de preposição ex.:

O (os) servo, os		*Serv***us, i**
do (dos) servo, os		*serv***i, orum**
ao (aos) servo, os		*serv***o, is**
o (os) servo, os	em vez de	*serv***um, os**
ó servo, os		*serv***e, i**
pelo (pelos) servo, os		*serv***o, is**

22) a passagem da conjugação para o estado analytico por meio de auxiliares, ex:

Eu terei amado		*Amavor*
eu teria amado	em vez de	*amavissem*
eu sou amado		*amor*
eu serei amado		*amabor*

23) construcção direita da phrase na ordem logica actual do pensamento, ex.:

Escreverei a vida de D. João de Castro, varão ainda maior que o seu nome, maior que as suas victorias.	confrontado a	*Facturusne opera pretium sim, si a primordio Urbis res Populi Romani perscripserim, nec satis scio, nec si sciam dicere ausim*
F. Freire de Andrade		Titus Livius

I

SUBSTANTIVO

§ 1.º

Substantivos portuguezes derivados de substantivos latinos

272. Os substantivos portuguezes derivam-se dos substantivos latinos em ablativo do singular, ex.: «*Filha, servo, edade, exercito, especie*» vêm de «*Filia, servo, ætate, exercitu, specie*».

A' medida que a linguagem latina popular foi desconhecendo a importancia dos casos, foram-se estes reduzindo aos que, com mais sensivel differença de flexão, exprimiam as relações mais urgentes do pensamento. Por preencher a ambos estes requisitos triumphou o ablativo. Mas, o que aconteceu com relação ao plural? A ignorancia do povo, ou antes, o seu bom senso, não se podia accommodar com as fórmas diversissimas e, na apparencia, irregulares—*Filiabus, servis, æta-*

tibus, exercitibus, speciebus. Foi, pois, adoptada a mais regular, a mais homologa, a menos complexa de todas, o accusativo plural, cuja flexão resumia-se quasi sempre em acrescentar um simples *s* ao ablativo singular—de *Filia, filias;* de *servo, servos;* de *ætate, ætates;* de *exercitu, exercitus;* de *specie, species* (1).

Os nomes acabados em *ão* constituem á primeira vista uma excepção a esta regra tão simples e tão logica da formação do plural. Basta, porém, um olhar aos seguintes eskhemas para que resalte a perfeita regularidade do que é apparentemente uma irregularidade:

	Terminação singular do substantivo popular latino	Terminação plural do substantivo popular latino	Terminação singular do substantivo portuguez	Terminação plural do substantivo portuguez
Ancião.. *castellão* *cortezão.* *grão....* *irmão ..* *vão ....*	**ano**	**anos**	**ão**	**ãos**

O *n* não se perdeu na passagem do Latim popular para o Portuguez: existe como nasalação do *a*, e é representado graphicamente pelo til (Vide 55).

---

(1) Quer Diez (*obra citada*, vol. II pag. 3 e seguintes) que o caso gerador dos nomes romanicos tenha sido o accusativo. Sobre o plural, não ha duvida, foi. Quanto ao singular, as considerações do douto mestre tanto se applicam ao accusativo, como ao ablativo. O que elle diz dos nomes neutros *fel, mel, corpus, prectos* em portuguez *fel, mel, corpo, peito* é justo: não podiam vir do ablativo. Mas podiam vir do nominativo, e o proprio Diez o reconhece em relação a substantivos masculinos e femininos do Italiano e do Rumeno.

O que dá ganho de causa ao ablativo, que alias satisfaz a todas as exigencias, são as formas ablativas latinas *mecum, tecum, secum* que passaram agglutivas com a preposição para o Italiano, para o Hespanhol, para o Portuguez.

	Terminação singular do substantivo latino	Terminação plural do substantivo latino	Terminação singular do substantivo portuguez	Terminação plural do substantivo portuguez
cão .... *pão*	**ane**	**anes**	**ão**	**ães**

Tambem neste caso não se perdeu o *n* ao passar o Latim popular para o Portuguez: existe como nasalação do *a*, e é representado graphicamente pelo til.

Resta agora saber como a terminação *ane* do singular se converteu em *ão*. A terminação *ane* pela queda do *e* final reduziu-se a *an*, e este som era representado por *am*, ex.: «*Cam, pam*». Ora mais tarde *am* leu-se *ão*, e dahi resultou a confusão e a homologação de fórmas diversas por origem (1).

	Terminação singular do substantivo popular latino	Terminação plural do substantivo popular latino	Terminação singular do substantivo portuguez	Terminação plural do substantivo portuguez
Acção..... *dicção*..... *facção*..... *habitação*.. *prelecção*.. *supposição*, etc.......	**one**	**ones**	**ão**	**ões**

Ainda neste terceiro caso não se perdeu o *n* ao passar o Latim popular para Portuguez: existe como nasalação do *a*, e é representado graphicamente pelo til.

A conversão do *one* em *ão* é devida á mesma causa acima exposta. *One* pela queda de *e* final reduziu-se a *on*, ortographado *om*, e lido *ão*. O plural, pois, em *ãos, ães, ões*, em vez de ser uma anomalia, é o fio que tem o linguista para penetrar neste labyrintho etymologico.

---

(1) O facto de terem muitos nomes em *ão* pluraes anti-historicos e até mais de um plural, vem de que as combinações *am* e *om*, com que se representavam os derivados de substantivos de baixa latinidade em *ane, ano* e *one*, passaram com o volver do tempo a serem lidas da mesma maneira *ão*.

Dos tres generos que havia em Latim, masculino, feminino e neutro, só os dous primeiros passaram para o Portuguez; e o neutro obliterou-se.

Eis em resumo a analyse destes factos:

1) Os substantivos latinos masculinos conservaram-se masculinos em Portuguez: assim *Mundus, murus, filius* deram *Mundo, muro, filho*. Os substantivos femininos portuguezes *Cor, dor, flor* vêm dos masculinos latinos *Color, dolor, flos:* esta anomalia é devida á influencia do Francez, em que só com tres excepções são femininos os substantivos de cousas inanimadas, derivadas de substantivos latinos masculinos em *or*. Na palavra *Honra* mudou-se o genero do radical *Honor* por influencia da terminação accidental femenina *a*.

2) Os substantivos latinos femininos conservaram-se femininos em Portuguez: assim *Rosa, luna, fillia* deram *Rosa, lua, filha*.

3) Os nomes neutros latinos filiaram-se em Portuguez ora entre os masculinos, ora entre os femininos.

O povo romano não conservou por muito tempo a intuição das razões que o tinham levado a dar de preferencia o genero neutro a taes ou taes substantivos: pouco a pouco os substantivos neutros se foram passando para o genero masculino. Este erro, que os grammaticos romanos consignam como usual sob o Imperio, encontra-se frequentemente nas inscripções, em que gravadores ignorantes pozeram «*Templus, membrus, brachius*» em vez de «*Templum, membrum, brachium*». D'ahi os masculinos portuguezes «*Templo, membro, braço*». Mais tarde, por occasião da queda do Imperio, a força sempre crescente da anologia deu logar a um engano ainda mais grosseiro; tomou-se o plural neutro em *a* por um nominativo singular da primeira declinação, e assim «*Folia, pira, poma*», pluraes de «*Folium, pirum, pomum*» foram declinados como *rosa*, apparecendo em certos textos de Latim merovingio fórmas monstruosas como *Pecoras, folias*, etc. E' por isto que temos em Portuguez os substantivos femininos «*Folha, pêra, poma*, etc., derivados dos substantivos «*Folium, pirum, pomum*, etc.»

§ 2.º

Substantivos derivados de palavras da lingua portugueza

274. Além dos substantivos que constituem o fundo do Portuguez e dos de tekhnologia moderna, que se vão mul-

tiplicando com o progredir das sciencias, outros ha que se derivam quotidianamente dos substantivos, adjectivos, e verbos já existentes na lingua.

Affixos

275. Com as palavras existentes consideradas como radicaes (Vide 183) formam-se novas palavras por meio de affixos.

276. *Affixo* é a palavra que, ajunctada a uma palavra já existente ou ao seu thema, modifica-lhe a significação por meio de uma idéia accessoria que lhe accrescenta, ex.: «de *Fórma, refórma* (fórma nova)—de *guerra, guerreiro* (homem que faz a guerra)».

277. Dividem-se os affixos em prepositivos (que se põem antes do thema) e pospositivos (que se põem depois do thema).

278. Os affixos prepositivos chamam-se *prefixos*; os pospositivos chamam-se *suffixos*.

Prefixos ha que não alteram a significação do thema; chamam-se *expletivos*, ex.: «*Atambor*».

279. As palavras formadas de outras por meio de affixos chamam-se *derivadas-compostas*.

Prefixos

280. Os prefixos portuguezes são tomados em sua quasi totalidade do Latim e do Grego.

281. Alguns são tomados do Latim com pequena alteração, e outros sem nenhuma.

1) *a* (expletivo)—*Abarracamento, ametade.*
2) *a, ab, abs,* (apartamento)—*Aversão, abjuração, abstracção.*
3) *a, ad,* (logar onde, com palavras que significam

*

estado, quietação; logar para onde, com palavras que exprimem tendencia, movimento)—*Abordagem, adjuncção.*

Antes de *c, f, g, l, n, p, r, s, t,* — *ad* homológa o *d*, ex.: «*Accaso, affeição, aggravação, allusão, annuncio, approvação, arrumação, accenso, attenção.*

4) *ante* (situação anterior, prioridade de tempo)—*Antebraço, antedata.*
5) *bem* (exito feliz, perfeição)—*Bemaventurança, bemcasado, bemfeitoria.*
6) *bis* (repetição)—*Bisavô, bissecção.*
7) *circum* (contorno)—*Circumferencia, circumloquio.*

Antes de lettra vogal *circum* deixa cahir o *m*: ex.: «*circuito*»; conserva-o todavia em «*circumambiente*».

8) *com* (concurso, concomitancia)—*Coacção, conjectura, compaixão.*

Com

a) antes do *b, m, p* conserva-se inalterado, ex.: «*Combatimento, commettimento, compadre*».
b) antes de *c, d, f, g, j, n, q, s, t, v* muda o *m* em *n*, ex.: «*Concordia, conducção, confrade, conglobação, comjuiz, connexão, conquista, consogro, conturbação, convergencia*»,
c) antes do *l* e *r* homológa o *m*, ex.: «*Collocação, correlação*».
d) antes de lettra vogal deixa cahir o *m*, ex.: «*Coherdeiro, cooperação*».

9) *contra* (situação fronteira, opposição)—*Contrabateria, contrabando.*
10) *de* (principio, origem)—*Decurso, degradação.*
11) *des* (negação)—*Desfavor, desventura.*
12) *dis* (separação)—*Discordancia, disjuncção.*

Dis

a) antes de *c, p, s, t,* conserva-se inalterado, ex.: «*Discrepancia, disposição, dissecção, distracção.*

b) antes de *f* homológa o *s*, ex.: «*Diffamação, diffusão*».
c) antes de *g, l, m, r, v* deixa cahir o *s*, ex.: «*Digestão, diluvio, dimensão, directoria, diversão*».

13) *e* (extracção)—*Elucidação, emersão.*
14) *ex* (logar d'onde, cessação) *Extracção, exuberancia.*

Antes de *f*—*ex* homológa o *x*, ex.: «*Effeito*» Converte-se frequentemente em *is*, ex.: «*Isenção*».

15) *in* (logar onde, com palavras que significam estado, quietação; logar para onde, com palavras que significam tendencia, movimento; negação)—*Incisão, influencia, injustiça.*

In

a) antes de *b, p* muda o *n* em *m*, ex.: «*Inbibição, impiedade*».
b) antes de *l, m, r,* homológa o *n*, ex.: «*Illapso, immundicia, irrupção*».
c) *in* as mais das vezes converte-se em *en* e antes de *b, m, p,* em *em*, ex.: «*Encarecimento, embaraço, emmadeiramento, empino*».

16) *inter* (situação media)—*Interposição, intersecção.*

Inter, as mais das vezes converte-se em *entre*, ex.: «*Entrecasca, entreforro*».

17) *intro* (tendencia para logar interno)—*Introducção, introversão.*
18) *mal* (mau exito, imperfeição)—*Malandança, malfeitoria.*
19) *manu* (obra de mãos)—*Manufactura, manuscripto.*

Manu converte-se algumas vezes em *mam* e *mani*, ex.: «*Mamposteiro, manistergio*».

20) *meio* (dimidiação)—*Meiodia, meio-relevo.*
21) *não* (negação)—*Não-conformidade, não-razão.*
22) *ob* (situação fronteira, opposição)—*Objecto, obstaculo.*

Ob antes de *c, f, p* homológa o *b*, ex.: «*Occurrencia, officio, oppugnação*».

23) *per* (logar por onde, superlatividade)—*Perseguição, perfeição.*
24) *post* (successão)—*Postcommunio, posthumaria.*

Antes de lettras alterantes *post*, as mais das vezes, deixa cahir o *t*, ex.: «*Pospello, posposição*».

25) *pre* (antecedencia)—*Preposição, previsão.*
26) *preter* (omissão, excesso)—*Pretermissão, preternaturalidade.*
27) *pro* (patrocinio, substituição)—*Promoção, pronotario.*
28) *re* (repetição, regresso)—*Retoque, repulsão.*
29) *retro* (regresso)—*Retrogradação.*
30) *salvo, a* (isenção)—*Salvoconducto, salvaguarda.*
31) *se* (apartamento)—*Seducção, segregação.*
32) *semi* (demidiação)—*Semicirculo, semicupio.*
33) *soto, a* (inferioridade)—*Sotomestre, sotavento.*
34) *sub* (inferioridade)—*Subchefe, submissão.*

Antes de *c, f, g, p*—*sub* homológa o *b*, ex.: «*Succursal, suffusão, suggestão, supposição*». Converte-se frequentemente em *soc, sof, sor*, com o *b* homologado, ex.: «*Soccorro, soffrimento, sorriso*»: ainda n'esta conversão perde algumas vezes o *b*, ex.: «*Socava*».

35) *subter* (inferioridade)—*Subterfugio.*
36) *super* (superioridade)—*Superabundancia, superfluidade.*

37) *trans* (mutação, passagem)—*Transfiguração, transgressão.*

Trans converte-se frequentemente em *tra, tras, tres,* ex.: «*Traducção, Trasladação, tresvario.* Antes de *s* deixa cahir o *s,* ex.: «*Transcripção*».

38) *tris* (triplicação)—*Trisavó.*

Antes da lettra alterante *tris* deixa cahir o *s,* ex.: «*Trifolio*». Converte-se frequentemente em *tres,* ex.: «*Tresdobro*».

39) *ultra* (situação além, excesso)—*Ultramar, ultraromantismo.*

40) *vice* (subtituição com inferioridade)—*Vice-almirante, vice-rei* (antigamente *viso-rei).*

Vice deixa ás vezes cahir o *e,* mudando o *c* em *s,* ex.: «*Visconde*».

282. São tomados do Grego

1) *a* ou *an* (privação)—*Aphonia, anarkhia.*
2) *amphi* (dualidade)—*Amphisbena.*
3) *ana* (elevação)—*Analogia.*
4) *anti* (opposição)—*Antipathia.*
5) *apo* (apartamento)—*Apogeu.*
6) *kata* (abaixamento)—*Catastrophe.*
7) *dia* (intermediação)—*Diametro.*
8) *ec* ou *ex* (apartamento)—*Ecstasis, exodo.*
9) *en* (tendencia)—*Enema.*
10) *endo* (internação)—*Endosmose.*
11) *epi* (superposição)—*Epilogo.*
12) *exo* (externação)—*Exosmose.*
13) *hyper* (excesso)—*Hyperbole.*
14) *hypo* (submisso)—*Hypothese.*
15) *meta* (transposição)—*Metathese.*
16) *para* (cognação)—*Paraphrase.*
17) *peri* (circuito)—*Perimetro.*

18) *pro* (anteposição)—*Prothese*.
19) *pros* (tendencia)—*Prosphonema*.
20) *syn* (conjuncção)—*Syntaxe*.

Antes de *l* e *m*—*syn* homológa o *n*, ex.: «*Syllaba, symmetria*». Antes de *b* e *p* converte o *n* em *m*, ex.: «*Symbolo, sympathia*».

Suffixos

283. Os suffixos portuguezes são numerosos, uns derivados das fórmas latinas, outros das fórmas augmentativas, diminutivas e pejorativas da propria lingua. Destes ultimos já tudo ficou dito na *Kampenomia* (230 a 240).

A) Suffixos que se juntam ao radical de substantivos.

1) *aço*; para nomes que exprimem percussão, golpe. ex.: «*Lançaço, pistolaço*».

Esta formação é muitissimo usada no Rio-Grande do Sul por influencia do Hespanhol das republicas limitrophes.

2) *ada*: para a maior parte dos nomes que exprimem a idéia de percussão e acto, como: «*Estocada, facada, pedrada, rapaziada*».

Este suffixo é muito peculiar da lingua portugueza, no sentido indicado. Exprime tambem a ideia de porção, e de tempo, ex.: «*Alvorada, barrigada, caldeirada, mesada, noitada, pratada, temporada, tigellada*».

3) *ade*: nos substantivos derivados da terceira declinação latina, cuja fórma se fixou; como em *Mortandade, tempestade, cidade (civitate)*.

Por analogia, muitos nomes tomaram este suffixo: *amizade (amicitia), ceguidade* (G. VIC., II. 354), *mansidade* (ID., III, 389, *mansuetudine*, mansidão), *soledade (solitudine*, solidão).

Este suffixo exprime sobretudo qualidades abstractas consideradas em si, como: *Dilatabilidade, fusibilidade, impenetrabilidade, impressionabilidade, sensibilidade.*

4) *ado*: exprime dignidade, profissão, tal e qual como no Latim o suffixo *atus*, ainda conservado no Portuguez litterario em *ato;* taes são: *Condado, consulado, ducado, episcopado, marquezado, mestrado, professorado.*

5) *agem:* para denotar reunião, multidão; é derivado do sufixo latino *aticum* contrahido em *at'cum*, porque o *t* antes de *e* ou *i* não accentuados teve o som de *z* e *g*; ex.: «*Portaticum* (portagem), *viaticum* (viagem), *plumagem, folhagem, passagem, contagem, cabotagem, tonelagem, matalotagem, camaradagem*».

6) *al*: exprime collecção quantidade das cousas significadas pelos substantivos a que se junctam, ex.: «*Areial, colmeal, faval, feijoal, laranjal, olival, tojal*».

7) *alha*: significa ajuntamento, ex.: «*cordoalha*». Adduz por vezes sentido peiorativo á ideia de ajuntamento, ex.: «*canalha, miuçalha*»,

8) *ama*: exprime accumulação, concretização em um todo das cousas significadas pelos substantivos a que se junctam, ex.: *Courama, dinheirama.*

9) *ame*: exprime o mesmo, ex.: «*vasilhame, velame*».

10) *aria*: exprime sobretudo estabelecimento e agglomeração, ex.: «*Hospedaria, ourivesaria, padaria, pastellaria, escadaria, rataria, vozeria*».

11) *ato*: esta fórma erudita ainda se encontra em «*Baronato, canonicato, cardinalato, curato, generalato,* etc.»

12) *dura*: exprime collecção completa das cousas significadas pelos substantivos a que se juncta, ex.: «*Cercadura, dentadura, pregadura*».

13) *ão*: designa especialmente pessoas, quando derivado do suffixo latino *anus*; ex.: «*Irmão* de *germanus*, *romão*, (ant.) de *romanus*, *capellão*, *castellão*, *cirurgião*, *comarcão*, *hortellão*».

14) *edo*, *eda*: exprime plantio regular dos vegetaes significados pelos substantivos a que se junctam, ex.: «*Alameda*, *arvoredo*, *figueiredo*, *olivedo*, *vinhedo*».

15) *eiro*: proveniente do suffixo latino *arius*, exprimindo a ideia de officio, ex.: «*Carpinteiro* (*charpente*, em Francez; perdeu-se o radical em Portuguez), *ferreiro*, *padeiro*, *sapateiro*, *vaqueiro*». Exprime tambem instrumentos e receptaculo: «*Areeiro*, *brazeiro*, *lanceiro*, *marteiro* (ant.), *taboleiro*, *tinteiro*». Significa ainda pessoa que gosta do objecto indicado pelo substantivo radical, ex.: *Broeiro* (que gosta de *broas*. Portugal) *crianceiro*, *janelleiro*, *parenteiro* (S. Paulo).

Finalmente, serve para formar nomes de arvores fructiferas, com a particularidade de que n'este caso a terminação acompanha o thema em genero, isto é, de que fica o nome do fructo. Assim, diz-se *limeira*, *pereira* porque *lima* e *pera* são do genero feminino e *limoeiro*, *pereiro*, porque *limão*, *pero* são do genero feminino.

Exceptua-se *figueira* de *figo*, cumprindo notar que *ficus* (figo) em Latim é substantivo feminino.

16) *ena*; designa especialmente os numeros collectivos: ex.: «*Centena*, *dezena*, *novena*, *onzena*, *quarentena*, *trezena*, *vintena*».

17) *essa*, *eza* e *iza*: o suffixo latino *issa* dá estas tres fórmas portuguezas de substantivos femininos, ex.: «*Abbadessa*, *condessa*, *baroneza*, *duqueza*, *marqueza*, *princeza*, *prioreza*, *poetiza*, *prophetiza*, *sacerdotiza*».

18) *ia*: exprime emprego, cargo, e tambem o logar em

que se exerce emprego, cargo, ex.: «*Abbadia*, *freguezia*, *prelazia*, *primazia*, *recebedoria*, *sakhristia*, *thesouraria*».

19) *io*: designa ajunctamento ex.: «*Rapazio*, *mulherio*».

20) *ismo*: designa a generalisação do significado do substantivo primitivo, ex.: «*Heroismo khristianismo*, *materialismo*, *organismo*, *positivismo*, *transformismo*».

21) *ista*; designa pessôas, e ao mesmo tempo seu emprego, profissão, estado, modo de ser; derivado do Latim barbaro *ista*, ex.: «*Banhista*, *especialista*, *evangelista*, *oculista*, *pensionista*, *psalmista*».

22) *mento*: este suffixo é derivado do Latim *mentum*, que designava meio, instrumento, cousa propria para um fim; designa acção, progressão, ex.: «*Pensamento*, *andamento*».

Uma grande parte dos substantivos que hoje têm o suffixo em *ão*, tinham no seculo XV o suffixo em *mento*, ex.: «*Perdimento* (perdição), *salvamento* (salvação).

23) *ume*: exprime accumulação, concretização em um todo das cousas significadas pelos nomes a que se junctam, ex.: «*Cardume*, *queixume*, *tapume*».

B) Suffixos que se junctam ao radical de adjectivos.

284. Na lingua portugueza formam-se substantivos derivados de adjectivos por meio dos seguintes suffixos:

1) *aria;* ex.: «*Porcaria*, *enfermaria*».

2) *encia;* ex.: «*Assistencia*, *continencia*, *prudencia*».

3) *eza;* «*Certeza*, *firmeza*, *frieza*, *justeza*, *redondeza*, *simpleza*».

4) *ice;* ex.: «*Damice* (JORG FERR.; *Aul.*), *doudice*, *gulosice* (goloseima), *mouquice*, *velhice*».

5) *idade;* ex.: «*Fidelidade*, *fragilidade*, *mortalidade*, *mundanidade*, *pouquidade* (J. FERR., *Euf.*, 299), *sensibilidade*, *simplicidade*».

6) *ismo*; ex.: «*Atavismo, culteranismo, gallicismo, germanismo, latinismo, maneirismo, pedantismo*».
7) *mento*; ex.; «*Contentamento, sacramento*».
8) *ura;* ex.: «*Amargura, friura, loucura, mixtura, negrura, secura, verdura*».

C) Suffixos que se junctam ao radical dos verbos.

285. São numerosos os suffixos que dão ao radical dos verbos terminações que lhes modificam o sentido e os convertem em substantivos; taes são entre outros:

1) *ça*. Com themas de verbos da 1.ª conjugação insere nasalada a voz *a*; com themas de verbos da 2.ª ou da 3.ª insere tambem nasalada a voz *e*, ex.: *andança*; *querença, avença*».
2) *ção*. Insere *a* com themas de verbos da 1.ª conjugação, e *i* com themas de verbos da 2.ª ou da 3.ª, ex.: *fixação, imbebição, preterição*».
3) *cia*. Com themas de verbos da 1.ª conjugação insere nasalada a voz *a;* com themas de verbos da 2.ª ou da 3.ª insere tambem nasalada a voz *e*, ex.: «*discrepancia, intendencia, fallencia*».
4) *della*. Insere a voz kharacteristica da conjugação, ex.: *aparadella, espremedella, cahidella*». Só em estylo faceto se pode usar d'estes compostos.
5) *deira*. Insere a voz kharacteristica da conjugação; ex.: «*travadeira, batedeira, abrideira*». E' o feminino do seguinte.
6) *dor*. Insere a voz kharacteristica da conjugação, ex.: «*travador, batedor, abridor*».
7) *douro*. Insere a voz kharacteristica da conjugação, ex.: «*matadouro, estendedouro, surgidouro*».
8) *dura*. Insere a voz kharacteristica da conjugação, ex.: «*andadura, cozedura, urdidura*».
9) *eiro*. Ajunta-se simplesmente ao radical de alguns verbos de significação reiterativa ou peiorativa, ex.: «*Cavouqueiro, marinheiro; louvaminheiro*».

10) *iz*. «*Chamariz*» é o unico exemplo, provavelmente.
11) *mento*. Com themas de verbos da 1.ª conjugação insere a voz *a*; com themas de verbos da 2.ª ou da 3.ª insere *i*, ex.: «*andamento, defendimento, sahimento*».
12) *torio*. Insere a voz *a* com themas de verbos da 1.ª conjugação, e com themas de verbos da 3.ª insere *i*, ex.: «*fallatorio, dormitorio*». Não é usado com themas de verbos da 2.ª conjugação.

Substantivos derivados de verbos

286. A lingua portugueza fórma substantivos dos verbos, por tres modos:

1) ajunctando suffixos ao radical dos verbos
2) empregando a terceira pessoa do singular do indicativo presente da 1.ª e da 2.ª conjugação, ex.: «*a apanha da azeitona—a malha do centeio; os comes e bebes, os pertences.*
3) empregando o infinito presente, o participio presente e o participio aoristo.

287. Os substantivos verbaes da segunda categoria são de uso popular, e bastante frequentes.

288. O infinito presente do verbo, fórma verdadeiramente nominal, facilmente se converte em substantivo por meio do artigo, ex.: «*O comer, o dormir, o jantar, o passear, os dizeres*».

Alguns d'estes verbos subsistem unicamente como substantivos, ex.: «*Porvir, prazer (placere)*».

De *prazer* encontram-se fórmas *praz* e *prouve.*

289. Os participios do presente convertem-se em substantivos depois de terem sido tomados como adjectivos, ex.: «*Assistente* (de *assistir*), *amante, negociante, constituinte, presidente, imperante, aspirante*».

290. Os participios aoristos nas duas fórmas, e especialmente na do genero feminino, são das principaes fontes de derivação do substantivo, ex.: *Vista, revista, reducto* (de *reduzir*), *queimada, producto* (de *produzir*), *entrada, partida, sahida, chamada, progresso* (de *progredir*), *retrocesso* (de *retroceder*).

Algumas vezes o verbo tem-se perdido, e só se conserva o participio: ex.: «*Defuncto, transumpto, excerpto*».

§ 3.º

Substantivos derivados de linguas extrangeiras

291. Além dos substantivos derivados da lingua latina, considerada mãe, como já se disse ha em Portuguez substantivos das seguintes linguas extrangeiras

Antigas

1) Phenicio	ex.:	«*Atum—mamona*».
2) Hebraico	»	«*Abbade—kherubim*».
3) Arabe	»	«*Alcova—matraca*».
4) Celtico	»	«*Dolmen—legua*».
5) Grego	»	«*Armão—thio*».
6) Gothico	»	«*Guerra—marechal*».

Modernas

1) Provençal	ex.:	«*Ballada—menestrel*».
2) Francez	»	«*Barricada—rotina*».
3) Hespanhol	»	«*Almoço—fandango*».
4) Italiano	»	«*Gazeta—sentinella*».
5) Euskara	»	«*Esquerdo*
6) Cigano	»	«*Catão—piela*».
7) Inglez	»	«*Doca—pudim*».
8) Allemão	»	«*Obuz—zinco*».
9) Persico	»	«*Bazar—derviche*».

10) Malaio » «*Bambú, sagú*».
11) Chinez » «*Chá—ganga*».
12) Turco » «*Caftã—sultão*».
13) Slavo » «*Polka—Steppe*».
14) Bunda e Congo » «*Inhame—urucungo*».
15) Tupy » «*Caipóra—piracema*».
16) Quichua » «*Goiaba—pampa*».

Claro está que só uma grammatica especialmente historica e um diccionario etymologico poderão tratar detidamente das palavras portuguezas oriundas de todas estas fontes, e quiçá de outras.

Todavia, como a sciencia moderna tem com suas nomenclaturas resuscitado e universalisado o Grego antigo, é de utilidade uma lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas.

E entra essa lista aqui, na secção dos substantivos, por isso que são substantivos, a mór parte dos derivados, os quaes, constituidos por seu turno em palavras radicaes, dão origem a' outros substantivos, a adjectivos, a verbos e adverbios, ex.: «de *phôs, photós* e *graphô* tira-se *photographia*, de que vêm *photographo, photographico, photographar, photographicamente*».

292. Lista das palavras gregas radicaes mais vulgarmente usadas

1) A, B, ALPHA, BETA: alphabeto.
2) ACOUO, *eu ouço*: acustica.
3) ACROS, *summidade, topo*: acrostico, acropolis.
4) ADELPHOS, *irmão*: Philadelphia; Adelphos.
5) AER, *ar:* aeronauta, aeroscapho.
6) AGOGE, *conducção, acto de guiar*: synagoga.
7) AGOGOS, *guia*: demagogo, pedagogo.
8) AGON, *luta*: agonia, antagonista.
9) ANER, ANDROS, *homem varão*: monandria, pentandria.
10) ANGELOS, *mensageiro*: anjo, angelico.
11) ANTHOS, *flor*: anthologia, polyantho.
12) ANTHROPOS, *homem, ser humano:* misanthropia, philantropia.
13) ARITHMOS, *numero:* arithmetica, logarithmo.

14) Aristos, *o melhor*: aristocracia.
15) Arkho, *eu governo*: monarkhia, arkhonte.
16) Arktos, *urso, norte*: arctico, Arcturo.
17) Astron, *estrella*: astrologia, astronomia.
18) Athletes, *luctador*: athleta, athletico.
19) Atmos, *exhalação*: atmosphera.
20) Aulos, *canudo*: hydraulica.
21) Autos, *o mesmo, identico*: autobiographia, autocrata.
22) Ballo, *eu tiro, lanço*: symbolo, hyperbole.
23) Baros, *peso:* barometro.
24) Biblion, *livro:* biblia, bibliotheca.
25) Bios, *vida:* biologia, amphibio.
26) Daimon, *genio, espirito mau*: demonio, pandemonio.
27) Deca, *dez*: decalogo, decalitro.
28) Demos, *povo*: democrata, philodemo.
29) Dendron, *arvore*: lepidodendro, toxicodendro.
30) Dis, *duas vezes*: diptero, dioptrica.
31) Doxa, *opinião, louvor*: orthedoxia, heterodoxia.
32) Dogma, *opinião, preceito*: dogma, dogmatico.
33) Drama, *representação*: drama, melodrama.
34) Dromos, *carreira*: hippódromo, dromedario.
35) Dynamis, *força*: dynamica, dynamite.
36) Eidos, *fórma*: spheroide, kaleidoscopio.
37) Eremos, *deserto*, eremita, ermida, ermitão.
38) Ergon, *trabalho*: cirurgião, metallurgia.
39) Ethos, *kharacter*: ethica, esthetica.
40) Gamos, *casamento*: bigamia, polygamia.
41) Gaster, *estomago*: gastronomia, epigastrio.
42) Ge, *terra*: geologia, geometria.
43) Genea, *genesis, descendencia*: genealogia, Genesis.
44) Genos, *especie*: heterogeneo, homogeneo.
45) Gignosko, *eu conheço*: prognostico, gnostico.
46) Glotta, glossa, *lingua*: polyglotta.

47) Glypho, *eu gravo*: hieroglypho, triglypho.
48) Gonia, *angulo*: polygono, trigonometria.
49) Gramma, grammatos, *lettra*: grammatica, diagramma.
50) Grapho, *eu escrevo*: graphico, telegrapho.
51) Gymno, *nu*, gymnazo, *eu exercito-me*: gymnasio, gymnastica.
52) Hecto, *cem:* hectogramma, hectolitro:
53) Hedra, *assento:* cathedra, octaedro.
54) Helios, *sol*: heliometro, Heliopolis.
55) Hemera, *dia*: ephemeride, ephemero.
56) Hemi, *meio:* hemicyclo, hemispherio.
57) Hepta, *sete*: heptagono, hepetarkha.
58) Hex, *seis*: hexagono, hexametro.
59) Hieros, *sagrado*: hierophante, hieroglypho.
60) Hippos, *cavallo:* hippopotamo, hippódromo, Hippolyto.
61) Hodos, *caminho*: methodo, exodo.
62) Homalos, *regular*: anomalia.
63) Homos, *identico*: homologo, homœopathia.
64) Horizo, *limite, extrema:* horizonte, aphorismo.
65) Hydor, *agua:* hydraulica, hydrogeneo.
66) Higros, *humido:* hygrometro.
67) Idios, *peculiar*: idiopathico, idioma.
68) Ikhthys, *peixe*: ikhthyologia, ikhthyophagos.
69) Isos, *igual:* isosceles, isokhrono.
70) Kalos, *bello*: calligraphia, callisthenico.
71) Kalupto, *eu escondo:* apocalypse, eucalypto.
72) Kampe, *flexão:* kampenomia, kampelogia.
73) Kenos, *vazio:* cenotaphio.
74) Keras, *chifre*: rhinoceronte, monocero.
75) Kheir, *mão*: khirographia, kiromancia.
76) Khilioi, *mil:* khilogramma.
77) Khole, *bilis:* kholera, melankholia.
78) Khristos, *ungido:* Khristo, khristandade.

79) Khronos, *tempo:* khronologia, anakhronismo.
80) Khrysos, *ouro:* khrysol, Khrysostomo.
81) Kosmos, *mundo:* microcosmo, cosmographia.
82) Kratos, *governo:* autocracia, theocracia.
83) Krino, *eu separo, decido*: crise, critica.
84) Kyklos, *circulo*: cyclo, encyclica.
85) Lambano, *eu tomo;* syllabe, *acção de tomar conjunctamente*: syllaba (isto é, os elementos phonicos que são tomados conjunctamente para constituir um emissão de voz).
86) Laos, *povo*: Laodicéa, leigo.
87) Lepsis, *acção de apoderar-se*: epilepsia, catalepsia.
88) Lexis, *palavra*: lexeologia, lexeogenia.
89) Lithos, *pedra*: lithographia, lithotomia.
90) Logos, *discurso, sciencia*: khronologia, geologia.
91) Lysis, *perda*: analyse, paralysia.
92) Macros, *alto*: macrologia.
93) Mania, *loucura*: bibliomania, monomania.
94) Manteia, *adivinhação:* khiromancia, nigromante.
95) Martyr, *testemunho*: martyr, martyrologio.
96) Mathema, *sciencia*: mathematica.
97) Megas, *grande*: omega, micromegas.
98) Mekhane, *engenho:* makhina, mekhanica.
99) Melas, *preto*: melankholia.
100) Melos, *canto*: melodia, melodrama.
101) Meter, *mãe, utero*: metropole, metrorrhagia.
102) Metron, *medida*: metronomo, metrologia.
103) Micros, *pequeno*: microscopio, micromegas.
104) Mimos, *imitador*: pantomima, mimica.
105) Miseo, *eu odeio*: misanthropo, misogamia.
106) Mneme, *memoria*: mnemonica, Mnemosine.
107) Monos, *só*: monarkha, monandria.
108) Morphe, *fórma*: morphologia, metamorphose.
109) Myria, *dez mil*: myriametro.
110) Mythos, *fabula*: mytho, mythologia.

111) Naus, *navio*: nau, nauta, aeronauta.
112) Necros, *morto*: nigromante, necrologio.
113) Neos, *novo*: neophyto, neologismo.
114) Nesos, *ilha*: Peloponeso, Polynesia.
115) Nomos, *lei*: astronomia, economia.
116) Ode, *canto*: prosodia, psalmodia.
117) Oicos, *casa*: economia, diocese.
118) Oligoi, *poucos*: oligarkhia.
119) Onoma, *nome*: anonymo, synonymo.
120) Oplon, *arma*: panoplia.
121) Optomai, *eu vejo*: optica, synopse.
122) Ophthalmos; *olho*: ophthalmia. ophthalmologia.
123) Orao, *eu vejo*: diorama, panorama.
124) Ornis, ornithos, *passaro*: ornithologia, ornithorinco.
125) Orthos, *direito*: orthographia, orthodoxia.
126) Oxys, *agudo*: oxygenio, oxalico.
127) Paidea, *educação*: encyclopedia, Cyropedia.
128) Pais, paidos, *menino*: pedagogo, pedagogia.
129) Pan, pantos, *tudo*: pantheon, pantheismo:
130) Pathos, *sentimentos*: sympathia, pathetico,
131) Pente, *cinco*: pentagono, pentametro.
132) Petalon, *folha de corolla de flor*: monopetalo, polypetalo.
133) Phago, *eu como*: anthropophago, sarcophago.
134) Phantazo, *eu faço apparecer*: phantazia, phantasma.
135) Phainomai, *eu appareço*: phenomeno, epiphania.
136) Pharmacon, *remedio:* pharmacia.
137) Phemi, *eu digo*: emphase; prophecia.
138) Phero, *eu trago*: phosphoro, metaphora.
139) Philos, *amigo*: philosopho, philanthropo.
140) Phone, *voz*: phonetica, euphonia.
141) Phos, photos, *luz*: photosphera, phosphoro.
142) Phrasis, *modo de fallar*: methaphrase, antiphrase.

143) Phren, phrenos, *cerebro*: phrenologia, phrenesi.
144) Phthongos, *som*: diphthongo, triphthongo.
145) Physis, *natureza*: physica, physiologia.
146) Phyton, *planta*: phytographia, zoophyto.
147) Planaomai, *eu vagueio:* planeta.
148) Pneuma, *espirito, sopro*: pneumatica, pneumonia.
149) Poieo, *eu faço*: poeta, pharmacopéia.
150) Polemos, *guerra*: polemica, polemista.
151) Poleo, *eu vendo*: monopolio.
152) Polis, *cidade*: metropole, Constantinopla.
153) Polites, *cidadão*: metropolita, politica.
154) Polys, *muitos*: polygraphia, polypetalo.
155) Potamos, *rio*: hippopotamo, potamologia.
156) Pous, podos, *pé*: polypo; antipoda.
157) Protos, *primeiro*: protogonista, protomartyr.
158) Psallo, *eu canto*: psalmodia, psalmo.
159) Pseudes, *falso*: pseudonymo, pseudophilosopho.
160) Psykhe, *alma*: psykhologia, metempsykhose.
161) Pteron, *aza*: kheiroptero, diptero.
162) Ptosis, *flexão*: antiptosis, ptoseonomia.
163) Pyr, *fogo*: pyrotekhnico, pyramide.
164) Rhetor, *orador*: rhetorica.
165) Rhis, rhinos, *nariz*: catarrhinio rhinoplastia.
166) Rhodon, *rosa*: rhododendro.
167) Sarx, sarkos, *carne:* sarcophago.
168) Skelos, *perna*: isosceles.
169) Skeptomai, *eu examino*: sceptico.
170) Scopeo, *eu vejo, examino*: microscopio, telescopio.
171) Sophia, *sabedoria*: philosophia, theosophia.
172) Spao, *eu puxo*: espasmo.
173) Sphaira, *bola*: hemispherio, esphera.
174) Stasis, *estação, posição*: apostasia, ecstase.
175) Stello, *eu mando para fóra* : apostolo, epistola.
176) Stenos, *estreito, pequeno*: estenographia.
177) Sthenos, *força*: hypersthenização, hyposthenizante.

178) Stikhos, *verso*: acrostico, hemistikhio.
179) Strophe: *volta*: catastrophe, apostrophe.
180) Taphos, *tumulo*: epitaphio, cenotaphio.
181) Tasso, *eu ponho em ordem*: tactica, syntaxe.
182) Tekhne, *arte*: tekhnico, polytekhnico.
183) Tele, *ao longe*: telegrapho, telegramma.
184) Temno, *eu corto*: anatomia, epitome.
185) Theaomai, *eu olho:* theatro.
186) Theos, *deus*: atheismo, theologia.
187) Thermos, *quente*: thermometro; isothermico.
188) Thesis, *logar, posição*: hypothese, synthese.
189) Tonos, *tensão*: monotono, tonico.
190) Topos, *logar*: topographia, topico.
191) Toxicon, *veneno*: toxicologia, toxico.
192) Trepo, *eu viro*: tropico, tropo.
193) Zoon, *animal*: zoologia, zoophito.

II

ARTIGO

293. O artigo portuguez, cujas fórmas flexionaes ou melhor variantes são *o, a, os, as,* deriva-se de *hoc, hac, hos, has,* fórmas do abalativo singular e do accusativo plural do demonstrativo latino *hic, hœe, hoc.*

Como já ficou dito (133), o Latim classico não tinha artigo, e era tal falta uma causa de frequentes obscuridades no dizer. Nos fins quasi do Imperio, o povo para clareza da phraze, começou a juntar aos substantivos os demonstrativos *ille, hicce, hic,* e esse uso é a origem do artigo romanico. *Ille* deu *le, la, les,* em Francez; *el, lo, la,* em Hespanhol; *il, lo, la,* em Italiano, etc.. *Hicce* deu *ce,* usado ainda no dialecto picardo *(ch'curé, ch'marichau)*. *Hic* deu em Portuguez *o, a,* derivados dos ablativos do singular *hoc, hac,* pela queda do *c;* e *os, as,* derivados dos accusativos do plural *hos, has*: em documentos antigos e mesmo em es-

criptos relativamente modernos encontram-se as fórmas *ho, ha, hos, has,* escriptas com *h* (1).

E' singular que quasi todos os etymologistas tenham desacertado a respeito da origem do artigo portuguez: Diez (2) entende que elle tem certa apparencia particular, quasi anti-romanica, e quer á fina força identifical-o com o *el, lo, la,* hespanhol. Constancio (3) fal-o vir do Grego. José Alexandre Passos (4) segue a Constancio, e entra em explicações que tocam ao ridiculo. A origem do artigo acima exposta é intuitiva, e Leoni (5), comquanto cerebrino em suas lucubrações philologicas, andou com muito critero neste ponto.

Todavia não se póde negar que houve no Portuguez, e no Gallego *luta pela existencia* entre as formas *lo, la, los, las* e *o, a, os, as.* Encontram-se em Portuguez antigo exemplos das primeiras: «*A los alcades (F. Guard., 410);—Sobre lo pam (F. Bej., 417); Sobre los santos (F. Sant., 571);* etc.». As segundas, que prevalecem hoje, remontam tambem a grande antiguidade; já se encontram exemplos dellas em uma carta de 1207 *(Esp. Sag.r XLI, 251).* Os exemplos «*todolos, todalas*» explicam-se pela antithese euphonica do *s* em *l,* bem como as formas ainda vivas «*pelo, pela, pelos, pelas*» em que o *r* de *per* abrandou-se em *l.* Diante da palavra *rei* o estylo de chancellaria tem conservado *el.* Em Gallego *el* vive ainda a par de *o.*

III

§ 1.º

Adjectivos descriptivos

294. Os adjectivos descriptivos portuguezes formam-se como os latinos.

---

(1) O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.º seculo da Era Khristã, entendia que o prenome *hic, hæc, hoc,* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo (PROBUS *Art. Gram.,* Edição de Lindeman, § 572, pag. 349). Nas escolas do Imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic, hæc, hoc,* para designar o genero dos nomes, como o confirma uma passagem de Prisciano (EGGER, *Appollonnis Dyscolus,* Paris, MDCCCLIV, pag. 134—135).

(2) *Obra citada,* 2.º vol., pag. 29.

(3) *Diccionario,* «Introducção Grammatical», pag. XVIII.

(4) *Obra citada,* pag. 37—38.

(5) *Genio da Lingua Portugueza,* Lisboa, 1858, 1.º vol. pag. 201—202.

1) por meio de prefixos ajunctados a outros adjectivos
2) por meio de suffixos ajuntados
   a) ao radical de substantivos;
   b) ao radical de outros adjectivos;
   c) ao radical de verbos;
3) considerando-se como adjectivos os participios do presente e do aoristo de certos verbos:
4) pela combinação de dous adjectivos entre si, ou de um adverbio e de um adjectivo.

295. Prefixos principaes que se junctam aos adjectivos para formar outros adjectivos.

1) *des*: «*Desagradavel, descuidoso*».
2) *in*: «*Infeliz, injusto*».
3) *ob*: «*Obcecado, obscuro*».
4) *sobre*: «*Sobrehumano, sobrivivente*».
5) *sub*: «*Subjacente, submettido*».

296. Suffixos principaes que se junctam ao radical dos substantivos para formarem-se adjectivos

1) *al*: «*Especial, mortal*».
   Vem de *ali*, fórma ablativa do suffixo latino *alis*.
2) *ano*: «*Espartano, mundano*».
   Vem de *ano*, fórma ablativa do suffixo latino *anus*, empregado especialmente na formação de adjectivos geographicos.
3) *ar*: «*Articular, familiar*».
   Vem de *ari*, fórma ablativa do suffixo latino *aris*.
4) *ario*: «*Parlamentario, voluntario*».
   Vem de *ario*, fórma ablativa do suffixo latino *arius*. Em Portuguez antigo esse suffixo soffre quasi sempre uma metathese «*Adversairo, contrairo*».

5) *atico*: «*Lunatico, magestatico*».
Vem de *atico*, fórma ablativa do suffixo latino *aticus*. E' de uso erudito.

6) *eiro*: «*Embusteiro, interesseiro*».
Vem por metathese de *erio*, fórma ablativa do suffixo latino *erius*.

7) *ento*: «*Ferrugento, praguento*».
Vem de *ento*, fórma ablativa do suffixo latino *entus*.

8) *enho*: «*Extremenho, ferrenho*».
Vem por nasalisação de *eno*, fórma ablativa do suffixo latino *enus*.

9) *ico*: «*Mythico, typico*».
Vem de *ico*, fórma ablativa do suffixo latino *icus*.

10) *ifero*: «*Estellifero, soporifero*».
Vem de *ifero*, fórma abalativa do suffixo latino *iferus*.

11) *il*: *Febril, viril*».
Vem de *ili*, fórma ablativa do suffixo latino *ilis*

12) *ino*: «*Matutino, vespertino*».
Vem de *ino*, fórma ablativa do sufflxo latino *inus*.

13) *olico*: «*Parabolico, symbolico*».
Vem de *olico*, fórma ablativa do suffixo latino *olicus*.

14) *onho*: «*Enfadonho, medonho*»,
Vem de *onio*, fórma ablativa do suffixo latino *onius*.

15) *oso*: «*Formoso, gibboso*».
Vem de *oso*, fórma ablativa do suffixo latido *osus*. E' o suffixo de maior uso em Portuguez.

16) *udo*: «*Cabelludo, peitudo*».
Vem por abrandamento de *t*, em *d*, de *uto*, fórma ablativa do suffixo latino *utus*.

17) *um*: *cabrum, ovelhum, vaccum* que só se em-

pregam com o substantivo *gado*. Ha ainda *bodum*, que se usa como substantivo, significando «cheiro de bode»; e *gatum*.

18) *undo: «Furibundo, meditabundo»*.

Vem de *undo*, fórma ablativa do suffixo latino *undus*, desinencia de participios arkhaicos com força de participios presentes (1).

297. São suffixos que se junctam ao radical de adjectivos para formarem-se outros adjectivos

1) *ete: «Trigueirete»*.
2) *onho: «Tristonho»*.
3) *orio: «Finorio»*.
4) *ote: «Grandote»*.

Sobre estes e outros suffixos diminutivos veja-se o tractado da flexão de grau (230-255).

298. São suffixos que junctam-se ao radical de verbos para formarem-se adjectivos

1) *ando, endo: «Doutorando, tremendo»*.

Vem dos participios do futuro da voz passiva latina. Alguns não tem verbo correspondente em Portuguez, ex.: *«Despiciendo»*.

2) *avel: «Amavel, palpavel»*.

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *abili*, fórma ablativa do suffixo latino *abilis*.

3) *evel: «Indelevel»*.

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *ebili*, fórma ablativa do suffixo latino *ebilis*.

4) *iço: « Espantadiço, fugidiço»*.

Vem de *icio*, fórma ablativa do suffixo latino *icius*.

5) *ivel: «Crivel, soffrivel»*.

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *ibili*, fórma ablativa do suffixo latino *ibilis*.

6) *ivo: «Pensativo, repressivo»*.

---

(1) Guardia et Wierzeyski, *Obra citada*, pag. 272.

Vem de *ivo*, fórma ablativa do suffixo latino *ivus*.

7) *ovel*: «*Movel*».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *obili*, fórma ablativa do suffixo latino *obilis*.

8) *uvel*: «*Soluvel, voluvel*».

Vem por abrandamento de *b* em *v*, de *ubili*, fórma ablativa do suffixo latino *ubilis*.

E' de notar que em muitos pontos de Portugal o povo ainda pronuncia as palavras acabadas em *l* e *r* com o *i* etymologico: «*Amavili, fatali, possivili, articulari, familiari, beberi, comeri, entenderi*, etc.».

Além d'estes adjectivos descriptivos ha outros muitos de forma erudita, tomados directamente dos correspondentes latinos, ex.: «*Caudato, famelico*, etc.»; e mesmo uma grande parte dos que constituem o fundo da lingua conservam os radicaes latinos, ex.: «*Sagittario, voluntario*, etc.»

Muitas palavras latinas ao passarem para as linguas romanicas tomaram duas fórmas, uma popular, outra erudita. A fórma popular, producto fatal da evolução que transforma as linguas, tem sempre um cunho verdadeiramente nacional em cada idioma: a fórma erudita, introduzida pelos escriptores versados em latinidade classica, apezar de acceita e naturalisada, conserva quasi sempre seu ár extrangeirado.

Taes palavras constituem as chamadas *duplas* (1) em philologia.

Exemplos de duplas

	FÓRMA POPULAR	FÓRMA ERUDITA	LATIM
DE SUBSTANTIVOS	bésta	balista	*balista*
	chamma	flamma	*flamma*
	chave	clave	*clavis*
	deão	decáno	*decanus*
	escada	escala	*scala*
	mister	ministerio	*ministerium*
	molde	módulo	*modulus*
	sello	sigillo	*sigillum*

(1) Em Francez *doublet*.

DE ADJECTIVOS	ancho	amplo	*amplus*
	cheio	pleno	*plenus*
	delgado	delicado	*delicatus*
	estreito	estricto	*strictus*
	ensosso	insulso	*insulsus*
	nedio	nitido	*nitidus*
	redondo	rotundo	*rotundus*
	rijo	rigido	*rigidus*

299. Os participios do presente e do aoristo são considerados tambem como adjectivos, ex.: «*Amante, mordente, ouvinte; amado, mordido, ouvido*».

300. Pela combinação de dous adjectivos entre si formam-se novos adjectivos, ex.: «*luso-britannico, anglo-francez*».

Ha a notar n'esta composição que o primeiro elemento fica invariavel: *luso-britannico, luso-britannica*. Em alguns casos esse primeiro elemento soffre até uma apocope: «*heroi-comico*» por «*heroico-comico*».

301. Pela combinação de um adverbio e de um adjectivo formam-se novos adjectivos, ex.: «*Bemfeito, malavindo*».

§ 2.º

Adjectivos determinativos

302. Os adjectivos determinativos portuguezes derivam-se em sua quasi totalidade de seus correspondentes latinos.

Um, dous, tres, quatro, etc.. vem de *uno, duos* (1), *tres, quatuor* etc..

(1) Para facilidade do confronto empregam-se na maioria d'estes exemplos as fórmas do ablativo singular e do accusativo plural, matrizes das palavras portuguezas.

primeiro, segundo, terceiro, etc.	» »	*primario, secundo, tertiario*, etc. [307,I) 3)]
duplo, tripulo, quadruplo, etc.	» »	*duplo, triplo, quadruplo,* etc.
este, esse, aquelle, est'outro, ess'outro, aquell'outro.	» »	*iste, ipse, hic ille, ist'alt'ro, ips'alt'ro, hic ill'alt'ro.*
que, qual, cujo,	» »	*qui, quali, cujo.*
meu, teu, seu, nosso, vosso,	» »	*meo, tuo, suo, nostro, vestro,*
proprio, alheio	» »	*proprio, alieno.*
algum, certo, mais, menos, mesmo, muito, nenhum, outro, pouco, quanto, só, tal, tanto, todo	vem de	*aliqu'uno, certo, magis, minus, metipsimus*, (contracção de *metipsissimus)* *multo, null'uno, altero, pauco, quanto, solo, tali, tanto, toto.*

303. Os seguintes tem origens diversas:

Cada	vem de	κατά, preposição grega que significa individuação de escolha, successão; e talvez melhor de *quot* latino, que dá o sentido exacto do Portuguez *cada*, e que tambem era usado no singular como se vê em *quotidie*.
cada um	» »	*cada* e *um*, raizes já portuguezas.

qualquer » » *qual* e *quer*, raizes já portuguezas.

quejando » » *que* e *jando* (do Francez antigo *gent*, gentil, bello).

IV

PRONOME

§ 1.º

Pronomes substantivos

304. Os pronomes substantivos e suas variações são de pura origem latina.

Eu é o abrandamento da fórma romanica *eo*, em que se converteu o pronome latino *ego*. Em um documento gallego do seculo XIII já se lia «*E eo dê illis carta de meu seelu seelada* (1)». No celebre juramento de Luiz o Germanico, prestado em Strasburgo no anno de 842, já se vê *ego* transformado em *jeo* ou *ieo*: «*Si salvara* IEO *ciste meon frade Karlo*».

Me, tu, te, se, nós, nos, vós, vos são fórmas latinas inalteradas. *Mim* vem de *mi*, contracção classica do dativo latino *mihi*, usado em vez do ablativo: antigamente a fórma portugueza era *mi*, e ainda hoje o é em poesia, si a rima assim o exige. O povo nasalou o *i* por euphonia, e a fórma nasalada foi a que prevaleceu na lingua.

Ti, si vem dos dativos latinos *tibi, sibi* pela queda de *b*, e pela contracção de *ii* em *i*.

Comigo, comtigo, comsigo, comnosco, comvosco, vêm das fórmas latinas compostas *mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum,* ás quaes o povo antepoz pleonasticamente a preposição *com*, já existente na posposição de *cum* ás fórmas primitivas.

Elle, ella, elles, ellas vem de *ille, illa, illis, illas,* fórmas de *ille*.

Lhe, lhes, cujas fórmas primitivas na lingua eram *lhi, lhis,* vem dos dativos latinos *illi, illis*.

Sobre as fórmas objectivas *o, a, os, as* veja-se a etymologia do artigo (290—291).

---

(1) HELFERICH, *Les langues néo-latines en Espagne,* pag. 37.

§ 2.º

Pronomes adjectivos

305. A etymologia dos pronomes adjectivos é a mesma que a dos adjectivos determinativos.

Ha as seguintes excepções:

Quem	de	qu'heme (que homem), *heme* por *homem* (1).
alguem	»	*alg'heme (aliquis homo).*
ninguem	»	*nenheme (nec hem, nec homo).*
al	»	*aluid.*
nada	»	*nata (res nata).*
beltrano, *fulano*, *sicrano*	»	origem incerta. Constancio entende que *fulano* é o termo arabe *folano* (2): a ser assim, talvez que a attracção da rima creasse os termos oppostos *beltrano* e *sicrano.* *Beltrano* parece ser o substantivo proprio *Beltrão,* empregado para indicar pessôa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam para fim identico os substantivos proprios *Sancho* e *Martinho*. Nas *Fabulas* de Lafontaine encontram-se muitos exemplos de *Bertrand* usado neste sentido (3). Em Portuguez mesmo temos o adagio: «Quem ama a *Bel-*«*trão* ama ao seu cão»

(1) Theophilo Braga, *obra citada*, pag. 65.
(2) *Obra citada*, art. Fulano.
(3) «*Bertrand avec Raton, l'un singe, l'autre chat*». *Fables*, Edition de Hachette, Paris, 1849, Liv. IX, Fab. 17.

V

VERBO

306. O Portuguez é a lingua romanica que tem conservado com mais fieldade as fórmas da conjugação latina.

307. Tabella comparativa das terminações da voz activa em Latim e Portuguez:

		TODOS OS MODOS EXCEPTO O IMPERATIVO		IMPERATIVO	
		Latim	Portuguez	Latim	Portuguez
S.	1.ª Pessôa	*m, o, i,*	*ou, o, a, ei, i, e, r*		
	2.ª Pessôa	*s, sti,*	*s, ste*	*a, e, i, to*	*a, e,*
	3.ª Pessôa	*t*	*a, e,i, ou, eu, iu, a, r*	*to*	
P.	1.ª Pessôa	*mus*	*mos*		
	2.ª Pessôa	*tis*	*is, es*	*te, tote*	*e, i*
	3.ª Pessôa	*nt*	*am, ão, em*		

308. Tabella comparativa das desinencias da voz activa em Latim e Portuguez:

		TODOS OS MODOS EXCEPTO O IMPERATIVO		IMPERATIVO	
		Latim	Portuguez	Latim	Portuguez
S.	1.ª Pessôa	*m*	falta	falta	falta
	2.ª Pessôa	*s, sti*	*s, ste*	*to*	falta
	3.ª Pessôa	*t*	falta	*to*	falta
P.	1.ª Pessôa	*mus*	*mos*	falta	falta
	2.ª Pessôa	*tis*	*des*, ant. *es, is*	*te, tote*	*de* ant. *é, i*
	3.ª Pessôa	*nt*	*am, ão, em*	*nto*	falta

309. Estudo historico das fórmas do verbo SER.

O verbo *Ser* foi apropriado do verbo latino *esse;* encontra-se, porém, em varias inscripções e diplomas do seculo VII até o seculo IX, a fórma romanica «*essere*», assim como, a par de «*posse*», encontra-se «*potere*», e, a par de «*offerre*», «*offerere*». Segundo Brachet (1) a desinencia «*re*» do infinito era para dar mais corpo á palavra. A fórma italiana usual «*essere*», a provençal «*essér*» e a franceza antiga «*estre*» explicam esta fórma do infinito portuguez que é tambem a do hespanhol.

A conjugação actual do verbo «*Ser*» em Portuguez soffreu algumas modificações

I) *Indicativo*

1) Presente

		LATIM	PORTUGUEZ
S.	1.ª Pessôa	*Sum*	*Sou*
	2.ª »	*Es*	*Es*
	3.ª »	*Est*	*E'*
P.	1.ª »	*Sumus*	*Somos*
	2.ª »	*Estis*	*Sois*
	3.ª »	*Sunt*	*São.*

a) Singular, 1.ª Pessôa.—Encontram-se nos *Livros de Linhagens*, na traducção da *Historia Geral de Hespanha* e na *Chronica de Guiné* as fórmas «*som*» e «*san*»; no *Cancioneiro da Ajuda* acha-se «*soou*»; no *Cancioneiro da Vaticania*, «*soò*»; no *Cancioneiro de Resende*, «*sam*» e «*san*»; em Gil Vicente (2) «*Tres annos ha que sam seu*». No latim vulgar já se acham as fórmas *su* e *so* que attenta a tendencia

(1) *Nouvelle Grammaire Française,* **Paris, 1878, pag. 121.**

(2) *Obras de Gil Vicente,* **Hamburgo, 1834, vol, III, pag. 6.**

do Portuguez para deixar cahir a desinencia da primeira pessôa do singular, explica a fixação da fórma «*sou*» que já apparece em um documento de 1265 (1). Em Gil Vicente e tambem nos cancioneiros encontra-se «*sejo*» em vez de «*sou*», por confusão com «*sedeo*».

b) 2.ª Pessôa.—A segunda pessôa do singular conservou-se inalterada porque, como se vê da tabella (305), a terminação *s* não se altera. Em Gil Vicente encontra-se a fórma «*ses*».

c) 3.ª Pessôa.—A terceira pessôa do singular conservou-se na linguagem poetica dos Cancioneiros Provençaes «*Est o praso salido*». Em Dom Diniz acha-se «*Tal est o meu sen—Melhor est e mais será o meu bem*». O Castelhano ficou com «*es*» como fórma d'esta pessôa; mas em Portuguez, o *s*, sendo desinencia da 2.ª pessôa, cahiu, e ficou constituida e vigente a fórma «*é*» (2).

d) Plural, 1.ª Pessôa.—A primeira pessôa do plural, como se vê da tabella (305), conservou-se inalterada com a ligeira mudança orthographica de *u* em *o*.

e) 2.ª Pessôa.—A segunda pessôa do plural foi substituida pela correspondente do presente do subjunctivo «*sitis*», que produziu «*sondes, soedes, sodes*» que, quando se não podia dar a homonymia com «*soeis*» (do verbo *soer*, em Latim *solere)*, syncopou-se em «*sois*». Encontram-se as fórmas «*sondes* (3), *sodes* (4), *soees* (5), *soes*». (6).

---

(1) J. P. Ribeiro, I. 292.
(2) Adolpho Coelho, *Obra citada*, pag. 82,
(3) Gil Vicente, *Obras citadas*, vol, III, pag. 75.
(4) *Côrtes de D. Fernando*, 1363, art. 18.
(5) Frei João Claro, *Opusculos*, 234.
(6) João de Barros, *Grammatica*.

f) 3.ª Pessôa.— A terceira pessôa do plural, por apocope do *t* deu «*sum*» (1), depois «*som*» (2), e «*son*» (3), e ultimamente «*sam*» e «*são*», fórmas analogicas com as das terceira pessôas do plural de todos os verbos portuguezes, e que tem a vantagem de evitar a homonymia com «*sum*», fórma da primeira pessôa do singular. A fórma «*sunt*» encontra-se ainda em um documento de 1298 (4).

2) Imperfeito

			Latim	Portuguez
S.	1.ª	Pessôa	*Eram*	*Era*
	2.ª	»	*Eras*	*Eras*
	3.ª	»	*Erat*	*Era*
P.	1.ª	»	*Eramus*	*Eramos*
	2.ª	»	*Eratis*	*Ereis*
	3.ª	»	*Erant*	*Eram*

a) Singular, 1.ª Pessôa.—A primeira pessôa do singular passou para o Portuguez só com a alteração de apocopar o *m*, «*era*».

b) 2.ª Pessôa.—A segunda pessôa do singular passou inalterada para o Portuguez, «*eras*».

c) 2.ª Pessôa.—A terceira pessôa do singular passou para o Portuguez só com a alteração de apocopar o *t*, «*era*». Encontra-se «*sia*» como fórma d'essa pessôa. «*E o dito Juiz que presente sia perguntou...*» (5). A explicação d'este facto resalta da synonimia

(1) *Regra de S. Bento* cap. 73.
(2) J. P. Ribeiro, *Documento de 1303*, Diss. I, 292.
(3) *Cancioneiro da Ajuda.*
(4) J. P. Ribeiro, *Diss.* I, 285.
(5) » » » *Documento de 1364*, Diss. IV, 155.

entre *esse*, *stare*, e *sedere* (*ser*, *estar* e *ter assento*). «*Sia*» vem de «*sedet*» por queda de modificações e contracção de vozes.

d) Plural, 1.ª Pessôa.—A primeira pessôa do plural, em Latim *erāmus*, passou para o Portuguez, deslocando o accento tonico e com a ligeira mudança orthographica de *u* em *o*, *éramos*.

e) 2.ª Pessôa.—A segunda pessôa do plural passou para o Portuguez, syncopando o *t*, e abrandando *a* em *e*. Encontra-se a fórma «*erades*» (1).

f) 3.ª Pessóa.—A terceira pessôa do plural passou para o Portuguez por apocope do *t*.

3) Aoristo

		Latim (perfeito)	Portuguez (aoristo)
S.	1.ª Pessôa	*Fui*	*Fui*
	2.ª »	*Fuisti*	*Foste*
	3.ª »	*Fuit*	*Foi*
P.	1.ª »	*Fuimus*	*Fomos*
	2.ª »	*Fuistis*	*Fostes*
	3.ª »	*Fuerunt*	*Foram*

Por um processo identico ao já explicado na passagem das formas do presente e do imperfeito, passou para o aoristo portuguez o perfeito latino, como se póde verificar pelo simples confronto das fórmas acima. Encontra-se a fórma arkhaica «*seve*» (2).

(1) *Cancioneiro de D. Diniz*, pag. 24.
(2) Dom Diniz. n. 125.

4) Plusquam perfeito

		Latim	Portuguez
S.	1.ª Pessôa	*Fueram*	*Fôra*
	2.ª »	*Fueras*	*Fôras*
	3.ª »	*Fuerat*	*Fôra*
P.	1.ª »	*Fueramus*	*Fôramos*
	2.ª »	*Fueratis*	*Fôreis*
	3.ª »	*Fuerant*	*Fôram*

Como para o tempo acima, basta o simples confronto das fórmas respectivas para o estudo da passagem do plusquam perfeito latino para o portuguez.

5) Futuro

O futuro do indicativo portuguez, bem como o imperfeito do condicional, formaram-se por um processo paraphrastico, peculiarmente romanico, que adiante será explicado.

II) *Imperativo*

Às fórmas da segunda pessôa do singular e da do plural «*sê, sêde*» provêm da confusão synonimica, já acima notada, entre *esse* e *sedere* [306, I) 1) a)].

III) *Subjunctivo.*

1) Presente

		Latim (arkhaico)	Portuguez
S.	1.ª Pessôa	*Siem*	*Seja*
	2.ª »	*Sies*	*Sejas*
	3.ª »	*Siet*	*Seja*
P.	1.ª »	*Siamus*	*Sejamos*
	2.ª »	*Siatis*	*Sejais*
	3.ª »	*Sient*	*Sejam*

As fórmas latinas arkhaicas confrontadas com as portuguezas explicam a passagem d'este tempo. Encontra-se a fórma «*seiaees*» (1).

2) Imperfeito

		Latim	Portuguez
S.	1.ª Pessôa	*Fuissem*	*Fosse*
	2.ª »	*Fuisses*	*Fosses*
	3.ª »	*Fuisset*	*Fosse*
P.	1.ª »	*Fuissemus*	*Fossemos*
	2.ª »	*Fuissetis*	*Fosseis*
	3.ª »	*Fuissent*	*Fossem*

O imperfeito do subjunctivo portuguez vem do plusquam perfeito latino pelo mesmo processo dos outros tempos. Encontra-se a forma «*focedes*» (2).

3) Futuro

		Latim	Portugeuz
S.	1.ª Pessôa	*Fuerim*	*Fôr*
	2.ª »	*Fueris*	*Fôres*
	3.ª »	*Fuerit*	*Fôr*
P.	1.ª »	*Fuerimus*	*Fôrmos*
	2.ª »	*Fueritis*	*Fôrdes*
	3.ª »	*Fuerint*	*Fôrem*

O confronto das formas latinas e portuguezas explica a passagem do tempo. Encontram-se as fórmas «*sever*» (3), «*severim*» (4)

---

(1) Frei João Claro, 28.
(2) Idem, Cap. 3.º
(3) *F. Guard.* 422.
(4) » » 401.

IV) *Infinito presente*

Encontram-se as fórmas «*seer*» (1) e «*soer*» (2), «*sendo*», como não tinha analogo no verbo latino *esse*, foi tomado do verbo *sedere*. Encontra-se a fórma «*seendo*» (3).

V) *Participio*

1) Presente

Encontra-se d'este participio a fórma *seente* (4)

3) Aoristo

Tambem por não haver fórma especial no verbo *esse* foi creado analogicamente o participio aoristo «*sido*».

310. Estudo historico da conjugação regular portugueza

I) *Indicativo*

1) Presente

			1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª	3.ª	4.ª
S.	1.ª	Pess.	*Cant*-O	*Vend*-O	*Part*-O	*P-onh*-O
	2.ª	»	*Cant*-AS	*Vend*-ES	*Part*-ES	*P-õ*-ES
	3.ª	»	*Cant*-A	*Vend*-E	*Part*-E	*P-õ*-E
P.	1.ª	»	*Cant*-AMOS	*Vend*-EMOS	*Part*-IMOS	*P-o*-MOS
	2.ª	»	*Cant*-AIS	*Vend*-EIS	*Part*-IS	*P-on*-DES
	3.ª	»	*Cant*-AM	*Vend*-EM	*Part*-EM	*P-õ*-EM

Até os fins do seculo XIV a segunda pessôa do plural deste tempo nas tres primeiras conjugações

(1) *Doc. das Bentas do Porto*, 1318.
(2) *Cancioneiro da Vaticana*, Canc. n. 509.
(3) *Documento da Cam. Secul. de Vizeu*, 1304.
(4) *Cod. Alf.* Livro III, Tit. 53. § V.

conservou abrandado em *d* o *t* da terminação latina *tis* «*mata*-DES, *perde*-DES, *querede*-DES (1)». Todavia no *Cancioneiro Geral* já se encontram as fórmas *guarda*-YS, *dirye*-IS, *quizere*-IS. Em uma carta de Affonso V (2), vêm-se as fórmas *habe*-IS, *pode*-IS, *sabe*-IS. A partir dos meiados do seculo XV foi que prevaleceu esta fórma syncopada: João de Barros fixou-a (3). Na quarta conjugação, bem como em alguns verbos irregulares, conserva-se o *t* abrandado em *d*: «*pon*-DES, *ri*-DES, *ten*-DES, *vin*-DES». Sobre esta conservação diz Frederico Diez (4): «Apoiado no *n* conservou-se em alguns verbos o *d* primitivo, e em geral no futuro do subjunctivo e no infinito conservou-se apoiado sobre o *r* (*canta***rd***es*). Regularmente, porém, tal *d* cahiu, e o *a* que o precedia, quando não fortificado pelo accento, converteu-se em *i* (*cantdis*, *cantarieis*)». E' curioso o estudo das fórmas da quarta conjugação. O infinito presente latino *ponĕr* deu *pôer* (com *e* breve) que contrahiu-se mais tarde em *pôr*. O confronto das fórmas do presente do indicativo latino com as do portuguez elucida a formação portugueza, apparentemente irregular e todavia regularissima.

		Latim	Portuguez
S.	1.ª Pessôa	*Pon*-O	*P*-*onh*-O
	2.ª »	*Pon*-IS	*P*-*õ*-ES
	3.ª »	*Pon*-IT	*P*-*õ*-E
P.	1.ª »	*Pon*-IMUS	*P*-*o*-MOS
	2.ª »	*Pon*-ITIS	*P*-*on*-DES
	3.ª »	*Pon*-UNT	*P*-*õ*-EM

(1) *Cancioneiro inedito*, e DOM DINIZ.
(2) 1481.
(3) *Grammatica*, 1540.
(4) *Obra citada*, vol II, pag. 170.

O *n* nasalou-se ao passar para o Portuguez, e essa nasalação é representada por *nh* na primeira pessôa do singular e por ˜ na segunda e terceira do singular, e na terceira do plural. Na primeira pessôa do plural houve queda da syllaba *ni*, e na segunda conservou-se, como já ficou dito, o *d* etymologico: o estar nestas pessôas a syllaba nasalada anteposta a *m* e *d* faz com que não seja necessario representar graphicamente a nasalação.

2) Imperfeito

		1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª	3.ª	4.ª
S.	1.ª Pess.	*Cant*-AVA	*Vend*-IA	*Part*-IA	*P-unh*-A
	2.ª »	*Cant*-AVAS	*Vend*-IAS	*Part*-IAS	*P-unh*-AS
	3.ª »	*Cant*-AVA	*Vend*-IA	*Part*-IA	*P-unh*-A
P.	1.ª »	*Cant*-ÁVAMOS	*Veud*-ÍAMOS	*Part*-ÍAMOS	*P-únh*-AMOS
	2.ª »	*Cant*-ÁVEIS	*Vend*-ÍEIS	*Part*-EIS	*P-únh*-EIS
	3.ª »	*Cant*-AVAM	*Vend*-IAM	*Part*-IAM	*P-unh*-AM

Sobre a passagem deste tempo do Latim para o Portuguez ha a notar, como facto mais importante, a deslocação do accento na primeira e na segunda pessôa do plural— CANTABÁMUS, *cantávamos*, CANTABÁTIS, *cantáveis*. Os imperfeitos latinos em *abam* passaram para o Portuguez, mudando simplesmente o *b* em *v*. Nos imperfeitos em *ebam* syncopou-se o *b*, e o *e* converteu-se em *i*: assim de *vendebam* veio *vendêa*, *vendia*.

Nos imperfeitos em *iebam* tambem syncopou-se o *b*, e *ie* contrahiu-se em *i*: assim de *vestiebam* veio *vestiea*, *vestia*. A respeito das fórmas *punha*, *tinha*, *vinha*, escreve Diez (1): «O imperfeito do indicati-

(1) *Obra citada*, vol. II, pag. 178.

vo nos tres verbos *pôr, ter, vir,* apresenta flexões inteiramente particulares *punha, tinha, vinha,* com deslocação do accento e mudança da vogal radical. E' de suppor que se tenha recuado o accento para melhor consolidar o «*n*» radical que, sem isso, teria cahido como no infinito: empregou-se a fórma *pónia* (escripta *ponha*) para que se não perdesse o «*n*», e trocaram-se «*o*» e «*e*» por «*u*» e «*i*», para distinguir este tempo do presente do subjunctivo. Todavia existiam outrora variantes usadas sem *n*, como *teeya* a par de *tinha; via* a par de *vinha.* (SANTA ROSA)».

3) Aoristo

		1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª	3.ª	4.ª
S.	1.ª Pess.	*Cant*-EI	*Vend*-I	*Part*-I	*Puz*-*(i)*
	2.ª »	*Cant*-ASTE	*Vend*-ESTE	*Part*-ISTE	*Poz*-ESTE
	3.ª »	*Cant*-OU	*Vend*-EU	*Part*-IU	*Poz*-*(i)*
P.	1.ª »	*Cant*-ÁMOS	*Vend*-EMOS	*Part*-IMOS	*Poz*-EMOS
	2.ª »	*Cant*-ÁSTES	*Vend*-ESTES	*Part*-ISTES	*Poz*-ESTES
	3.ª »	*Cant*-ARAM	*Vend*-ERAM	*Part*-IRAM	*Poz*-ERAM

A diversidade de fórmas do perfeito latino desapparece quasi totalmente em Portuguez: toma esta lingua para typo o aoristo derivado do perfeito dos verbos latinos em *avi, evi, ivi,* e com esse typo, modificado phonicamente, confórma quasi todos o aoristos, tanto dos verbos primitivos, como dos derivados. Na fórma em *avi,* o *v* foi syncopado de accordo com a tendencia que já se dava no Latim vulgar—*probai* por *probavi; probaisti* por *probavisti; probit* por *probavit.* A mudança de *ai* em *ei* é peculiar ao Portuguez, como se vê em *celleiro, primeiro* de *cellairo, primairo,* metatheses de *cellario, primario,* fórmas ablativas de *cellarius, primarius.* A syncope

de *ve* na terceira pessôa do plural já se encontra no Latim classico—*amarunt* por *amaverunt*.

Nos aoristos derivados de perfeitos latinos em *evi* e *ivi*, a syncope de *v* deu *ei* e *ii* que se contrahiram em *i*: por analogia syncoparam-se tambem outros sons figurativos, e realisou-se a mesma contracção —de *vendidi* veio *vendii* contrahido em *vendi*. Na terceira pessôa do singular nota-se que *vi* latino se converteu em *u*, mudando-se na primeira conjugação *a* em *o*—*amavit* deu *amou*. Trata-se de saber como de *vi* nasceu *u*. Em Latim acha-se *fautor* por *favitor; lautum* por *lavitum; nauta* por *navita*, etc.: em taes fórmas houve syncope de um *i*—*favtor* por *favitor*.—Ora o *v* consoante juncto ao *t* formava um grupo de sons anti-latino; teve pois o *v* de se dissolver na voz livre correspondente *u*. Foi por processo identico que de *navis* tirou-se *nau*. A mudança de *a* em *o* na primeira conjugação «*amavit, amou*» está no genio do Portuguez, e tem nelle muitas analogas: *ouro* de *aurum*, *louro* de *laurus*, *mouro* de *maurus*, *thesouro* de *thesaurus*, etc.. Os perfeitos latinos em *ui* conservaram-se nos aoristos portuguezes modificados phonicamente: a vogal da primeira syllaba attrahiu o *u* da terminação.

1. *Capui* (em vez de *cepi*) *deu caupe, caube* e depois *coube*.
2. *Habui* deu *haube, hoube* e depois *houve*.
3. *Posui* deu *pouse, pous, puz*.
4. *Potui* deu *poute, poude, pude*.
5. *Sapui* deu *saupe, soupe, soube, sube*.
6. *Traxui* (em vez de *traxi*) deu *trauxe, trouxe, truxe* (fórma popular).

A mudança de *ou* em *u* na primeira pessôa do singular (*pude* por *poude*) teve por fim distinguir

essa fórma da terceira pessôa do singular. De *houve, houveste, houve,* etc., encontram-se as fórmas (1) *ouvi, uvi, ouve, ovi, ove, ouvo, ouveste,* etc. De *puz, pozeste, poz,* etc. encontram-se as fórmas (2) *puge, pugi, pugy, pos, pose, pusy,* etc. De *pude, poudeste, poude,* etc., encontram-se as fórmas (3) *podi, puyd', podo, pudo,* etc. O preterito *quiz, quizeste, quiz,* etc., vem de *quœsii, quœsi.* Encontram-se as fórmas (4) *quige, quigi, quizo,* etc. O aoristo *tive* vem de *tenui*: o *n* cahiu por syncope, deu *teui*; e, para evitar-se hiato, o *u* converteu-se em *v*; por metathese o som forte *i* passou para o primeiro logar afim de obviar á confusão entre as fórmas da primeira e da terceira pessôa do singular: a segunda pessôa do singular e todas as do plural conservaram por analogia esse som. No Portuguez antigo encontram-se a cada passo formas puras em que não ha troca de som—*teverom* (5) *teverõ* (6) *tevera* (7), etc.

Este aoristo *tive, tivestes, teve,* etc. serviu de typo a duas formações novas, a saber *estive, estiveste, esteve,* etc., aoristo de *estar*; e a *seve, severom,* etc., fórmas arkhaicas de *ser*. Em *trouxe, trouxeste,*

---

(1) *Trovas e cantares*, Madrid, 1849, 32, 246. Dom Diniz, 72, 81, 118, 182. J. P. Ribeiro, I, 273.

(2) J. P. Ribeiro, I, 297. *Actos dos apostolos*, 13, 47. *Trovas e Cantares*, 42. Dom Diniz, 17. *Regra de S. Bento*, 6. *Memoria das Rainhas de Portugal*, pag. 254. *Livros de Linhagens*, II, 216.

(3) *Trovas e Cantares*, 246, 285. Dom Diniz, 58, 63. *Foros de Castello Rodrigo*, 869, 895.

(4) Dom Diniz, 49, 72. Gil Vicente, I, 135. *Trovas e Cantares*, 56.

(5) *Chronica de Guiné*, 33.

(6) *Historia Geral de Hespanha*, prologo.

(7) Fernão Lopes, 26.

trouxe, etc., o *x* é pronunciado como *s*, e por isso apparece mudado em *g*, *trouge*; acha-se syncopado nas fórmas *trouve*, *trouveste*, *trouveram*, *trouverão* (*no*), *trouvesse*, *trouvessem* (1). A fórma em *x*, hoje vigente, é mais arkhaica do que estas, e raro apparece nos antigos documentos portuguezes.

4) Plusquam perfeito

		1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
S.	1.ª Pess.	*Cant*-ARA	*Vend*-ERA	*Part*-IRA	*Poz*-ERA
	2.ª »	*Cant*-ARAS	*Vend*-ERAS	*Part*-IRAS	*Poz*-ERAS
	3.ª »	*Cant*-ARA	*Vend*-ERA	*Part*-IRA	*Poz*-ERA
P.	1.ª »	*Cant*-ÁRAMOS	*Vend*-ÉRAMOS	*Part*-ÍRAMOS	*Poz*-ÉRAMOS
	2.ª »	*Cant*-ÁREIS	*Vend*-ÉREIS	*Part*-ÍREIS	*Poz*-ÉREIS
	3.ª »	*Cant*-ARAM	*Vend*-ERAM	*Part*-IRAM	*Poz*-ERAM

Este tempo vem do plusquam perfeito latino já syncopado no periodo classico—*cantaram* por *cantaveram*. Na primeira e na segunda pessôa do plural soffre deslocação do accento—CANTARÁMUS, *cantdramos*; CANTARÁTIS, *cantdreis*.

5) Futuro

		1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
S.	1.ª Pess.	*Cantar*-EI	*Vender*-EI	*Partir*-EI	*Por*-EI
	2.ª »	*Cantar*-RÁS	*Vender*-ÁS	*Partir*-ÁS	*Por*-ÁS
	3.ª »	*Cantar*-RÁ	*Vender*-Á	*Partir*-Á	*Por*-Á
P.	1.ª »	*Cantar*-EMOS	*Vender*-EMOS	*Partir*-EMOS	*Por*-EMOS
	2.ª »	*Cantar*-EIS	*Vender*-EIS	*Partir*-EIS	*Por*-EIS
	3.ª »	*Cantar*-ÃO	*Vender*-ÃO	*Partir*-ÃO	*Por*-ÃO

Tendo-se ensurdecido e até extinguido nos fins do periodo classico as desinencias alterantes das flexões

(1) Gil Vicente, I, 132. 257. *Livros de Linhagens*, I, 161, 171 *Actos dos Apostolos*, 23, 25, 26. Fernão Lopes, 6.

latinas (270), tornou-se summamente difficil aos illiteratos distinguir de prompto o imperfeito *amabam, amabas*, *amabat*, etc.; por exemplo, do futuro *amabo, amabis, amabit*, etc.; o futuro *tegam, teges, teget*, do presente do subjunctivo *tegam*, *tegas*, *tegat*, etc. A necessidade da clareza obrigou o povo romano a procurar uma nova fórma do futuro. *Habere* juncto ao infinito do verbo servia muitas vezes para exprimir o desejo de fazer alguma cousa em um tempo futuro. Cicero disse: *Habeo ad te scribere — Quid habes igitur dicere de Gaditano fœdere?*» Em Santo Agostinho acha-se «*Venire habet*» por «*veniet*». D'estas formas ao futuro actual portuguez ou antes romanico (1) ha apenas um passo. O presente do verbo *haver* agglutinou-se aos infinitos, e constituiu o futuro — *amar hei*, *vender-has*, *partir-ha*, etc.. *Hemos*, *heis* são contracções ainda usadas de *havemos*, *haveis*. Vê-se que, propriamente fallando, não é o futuro um tempo simples, isto é, um tempo que venha directamente de um correspondente latino, mas sim um tempo composto de um verbo e de um auxiliar. As duas partes, porém, acham-se de tal sorte soldadas entre si (*amarei*, *venderás*, *partirás*, etc.,) que seria impossivel classificar tal tempo entre os compostos.

Os infinitos *dizer*, *fazer*, *trazer*, em ligação com *hei*, *has*, *ha*, para exprimir o futuro, soffreram syncope do *z* e contracção das vogaes postas em contacto pela syncope: assim em vez de *dizerei*, *fazerás*, *trazerás*, etc., existem as fórmas *direi*, *farás*, *trarás*, etc..

Esta formação do futuro romanico foi reconhecida

(1) Todas as linguas romanicas, excepto o Rumeno, aproveitaram esta construcção latina para exprimir o futuro.

primeiramente no Hespanhol por Antonio de Nebrixa (1), e depois no Portuguez por Duarte Nunes de Leão (2).

II) *Imperativo*

	1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
S. 2.ª Pess.	*Cant*-A	*Vend*-E	*Part*-E	*P*-õ-E
P. 2.ª »	*Cant*-AE	*Vend*-EI	*Part*-í	*P-on-de*

Este tempo tem duas fórmas suas, derivadas ambas das correspondentes latinas — a segunda pessôa do singular e a segunda do plural. As outras que alguns grammaticos lhe costumam junctar, a saber —a terceira pessôa do singular e primeira e terceira do plural—foram tomadas do presente do subjunctivo. *Ter, ir, rir, vir, pôr,* na segunda pessôa do plural, conservam abrandado em *d* o *t* etymologico: *Ten***d***e*, *i***d***e*, *ri***d***e*, *vin***d***e*, *pon***d***e*.

III) *Condicional imperfeito.*

		1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
S.	1.ª Pess.	*Cantar*-IA	*Vender*-IA	*Partir*-IA	*Por*-IA
	2.ª »	*Cantar*-IAS	*Vender*-IAS	*Partir*-IAS	*Por*-IAS
	3.ª »	*Cantar*-IA	*Vender*-IA	*Partir*-IA	*Por*-IA
P.	1.ª »	*Cantar*-ÍAMOS	*Vender*-ÍAMOS	*Partir*-ÍAMOS	*Por*-ÍAMOS
	2.ª »	*Cantar*-ÍEIS	*Vender*-ÍEIS	*Partir*-ÍEIS	*Por*-ÍEIS
	3.ª »	*Cantar*-IAM	*Vender*-IAM	*Partir*-IAM	*Por*-IAM

---

(1) 1492.
(2) 1606.

A formação d'este tempo que, não existindo em Latim, era supprido pelo imperfeito do subjunctivo, é em tudo identica á formação do futuro do indicativo, substituido o auxiliar presente *hei, has, ha,* etc., pelo auxiliar imperfeito *hia, hias, hia,* etc., contracções ainda usadas de *havia, havias, havia,* etc..

IV) *Subjunctivo*

1) Presente

		1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
S.	1.ª Pess.	*Cant*-E	*Vend*-A	*Part*-A	*P-onh*-A
	2.ª »	*Cant*-ES	*Vend*-AS	*Part*-AS	*P-onh*-AS
	3.ª »	*Cant*-E	*Vend*-A	*Part*-A	*P-onh*-A
P.	1.ª »	*Cant*-EMOS	*Vend*-AMOS	*Part*-AMOS	*P-onh*-AMOS
	2.ª »	*Cant*-EIS	*Vend*-AIS	*Part*-AIS	*P-onh*-AIS
	3.ª »	*Cant*-EM	*Vend*-AM	*Part*-AM	*P-onh*-AM

Este tempo segue exactamente o seu correspondente latino, e fórma-se pelos processos geraes de derivação já conhecidos.

2) Imperfeito

		1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
	1.ª Pess.	*Cant*-ASSE	*Vend*-ESSE	*Part*-ISSE	*Poz*-ESSE
	2.ª »	*Cant*-ASSES	*Vend*-ESSES	*Part*-ISSES	*Poz*-ESSES
	3.ª »	*Cant*-ASSE	*Vend*-ESSE	*Part*-ISSE	*Poz*-ESSE
P.	1.ª »	*Cant*-ÁSSEMOS	*Vend*-ÉSSEMOS	*Part*-ÍSSEMOS	*Poz* ESSEMOS
	2.ª »	*Cant*-ÁSSEIS	*Vend*-ÉSSEIS	*Part*-ÍSSEIS	*Poz*-ESSEIS
	3.ª »	*Cant* ASSEM	*Vend*-ESSEM	*Part*-ISSEM	*Poz*-ESSEM

Deriva-se este tempo do plusquam perfeito latino já syncopado no periodo classico—*cantassem* por *cantavissem*. Esta formação é commum a todas as linguas romanicas.

3) Futuro

		1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
S.	1.ª Pess.	*Cant*-AR	*Vend*-ER	*Part*-IR	*Poz*-ER
	2.ª »	*Cant*-ARES	*Vend*-ERES	*Part*-IRES	*Poz*-ERES
	3.ª »	*Cant*-AR	*Vend* ER	*Part*-IR	*Poz*-ER
P.	1.ª »	*Cant*-ARMOS	*Vend*-ERMOS	*Part*-IRMOS	*Poz*-ERMOS
	2.ª »	*Cant*-ARDES	*Vend*-ERDES	*Part*-IRDES	*Poz*-ERDES
	3.ª »	*Cant*-AREM	*Vend*-EREM	*Part*-IREM	*Poz*-EREM

Este tempo simples, tanto no Portuguez como no Hespanhol, é kharacteristico das transformações do verbo nas linguas romanicas, e segundo Diez (1), provéem do futuro perfeito latino. As formas hespanholas antigas aproximam este tempo da sua origem (*podiero—potuero*) pela sua terminação em um *o* final: no Portuguez a falta de vogal na flexão approxima-o do infinito impessoal na primeira e na terceira pessôa do singular.

V) *Infinito*

1) Presente

1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
Cant-AR	*Vend*-ER	*Part*-IR	*P-ô*-R

O infinito presente portuguez tem a particularidade kharacteristica de poder apresentar todas as flexões do futuro do subjunctivo [Veja-se supra, IV, 3)].

(1) *Obra citada*, vol. II, pag. 157.

2) Gerundio

1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
Cant-ANDO	*Vend*-ENDO	*Part*-INDO	*P-on*-DO

O infinito gerundio portuguez é derivado da fórma ablativa do gerundio latino *amando, monendo*, etc, (1).

VI) *Participios*

1) Presente

1.ª Conjugação	2.ª	3.ª	4.ª
Cant-ANTE	*Vend*-ENTE (pouco usado)	*Part*-INTE (desusado)	*Po*-ENTE ou *Pon*-ENTE

O participio presente é hoje exclusivamente usado como mero adjectivo. Todavia nos documentos antigos encontram-se a cada passo exemplos d'este participio com toda a força que tinha em Latim—«*Filhantes a saia, leixam o manto* (2). *Os despresintes Deus caem no inferno* (3).» Mesmo em Camões ainda se lê:

«Perlas ricas e imitantes
«A côr da aurora (4)

(1) O gerundio latino que é, por assim dizer, uma verdadeira declinação do nome verbal infinito presente passou para o romanico na fórma ablativa. Que o gerundio é o mesmo que o infinito presente acompanhado de proposição prova-se pelas seguintes identicas phrases: *Vi-o chorando* (Brazil), *Vi-o a chorar* (Portugal).

(2) *Regra de S. Bento*, I pag. 266.

(3) *Ibidem*, pag. 263.

(4) *Lusiadas*, Cant. X. Est. CII.

3) Aoristo

1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª	3.ª	4.ª
Cant-ADO, A	*Vend*-IDO, A	*Part*-IDO, A	*Post*-O, A

O participio aoristo foi tomado do participio perfeito da voz passiva latina, em *ado* (*atus*) para a primeira conjugação; em *ido* (*itus*) para a terceira: para a segunda nas linguas romanicas, foi adoptado o suffixo *utus*, contracção da fórma *uitus*. Assim no Portuguez antigo encontram-se as duas fórmas de participios em *udo* e *ido*. Nos *Fóros de Beja* acha-se *movudo* por *movido; conheçudo* por *conhecido*, e conjunctamente *vendudo* e *vendido*. Està fórma em *utus* não deixava confundir os participios da segunda conjugação com os da terceira; na fórma *uitus*, contrahida, veiu a prevalecer a vogal accentuada, e por isso se transformou em *ido*. No portuguez moderno ainda se acha a fórma *udo*, mas isso em alguns participios que perderam o kharacter verbal, e ficaram puros adjectivos: *Teudo, manteudo, conteudo, sanhudo*. Em uma *Ordenação* de D. Duarte, lê-se: «*Assim como era conteudo no dito termo* (1)».

Sendo geralmente passivos os participios aoristos variaveis, alguns todavia têm significação, ora activa, ora passiva, ex.: «*Homem atraiçoado*, homem que atraiçoa, ou que é atraiçoado; *homem lido*, que tem lido muito, instruido, erudito; *carta lida*, a carta que foi lida.»

Os principaes participios aoristos que se subordinam a este uso são:

(1) J. P. RIBEIRO, IV, 156.

Abhorrecido
acanhado
acautelado
acreditado
aferrado
agarrado
agradecido
aladroado
alargado
alambicado
altanado
amarrado
antecipado
apertado
apressado
arrazoado
arrebatado
arrependido
arriscado
arrojado
arrufado
assomado
atabalhoado
atirado
atraiçoado
atrapalhado
atrevido
atroado
aturdido
avantajado
avisado
calado
calculado
cançado
confuso (confundido)
conhecido
considerado
conversado
costumado
crescido
decidido
demorado
desconfiado
descrido
descuidado
desenganado
desesperado
desmazellado
desolado
despachado
determinado
dissimulado
embaraçado
encarado
encarecido
encolhido
enfiado
engraçado
engrolado
enleiado
entalado
entendido
esforçado
esperdiçado
estirado
esquecido
estragado
exaggerado.
limitado
limpo
louvado
meditado
merecido (*meritissimo*, superlativo erudito, forense)
mettido
minguado
moderado
namorado
offerecido
ousado
parida
pausado
picado
precatado
prevenido
procedido
puxado
recatado
reflectido
regrado
regulado
remontado
renegado
reservado
resguardado
retardado
retirado
sabido
sacudido
sentido
soffrido

*

carregado
comedido
compadecido
comportado
concentrado
concertado
conduzido
confiado
exaltado
experimentado
extrangeirado
fingido
lambido
lembrado
lido
limado
solto
subido
tirado
valido
versado
vendido
vigiado
zangado

E bem assim os compostos d'estes como «*insoffrido, reconcentrado*».

Alguns verbos de desempenho de funcções organicas como «*dormir, comer*» e, conseguintemente, «*almoçar, jantar, merendar, cear*» prestam-se a uso identico; diz-se: «*Estar bem dormido, bem comido; Estou almoçado*».

Além das fórmas regulares dos participios, existem outras de origem erudita, e em geral immobilisadas no adjectivo (296).

VII) *Tempos compostos*

A mais profunda differença que separa a conjugação latina da portugueza é—que os tempos de acção incompleta da voz passiva e todos os da activa exprimem-se em Latim por desinencias (*amor, amavero*): ao passo que em Portuguez exprimem-se pelo participio aoristo precedido de *ter* na voz activa, e de *ser* na passiva. Esta creação dos auxiliares para serviço da conjugação que, á primeira vista, parece extranha ao genio da lingua latina, não foi um facto isolado ou uma innovação sem precedentes: já existia ella em germen no fallar dos Romanos. Cicero dizia: «*De Cæsare satis dictum habeo* por *dixi—Habebas scriptum* por *scripseras*». E Ce-

sar: «*Vectigalia parvo pretio redempta habet* em vez de *redemit—Copias quas habebat paratas* em vez de *paraverat*». A' medida que se foram desenvolvendo as tendencias analyticas da lingua, foi prevalecendo o uso d'esta segunda fórma, e, a partir do seculo VI, os textos latinos apresentam numerosos exemplos d'ella. O mesmo aconteceu com as flexões da voz passiva: o Latim vulgar as substituiu pelo verbo *sum* juncto ao participio passado—*sum amatus* em vez de *amor*. Nas collecções de diplomas merovingios encontram-se a todo o momento estas fórmas novas «*Omnia quœ ibi sunt aspecta* por *aspectantur—Hoc volo esse donatum* por *donari*». A nova lingua que se ia constituindo, assim como tinha abandonado as desinencias dos casos [269, 7)] para as substituir por preposições, tambem abandonou na conjugação as fórmas verbaes dos tempos compostos para as substituir por verbos auxiliares, consequencia natural da necessidade que impellia a lingua latina a passar do estado synthetico para o analytico (1).

311. Os verbos portuguezes formam-se, segundo o mesmo processo dos nomes, por derivação e por composição.

312. Por derivação formam-se verbos

1) de substantivos: de *trabalho, trabalhar;* de *dama, damejar* (J. Ferr., *Aul*,. 42, V); de *caminho, caminhar;* de *numero, numerar*; de *purpura, purpurar;* de *pavão, pavonear;* etc..

Galopar (Portugal) andar a galope; *galopear* (Brazil) andar a galope, e tambem, com sentido transitivo, principiar

(1) Brachet, *Obra citada*, 119.

a domar uma cavalgadura, montando-a pelas primeiras tres vezes.

2) de adjectivos, ou com a simples terminação verbal, ou tambem com o prefixo *a* ou *e*: de *doce*, *adoçar*; de *vermelho*, *avermelhar;* de *francez*, *afrancezar*. (Do baixo Latim *izare*) *senhorizar* (J. P. Ribeiro, IV), *bemfeitorizar*, *poetizar*, *prophetizar*. De *lucido*, *elucidar*, etc..

3) de verbos já existentes: de *escrever*, *escrevinhar*; de *cantar*, *cantarolar*; de *tremer*, *tremelicar*; de *comer*, *comichar;* de *beber*, *beberricar*; de *gemer*, *gemelicar*. Estes verbos têm sempre um sentido peiorativo e frequentativo; ex.: «*Namoriscar*, *namorejar*».

313. Por composição verbos já existentes fórmam outros, juntando-se

1) com um substantivo, ex.: «*Manobrar*, *manter*».
2) com um adjectivo, ex.: «*Purificar*».
3) com um adverbio, ex.: «*Transluzir*, *ultrapassar*, *entreabrir*».
4) com os prefixos que entram na composição dos nomes, ex.: «*Dispôr*, *repôr*, *compôr*, *suppôr*, etc.».

Pertencendo á primeira conjugação todos os verbos que se vão diariamente creando em Portuguez, é essa primeira conjugação considerada como *conjugação viva;* as outras tres, por se não prestarem á formação de novos verbos, são consideradas *mortas*. Os verbos portuguezes da primeira conjugação orçam por 8.000, ao passo que os das outras tres não chegam a 500.

VI

PREPOSIÇÃO

314. As preposições portuguezas derivam-se

1) de preposições latinas simples.

2) de duas preposições latinas reunidas.
3) de palavras ou de grupos de palavras do proprio cabedal da lingua portugueza.

315. São derivadas de preposições latinas simples

A	que	vem	de	*ad*
ante	»	»	»	*ante*
após (pós)	»	»	»	*post*
atrás (trás)	»	»	»	*trans*
até (té)	»	»	»	*hactenus, tenus.* A orthographia antiga (atlá) faz pensar no Arabe *fata, hattah,* que poderia ter substituido *tenus* latino, como *en-xa-Allah* subrogou *utinam.*
com	»	»	»	*cum*
contra	»	»	»	*contra*
de	»	»	»	*de*
em	»	»	»	*in*
entre	»	»	»	*inter*
per / *por*	»	»	»	*per*
por (em favor de)	»	»	»	*pro*
sem	»	»	»	*sine*
sub	»	»	»	*sub*
sobre	»	»	»	*super*

As preposições latinas *extra, infra, pós,* (*t*), *pro, supra, trans, ultra,* são usadas em composições de palavras, ex.: «*Extraordinario, transatlantico*».

Trans deixa algumas vezes cahir o *n,* ex.: «*Traspassar*» *Post* deixa sempre cahir o *t,* ex.: «*Pospôr*».

316. São derivadas de duas preposições latinas reunidas algumas preposições portuguezas, ex.: «*Deante, para, perante*» que vêm de «*De ante, per ad* (1), *per ante*.

317. São derivadas de palavras ou de grupos de palavras que já fazem parte do proprio cabedal da lingua muitissimas preposições portuguezas, ex.: «*Excepto, salvo, defronte, emfrente*».

318. Quasi todas, si não todas, as locuções prepositivas portuguezas são formadas por grupos de palavras que já fazem parte do cabedal proprio da lingua, ex.: «*Em cima de, a cavalleiro de*».

VII

CONJUNCÇÃO

319. As conjuncções portuguezas derivam-se

1) de conjuncções e de outras palavras latinas mais ou menos correspondentes.
2) de palavras ou de grupos de palavras do cabedal proprio da lingua.

320. São derivadas de conjuncções e de outras palavras latinas mais ou menos correspondentes

Como	que	vem	de	*cum*
e	»	»	»	*et*
mas	»	»	»	*magis*
ora	»	»	»	*hora*
ou	»	»	»	*aut*
pois	»	»	»	*post*
quando	»	»	»	*quando*
que	»	»	»	*quam, quod*
si	»	»	»	*si*

(1) «*Lectos* PER AD *pauperes* (*España Sagrada*, Madrid, 1747, XIX, 382, ann. 996)—*Post egressum domini* PER AD *Romam* (*Ibidem*, XL, 22, ann. 934.). Os antigos classicos portuguezes escreviam mais etymologicamente «*pera*».

321. Quasi todas, si não todas as outras conjuncções, bem como as locuções conjunctivas, são oriundas de palavras ou de grupos de palavras já pertencentes ao cabedal proprio da lingua, ex.: «*Outrosim, todavia*».

VIII

ADVERBIO

322. Os adverbios portuguezes derivam-se

1) de adverbios e de locuções adverbiaes da lingua latina, mais ou menos correspondentes.
2) de adjectivos que, empregados invariavelmente na fórma masculina, tornam-se adverbios.
3) de adjectivos a cuja fórma feminina juncta-se o suffixo *mente*.
4) de locuções do cabedal proprio da lingua, empregadas adverbialmente.

323. Derivam-se de adverbios e de locuções adverbiaes da lingua latina, mais ou menos correspondentes :

Acaso	que	vem	de	*ad casum*
acima	»	»	»	*ad cimam*
acolá	»	»	»	*eccu' illac*
adrede	»	»	»	*ad recte*
agora	»	»	»	*hac hora*
ahi	»	»	»	*eccu'istic*
ainda (inda)	»	»	»	*ab inde, inde*
algures	»	»	»	*alg-hu-er-es*
alhures	»	»	»	*ali-hu-er-es*
nenhures	»	»	»	*nem-hu-er-es*
alli	»	»	»	*eccu'illic*
amanhã	»	»	»	*ad mane*
antes	»	»	»	*ante*
aqui	»	»	»	*eccu'hic*

arriba	que	vem	de	*ad ripam*
assás	»	»	»	*ad satis*
avante	»	»	»	*ab ante*
bem	»	»	»	*bene*
cá (em Hesp.) *acá*	»	»	»	*eccu'hac*
cedo	»	»	»	*cito*
como	»	»	»	*quo modo*
dentro	»	»	»	*de intro*
depois	»	»	»	*de post*
donde	»	»	»	*de unde*
eis	»	»	»	*ecce*
então	»	»	»	*intunc*
fóra	»	»	»	*foras*
hoje	»	»	»	*hodie*
hontem	»	»	»	*hodie ante*
já	»	»	»	*jam*
jámais	»	»	»	*jam magis*
lá	»	»	»	*illac*
logo	»	»	»	*loco* (*no logar*, como em Francez *sur-le-champ*)
longe	»	»	»	*longe*
mais	»	»	»	*magis*
mal	»	»	»	*male*
menos	»	»	»	*minus*
muito	»	»	»	*multo*
não	»	»	»	*non*
nunca	»	»	»	*nunquam*
onde	»	»	»	*unde*
ora	»	»	»	*hora*
perto	»	»	»	*pressum* de *premere*
pouco	»	»	»	*pauco*
quão	»	»	»	*quam*
quándo	»	»	»	*quando*

quanto	que	vem	de	*quanto*
sempre	»	»	»	*semper*
sim	»	»	»	*sic*
só	»	»	»	*solum*
tão	»	»	»	*tam*
tanto	»	»	»	*tanto*
tarde	»	»	»	*tarde*
trás (atrás)	»	»	»	*trans*

Ao transformar-se o Latim sob as influencias variadas que cooperaram na creação das linguas romanicas, muitas palavras, em razão de sua euphonia triumpharam na luta pela existencia, e passaram a ter accepção diversa da primitiva; assim, *unde* supplantou a *ubi*, e ficou servindo para exprimir *logar onde*. A necessidade de clareza e de perspicuidade no dizer creou os grupos barbaros como *de post*, *ad satis*, etc. que se perpetuaram nos novos idiomas.

Aquém e *além* estão na lingua hodierna por *aqui ende*, *alli ende*. *Ende* do Latim *inde* é uma velha palavra que significa *delle*, *della*, etc. ex.: «*Ganham herdamentos nos meus reguengos e fazem ende honras* (1)». *Ende* tem seu correspondente no Francez velho *ent*, e no Francez actual *en*.

324. Os adjectivos são empregados adverbialmente na fórma masculina, ex.: «*Fallar alto, gostar immenso*».

Em Gil Vicente encontra-se «*Fallo mui doce cortez* (2)». Já no Latim classico era corrente este uso, tomando o adjectivo a fórma neutra: «*Dulce ridentem Lalagen amabo, dulce loquentem* (3)».

325. Muitos adverbios, com especialidade os de modo, fórmam-se pela juncção do suffixo *mente* á fórma feminina dos adjectivos, ex.: «*Primeiramente, pudicamente*».

---

(1) Frei Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, Tomo IV, pag. 319.

(2) *Obras citadas*, II, 497.

(3) Horatius, Lib. I, *Od.* 22.

Conhece-se bem a origem desta formação adverbial. Os suffixos *e, ter* que serviam para formar adverbios *(docte, prudenter)* desappareceram, por isso que não estavam sob o accento, e o Portuguez, para crear uma classe de palavras com o cunho grammatical de adverbios, teve de recorrer a outro suffixo: adoptou para tal fim *mente,* ablativo de *mens,* que já mesmo entre os escriptores do Imperio tomára a accepção de *modo, maneira, feitio,* etc. Acha-se em Quintiliano «*Bona mente factum*»; em Claudiano «*Devota mente tuentur*»; em S. Gregorio de Tours : »*Iniqua mente concupiscit.*»

326. Ha muitos adverbios portuguezes que são formados pela agglutinação de palavras do cabedal proprio da lingua, ex.: *outrora, talvez, tampouco*».

Quiçá vem do Italiano «*Chi sa,* (quem sabe)».

IX

INTERJEIÇÃO

327. A interjeição, verdadeiro grito animal, mais clamor instinctivo do que signal de idéa (178), não está sujeita ás lei do pensamento, não se governa pela grammatica, não tem derivação. As verdadeiras interjeições são sempre as mesmas em todas as linguas.

Coragem, eia sus e outras similhantes exclamações, claras ellipses de phrases completas, são empregadas interjectivamente mas não são interjeições.

Estas locuções interjectivas têm derivação : *Apage, eia, sus,* vêm do Latim ; *Oxalá* é o Arabico *En-xa-Allah* (Deus o queira) ; *Coragem, avante,* etc., são tomadas do cabedal proprio da lingua.

PARTE SEGUNDA

SYNTAXE

GENERALIDADES

328. *A syntaxe* considera as palavras como relacionadas umas com outras na construcção de sentenças, e considera as sentenças no que diz respeito á sua estructura, quer sejam simples, quer se componham de membros ou de clausulas.

329. *Sentença* é uma coordenação de palavras ou mesmo uma só palavra formando sentido perfeito, ex.: «*As abelhas fazem mel—Os cães ladram—Morro*».

Sentença do Latim *sententia* (pensamento, juizo, expressão completa) é denominação preferivel a *periodo*. Com effeito, o termo *periodo*, do Grego *periodos* (caminho em volta, rodeio) não traduz bem a noção de pensamento, de juizo. Aristoteles (1) e Cicero (2) empregaram-no com a significação de «sentença rhetorica», figurada, ornada.

Por «formar sentido perfeito» entende-se—dizer alguma cousa a respeito de outra de modo completo.

330. Relativamente á sua significação as sentenças são declarativas, imperativas, condicionaes, interrogativas e exclamativas.

331. *Sentença declarativa* é a que declara ou assevera uma cousa. ex.: «*O dia está quente*».

---

(1) *Rhetorica*, 3, 9, 3.
(2) *Orator*, LXI.

A sentença declarativa chama-se

1) *affirmativa* quando assevera que uma cousa é, ex.: «*O dia está quente*».

2) negativa quando assevera que uma cousa não é, ex.: «*O dia não está quente*».

Estes dous generos de sentenças são identicos em fórma e construcção grammatical, com quanto directamente oppostos em significação. Para converter-se uma sentença affirmativa em negativa basta ajuntar-se-lhe o adverbio *não*; e vice-versa, para converter-se uma sentença negativa em affirmativa é sufficiente a subtracção do mesmo adverbio.

332. *Sentença imperativa* é aquella por meio da qual se ordena, se requer ou se pede que se faça alguma cousa. Seu kharacteristico é o uso do verbo no modo imperativo, ex.: «*Traze fogo—Despacha-me esta petição—Livrae-me deste susto*».

333. *Sentença condicional* é a que assevera uma cousa mediante uma condição, ex.: «*Pedro, si fôr avisado, escapará da cilada*».

334. *Sentença interrogativa* é a que se emprega para fazer perguntas, ex.: «*Está chovendo?*».

335. *Sentença exclamativa* é a que exprime um sentimento ou opinião relativa, asseverada ou por asseverar, ex: «*Quão estupido é elle!—Que guerra vai haver!*».

As sentenças exclamativas são desconnexas relativamente ao discurso em que occorrem, e podem ser consideradas como phrases interjeccionaes.

336. Toda a sentença consta de dous elementos

1) o que representa a cousa a cujo respeito se falla: chama-se *sujeito*.

2) o que representa o que se diz a respeito do sujeito: chama-se *predicado*.

Este segundo elemento subdivide-se em dous outros:

a) a idéia que se liga ao sujeito: chama-se *predicado propriamente dito.*

b) o laço que prende o predicado propriamente dito ao sujeito: chama-se *copula.*

N'este exemplo «*Rosas são flores*» «*Rosas*» é o sujeito; «*são*» a copula ; «*flôres*», o predicado propriamente dito.

N'este outro «*Pedro ama*» «ama» decompõe-se em *am* thema, e *a* terminação: o thema *am* fica tido como o predicado propriamente dito, e a terminação *a* como copula.

Em geral pode-se dizer com Mason (1) que a copula grammatical de todas as sentenças consiste na flexão do verbo.

O acto da mente pelo qual o predicado se liga á noção expressa pelo sujeito chama-se *juizo.*

O resultado de um juizo é um pensamento.

A expressão do pensamento é a sentença.

337. Quando uma sentença se compõe de duas ou de mais asserções, cada uma dessas asserções chama-se *membro:*

Nesta sentença: «*O plano foi bem concebido, e produziu o effeito desejado*» as duas partes «*O plano foi bem concebido*» e «*produziu o effeito desejado*» são os membros da sentença.

338. Chamam-se *clausulas* os membros da sentença quando são tão connexos entre si que um depende do outro, e até o modifica.

Nesta sentença: «*Foge o veado, si o accossa o cão*», «*Foge o veado*» é uma clausula; «*si o acossa o cão*», outra.

339. *Phrase* é uma combinação de palavras coordenadas entre si, mas sem formar sentido perfeito.

---

(1) *English Grammar*, London, 1864, pag. 95.

Nesta sentença: «*O orador excedeu a expectação do publico*» as palavras coordenadas «*excedeu a expectação do publico*» formam uma phrase.

340. A phrase construida com um infinito chama-se *phrase infinitiva* ex.: OBEDECER Á LEI *é dever do cidadão* — *Sirva-nos de lenitivo á derrota* O TERMOS RESISTIDO *com valentia*».

341. A phrase construida com um participio chama-se *phrase participal*, ex.: «*Negreiros são* TRAFICANTES DE ESCRAVOS—*Patrid*, INVOLVENDO-SE NA BANDEIRA HOLLANDEZA, *saltou ao mar*—MORTO CESAR, *os conjurados sahiram de Roma*».

342. Divide-se a syntaxe em syntaxe lexica e syntaxe logica.

LIVRO PRIMEIRO

SYNTAXE LEXICA

343. A *syntaxe lexica* considera as palavras como relacionadas umas com outras na construcção de sentenças.

SECÇÃO PRIMEIRA

RELAÇÃO DAS PALAVRAS ENTRE SI

344. Cinco são as relações que têm entre si as palavras ou os grupos de palavras, a saber:

1) Relação subjectiva.
2) Relação predicativa.
3) Relação attributiva.
4) Relação objectiva.
5) Relação adverbial.

345. *Relação subjectiva* é a relação em que o sujeito d'uma sentença está para com o seu predicado.

Póde estar em relação subjectiva um nome, um pronome, uma parte da oração substantivada, uma phrase, uma clausula, um membro, uma sentença.

Nestas sentenças: «*Pedro é rico—Eu sou nervoso—*«*Vives*» *é verbo—E' verdade que não fui a Roma*»—«*Pedro*», «*eu*», «*vives*» e «QUE NÃO FUI A ROMA» estão em relação subjectiva.

346. *Relação predicativa* é a relação em que o predicado de uma sentença está para com seu sujeito.

A relação predicativa póde ser expressa, ou por um verbo sómente, quando é completa a sua predicação; ou por um verbo de predicação incompleta juncto com o seu complemento; ou por um verbo qualquer seguido de adjunctos adverbiaes.

São verbos de predicação completa os que não necessitam de palavra complementar para fazer sentido perfeito, ex.: «*O vegetal vive.*»

São verbos de predicação incompleta os que necessitam de palavra complementar para fazer sentido perfeito; taes são; o verbo *ser*, o verbo *estar*; alguns intransitivos como *ficar, parecer* etc.; todos os transitivos como *amar, cantar*, etc., ex.: «*Eu sou rico—Antonio está doente—Pedro está pobre—A França parece rejuvenescida—O rei ama-nos—Lincoln cortava lenha*».

Nesta sentença «*O menino corre*», o verbo «*corre*» está em relação predicativa com o sujeito «*menino*». Nesta outra «*A mesa é redonda*», não sómente o verbo «*é*» está em relação predicativa com o sujeito «*mesa*», mas tambem o está o adjectivo «*redonda*».

347. *Relação attributiva* é a relação em que a palavra que representa alguma qualidade, alguma circumstancia da cousa de que se falla, está para com a palavra que representa tal cousa, isso sem que haja asserção, sem que se faça uso do verbo para mostrar a connexão entre ambas existentes.

Nesta sentença «*Homens prudentes procedem ás vezes com impru-*

dencia», o adjectivo *«prudentes»* está em relação attributiva para com o substantivo *«homens»:* o attributo que esse adjectivo denota é tomado como pertencente ao substantivo *«homens»*, porém não é affirmado a respeito delle. Si fôr dito *«Os homens são sabios»*, haverá asserção, e o adjectivo *«sabios»* estará então em relação predicativa para com o substantivo *«homens»*. Na sentença *«Socrates foi homem sabio»* o adjectivo *«sabio»* está em relação attributiva para com o substantivo *«homem»*, e a phrase *«homem sabio»* está em relação predicativa para com o substantivo *«Socrates»*.

Como attributos só podem pertencer a cousas, só com substantivos podem as palavras ou grupos de palavras estar em relação attributiva.

A relação attributiva é expressa

1) por um artigo, exemplo: *«O homem*—UM *homem»*.
2) por um substantivo apposto, ex.: *«Epaminondas,* GENERAL,—*Affonso,* REI». O substantivo a que se appõe outro substantivo chama-se *fundamental*.
3) por um adjectivo descriptivo, ex.: *«Maçã* GRANDE».
4) por um adjectivo determinativo, ex.: ESTE *livro*—CADA *casa*—MINHA *lousa*—ALGUM *homem*.
5) por um participio, ex.: *«O soldado* FERIDO».
6) por um substantivo precedido da preposição *de*, ex.: *«A casa* DE PEDRO».
7) por uma clausula adjectivo (Vide 374—375), *«A carta* QUE EU ESCREVÍ».

As palavras ou clausulas que estão em relação attributiva para com um substantivo chamam-se *adjunctos attributivos* desse substantivo.

348. *Relação objectiva* é a relação em que está para com um verbo de acção transitiva o objecto a que se dirige, ou sobre que se exerce essa acção.

Nesta sentença *«O cão levantou a cabeça»* o substantivo *«cabeça»* está em relação objectiva para com o verbo *«levantou»*.

A palavra que está em relação objectiva para com o verbo chama-se *objecto* ou *paciente* desse verbo.

Como uma acção só póde ser exercida sobre uma cousa, só podem

tambem servir de objecto substantivos ou então palavras, phrases, clausulas e sentenças tomadas como taes, isto é, substantivadas.

A relação objectiva não é indicada por preposições, salvo quando para evitar amphibologias usa-se da preposição *a*, ex.: «*Enéas venceu* A *Turno*», ou quando por idiotismo da lingua empregam-se preposições expletivas, ex.: «*Pegar* DA *lança—puxar* PELA *espada*» em vez de «*Pegar a lança—puxar a espada*.

349. *Relação adverbial* é a relação em que está para com um adjectivo, verbo ou adverbio a palavra, phrase ou clausula que qualifica esse adjectivo, verbo, ou adverbio.

A relação adverbial é expressa

1) por um adverbio, ex.: «*Elle combateu* ESFORÇADAMENTE».
2) por um substantivo precedido de preposição, ex.: «*Paulo gosta* DE FRUCTAS—*Pedro escreve* COM GOSTO—*Cesar foi louvado por Cicero*». O infinito de um verbo póde ser usado neste caso visto que é por sua natureza verdadeiro substantivo (Vide 207), ex.: «*Farto* DE BRINCAR». Tambem se póde empregar uma clausula substantivo (Vide 372), ex.: «*Os homens gostam de* QUE SE LHES LISONGEIE O ORGULHO».
3) pelos pronomes substantivos em relação apropriada ao caso.
   São relações apropriadas ao caso
   a) a relação adverbial, ex.: «*Pedro veio* COMMIGO».
   b) a relação objectiva dos pronomes pessoaes usada, por idiotismo da lingua, em vez da relação adverbial, ex.: «*Paulo deu*-ME *um livro*» em vez de «*Paulo deu* A MIM *um livro*».
      A relação objectiva dos pronomes substantivos, assim empregada, chama-se relação *objectiva-adverbial*.
4) por uma clausula adverbio (376), ex.: «*Antonio estava lendo* QUANDO EU CHEGUEI».

As palavras ou sentenças que estão em relação adverbial para com outras chamam-se *adjunctos adverbiaes*. A mór parte dos adjunctos adverbiaes incluem-se na seguinte classificação:

Adjunctos adverbiaes

1) *de tempo*
2) *de logar*
3) *de ordem*

4) *de modo*
5) *de conclusão*
6) *de quantidade*
7) *de affirmação*
8) *de negação*
9) *de duvida*
10) *de exclusão*
11) *de designação*

As palavras que na construcção de sentenças já estejam em differentes relações, podem estar em qualquer relação para com outras.

SECÇÃO SEGUNDA

PARTICULARIDADES DO SUJEITO, DO PREDICADO E DO OBJECTO

I

SUJEITO

350. O sujeito de uma sentença é simples, composto ou complexo:

1) é *simples* quando consta de um só substantivo, de um pronome ou de um infinito de verbo, ex.: «CESAR *conquistou as Gallias*—EU *sou ignorante*—ERRAR *é proprio do homem*».
2) é *composto* quando consta de dous ou de mais substantivos, pronomes ou infinitos de verbos, ex.: CESAR e POMPEU *foram rivaes*—EU E TU *estamos ricos*—COMER E DORMIR *são cousas diversas*».
3) é *complexo* quando consta de uma clausula substantivo, de uma phrase, ou de uma citação qualquer, ex.: QUE ELLE O DISSE *é certo*—«POR TODA A PARTE» *é uma phrase usada por Luiz de Camões* — O AMAI-VOS UNS AOS OUTROS» *do Evangelho derribou os templos pagãos*».

351. Chama-se *sujeito ampliado*o sujeito a que se liga

um adjuncto atributivo, ex.: «O *general morreu—Affonso,* REI, *casou-se—Chegaram-me* CARTAS QUE EU ESPERAVA. *Já vêm-se terras de Hespanha*».

O sujeito, si é um infinito de verbo transitivo, póde ser ampliado pelo objecto só, ou por elle com um adjuncto adverbial; no caso de ser infinito de verbo intransitivo, amplia-se com um adjuncto adverbial, ex.: «*Perdoar injurias é dever do sabio. Perdoar injurias com alegria é dever do khristão. Andar ás pressas*».

II

PREDICADO

352. O predicado de uma sentença é simples ou complexo:

1) é *simples* quando expresso por um só verbo, ex.: «*A virtude* FLORESCE—*O homem* MORRE».
2) é *complexo* quando expresso por um verbo de predicação imcompleta acompanhado por seu complemento.

353. Quando um verbo de predicação incompleta é intransitivo ou está na voz passiva, o complemento do predicado, substantivo ou adjectivo, fica em relação predicativa para com o sujeito da sentença, ex.: «*Eu sou chamado* ANTONIO—*Este homem parece* RICO».

354. Quando um verbo de predicação incompleta é transitivo ou está na voz activa, o complemento do predicado fica em relação attributiva para com o objecto do verbo, ex.: «*Comprei o panno* VERMELHO—*Chamei-o* MENTIROSO».

355. Quando o complemento do predicado é um verbo no modo infinito como «*Eu posso* ESCREVER—*Devo* MANDAR», o objecto da sentença está as mais das vezes ligado a esse infinito dependente, ex.: «*Eu posso escrever* UMA CARTA—*Devo mandar* UM AVISO».

356. Chama-se *predicado ampliado* o predicado a que se liga um adjuncto adverbial, ex.: *O menino anda* BEM —*Cheguei* HONTEM. *Comi maçãs* COM MUITO PRAZER—*Vi* MUITOS SOLDADOS *em Berlim.*

III

OBJECTO

357. O objecto de um verbo é simples, composto ou complexo. Estas distincções são as mesmas que já se fizeram relativamente ao sujeito (349).

358. Chama-se *objecto ampliado* o objecto a que se liga um adjuncto attributivo, um outro objecto ou um adjuncto adverbial, ex.: «*Ouvi um* CANTOR CELEBRE—*Quero* ESTUDAR O SÃOSKRITO—*Vejo* UM HOMEM COM UMA ESPINGARDA.»

Póde servir de objecto uma sentença, um discurso, um livro inteiro.

LIVRO SEGUNDO

SYNTAXE LOGICA

359. A *syntaxe logica* considera as sentenças no que diz respeito á sua estructura quer sejam ellas simples quer sejam compostas.

360. *Sentença simples* é a que contem uma só asserção, sejam ou não ampliados seu sujeito e seu predicado, ex.: «*Abelhas fazem mel*».

A sentença simples chama-se tambem *oração* ou *proposição*.

361. *Sentença composta* é a que contém mais de uma asserção, ex.: «*Pedro é feliz, porém eu sou desgraçado*

—*Si me abandonas considero-me perdido—Estou certo de que Napoleão teria vencido os alliados em Waterloo, si Grouchy tivesse chegado no tempo devido*».

362. Duas são as relações que podem manter entre si os membros de uma sentença composta:

1) relação de coordenação;
2) relação de subordinação.

SECÇÃO PRIMEIRA

COORDENAÇÃO

363. Os membros de uma sentença composta estão em relação reciproca de *coordenação* quando, relativamente á sua força de expressão, são independentes entre si, formando proposições separadas quanto ao sentido, unidas apenas grammaticalmente por palavras connectivas, ex.: «*Pedro é rico e Antonio é trabalhador.*»

364. Si os membros de uma sentença composta não estão em opposição uns aos outros, mas simplesmente ligados, a relação de coordenação entre elles existente chama-se *copulativa*, ex.: «*Pedro é tenente e Antonio é capitão.*»

365. Si os membros de uma sentença composta, além de acharem-se ligados, exprimem ainda opposição, a relação de coordenação entre elles existente chama-se *adversativa*, ex.: «*Pedro é pobre, mas trabalha muito.*»

366. Quando as sentenças coordenadas têm ou o mesmo sujeito, ou o mesmo predicado, ou o mesmo adjuncto adverbial, acontece frequentemente ser a parte commum expressa uma só vez. Taes sentenças chamam-se *contractas*, ex.: «*Pedro furtou um relogio e foi pilhado em flagrante*, isto é, *Pedro furtou um relogio; Pedro foi pilhado em flagrante* — *Pedro está bebedo e Antonio louco*, isto é, *Pedro está bebedo e*

Antonio está louco—Herculano pensava e escrevia bem—isto é—*Herculano pensava bem, e Herculano escrevia bem*».

A sentença não é contracta quando seu sujeito, composto de varios nomes no singular ou no plural, é explanação de um nome do plural de sentido mais lato, que os comprehenda a todos. Em «*Pedro e Paulo são ricos—João e seus filhos são honestos*» não ha sentença contracta, porque «*Pedro e Paulo—João e seus filhos*» são explanações de uma phrase qualquer de sentido mais amplo, por exemplo: «*Os irmãos Pedro e Paulo—Aquelles homens João e seus filhos*».

367. A relação de coordenação é sempre expressa por conjuncções coordenativas.

368. Do principio que rege a coordenação dos membros da sentença deduz-se—que as conjuncções coordenativas só podem ligar palavras e membros que estejam na mesma relação com as outras partes da sentença.

369. Encontram-se por vezes sentenças compostas cujos membros não se acham ligados por conjuncção alguma. Taes sentenças chamam-se *collateraes*. Exemplos:

«Vim, vi, venci.—

«Qual do cavallo vôa, que não desce;
«Qual, co'o cavallo em terra dando, geme;
«Qual vermelhas as armas faz de brancas;
«Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas (1)».

370. As sentenças collateraes podem ser ao mesmo tempo contractas, ex.: «*As boas lettras criam a adolescencia, recreiam a velhice, adornam os sucessos prosperos, servem de asylo na adversidade, divertem-nos em casa, não nos embaraçam por fóra, velam comnosco, nas jornadas nos seguem, no campo nos acompanham* (2)».

(1) *Lusiadas*, Cant. VI, Est. LXIV.
(2) Cicero, *Pro Archia*, trad. de Borges de Figueiredo.

371. Ao seguirem-se os membros de uma sentença collateral, contracta ou não, o uso geral é que por meio da conjucção «*e*» se desfaça a collateralidade entre os dous ultimos, ex.:

> «*Mas o de Luso, arnez, couraça* E *malha*
> «*Rompe, corta, disfaz, abola* E *talha* (1)».

SECÇÃO SEGUNDA

SUBORDINAÇÃO

372. Si um ou mais membros de uma sentença composta dependem de outro membro da mesma sentença, ha relação de *subordinação.*

373. Na sentença composta o membro de que dependem outros membros chama-se *clausula principal;* ao membro ou membros dependentes dá-se o nome de *clausulas subordinadas*, ex.: «*Eu não quiz que Antonio partisse sem que tivesse chegado o correio*» «*Eu não quiz*» clausula principal; «*que Antonio partisse*» e «*sem que tivesse chegado o correio*» clausulas subordinadas.

374. As clausulas subordinadas são de tres especies: clausulas substantivos, clausulas adjectivos, clausulas adverbios.

I

CLAUSULAS SUBSTANTIVOS

375. *Clausula substantivo* é aquella que, em sua relação com o resto da sentença, equivale a um substantivo.

(1) *Lusiadas*, Cant. III, Est. LI.

A clausula substantivo póde ser

1) sujeito do verbo da clausula principal, ex.: QUE EU CAHISSE NO LAÇO *era o que elle desejava*».
2) objecto desse verbo, ex.: «*Eu disse-te* QUE FOSSES».
3) predicado propriamente dito delle, ex.: «*Pedro é exactamente* O QUE PARECE SER».
4) adjuncto attributivo do sujeito ou do objecto do mesmo verbo, e, em geral, tudo o que se liga por meio da preposição *de*, ex.: *A ideia* DE QUE PARTIRÁS SEM MIM *tortura-me o coração—Tenho um presentimento* DE QUE NÃO VIVEREI MUITO — *Preciso* DE QUE VENHAS HOJE».

376. A clausula substantivo começa sempre pela conjuncção *que*, òu pela preposição *de*, ou por uma palavra interrogativa.

Nos escriptos classicos muitas vezes omitte-se a conjuncção *que*, ex.: «*A grande reputação que Gil Vicente adquiriu entre seus contemporaneos e a celebridade que ainda hoje seu nome gosa entre os litteratos, juncto á singularidade de suas obras,* PARECE DEVERIAM *ter animado a algum zeloso de nossa litteratura a emprehender uma nova edição deste nosso antigo escriptor* (1)

Os caipiras de S. Paulo praticam frequentemente a mesma omissão, dizendo: «*Podia* ELLE VIESSE *hoje*», etc.

II

CLAUSULAS ADJECTIVOS

377. *Clausula adjectivo* é aquella que em sua relação com o resto da sentença equivale a um adjectivo.

378. A clausula adjectivo está sempre em relação attributiva com um substantivo expresso ou subentendido, ao

(1) BARRETO FEIO, *Prologo á edição de Gil Vicente.*

qual se prende por meio de um pronome conjunctivo, ex.: «*Veja este lenço* QUE EU BORDEI».

III

CLAUSULAS ADVERBIOS

379. *Clausula adverbio* é aquella que, em sua relação com o resto da sentença, equivale a um adverbio.

380. A clausula adverbio está sempre em relação adverbial (348), para com um adjectivo, ou para com um verbo, ex.: «*Amarei a Lalage formosa* QUANDO RI, *formosissima* QUANDO CHORA — *Pedro estava-te escrevendo uma carta* QUANDO CHEGASTE».

Ha clausulas adverbios

1) *de tempo.*
2) *de logar.*
3) *de ordem.*
4) *de modo.*
5) *de duvida.*
6) *de comparação.*
7) *de causa.*

381. As clausulas adverbios de tempo começam por adverbios ou por locuções adverbiaes de tempo, ex.: «*Pedro estava lendo* QUANDO *os ladrões lhe assaltaram a casa—Porque não pereci tanto que sahi do ventre de minha mãe?*».

382. As clausulas adverbios de logar começam por adverbios ou por locuções adverbiaes de logar, ex.: «ONDE *quebraste o pote procura a rodilha*—ONDE *quer que vás has de ter trabalhos*».

383. As clausulas adverbios de ordem começam por locuções adverbiaes de ordem, como *antes que, depois que,* etc., ex.: «ANTES QUE *cases olha o que fazes*—DEPOIS QUE *tiveres passado passarei eu*».

384. As clausulas adverbios de modo começam pelo

adverbio *como*, por alguma locução composta com elle, e pelas conjuncções e locuções conjunctivas causaes, ex.: «*Sahiu o negocio* COMO *eu o queria*, ou ASSIM COMO *eu o queria*».

385. As clausulas adverbios de duvida ou adversativas começam pelas conjuncções e locuções conjunctivas de subordinação, ex.: «SI *tu fores, Pedro ficará—Antonio é feliz* SI BEM QUE *seja pobre*».

386. As clausulas adverbios de comparação formam o segundo elemento das sentenças comparativas, e começam sempre pelas conjuncções *que, como,* ou pela locução conjunctiva *do que*. São admittidas depois dos adjectivos no comparativo, dos adverbios de comparação, etc. Exemplos: «*Eu sou maior que Pedro—Tu és tão rico como Paulo — Antonio escreve menos atrevidamente do que Francisco—Pedro bebe mais do que José*».

387. As clausulas adverbios de causa começam pelas conjuncções *porque, por quanto,* ou por qualquer locução conjunctiva equivalente, ex.: «*Gasto muito dinheiro porque sou muito rico—Já disse que não quero, portanto não me abhorreçam—Quero ver, por isso vou*».

LIVRO TERCEIRO

REGRAS DE SYNTAXE

I

SUBSTANTIVO

388. Um substantivo apposto concorda sempre com o fundamental em relação, isto é, o apposto estará em relação subjectiva predicativa, objectiva ou adverbial, conforme o está o seu fundamental.

389. Sempre que é possivel concorda o apposto com

o seu fundamental em genero e numero, ex.: «*Alexandre, imperador da Russia—Victoria, imperatriz das Indias – Os Gregos, leões da Europa—As Musas, filhas de Jupiter*».

390. Si o apposto não tem flexão de genero, ou si é usado em um unico numero, prescinde-se da concordancia, ex.: «*Lucrecia, exemplo de honestidade—Albuquerque, algemas da Asia*».

391. Sempre que é possivel, o substantivo usado predicativamente concorda com o sujeito em genero e numero, ex.: «*Antonio é rei—Maria é rainha—Os hespanhoes são fidalgos—As moças são leôas*».

392. Si o substantivo usado predicativamente não tem flexão de genero, ou si é usado em um unico numero, prescinde-se da concordancia, ex.: *As legiões romanas eram o terror do mundo—As palavras de Pedro são ouro sem liga*».

393. Omitte-se muitas vezes a preposição antes de um substantivo em relação attributiva de possessão, ex.: «*Rio Amazonas—O nome Pedro—Casa Garraux*» em vez de «*Rio das Amazonas—O nome de Pedro—A casa de Garraux*».

394. Muitas vezes, para encarecer o sentido, repete-se um substantivo que desempenha na sentença uma funcção qualquer, ex.: *Dias e dias se passaram—Não era possivel estar eu a dar-lhe dinheiro, dinheiro e dinheiro*».

II

ARTIGO

§ 1.º

Concordancia do artigo

395. O artigo está sempre em relação attributiva pa-

ra com um substantivo, ou para com uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença, tomados substantivamente.

396. O artigo concorda sempre em genero e numero com o substantivo cuja significação particularisa, ex.: «**O** *homem*—**A** *mulher*—**Os** *homens*—**As** *mulheres*.

Uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença, tomada substantivamente é considerada como sendo do genero masculino, ex.: «*Terrivel cousa é* UM *não*—**Os** *comes e bebes*—*A V. Exc. devo* **o** *terem-me tratado bem*—*Admiro* **o** *«está consumado» de Jesus*».

§ 2.º

Uso do artigo antes de um só substantivo

397. Para particularisar a significação de modo certo antepõe-se o artigo

1) aos substantivos appellativos

a) quando estando em relação subjectiva ou objectiva são tomados em toda a sua extensão, ex.: «*O homem é mortal—O cavallo é solipede—O ferro é duro—Quando estive na Arabia fiquei conhecendo bem o camello—Receio mais o tigre do que o leão*».

b) quando modificados por adjuncto attributivo, ex.: *O rico lavrador—O filho de Pedro — O elephante que hontem vimos*».

A adjuncto póde estar occulto: em «*O homem veiu*» subentende-se—*de que fallamos, que esperavamos*, etc.

2) ás palavras, phrases, membros, clausulas e sentenças substantivadas, ex.: «*O* SETE *de espadas*»—*Espe-*

ro o SIM—*O* «pois eu fui» *de Camões—O* «morra e vingue-se» *de Vieira*».

3) a qualquer substantivo de logar ou de tempo, quando tenha tambem como adjuncto attributivo *todo*, que por via de regra o procede, ex. *Por toda a parte—Por todo o anno—Por todo o mez*».

Estas e outras phrases analogas podem soffrer uma inversão, ex.: «*Toda a casa está cheia de ratos* ou *A casa toda está cheia de ratos*». Quando *todo* equivale a *cada*, é facultativo o emprego do artigo, ex.: «*Todo homem sensato* ou *Todo o homem sensato despreza a ostentação.*» No plural é sempre obrigatorio o uso do artigo, ex.: «*Todos os homens sensatos desprezam a ostentação*».

4) aos substantivos proprios de pessôas
   a) quando modificados por um adjuncto attributivo que os preceda, ex.: «*O destemido Rabello—O sentencioso Sancho*».
   b) quando appellidos ou alcunhas, ex.: «*O Caramurú—O Pato Macho*».
   c) quando designam individuos de celebridade universal, ex.: «*O Khristo—O Dante—O Byron*».
   d) em estylo familiar, ex.: «*O Joaquim casa com a Thereza*».

5) aos substantivos proprios
   a) das cinco partes do mundo e de grandes regiões, ex.: «*A Europa—A America—O Sahara—A Nigricia*».
   Antigamente dizia-se «*Africa, Asia, etc.*», sem artigo.
   b) de paizes, ex.: «*O Brazil—O Tyrol*». Exceptuam-se *Portugal, Castella* e talvez poucos mais, que não levam artigo, a não ser quando modificados por um adjuncto attributivo, ex.: «*Portugal*

é rico—Castella é orgulhosa—O Portugal de D. José I deu leis á Inglaterra».

c) de provincias e de divisões analogas, ex.: «*O Ceará—O Minho—O Yorkshire—As Boccas do Rhodano*».

Esta regra tem numerosas excepções que só pela leitura de bons escriptores de geographia se poderão conhecer ex.: «*Goyaz—Matto-Grosso—Minas—Pernambuco—Santa Catharina—S. Paulo—Sergipe—Trás-os-Montes*, etc.» que nunca levam artigo.

d) de montanhas, ex.: «*Os Andes—Os Pyreneus—O Olympo*».

e) de promontorios e cabos, ex.: «*O Ortegal—O Passaro*».

f) de mares, ex.: «*O Atlantico—O Mediterraneo*».

g) de estreitos, ex.: «*O Bosphoro—O Sund*».

Exceptuam-se *Gibraltar, Jenikalé* e alguns outros.

h) de rios, ex.: «*O Amazonas—O Tejo*».

i) de obras primas artisticas e litterarias, ex.: *A Alhambra—A Batalha—O Lacoonte—Os Lusiadas*».

j) de navios, ex.: «*O Great Eastern—A Bahiana*».

k) de homens, quando tomados adjectivamente, ex.: «*Camões é o Virgilio portuguez—Os Alexandres são raros*»,

6) muitas vezes aos adjectivos possessivos, ex.: «*A minha casa—Os meus amigos*».

Nestes casos o ouvido é que decide do emprego ou da omissão do artigo; todavia o uso moderno propende mais para a omissão.

7) aos nomes de parentesco e de objectos possuidos em vez dos adjectivos possessivos, isto quando o sentido da phrase é tão claro que não deixa duvida sobre o possuidor, ex.: «*Este menino perdeu a mãe —Rapaz, que é da gravata*»?

8) a *Senhor, Senhora*, etc., quando nos dirigimos a alguem sem accrescentar mais nomes de tratamento, ex.: «*O Senhor quer pão?—A Senhora vai sahir*»?

9) aos pronomes possessivos, ex.: «*Este livro é meu;* **o** *teu é melhor*».

10) aos adjectivos numeraes que indicam horas, ex.: «Ás *duas horas,* Ás *tres*».

11) ás palavras *meiodia, meianoute,* ex. «*Virei* **ao** *meio-dia—Cheguei* **á** *meianoute*».

12) aos nomes de numeração, ex.: «**o** *quatro não sahiu—Falta* **o** *nove*»

O artigo serve tambem para uma construcção especialissima da lingua portugueza: junta-se a um adjectivo ou substantivo de qualificação, que se prende pela preposição *de* a um nome de individuo que se queira qualificar energicamente, ex.: «*O bom do homem—a pobre da mulher—O tratante do padre—a burra da criada*».

Esta construcção é familiar e não se usa em estylo elevado.

398. Omitte-se o artigo

1) geralmente, antes de todos os substantivos proprios não precedidos de adjuncto attributivo, ex.: «*Minerva plantou a oliveira—Paris em civilisação leva de vencida todas as capitaes do mundo*».

2) particularmente, antes dos nomes proprios de ilhas, cidades e astros, ex.: «*Ceylão é rica, e Java é bella —Lisboa é limpa, e Constantinopla é immunda—Jupiter é maior do que Mercurio*».

Exceptuam-se os nomes proprios de ilhas, cidades e constellações, quando procedentes de substantivos

communs, ex.: «*A Madeira por si só vale tanto como os Açores—O Porto é mais rico do que o Havre—Já vi o Cruzeiro do Sul e as Ursas*».

3) antes dos termos principaes de ditos sentenciosos, ex.: «*Pobreza não é villeza*».
4) antes do substantivo capital de uma definição ex.: «*Biologia é a sciencia da vida*».
5) antes das palavras em apostrophe, ex.: «*Surgi, povos, vinde a juizo!*».
6) nas phrases exclamativas, ex.: *Bella criança!—Lindo menino!*».
7) antes dos substantivos que constituem uma enumeração de partes, ex.: «*Tudo quanto appetecemos na vida, glorias, honras, riquezas, não nos satisfaz*».
8) antes dos adjectivos possessivos seguidos de um nome de parentesco, ex.: «*Minha mãe—Meus thios*».

Quando, porém, se quer distinguir com maior particularisação um parente por meio de uma palavra determinativa ou qualificativa, antepõe-se o artigo, ex.: «*O meu filho Jorge—A minha cunhada solteira.*»

9) antes dos nomes de tratamento precedidos de *Senhor, Senhora*, etc., quando nos dirigimos ás pessôas a quem os damos, ex.: «*Que diz a isto, Senhor Barão?—Toma café, Senhora Condessa?*».

Todavia, por uma especie de emphase, emprega-se o artigo quando os nomes de tratamento indicam cargo, dignidade jurisdiccional, relação social, ex.: «*Que diz a isto o nobre Promotor?—Que decidem os Senhores Representantes do Povo?—Nunca accusarei o meu amigo...*». Por vezes usa-se tambem da mesma construcção quando a *Senhor, Senhora* seguem nomes proprios, ex.: «*Que quer o Sr. João Gonçalves?—Veja isto a Sr.ª D. Thereza*».

Em Portugal usa-se do artigo antes dos nomes de paren-

tesco e de relações sociaes, ainda mesmo dirigindo-se a pessoa que falla ao interlocutor, ex.: «—*Rapaz, onde foste a estas horas?—Pois* **o** *thio não me mandou á botica?*» «*Quer* **o** *amigo almoçar comnosco?*»

Na provincia de S. Paulo, especialmente na zona do oeste, ha um usó extranhissimo e absolutamente contrario a este: supprime-se artigo e adjectivo possessivo com os nomes *pae e mãe,* ainda mesmo fallando-se em ausencia, ex.: **Mãe** *não quer que eu case*—**Pae** *deu-me hoje um cavallo*».

10) antes dos nomes de numero que indicam datas, ex.: «A 14 de Março—a 18 de Maio».

Todavia diz-se: «*A primeiro de Junho* ou *no primeiro de Junho*». Quando se põe clara a palavra *dias* tambem se usa do artigo, ex.: «Aos doze dias do mez de Janeiro».

11) antes dos pronomes conjunctivos empregados interrogativamente, ex.: «*Que queres?—Que te parece?*».

«*O que queres?—O que te parece?*» e outras construcções identicas são incorrectas. Nos escriptores classicos abundam exemplos do uso acertado:
«*Pois de ti, Gallo indigno,* QUE *direi?*» CAMÕES. «*E* QUE *vos parece que façamos?*» VIEIRA «*O' homem,* QUE *fizeste?*» SOUSA CALDAS. «QUE *havia de fazer?*» BOCAGE. «QUE *é o que ouço?*» FRANCISCO MANUEL.

§ 3.º

Uso do artigo antes de substantivos consecutivos

399. Si o primeiro de dous ou de mais substantivos consecutivos é precedido de artigo, a repetição ou a omisssão d'elle antes do outro ou dos outros é geralmente facultativa. Exemplo de repetição: «*Que cousa são* AS *honras* E AS *dignidades sinão fumo?*». Exemplo de omissão: *De Troia disse Ovidio que onde ella tinha estado já maduravam searas. E o mesmo podemos dizer* DAS *planicies, valles e montes d'onde*

*

se levantavam ás nuvens aquelles vastissimos corpos de casas, muralhas e torres».

400. E' de rigor a repetição

1) antes de termos que tenham entre si sentido opposto, ex.: «*O dia e a noute—As obras boas e as más*».
2) antes dos membros de uma gradação, ex.: «*A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio que despoticamente domina sobre todos os que vivem*».

401. E' de rigor a omissão

1) antes de termos synonymos, ex.: «*O fumo, tabaco ou betum é uma planta originaria da America—A mudança e variedade das linguas do Brazil é sem duvida curiosa—Os homens compassivos e bons—As mulheres ajuizadas e prudentes*».
2) antes de termos relativos ao mesmo individuo, ex.: «*O rei da Prussia e imperador da Allemanha—O cunhado e socio de Pedro*».

III

ADJECTIVO

§ 1.º

Concordancia do adjectivo

402. O adjectivo está sempre em relação attributiva ou em relação predicativa para com um substantivo, ou para com uma palavra qualquer, uma phrase, um membro, uma clausula, uma sentença, tomados substantivamente.

403. Geralmente o adjectivo concorda em genero e numero com o substantivo a que se refere, ex.:—«*O homem branco—A mulher branca—Os homens brancos—As mulheres brancas*».

404. O adjectivo que faz as vezes de um adverbio é invariavel ex.: *Vontade* TODO *poderosa—Casas* MEIO *derribadas*».

Todavia, em relação a *meio* alguns escriptores fazem a concordancia, ex.: «*Porta meia aberta—Casas meias queimadas*».

405. Quando a um substantivo de um genero se refere outro de genero diverso e modificado por um adjectivo, este adjectivo concorda com o segundo substantivo, ex.: «*Cicero*, AQUELLA *fonte de eloquencia—Catilina, aquella peste da republica*».

Os escriptores antigos e o povo ainda hoje fazem a concordancia com o primeiro, ex.: «*Cicero*, AQUELLE *fonte de eloquencia—Catilina* AQUELLE *peste da republica—Manuel, tu és um borra—Julio, tu serás* UM *mamã*».

406. O adjectivo substantivado é do genero masculino, ex.: «*O bello do negocio—O difficil da questão*».

O adjectivo *pouco*, si está collocado antes de um substantivo feminino, póde assumir, apezar de estar substantivado, a flexão do feminino, ex.: «*Uma pouca de palha—Uma pouca de agua*».

407. Concorrendo dous ou mais substantivos do mesmo genero e do numero singular, o adjectivo toma a flexão do genero commum a todos e do numero plural, ex.: «*Improbos eram o ardor e exforço empregados—Validas eram a coragem e a esperança*».

408. Concorrendo dous ou mais substantivos do singular, de genero e de significações differentes, o adjectivo

toma em geral a flexão do genero masculino e do numero plural, ex.: «*A noute e o dia eram claros*».

409. Concorrendo dous ou mais substantivos do singular, de genero differente e de significação similhante, o adjectivo concorda com o ultimo, ex.: «*O amor e a amizade verdadeira*—ou—*A amizade e o amor verdadeiro*».

E' vicioso empregar um substantivo no plural e fazer concordar com elle adjectivos no singular: estas e outras phrases, por exemplo, são incorrectas: *O primeiro e segundo juizes de paz—As grammaticas franceza e portugueza*». Deve-se dizer: «*O primeiro juiz de paz e o segundo—A grammatica franceza e a portugueza*».

Cumpre todavia notar que muitos grammaticos não são desta opinião: Diez (1), por exemplo, auctorisa esta concordancia de adjectivos no singular com um substantivo no plural, que até se dá em Latim. Camões escreveu: «*O quarto e quinto Affonsos* (2)».

410. Concorrendo dous ou mais substantivos do plural, de genero differente, o adjectivo concorda com aquelle de que está mais proximo, ex.: «*Seus temores e esperanças eram vãs—Vãos eram seus temores e esperanças*».

Alguns escriptores fazem o adjectivo assumir sempre a flexão masculina de genero, ex.: «*Vinham vestidos de pennas, com as faces, beiços, narizes e orelhas cheios de grossos pendentes*».

411. Concorrendo um ou mais substantivos do plural com outro ou outros do singular e, sendo os de um numero differentes em genero dos do outro, o adjectivo concorda em genero com aquelle ou aquelles que estiverem no plural, ex.: «*As fazendas e o dinheiro eram muitas*».

---

(1) *Obra citada*, vol. III, pag. 88.
(2) *Lusiadas*, Cant. I, Est. XIII.

Alguns escriptores fazem o adjectivo assumir sempre neste caso a flexão do masculino plural, ex.:

«Porque essas honras vãs, esse ouro puro
«Verdadeiro valor não dão á gente:
«Melhor é merecel-*os* sem *os* ter,
«Que possuil-*os* sem *os* merecer».

CAMÕES.

«De branca seda leva o kharo esposo
«As calças e o jubão de ouro *lavrados*».

CORTE REAL.

Outros fazem o adjectivo concordar sómente com o ultimo substantivo, ex.:

«Era este Lazaraque um tyranno que, com manhas e astucia sua, se veiu a fazer tão grande, que teve poder para desherdar os dous filhos de El-Rei Buçaide de Fez.

DUARTE NUNES DE LEÃO».

412. Anteposto a dous ou mais substantivos o adjectivo concorda sómente com o primeiro, ex.: «*Com quanta prudencia, agrado e modestia se defende de todos—Cada um d'elles trazia seu arco e frechas*».

413. Nas phrases de tratamento, como *Vossa Senhoria, Sua Alteza, Sua Magestade*, etc., os adjectivos possessivos inseparaveis concordam em genero com o substantivo honorifico, ao passo que os adjectivos descriptivos separaveis assumem o genero da pessôa a quem ou de quem se falla, ex.: «*Vossas Senhorias, Senhores Vereadores, são cordatos e justos—Suas Altezas* (os principes) *são magnanimos e bons—Sua Magestade* (a rainha) *é illustradissima*».

A concordancia em numero é regular.

E' uma das muitas extravagancias do estylo de chancellaria o conservarem-se nas phrases de tratamento as fórmas do adjectivo posses-

sivo da segunda pessôa do plural *«vossa, vossas»* quando o genio da lingua portugueza quer que se dirija em terceira pessôa ao individuo ou individuos com quem se falla.

414. Nos adjectivos compostos a concordancia tanto em genero como em numero cabe a ambos os componentes, quando em cada um se manifesta o sentido adjectival, ex.: *«Meninos surdos-mudos—Outras tantas meninas»*.

415. Nos adjectivos compostos a concordancia só cabe ao ultimo componente quando o primeiro ou os primeiros têm um como sentido adverbial ex.: *«No cerrado das hostes palpitavam gloriosas as bandeiras auri-verdes do Brazil—Os exercitos austro-hungaros—A esquadra anglo-turco-franceza»*.

2.°

Posição do adjectivo

416. Os adjectivos descriptivos antepõem-se ou pospõem-se aos substantivos conforme o genio da lingua, o estylo da composição, e o gosto do escriptor: não se póde estabelecer regras positivas a este respeito. Todavia nota-se

1) que alguns adjectivos de poucas syllabas como *bello*, *bom* são mais commumente antepostos, ex.: *«Um bello homem—Um bom livro»*. Não seria, porém, erro dizer-se *«Um homem bello—um livro bom»*.
2) que se antepõem os adjectivos descriptivos aos substantivos proprios, ex.: *«O sublime Gœthe—O mystico Dante»*.

Póde-se pospôr o adjectivo descriptivo ao substantivo proprio quando se quer insistir sobre este, ou distinguil-o de seus homonymos, ex.: *«Raphael, o divino—Affonso, o sabio»;* mas neste caso o adjectivo é quasi sempre precedido de artigo.

3) que se pospõem aos substantivos os adjectivos descriptivos que exprimem relações externas e estados corporaes, ex.: «*Opinião commum—Mulher doente*».

E' de rigor a posposição com adjectivos descriptivos derivados de substantivos proprios, ex.: «*A escola allemã—O estylo florentino*». Todavia em estylo elevado ainda neste caso póde-se antepor os adjectivos, ex.: «*Nada temem brazileiros corações—Luso valor*».

4) que os adjectivos de propriedades materiaes como *côr, fórma, gôsto*, etc., pospõem-se geralmente, ex.: «*Uma gravata vermelha—Uma mesa redonda—Um vinho doce*».

Bocage escreveu

«Contam que certa raposa,
«Andando muito esfaimada
«Viu *roxos maduros* cachos
«Pendentes de alta latada».

5) que alguns adjectivos variam de significação conforme são antepostos ou pospostos, ex.: «*Uma pobre viuva; Uma viuva pobre—Um novo livro; Um livro novo*».

Em geral o adjectivo posposto tem sentido proprio; e o anteposto, figurado.

417. O adjectivo determinativo antepõe-se ao substantivo ex.: «*Este homem—Aquella mulher*».

418. Os adjectivos determinativos demonstrativos *este, esse, aquelle* pospõem-se em algumas sentenças exclamativas, ex.: «*Que homem este!—Que pensamento esse!—Que mulher aquella!*».

§ 3.º

Repetição e omissão do adjectivo determinativo antes de um ou de mais substantivos

419. Em geral militam para a repetição ou para a omissão do adjectivo determinativo antes de um só substantivo, ou de substantivos consecutivos, as regras acima exaradas para a repetição ou para a omissão do artigo.

§ 4.º

Adjectivos numeraes

420. Os adjectivos numeraes tomados como nomes dos dez algarismos são substantivos, ex.: *Um sete e tres quatros. Os zeros são mal feitos, mas os cincos são bem acabados*». Tambem são substantivos quando tomados como nomes de cartas, ex.: «*O* DOUS *de paus o* CINCO *de copas*».

421. Os numeros entre *cem* e *duzentos* são expressos por *cento*, e não por *cem*, ex.: «*Cento e dez, cento e trinta*».

422. Antes immediatamente de *mil* usa-se de *cem*, ex.: *Cem mil homens*».

423. Quando entre *mil* e *cem* medeia outro nome de numero usa-se de *cento* ex.: «*Cento e vinte mil homens*».

424. No enunciado de quantidades

1) Si o numero se compõe de unidades e dezenas, ou de unidades, dezenas e centenas põe-se a conjuncção *e* entre cada dous elementos, ex.: «*Vinte* E *quatro—Duzentos* E *cincoenta* E *cinco*».
2) si o numero se compõe de mais de uma casa de tres algarismos não se põe conjuncção entre o primeiro algarismo da ultima casa e o numero que o precede, ex.: «*seis mil quinhentos e quarenta e seis* (6:546)». No caso, porém, de ser esse primeiro al-

garismo um zero, interpõe-se a conjuncção, ex.: «cinco mil e vinte e oito (5:028). Quando o numero se compõe de varias casas de tres algarismos, omitte-se a conjuncção entre cada duas casas ex.: «*Tres trilhões, quatrocentos e quarenta e quatro bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões, quinhentos e vinte oito mil, duzentos e vinte cinco* (3,444,225,528,225)». Todavia, quando na ultima casa de tres algarismos faltam unidades e dezenas interpõe-se a conjuncção ex.: «*Vinte e um milhões, tresentos e cincoenta e dous mil e quatrocentos* (21.352.400)».

425. Na computação khronologica por seculos emprega-se o adjectivo numeral ordinal anteposto, e o numeral cardial posposto, ex.: «*No decimo sexto seculo—No seculo dezesseis*».

426. Na computação dos dias do mez emprega-se o adjectivo numeral cardial, ex.: «*A dous de Maio*». Ha uma excepção: é o *dia primeiro*; diz-se «*Primeiro de Maio*» e não »*Um de Maio*».

427. Na enumeração dos reis e personagens celebres do mesmo nome usa-se do numero ordinal até *dez* e do cardial dahi em diante, ex.: «*Carlos IX—Luiz XVI*» lêm-se «*Carlos nono—Luiz dezesseis*».

428. *Ambos* quer sempre depois de si o artigo, ex.: «*Ambos os filhos, ambas as mãos*».

Observação n. 1) Ambos não se pode usar a respeito de cousas entre si oppostas; não se deve, pois, dizer «*ambos os partidos brazileiros*» mas sim «*os dous partidos brazileiros*».

Observação n. 2) Os adjectivos determinativos numeraes ordinaes

1) quando indicam meramente a ordem, são antepostos, ex.: «*O primeiro livro*».
2) quando indicam uma divisão, são pospostos, ex.: «*O livro primeiro*».

Observação n. 3) Quando um adjectivo determinativo numeral car-

dial encontra-se com um ordinal, é indifferente collocar-se antes um ou outro, ex.: «*Os primeiros dez livros—Os dez primeiros livros*».

§ 5.º

Adjectivos conjunctivos

429. Os adjectivos conjunctivos referem-se sempre a um nome da clausula principal: esse nome chama-se *antecedente*.

O adjectivo conjunctivo *qual* póde admittir depois de si uma repetição do antecedente que, assim repetido, toma o nome de *subsequente*, ex.: «*São perdidos os dias nos quaes* DIAS *não fazemos algum bem*».

Esta construcção é quasi desusada, e emprega-se só em casos especialissimos, quando é ella absolutamente indispensavel á clareza do sentido.

O adjectivo conjunctivo *cujo*, equivalente exacto de «*do qual, da qual, dos quaes, das quaes*», por isso que tem significação restrictiva possessiva, quer sempre claro depois de si o substantivo a que restringe, ex.: «*O homem cujo filho aprende comigo—Vi a mulher cujas filhas casaram-se hontem*».

Ao envez do que succede com «*qual*» o substantivo que segue a *cujo* é sempre diverso do antecedente.

O emprego *cujo* sem antecedente e subsequente immediatos, si bem que classico, é arkhaico, ex.: «*Cujas são estas arvores? — Eu sei cujo é o gado*».

§ 6.º

Adjectivos indefinidos

430. *Tanto*, no plural *tantas*, *tantas*, serve para completar nomes de numero, quando não se sabe ao certo quantas as dezenas ou as unidades, ex.: «*Comprei trezentas e tantas gallinhas—Ganhei vinte e tantos mil reis*. Usa-se de *muitos, muitas* nos mesmos casos, quando se presuppõe que o numero de dezenas ou de unidades ignoradas excede a cinco.

431. *Todo* torna-se adverbio em sentenças como estas: «*Sou todo ouvidos—Deus é todo bondade*».

432. Os adjectivos determinativos possessivos *meu, teu, seu, nosso, vosso,* e os indefinidos *algum, nenhum, qualquer, tal, tanto, todo,* pospõem-se algumas vezes aos seus substantivos, ex.: «*O livro meu—poder nenhum*». *Alheio* e *proprio* pospõem-se frequentemente. Cumpre notar que estes dous possessivos e muitos dos indefinidos como *certo, mesmo, muito, pouco,* etc., assumem repetidas vezes o kharacter de verdadeiros adjectivos descriptivos e que, como taes, subordinam-se á regra geral (410).

433. *Algum* posposto significa *nenhum,* ex.: «*Eu por maneira alguma consinto*».

§ 7.º

Formação dos comparativos e dos superlativos

434. Forma-se geralmente um comparativo de inferioridade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *menos* e *que,* ex.: «*Pedro é* MENOS *rico* QUE *Antonio*».

435. Fórma-se geralmente um comparativo de egualdade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *tão* e *como,* ex.: «*Pedro é* TÃO *alto* COMO *José*».

436. Forma-se geralmente um comparativo de superioridade, collocando-se o adjectivo descriptivo entre as particulas *mais* e *que,* ex.: «*Antonio é* MAIS *rico* QUE *Pedro*».

437. Fórma-se geralmente um superlativo relativo collocando-se o adjectivo descriptivo entre *o mais* e *de,* ex.: «*Antonio é* O MAIS *rico* DE *todos*».

438. Fórma-se um superlativo absoluto antepondo-se ao adjectivo descriptivo *muito, extremamente,* ou qualquer outro adverbio de quantidade ou de modo, que, indicando exalçamento, não tenha significação relativa, ex.: «*Pedro é* MUITO *rico—Antonio é* EXTREMAMENTE *pobre*».

Observação n. 1) Nos comparativos de inferioridade e de superioridade, em vez de *que* depois do adjectivo descriptivo, quer o uso que

se empregue *do que*, ex.: *Pedro é menos alto* DO QUE *Antonio—Paulo é mais rico* DO QUE *José»*.

Observação n. 2) Os comparativos de inferioridade e de superioridade admittem encarecimento por meio do adverbio *muito*, ex.: «*Muito mais rico—muito menos provavel»*.

Observação n. 3) Nos comparativos de egualdade, quando é esta estabelecida entre duas ou mais qualidades do mesmo ou de diversos sujeitos, em vez de *como* póde usar-se de *quão* ou de *quanto*, ex.: «*Pedro é tão rico quão generoso—Antonio é tão altivo quanto cortez—Paulo é tão bravo quanto covarde é Philippe»*.

Observação n. 4) Em vez de *tão grande* póde-se empregar *tamanho*. Camões (1) escreveu: «Ora vê, Rei, *quamanha* terra andámos». *Quamanho* equivale a *quão grande:* na linguagem hodierna é desusado.

Observação n. 5) Em virtude do seu sentido já de si absoluto não admittem graus os adjectivos descriptivos *eterno, exsangue, immenso, infinito, innumero, omnipotente* e outros similhantes.

Observação n. 6) Vê-se com frequencia darem-se graus a superlativos tomados directamente do Latim. «*Mais pessimo, muito uberrimo, optimissimo*» ouve-se a cada canto. Vasco Mousinho de Quevedo (2) escreveu: «*A mais suprema parte da torre*». Si bem que fosse esse o uso dos antigos que até diziam «*mui muito*», taes construcções no estado actual da lingua são erros deploraveis.

Observação n. 7) Por imitação da syntaxe latina servem muitas vezes os superlativos absolutos de superlativos relativos, ex.: «*O optimo de todos — O prudentissimo dos conselhos*» em vez de «*O melhor de todos—O mais prudente dos conselhos*».

Observação n. 8) Os substantivos tomados adjectivamente assumem todos estes graus, ex.: «*Pedro é mais esculptor do que poeta — Eu sou tão homem como tu—Elle é muito meu irmão*».

§ 8.º

Adjectivos correlativos

439. Adjectivos determinativos ha que em certas clausulas comparativas exigem o emprego de outros da mesma

(1) *Lusiadas*, Canto VI. Est. LXIX.
(2) *Affonso Africano*, edição de 1611, pag. 216.

natureza: chamam-se *correlativos*. *Tal* é correlativo de si proprio e de *qual; quanto* de *tanto*, etc., ex.: «TAL *pae*, TAL *filho*—TAL *mulher me fosse ella* QUAL *marido lhe eu sou*—TANTAS *cabeças* QUANTAS *sentenças*. Camões dá por correlativo a *qual* o adverbio *eis* (1).

IV

PRONOME

§ 1.º

Pronomes substantivos em relação adverbial

440. Os pronomes substantivos em relação adverbial são sempre regidos por uma preposição, ex.: «*A mim—De ti—Por si—Com elle*».

441. *Migo, tigo, sigo, nosco, vosco* são sempre regidos pela preposição *com*.

§ 2.º

Pronomes substantivos em relação objectiva adverbial

442. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem sempre a pronomes substantivos em relação adverbial, servindo de complementos ás preposições *a* e *de*.

Assim

me	equivale	a *a mim*	ou	a *de mim*
te	»	» *a ti*	»	» *de ti*
se	»	» *a si*	»	» *de si*
nos	»	» *a nós*	»	» *de nós*
vos	»	» *a vós*	»	» *de vós*
se	»	» *a si*	»	» *de si.*

---

(1) *Lusiadas*, Canto I, Est. LXXXVIII e LXXXIX.

443. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem algumas vezes aos adjectivos possessivos *meu, teu, seu*, etc., ex.: «*Elle me é pae—Amigas te somos—Não lhe sou tutor*» em vez de «*Elle é pae meu—Amigas tuas somos—Não sou tutor seu*».

Esta construcção é latina: Virgilio escreveu «*tibi vultus*» (1) em vez de «*tuus vultus*» e «*huic conjux*» (2) por «*suus (ejus) conjux*».

444. Em logar do pronome da primeira pessoa do singular *eu* usam os escriptores da fórma da primeira pessoa do plural *nós*. O verbo vai para o plural; os adjectivos em relação attributiva ou predicativa com esse pronome ficam no singular, ex.: *Antes sejamos breve que prolixo.*»

Antigamente dava-se geralmente o mesmo uso com o pronome da segunda pessoa; ainda hoje nesta provincia (S. Paulo) os velhos fazendeiros, conservadores tenazes dos habitos fidalgos de seus avós, usam de tal tractamento em relação aos inferiores a quem votam affecto.

§ 3.º

Posição e influencia dos pronomes substantivos em relação subjectiva, objectiva e objectiva adverbial

445. A collocação dos pronomes sujeitos nas sentenças effectua-se de accordo com os seguintes preceitos:

1) No indicativo e no condicional, nos tempos simples e nos compostos das sentenças declarativas, o pronome sujeito antepõe-se geralmente ao verbo, ex.: «Nós *queremos*—Nós *desejariamos*—Vós *não sabeis*—Elles *teriam vindo*».

---

(1) *Aeneis*, Cant. I vers. 327.
(2) idem, *Ibidem*, vers. 343.

Todavia, por emphase, para maior intimação no dizer pospõe-se muitas vezes o pronome sujeito, ex.: «*Estavamos* NÓS *em Paris—Tinha* ELLE *chegado*».

Dá-se o mesmo ainda quando o sujeito não é representado por pronome, ex.: «*Brilhava* A LUA *em céo sem nuvens—Vinha desfilando* O EXERCITO».

2) Nas sentenças interrogativas pospõe-se o pronome sujeito ao verbo, ex.: «*Queres* TU *vir almoçar comigo?*».

Cumpre notar que, principalmente no Brazil, vai-se estabelecendo o uso de construir as sentenças interrogativas em ordem directa, deixando-se o seu sentido de pergunta a cargo sómente da inflexão da voz, ex.: «TU *queres vir almoçar comigo?*»

3) Com verbos no imperativo o pronome sujeito, si vem claro, pospõe-se, ex.: «*Dize* TU—*Correi* VÓS».

Observa-se ainda o mesmo nas sentenças negativas em que o imperativo é substituido pelo subjunctivo presente, ex.: «*Não digas* TU—*Não corrais* VÓS».

4) Com verbos no subjunctivo, si é expressa a conjuncção de subordinação, o sujeito, quer seja representado por pronome, quer por substantivo, antepõe-se geralmente, ex.: «*Desejo* QUE ELLE *venha* ANTES QUE OS CRIADOS *tenham sahido*». Si fica occulta a conjuncção o sujeito pospõe-se, ex,; «*Oxalá tenha* ELLE *vida!*»

5) Com verbos no infinito e no participio pospõe-se o sujeito, ex.: «*Fallares* TU *assim é indecoroso*—MORTO PEDRO *ninguem mais reinará*».

6) Com verbos no infinito perfeito o sujeito, pronome ou substantivo, fica geralmente entre o auxiliar e o participio aoristo, ex.: «*Ter* EU *faltado á palavra*—*Terem* OS FRANCEZES *chegado tarde*.»

7) Servindo a phrase infinitiva de complemento a uma preposição antepõe-se geralmente o sujeito, ex.: «*Para* EU *comer*—*Em* PAULO *chegando*».

8) *Eu* antepõe-se a *tu*, e *tu* a *elle, ella*; *nós* antepõe-se a *vós* e *vós* a *elles, ellas*, ex.: «*Eu e tu* estamos bons—*Tu e elle* sois ricos».

Dizer *tu e eu, elle e tu*, etc., é francezismo injustificavel.

446. A collocação dos pronomes objectos nas sentenças effectua-se de accordo com os preceitos seguintes:

1) Com verbo no indicativo o pronome objecto

a) nos tempos simples, excepto o futuro, antepõe-se ou pospõe-se indifferentemente, ex.: «*Eu* TE *amo* ou *amo*-TE».

b) nos tempos compostos, excepto o futuro anterior, antepõe-se ou pospõe-se ao auxiliar, ex.: «*Nós* o *temos visto* ou *temol*-o *visto*».

c) no futuro anterior antepõe-se sempre ao auxiliar, ex.: *Tu* NOS *terás visto*—*Elle* o *terá querido*».

d) nos tempos simples dos verbos pronominaes, e em todas as pessôas verbaes que têm o accento tonico sobre a ultima ou sobre a penultima syllaba, exceptuado sempre o futuro, antepõe-se ou pospõe-se, comtanto que não resulte equivoco ou collisão de sons, ex.: «*Eu* ME *queixei* ou *queixei*-ME—*Eu* ME *queixo* ou *queixo*-ME».

Estas construcções «*Vós queixais*-vos—*Nós queixavamos*-NOS», são de difficil enunciação: deve-se dizer «*Vós* vos *queixais*—*Nós* NOS *queixavamos*».

e) nas sentenças negativas geralmente antepõe-se, ex.: «*Elle não* ME *quer*».

2) Com verbos no imperativo o pronome objecto

a) em sentenças affirmativas pospõe-se sempre, ex.: «*Mata*-ME—*Julgae*-ME *vós*».

b) em sentenças negativas, em as quaes o imperativo é substituido pelo subjunctivo, antepõe-se, continuando posposto [428-3)] o pronome sujeito, ex.: «*Não* ME *descubras* TU!».

3) Com verbos no subjunctivo o pronome objecto antepõe-se sempre, seja a sentença affirmativa seja negativa, ex.: *Que elle* ME *veja*—*Si* NÓS *o soubessemos*—*Si elles não* NOS *tivessem avisado*—*Quando elles não* ME *tenham visto*».

Ha a notar que nas sentenças negativas, em todos os modos e tempos, colloca-se o pronome objecto entre a negação e o verbo; todavia, nos tempos do subjunctivo precedidos de *quando, como, si*, etc., encontra-se não raro o pronome objecto antes da negação, ex.: «*Si tu* ME *não me tivesses dito* —*Quando eu* o *não descubra*».

4) Com o verbo no infinito pessoal o pronome objecto antepõe-se ao sujeito, ex.: «*Descobrires*-ME *tu*».

Si, porém, a phrase do infinito pessoal é complemento de uma preposição, o sujeito antepõe-se ao pronome objecto, e ambos ao verbo, ex.: «*Para* TU ME *descobrires*—*Sem* vós ME *verdes*». Póde-se tambem dizer, deixando o sujeito depois do verbo «*Sem o vermos* NÓS».

5) O pronome objecto, o pronome em relação objectiva adverbial e a particula apassivadora *se* nunca devem começar a sentença: Seria incorrecto dizer «*Me querem lá*—*Te vejo sempre*—*Nos parece*—*Vos offereço*—*Lhe digo*—*Lhes peço*—*Si contam cousas feias* —*Si diz que elle vai*, etc.» Deve-se dizer «*Querem-me lá*—*Vejo-te sempre*, etc».

6) Com verbos no indicativo futuro e no condicional imperfeito, usa-se de uma construcção especial: in-

sere-se por tmese o pronome objecto entre o radical do verbo e a sua terminação, ex.: «*Amar*-TE-*á* — *Ver*-TE-*ia*».

Si o sujeito do verbo nestes casos está claro e é representado por pronome substantivo, melhor será construir «ELLE TE *amará*—ELLE TE *veria*».

7) Nas sentenças negativas, estando o sujeito occulto, o pronome objecto antepõe-se sempre, ex.: «*Não* TE *espero mais* — *Não* ME *fallarias assim* — *Si* o *não quizerem*».
8) Com o verbo no infinito pessoal, estando o sujeito occulto, é indifferente antepôr ou pospôr o pronome objecto, ex.: «*Sem* o *ter* ou *sem tel*-o».
9) Com dous verbos no infinito colloca-se o pronome objecto ou antes do primeiro, ou depois do segundo, ou entre ambos, ex.: «*Sem* NOS *poder vêr*, ou *Sem poder ver*-NOS, ou *Sem poder* NOS *vêr*».
10) Nunca se colloca o pronome objecto depois do participio aoristo de tempo composto: assim, não se diz «*Havendo visto*-TE» mas sim «*Havendo*-TE *visto*».

447. Os pronomes substantivos em relação objectiva ou objectiva adverbial que seguem o verbo são considerados encliticos, e ligados por um hyphen ex.: «*Ama-me*—*Dei-te um livro*».

448. Quando, completando a significação de um verbo, vêm dous pronomes substantivos, um em relação objectiva e outro em relação objectiva adverbial, este, que representa o dativo latino vai em primeiro logar; ambos são considerados encliticos e presos ao verbo por hyphens, ex.: «*Vendeu-mo* (vendeu-me-o)—*Tomou-lha* (tomou-lhe-a)».

449. Vindo, porém, *se* na construcção, é elle que sempre occupa o primeiro logar, embora esteja em simples

relação objectiva, ex.: «*Converte-se-me o filho—Imputa-se-me um erro*».

450. Os pronomes substantivos em relação objectiva ou objectiva adverbial admittem uma construcção especialissima usada antigamente pela gente culta, e hoje só pelo povo rude em Portugal. O pronome sujeito pospõe-se ao pronome objecto ou em relação objectiva adverbial, ex.: «*Si vos é grave de* VOS EU *bem querer—E' como* A TU *queres—E' como* LHE EU *digo—Assim que* LHE NÓS *garantimos*».

451. *O, a, os, as,* vindo depois de uma fórma de verbo terminada em *r, s,* ou *z* fazem com que qualquer dessas modificações se mude em *l,* ex.: «*Amal-o—amamol-o—fil-o*» por «*Amas-o—amamos-o—fiz-o*».

452. *O, a, os, as,* tambem convertem em *l* o *s* das fórmas *nos, vos,* ex.: «*Nol-o—Vol-a*» por *Nos-o—Vos-a*».

453. *O, a, os, as,* vindo depois de um verbo terminado por voz ou por diphthongo nasal, exigem a intercalação de um *n* euphonico, ex.: «*Tem-no—Dizem-no—Dão-no—Amavam-no*».

454. *O, a, os, as,* absorvem o *e* das fórmas *me, te, lhe,* ex.: «*Mo—ta—lhos*» por «*Me-o—te-a—lhe-os*».

455. *O, a, os, as,* em concurso com *lhes* exigem a queda do *s,* absorvem o *e,* e formam «*Lho—Lha—Lhos—Lhas* (257).

456. *Nos, vos,* quando seguem immediatamente as fórmas verbaes em *mos,* exigem a queda do *s* d'essas fórmas, ex.: «*Amamo-nos—Queremo-vos*» por «*Amámos-nos—Queremos-vos*».

§ 4.º

Emprego pleonastico de pronomes substantivos

457. Com os verbos *parecer* e *querer-parecer* (composto) empregam-se pleonasticamente e de modo como que

anti-grammatical os pronomes substantivos da primeira pessôa do singular e do plural em relação subjectiva, ex.: «*Eu parece-me que Pedro é rico—Nós quer-nos parecer que não vamos*».

Este uso, auctorisado pelo fallar do povo e mesmo por escriptores como Garrett, não exige grande somma de attenção para ser entendido: é um jogo de rhetorica instinctiva. A pessôa que falla faz uma reticencia depois do pronome, e muda de phrase. Este modo de expressão torna-se clarissimo assim pontuado: «*Eu... parece-me que Pedro é rico—Nós... quer-nos parecer que não vamos*». Em vez, pois, de ser erro, é uma figura cheia de naturalidade e bellissima.

458. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva como explanação de um ou de mais substantivos já expressos, ex.: «*A lingua dessa terra não a sabiam—Pinturas e pelejas melhor é vêl-as de longe*».

459. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de adjectivos determinativos possessivos já expressos, ex.: «*Seu pae d'elle — Sua formosura dellas.*

Pelo que se póde illidir dos exemplos classicos este uso só se dá com os pronomes substantivos da terceira pessôa do singular e do plural.

460. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de outros pronomes substantivos já expressos em relação objectiva, ex.: «*Eu feri-me a mim —Vós os vistes a elles*».

461. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de pronomes substantivos já expressos em relação objectiva adverbial, ex.: «*Parece-me a mim—Dei-lhes um livro a elles*».

462. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva adverbial como explanação de um ou de mais substantivos já expressos: ex.: «*Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade*».

463. Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial prestam-se em Portuguez a um idiotismo de grande força de expressão. Collocados de certo modo na sentença, não se subordinam á regencia e traduzem por parte de quem falla curiosidade, desejo, etc., ex.: «*Quem é que* ME *anda a escrever artigos de philologia na «Gazeta»? — Quem* ME *dera uma coça naquelle velhaco!*». A's vezes é expletivo, ex.: «*Qual pleuriz, nem qual carapuça! E' comer*-LHE *e beber*-LHE, *que ha de passar!*»

Estes processos pleonasticos, que contribuem muito para a clareza e elegancia da expressão, encontram-se em varias linguas romanicas, em Latim barbaro, em Latim classico, em Grego moderno, em velho Alto Allemão, em Inglez, em Dinamarquez, em Sueco. Diz-se, por exemplo, em Hespanhol: «*Las ramas que lo peso de la nieve las desgaja — A mi hermano le parece*»; em Latim barbaro: «*Ipsam civitatem restauramus eam* (1)»; em Latim classico: «*Quem neque fides neque jusjurandum neque illum misericordia repressit* (2)».

§ 5.º

Uso particular de alguns pronomes demonstrativos

464. Os pronomes adjectivos demonstrativos *este, esse, aquelle* prestam-se a uma construcção elliptica e comparativa que, revestindo o pensamento de uma fórma vaga, dá-lhe grande belleza. Em vez de dizer-se por exemplo. «*Esta cousa que parece ninho—Essas cousas que parecem astros—Aquellas cousas que parecem estrellas*», diz-se: «*Este como ninho —Esses como astros—Aquellas como estrellas*». O pronome toma o genero e o numero do termo de comparação.

465. O artigo indefinido presta-se tambem á construcção similhante, e assume então verdadeiro kharacter de

(1) *España Sagrada*, XL, 365.
(2) TERENTIUS, *Adephi*, Act. III, Sc. 2.

pronome demonstrativo. A concordancia é tambem com o termo de comparação ex.: «*Um como ninho—Uma como nuvem*».

Em Francez existe uma construcção analoga a esta, com a differença, porém, de vir o artigo depois de *comme*, ex.: «*J'aperçus comme une forêt de mâts de vaisseaux* (1)».

§ 6.º

Pronomes conjunctivos

466. *Que, quem* referem-se sempre a um nome da clausula principal. Esse nome chama-se *antecedente*: póde ser masculino ou feminino; do singular ou do plural.

467. Nas sentenças interrogativas o pronome *que* admitte depois de si o nome a que se refere ex.: «*Que homem é este?—Que casas são aquellas?*»

468. *Quem*, equivalente exacto de *homem que, mulher que, pessôa que, homens que, mulheres que, pessôas que,* por isso que encerra em si o seu antecedente, não póde ter antes ou depois de si nome a que se refira, ex.: «*Conheço quem escreveu o artigo—Vi quem quiz offender-me*».

Quem (qu'hem=que homem) tem a sua syntaxe exactamente modelada pela syntaxe latina: frequentemente cala-se em Latim o substantivo antecedente de um pronome conjunctivo, e exprime-se o subsequente. Lê-se por exemplo em Cesar (2): «*Santones non longe a Tolosatium finibus absunt,* QUAE CIVITAS *est in provincia*».

469. Sendo *quem* governado por uma preposição, póde referir-se a um antecedente que é sempre nome de pessoa, ex.: «*O homem a quem demos o livro—As mulheres de quem compramos fructas*».

---

(1) Fénélon. *Télémaque*, Livre II.
(2) *De Bello Gallico*, I, 10.

Os escriptores antigos empregavam *quem* em referencia a cousas: é syntaxe anti-historica, e por conseguinte pouco digna de imitação.

Com a preposição *sem* usa-se de *o qual, a qual, os quaes, as quaes*, dizendo-se *sem o qual, sem a qual, sem os quaes, sem as quaes*, e não *sem quem* que formaria um ekho desagradavel.

470. *Qual*, considerado como pronome conjunctivo, é sempre precedido do artigo: «*o qual, a qual*», etc. Serve para variar a phrase, e evitar amphibologias que se poderiam dar com o uso de *que*.

471. *Qual* faz as vezes dos demonstrativos *este, esse, aquelle* e em taes casos figura sem artigo. ex.:

«*Qual* do cavallo vôa que não desce;
«*Qual*, co'o cavallo em terra dando, geme;
«*Qual* vermelhas as armas faz de brancas;
«*Qual* co'os pennachos do elmo açouta as ancas (1)».

472. *Qual* empregado como interrogativo não admitte artigo, ex.: *Quaes são teus amigos—Qual é o teu ?*»

473. *Cujo, cuja, cujos, cujas*, equivalem perfeitamente a *de que, de quem, do qual, da qual, dos quaes, das quaes*, e, por consequencia, só devem ser empregados quando podem ser substituidos por esses equivalentes, ex.: «*O menino cujo mestre sabe ensinar—As meninas cuja mestra é indolente*».

O pronome *cujo*, tomado em todas as suas flexões do genitivo latino *cujus*, conserva a força plena do caso originario, e só póde ser empregado em phrases restrictivas. O uso de *cujo* como predicado e sem ter antecedente claro, si bem que classico e correcto, é arkhaico, ex.: «*Cujo é o gado ?—Cujas são estas arvores ?*». O uso actual de *cujo* é fazel-o servir de sujeito, de objectivo de verbo ou de regimen de preposição, dando-lhe antecedente claro, e fazendo-o seguir immediatamente do nome com que concorda (Vide 427).

(1) *Lusiadas*, logar já citado.

§ 7.º

Pronomes indefinidos

474. *Alguem* é equivalente exacto de «alguma pessôa», e *ninguem* de «nenhuma pessoa».

475. *Outrem* é equivalente exacto de «outra pessoa».

Actualmente mais se emprega *outrem* depois de preposição, ex.: «*Não faças* A OUTREM *o que não queres que te façam*» Todavia pode-se empregar como sujeito de sentença, ex.:

«*Que nunca tirará alheia inveja*
O bem que outrem merece e o céo deseja (1)».

476. *Tal* considerado como pronome indefinido prescinde do artigo, ex.: «*Eu não disse tal — Nós não soubemos tal*».

Alguns grammaticos consideram *tal* nestes casos como adverbio: e fundam-se no facto de se construir *tal* com verbos intransitivos, ex., «*E' verdade que estiveste em Paris? Não estive* TAL».

Em estylo familiar usa-se *tal* como artigo para indicar pessoa ou cousa personificada de que já se fallou, ex.: «*Lá está o tal—Ahi vem as taes*».

V

VERBO

§ 1.º

Sujeito

477. Toda a palavra que serve de sujeito a um verbo põe-se em relação subjectiva.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a

(1) *Lusiadas*, Canto I, Est. XXXIX.

applicação d'esta regra só se torna patente quando o sujeito é um pronome substantivo, ex.: «EU *vejo as arvores*—TU *queres pão*».

Ha a notar as seguintes excepções:

1) O pronome substantivo sujeito de um verbo no infinito depende de um verbo no finito (1) põe-se em relação objectiva, ex.: «*Eu vi-***o** *caminhar ás pressas*—*Deixa-***o** *ir*».

Esta syntaxe, commum a varias linguas romanicas, é tomada directamente do Latim, em o qual o sujeito do verbo no infinito vai para accusativo. E' erro vulgar no Brazil usar-se em casos taes da relação subjectiva; diz-se por exemplo, «*Vi* ELLE *caminhar ás pressas*—*Deixa* ELLE *ir*».

2) Quando o infinito de um verbo transitivo que governa um objecto ou uma phrase equivalente a um objecto, se constróe com os verbos *deixar, fazer, ouvir, ver,* o sujeito d'esse infinito, si é um pronome substantivo, póde-se pôr em relação adverbial, e tambem em relação objectiva adverbial, ex.: «*Deixa* AO *vento levar maguas*—*Fiz* A *muitos verter lagrimas*—*Ouvi*-LHE *dizer que não vinha*—*Veja*-ME *erguer este peso*».

Todas estas sentenças contêm dous verbos com duas pessôas activas, das quaes uma, em sua qualidade de sujeito, *deixa, faz, ouve, vê;* e outra opéra em relação á vontade ou á sensação da primeira. Si por parte da segunda pessôa não ha acção usa-se de qualquer outro torneio de phrase (2).

478. Os pronomes substantivos em relação adverbial nunca podem servir de sujeitos, nem mesmo nas phrases in-

(1) Chamam-se *finitos* os quatro modos, indicativo, imperativo, condicional e subjunctivo.

(2) DIEZ, *Obra citada*, vol. III, pag. 122—123.

finitivas que vêm depois de uma preposição. Em taes casos usa-se da relação subjectiva, ex.: «*Esta laranja é para* EU *comer*».

No Brazil pecca-se contra este preceito dizendo-se «*Para* MIM *comer etc.*»·

479. O sujeito, mórmente quando pronome substantivo, póde e até deve ser omittido, sempre que de tal omissão não resultar escuridade do sentido.

480. Não se póde em geral fazer omissão do sujeito, ainda mesmo sendo elle pronome substantivo,

1) nas clausulas que tem sujeito diverso, ex.: «*Eu* RIO *e tu* CHORAS—*Si tu* FICAS *eu* PARTO».
2) nas sentenças emphaticas e nas intimativas, ex.: «EU SEI *que Pedro tem dinheiro*—NÓS *te* ORDENAMOS *que vás*».

481. Os pronomes adjectivos indefinidos *quanto, tanto* nunca estão em relação subjectiva e, conseguintemente, nunca podem servir de sujeitos.

§ 2.º

Predicado

482. A palavra que serve de predicado ao sujeito de um verbo, si é pronome substantivo, assume a relação flexional d'esse sujeito, isto é, toma a flexão da relação subjectiva, ex.: «*Eu não sou tu—Si tu fosses elle*».

483. O predicado, quando é representado por um pronome substantivo da terceira pessôa, referente a um ou mais substantivos mencionados na sentença ou na clausula anterior, assume a flexão da relação objectiva, ex.: «*E's tu o rei? Eu* **o** *sou—Estarás tu cançado? Não* **o** *estou*».

Sobre a concordancia destes pronomes substantivos da terceira pessôa em relação predicativa, é digna de ler-se a seguinte elucidação de Brachet (1), elucidação que, substituido *illud* por *hoc*, póde-se applicar sem restricções ao Portuguez:

«*O*, quando não designa pessôas, mas sim cousas, como nesta «phrase: «*A Polonia perecerá, eu* o *prevejo*», significa *isso*, vem do La«tim *illud* e nos representa quasi o unico resto do genero neutro que «possuimos ainda em Francez. Eis o que nos explica porque ás pergun«tas «*Sois vós a mãe deste menino?*» ou «*Sois vós a doente?*» torna-se «necessario responder «*Eu a sou*», isto é, «*Eu sou a pessôa de que «fallais*»; ao passo que ás perguntas «*Sois vós mãe?—Estaes vós doen«te?*» a resposta deve ser «*Eu* o *sou—Eu* o *estou*, ILLUD», isto é, «*eu «sou* isso; *é assim que eu estou; é o que me tendes perguntado; possuo a «qualidade de mãe; estou em estado de doença*».

484. O predicado quando é representado por um substantivo que não tem flexão de genero, ou que é usado em um unico numero prescinde da concordancia com o sujeito, ex.: «*Nós somos a directoria da sociedade—Albuquerque, tu foste as algemas da Asia*».

Os pronomes, em geral, podem todos servir de predicado, ex.: «*Quem és tu?—Quantos são elles? Tantos somos, quantos sois*».

§ 3.º

Objecto

485. Toda a palavra que serve de objecto a um verbo põe-se em relação objectiva.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação d'esta regra só se torna patente quando o objecto é representado por um pronome substantivo, ex.: «*Eu* o *vejo—Queres*-ME *muito*».

Pôr em relação subjectiva o pronome substantivo que serve de

(1) *Obra citada*, pag. 93.

objecto a um verbo é erro comezinho no Brazil, até mesmo entre os doutos: ouvem-se a cada passo as locuções incorrectas «*Eu vi elle — Espere eu*».

486. Para evitar ambiguidade de sentido põe-se em relação advêrbial o objecto de um verbo, quando esse objecto representa pessôa ou ser vivo em geral, ex.: «*Cesar venceu a Pompeu—A mulher ama ao marido—O caçador matou ao leão*».

Esta regra, quasi de rigor na lingua hespanhola, não o é tanto em Portuguez: Camões escreveu «*Quando Augusto o capitão venceu—Gente que segue o torpe Mafamede*»

487. Alguns verbos como *achar*, *appelidar*, *chamar*, *cognominar*, *considerar*, *constituir*, *corôar*, *crer*, *declarar*, *deixar*, *descrever*, *dizer*, *eleger*, *escolher*, *fazer*, *instituir*, *julgar*, *jurar*, *nomear*, *pintar*, *representar*, *reputar*, *sagrar*, *saber*, *suppôr*, *tornar*, *trazer* admittem, além do objecto, um attributo delle em relação objectiva, o qual póde ser substantivo ou adjectivo, ex.: «*Achei-***o** *Presidente — Elegeram-*ME *juiz—Julgo-***o** *rico—Tornaram-n***o** *louco*».

488. Com os verbos *conhecer* e *ter* esse attributo do objecto póde ser posto em relação adverbial por meio da preposição *por*, ex.: «*Eu conheço-o por Pedro — Tenho-o por filho*».

489. O attributo do objecto dos verbos acima mencionados (464—465) presta-se tambem a ser construido com *como*, ex.: «*Achei-o como Presidente—Conheço-o como Pedro—Tenho-o como filho*».

Estas tres ultimas construcções (487—488—489) tambem têm logar, estando o verbo na voz passiva, ex.: «*Fui eleito juiz — Elle é conhecido por Pedro—Sou tido como filho*».

Todavia a construcção de verbos como *conhecer* e *ter* (488) em voz passiva com a preposição *por* dá logar a uma ambiguidade de sentido que seria conveniente evitar.

§ 4.º

Significação transitiva e significação intransitiva

490. Os verbos transitivos, si são tomados em sentido geral, dispensam o objecto, e tornam-se intransitivos, ex.: «*Este critico louva muito—Antonio come pouco— Pèdro não estuda*».

491. Muitos verbos transitivos assumem significação intransitiva, e a palavra que representa o objecto põe-se então em relação adverbial por meio de uma preposição. Taes são entre muitos outros verbos *consentir, crer, dominar, emular, encontrar, esperar, gosar, guerrear, habitar, egualar.* Diz-se egualmente «*Consinto isso* ou *nisso—Creio o que dizes* ou *no que dizes—Pedro emula-me ou emula comigo—Habitar a terra* ou *na terra*».

492. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, isto é, a actividade de muitos verbos, restringida originariamente ao sujeito, póde ser dirigida para um objecto externo. Pertencem principalmente a esta classe os verbos que têm sua causa nesse objecto externo, taes como *escarnecer, gritar, anhelar, trabalhar, chorar,* e até o verbo *calar* que é de todo destituido de actividade. Tambem filiam-se n'esta classe os verbos que significam locomoção como *andar, subir, correr, dansar, saltar, passeiar, descer, navegar.* Na construcção d'estes ultimos o logar em que se produz a actividade toma ares de ser o objecto della. Diz-se por exemplo «*Escarnecer o amor —Gritar o cão — Anhelar o enlace— Chorar amigos mortos—Calar motivos—Andar terras estranhas—Subir morros—Correr valles—Dansar o circo—Saltar fossos—Passeiar cidades—Descer o rio—Navegar mares*».

493. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, quando tem sentido ficticio, isto é, quando o sujeito suscita no objecto a actividade expressa pelo verbo, sendo que essa actividade pertence ao objecto, limitando-se o

sujeito a provocar apenas a manifestação della. Taes verbos são, entre outros muitos, *cessar, correr, crescer, demorar, descer, desesperar, entrar, levantar, montar, parar, passar, resurgir, resuscitar, subir, tinir, tocar, tombar, chegar*, ex.: «*Cessamos o fogo—As ruas corriam sangue—Cresci-lhe o ordenado—Entramos estacas na terra—O general montou toda a infanteria*». A construcção ordinaria destes exemplos seria «*Fizemos cessar o fogo—Fiz-lhe crescer o ordenado*, etc.».

494. O participio aoristo do verbo *morrer* póde ser empregado com significação transitiva, ex.: «*O leão tem morto muitos carneiros*».

495. Muitos verbos intransitivos para animar ou reforçar a expressão se fazem acompanhar de um substantivo do mesmo radical em relação objectiva: esse substantivo pleonastico apparece raras vezes só na sentença; de ordinario é acompanhado de um attributo que lhe determina a significação. Taes são entre muitos outros, *brincar, caminhar, cavalgar, contar, ferir, morrer, sonhar, soar, vestir, viver*. Diz-se «*Brincar maus brinquedos—Caminhar longo caminho — Cavalgar bons cavallos— Contar contos incriveis— Ferir largas feridas —Morrer morte affrontosa*, etc.».

Ha exemplos deste uso com substantivos não identicos, mas apenas analogos em significação, ex.: «*Dormir somnos—Ferir golpes—Ir caminho—Temer medos—Chorar lagrimas*»

496. Os verbos intransitivos *dormir* e *viver* assumem significação transitiva, tomando por objecto o substantivo que representa o tempo durante o qual se dormiu, viveu, ex.: «*Dormi duas horas—viverei muitos annos*».

Alguns grammaticos querem que haja n'estas sentenças ellipses de *por*: «*Dormi* POR *duas horas—Viverei* POR *muitos annos*».

497. O verbo intransitivo *passar* presta-se a identico uso, e toma por objecto substantivos de tempo, de logar e

mesmo de circumstancias, ex.: «*Passámos dias felizes—Passámos a ponte—Passámos frios—Passámos fomes*».

498. Os verbos intransitivos *custar, pesar, valer*, quando seguidos de substantivos que representam o custo, o peso, o valor, assumem significação transitiva, tomando por objectos esses mesmos substantivos de custo, de peso, de valor, modificados ou não por adjunctos attributivos, ex.: «*Esta espingarda custou 30 libras—Esta moeda pesa quatro oitavas—Este livro vale cem mil reis*».

§ 5.º

Voz activa e voz passiva

499. Os verbos intransitivos não se empregam na voz passiva. Todavia, os verbos intransitivos, tornados transitivos em virtude das regras do paragrapho antecedente, são susceptiveis de construcções em voz passiva, ex.: «*As noutes mal dormidas—Os golpes feridos—A ponte passada*».

500. Quando o verbo transitivo ou intransitivo, tomado transitivamente, está na voz passiva o agente é representado por um substantivo posto em relação adverbial por meio da preposição *por*, ex.: «*O veado foi dilacerado* PELO *leão—As lagrimas choradas* POR *Antonio*».

Com alguns verbos emprega-se *de* em logar de *por*, ex.: «*Acompanhado* DE *muitos amigos—Tomado* DE *medo*».

O caso agente do verbo passivo era representado em Latim por ablativo regido de *a* ou *ab*, por accusativo regido de *per*, e por dativo: destas tres construcções só passou para o Portuguez a do accusativo regido de *per*, preposição que se conservou inalterada até o seculo XVI, e que dahi em diante foi-se pouco a pouco convertendo em *por*, unica actualmente em uso (1) (Vide 581—582).

(1) *Per*, a não ser como prefixo, só se conserva na locução adverbial «*de per si*».

501. O Portuguez não tem fórma especial para a voz passiva: suppre-se esta falta com tempos do verbo *ser* e participios aoristos, da maneira indicada na tabella n.º 9.

502. Nas phrases de sentido geral, quando não é necessario pôr claro o agente, apassivam-se verbos nas terceiras pessôas do singular e do plural por meio do pronome *se*, considerado então como MERA PARTICULA APASSIVADORA, ex.: «*Queima-se o campo—Concertam-se relogios*».

Grande debate tem suscitado esta particula *se* entre os grammaticos portuguezes: a ultima palavra sobre a questão foi dita pelo eminente linguista, sr. Adolpho Coelho (1), que, estribado nas doutas investigações dos mestres allemães, elucidou-a cabalmente, filiando este processo portuguez de conjugação no puro processo latino.

Cumpre todavia notar que por meio de *se* só se apassivam verbos cuja acção não possa neste caso ser exercida pelo sujeito. E a razão é que, podendo o sujeito exercer a acção, dar-se-ia ambiguidade de sentido: com effeito «*O homem feriu-se*» não é o mesmo que «*O homem foi ferido*», porque o homem poderia ter-se ferido a si proprio. Em «*Concertam-se relogios*» não se dá ambiguidade; tal phrase equivale exactamente a «*Relogios são concertados*», porquanto relogios não podem concertar-se a si proprios.

Comquanto seja muito commum em Portuguez este uso de apassivar por meio de *se* verbos cujo agente deve ficar indeterminado, phrases ha em que elle é abusivo, e que portanto melhor se construirão com outro torneio. Taes são as phrases em que entra o verbo *ser*, e em geral todas aquellas que podem ter como sujeito claro *homem*, *pessoa* ou qualquer outra palavra de significação identica. Por exemplo: «*Deixa-se de ter boas intenções todas as vezes que se escondem os sentimentos com expressões equivocas—Quando se é criado no meio das riquezas tem-se difficuldade em persuadir-se de que todos os homens tem direitos*» melhor se construiriam: «*Deixa um homem de ter boas intenções todas as vezes que esconde os seus sentimentos com expressões equivocas — A pessoa que é criada no meio das riquezas sente difficuldade em presuadir-se de que todos os homens têm direitos*».

(1) *Theoria da conjugação em latim e Portuguez*, pag. 48—56.

503. O infinito dos verbos transitivos póde em certos casos exprimir um sentido absolutamente passivo, de modo que a palavra que representa o agente desse infinito póde ser posta em relação adverbial por meio da preposição *por*. Isto tem logar:

1) com o infinito simples depois dos verbos *deixar, fazer, ouvir, ver*, ex.: «*Deixei comer o toucinho pelo gato—Fizemol-os carregar pela cavallaria— Ouvi-o louvar por todos—Vi-o derribar por Pedro*».
2) com o infinito acompanhado de preposição
   a) depois dos verbos *estar, ser, levar, trazer*, ex.: «*A carta está por escrever—E' para admirar que elle não queira ir—Leva pão para comer—Traze agua para beber*
   b) quando depende de adjectivos descriptivos que indicam aptidão em maior ou em menor grau, taes como *agradavel, bèllo, bom, digno, difficil, duro, facil; mau, ruim*, etc., ex.: «*Cousa agradavel de ver—Peixe bom para comer—Osso duro de roer —Massa facil de corromper*».

Vale a pena ler o que escreve Reinach (1) sobre isto:
«Como o supino latino, o infinito em sua origem não tem activo «e nem passivo; ou antes, a mesma fórma pode tomar os dous sentidos «como os nomes abstractos: *amor dei*. E' o que ainda se vê nos torneios «modernos de phrase: »*Ich höre erzählen—Par les traits de Jehu j'ai «vu* PERCER *le père*» Porque o valor nominal primitivo do infinito reapparece em nossas linguas analyticas».

(1) *Manuel de Philologie Classique*, Paris, 1880 pag. 145.

§ 6.º

Modos

I

Indicativo e subjunctivo

504. O indicativo mostra que é *real* o enunciado do verbo: o subjunctivo apresenta esse enunciado como *hypothetico*. Assim, o verbo da clausula subordinada põe-se no indicativo quando o verbo da clausula principal (373) exprime alguma cousa de positivo, de affirmativo; e põe-se no subjunctivo quando o verbo da clausula principal exprime alguma cousa de indeciso, de duvidoso.

Deste principio decorrem as seguintes regras:

1.ª

1) o verbo da clausula subordinada põe-se no indicativo quando o verbo da clausula principal exprime modo de pensar, crença, apparencia, affirmação, etc., ex.: «PENSO *que vós sereis nomeados hoje*— CREIO *que tres e dous são cinco* — PARECE *que ella vive bem*—ASSEGURO-*te que perderemos dinheiro*».
2) o verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo quando o verbo da clausula principal exprime surpreza, admiração, vontade, desejo, consentimento, prohibição, negação, duvida, receio, apprehensão, ordem, etc., ex. ADMIRA-*me que estejas rico*— QUERO *que vás*— PROHIBO-*te que lhe falles*— NEGO *que ella seja pobre.*»

2.ª

O verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo quando o verbo da clausula principal é ver-

bo impessoal ou impessoalmente tomado, ex.: CONVEM *que estejas aqui hoje*—IMPORTA *que não falteis hoje á lição*—E' IMPOSSIVEL *que vejas agora a lua*—BASTA *que endosse elle a lettra*».

Exceptuam-se *acontecer, resultar, seguir-se* e os verbos em cuja composição entra palavra que exprime ideia positiva como *é evidente, é certo, é verdade,* e o verbo *ser* tomado impessoalmente, ex.: ACONTECE *que o rei* TEM *de passar aqui hoje*—E' VERDADE *que lhes* NEGAMOS *soccorros—E' que elles não* QUEREM».

3.ª

Quando a clausula subordinada está ligada á clausula principal por um dos pronomes conjunctivos *que, qual, cujo,* tem-se de examinar si a clausula subordinada exprime cousa positiva ou cousa incerta: no primeiro caso usa-se do indicativo: no segundo do subjunctivo, ex.:

Quero a casa que me AGRADA.	*Quero casa que me* AGRADE.
Hei de ir para um retiro onde HEI DE ESTAR SOCEGADO.	*Hei de ir para um retiro onde* ESTEJA SOCEGADO.
Vou dizer-te cousas que te HÃO DE DIVERTIR.	*Vou dizer-te cousas que te* DIVIRTAM.
Mostra-me o caminho que VAI *dar ao rio.*	*Mostra-me um caminho que* VÁ *dar no rio.*
Enviaram deputados que EXPRIMIRAM *a vontade do povo.*	*Enviaram deputados que* EXPRIMISSEM *a vontade do povo.*
Vou plantar alli arvores cuja sombra É *espessa.*	*Vou plantar alli arvores cuja sombra* SEJA *espessa.*

Põe-se no indicativo o verdo da clausula subordinada que começa pelo pronome conjunctivo *que*

1) quando *que* tem por antecedente um substantivo modificado por um superlativo relativo, ex.: «*A doutrina da evolução é o maior presente que a sciencia* TEM FEITO *á humanidade*».

2) quando *que* tem por antecedente um substantivo acompanhado ou representado pelos adjectivos ordinaes *primeiro*, *segundo*, *ultimo*, etc., ex.: «*Este leão é o primeiro que* MATO—*Esta pedra estriada é a segunda que* VEJO—*E' esta a ultima arvore que* PLANTO».

3) quando o verbo da clausula subordinada não póde ser substituido por construcção do infinito sem que o sentido fique alterado, ex.: «*Vi o pintor que* FEZ *estes frescos—Conheço o advogado que* LAVROU *este protesto*».

Põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada que começa pelo pronome conjunctivo *que* quando o verbo da clausula subordinada póde, com leve troca de palavras, ser substituido por construcção do infinito sem que o sentido fique alterado, ex.: «*Tive gente que* FOSSE *por mim — Acharei artista que me* DÊ *conta d'este trabalho*».

Quem, sendo, como é, equivalente de *homem que*, etc., (468) subordina-se ás disposições d'esta regra 3.ª, ex.: «*Vi quem* FEZ *estes frescos—Conheço quem* LAVROU *o protesto— Tive quem* FOSSE *por mim — Acharei quem me* DÊ *conta desse trabalho*».

4.ª

Depois da conjuncção *si* põe-se no indicativo o verbo da clausula subordinada.

1) quando a clausula subordinada exprime uma cousa

positiva, actual, ex.: «*Eu*, SI VOU *ao theatro, é por que gosto de representações dramaticas—Eu sei* SI SOU *pobre ou não*».

2) quando a clausula subordinada exprime uma cousa futura cuja realisação tem de ser determinada por motivo extranho á vontade da pessôa que falla, ex.: «*Não sei* SI PODEREMOS *ir hoje ao theatro—Só em vista da fazenda é que decidiremos* SI FICAMOS *com ella ou não*».

Depois da conjuncção *si* põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada

1) quando é condicional a sentença, ex.: SI *Pedro* FOSSE *eu iria*—SI *João* FÔR *eu não irei*».

Por uso da lingua as sentenças condicionaes do futuro têm ás vezes no presente do indicativo os verbos tanto da clausula principal como da subordinada ex.: *Si João* VAI *eu não* VOU».

2) quando a clausula subordinada exprime uma cousa duvidosa, futura, cuja realisação tem de ser determinada pela vontade da pessôa que falla, ex. «*Não sei* SI VÁ *hoje ao theatro—Estou em duvida* SI ENDOSSE *ou não esta lettra.*»

5.ª

Depois das conjuncções *embora* e *quer* põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, ex.: EMBORA SEJA *pobre, Pedro ha de obter o que deseja* —QUER *Paulo* VENHA, *quer não*, *Sancho irá*».

6.ª

Depois das conjuncções *porque, como* põe-se o verbo da clausula subordinada já no indicativo, já

no subjunctivo, ex.: «*Não sei* PORQUE ARRISCA (OU ARRISQUE) *elle tamanhos capitaes*— *Eu* COMO ENTENDI (OU COMO ENTENDESSE) *o que elles estavam dizêndo*...»

7.ª

Depois das locuções conjunctivas *ainda que*, *antes que*, *caso*, *comquanto*, *comtanto que*, *para que*, *por mais que*, *sem que*, *si bem que*, etc., põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, ex.: AINDA QUE *eu seja rico não farei despezas loucas*—ANTES QUE *cases olha o que fazes*».

8.ª

Nas sentenças de sentido concessivo, desiderativo, imprecativo e comminativo, põe-se no subjuntivo o verbo da clausula principal, ex.: «DIAGNOSTIQUE *quem puder*,—CURE *quem quizer*—DÊ-*me Deus vida e saude*—PARTA-*me um raio*—DIGA-*me elle isso* (1)».

A generalidade dos grammaticos, não admittindo

(1) Não é pretenção do auctor que estas regras abranjam todos os casos possiveis do uso do subjunctivo. Este uso nas linguas aryanas, mórmente nas indicas, hellenicas e italicas, é um verdadeiro Proteu: quando o grammatico julga tel-o sob si vencido, atado, captivo, eil-o que se escapa fremente, livre, indomavel. O uso do subjunctivo é uma cousa instinctiva, como que o producto de uma faculdade criada no individuo pelo meio linguistico que o rodeia desde a infancia. Entre nós ouvem-se a escravos e a *caipiras* analphabetos formulas complicadas e correctissimas do subjunctivo portuguez, ao passo que extrangeiros litteratos, versados em grammatica e philologia, após longos annos de residencia no paiz, naufragam quasi sempre quando as têm de empregar.

clausula principal sem verbo no indicativo, explicam estas construcções por meio de ellipses (1). E' uma doutrina metaphysica que a sciencia ja não acceita hoje: as theorias deduzem-se dos factos, e não os factos das theorias.

2.

Imperativo

505. O imperativo só tem duas fórmas em Portuguez: uma para a segunda péssôa do singular; outra para a segunda do plural.

A não ser em estylo solemne ou em estylo familiar dá-se em Portuguez ás segundas pessôas o tratamento de terceiras.

Não tendo o imperativo fórmas para as terceiras pessôas, supprese a deficiencia com as terceiras pessôas do presente do subjunctivo ex.: «*Vá, meu amigo—Fiquem, senhores*».

506. Nas sentenças de negação, em vez do imperativo usa-se do subjunctivo, ex.: «*Não faças a outrem o que não quizeras que te fizessem a ti*».

Contra esta regra peccou o douto lexicographo Portuguez, F. S. Constancio, que, na «Introducção Grammatical» do seu *Diccionario* (2), escreveu «*Não faze a outrem*, etc.».

Em Hespanhol é identica a construcção: «*No firmes carta que no leas, ni bebas agua que no veas*». Em Italiano substitue-se o imperativo pelo infinito presente: «*Non ti scordar di me*». Em Francez emprega-se só o imperativo: «*Ne faite pas des folies*». Em Latim usa-se quasi indifferentemente do imperativo ou do subjunctivo presente: «*Ne concupisce* ou *ne concupiscas*».

---

(1) Girault Duvivier, *Obra citada*, pag. 689—690.
(2) Pag. XXI.

3

Condicional

507. O condicional representa o enunciado do verbo como dependente de uma condição. Seu emprego não offerece difficuldades.

Entre o futuro e o condicional ha analogia, não sómente de fórma, mas até de significação. Com effeito, o condicional indica um porvir em relação ao passado, como o futuro designa um porvir em relação ao presente: «*Eu* SEI *què você não* IRÁ *a Paris—Eu* SOUBE *que você não* IRIA *a Paris*». O Portuguez, para exprimir este matiz de differença, concebeu o condicional sob a forma de um infinito (*amar*) que indica o futuro, e de desinencias (*ia, ias*, etc,) que mostram o passado (1).

§ 7.º

Formas nominaes do verbo

I

Infinito

508. O infinito portuguez tem a particularidade de poder flexionar-se, e divide-se, conseguintemente, em *infinito pessoal* e *infinito impessoal*.

Esta particularidade da flexão do infinito, notada já nos mais antigos documentos da lingua portugueza, encontra-se tambem no dialecto, galego, ex.: «*Para sairem e entrarem* (2). Nenhuma outra lingua a possue. Gil Vicente commetteu o erro de escrever em Hespanhol «*Teneis gran razon de* LLORARDES *vuestro mal* (3). Alguns poetas do *Cancionei-*

(1) AYER, *Obra citada*, pag. 175.
(2) *España Sagrada*, XLI, 351, carta de 1207.
(3) GIL VICENTE, II, 71.

ro Geral (1) cahiram no mesmo engano. Camões que muito escreveu em Hespanhol foi sempre correcto.

509. Emprega-se o infinito pessoal

1) quando a clausula do infinito póde eximir-se da dependencia em que está para com o verbo principal, isto é, quando póde ser substituida por outra do indicativo ou do subjuntivo.
2) depois de verbos no imperativo, ex.: «*Dize-lhes terem chegado hoje os navios* (2).»
3) por vezes arbitrariamente nos escriptos antigos, ex.: «*De morrermos desejando* (3)—*Nam curees de mays chorardes* (4)». E tambem o contrario «*Não cures de te queixar* (5).

Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou no impessoal ☞ é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio ☜

Exemplos em que o sujeito do infinito pertence só a elle:

1) *E' tempo de partires* (isto é, *de que partas*).
2) *Deus te desembarace o juizo para te emendares* (isto é, *para que te emendes*».
3) *Basta sermos dominantes* (isto é, *que sejamos*).
4) *Não me espanto de fallardes tão ousadamente* (isto é, *de que falleis*).
5) *Viu nascerem duas fontes* (isto é, *que nasciam*).

Exemplos em que o sujeito do infinito tambem o é do verbo de que elle depende

---

(1) GESSNER, *Das Altleonesische*, pag. 26.

(2) Esta construcção não é usual: seria preferivel dizer «*Dize-lhes que chegaram hoje os navios.*»

(3) *Cancioneiro Geral*, I, 293.

(4) *Ibidem*, I, 289.

(5) BERNADIM RIBEIRO, *Obras*, Lisboa, 1852, pag. 309.

1) *Não tens vergonha de ganhares a tua vida tão torpemente* (isto é, *de que ganhes*).
2) *Todos estão alegres por terem paz* (isto é, *porque tem*).
3) *Não me podeis levar sem me matardes* (isto é, *sem que me mateis)*.
4) *Folgarás de veres a policia* (isto é, *de que vejas*).
5) *Verdade sem trabalhares e padeceres não a verás tu jamais* (isto é, *sem que trabalhes e padeças)*.

510. Emprega-se o infinito impessoal

1) quando o verbo no infinito não póde eximir se da dependencia em que está para com o verbo principal. Acontece isto especialmente com os verbos que exprimem virtualidades, volições do espirito, taes como *poder, saber, desejar, intentar, pretender, querer*, etc., ex.: «*Não podemos emprestar dinheiro—Sabeis fazer as cousas—Desejamos partir cedo—Intentais comprar casas—Os mouros pretendem levar-nos de vencida*».»
2) quando com tal emprego não se prejudica a clareza do sentido, muito embora possa a clausula ser tambem construida com o infinito pessoal, ex.: *Napoleão via seus batalhões* CAHIR *feridos*».

Esta é a doutrina de F. Diez (1), deduzida dos factos, positiva, simples, satisfatoria. As regras cerebrinas que na differença de sujeitos baseiam Soares Barbosa, Sotero e cem outros, só servem para gerar incerteza no espirito de quem estuda. Segundo taes regras os escriptos de Camões, de Frei Luiz de Souza, de Vieira, de Herculano, estão inçados de erros!!!

O infinito, quando não é empregado como substantivo apoia-se

(1) *Obra citada*, vol. III, pag. 202—203.

sempre sobre outra palavra. O infinito independente só se tolera no discurso apaixonado nas phrases exclamativas, ex.: «*Mentir eu?!—Morrermos nós?!—Padecer assim varão de taes virtudes!*»

2

Participios

511. O participio presente usado hoje exclusivamente como adjectivo [310, VI), 1] não admitte flexão de genero, e só concorda em numero com o substantivo a que se refere, quer como adjuncto attributivo, quer como predicado, ex.: «*Homem amante, mulher amante, homens amantes, mulheres amantes—Este estylo é brilhante, esta pedra é brilhante, estes estylos são brilhantes, estas pedras são brilhantes*».

512. O gerundio serve de adjectivo accional, e funcciona como elemento de formação do verbo frequentativo. E' sempre invariavel. Precedido da preposição *em* indica um facto que vai ser seguido immediatamente de outro, ex.: «*Eu, em recebendo o dinheiro, pago-lhes*».

Já se encontra em Latim o gerundio regido de *in*, ex.: «*Sed quid ego heic in lamentando pereo?* (1)».

513. O gerundio perfeito é um desenvolvimento paraphrastico romanico do gerundio; como elle é tambem invariavel.

514. O participio aoristo é empregado como adjectivo quando elemento de formação de tempos compostos, e serve para formar clausulas participaes; empregado como adjectivo, isto é, como mero adjuncto attributivo, concorda em genero e numero com o substantivo a que se refere, ex.: «*Homem amado, mulher amada; homens amados, mulheres amadas*».

---

(1) Plauto.

Empregado como elemento de formação de tempos compostos é invariavel, ex.: *Tenho comprado cavallos — Tenho visto mulheres*».

Empregado como elemento de formação de tempos compostos da voz passiva concorda em genero e numero com o sujeito, ex.: «*O homem é amado—As mulheres são vendidas*» (Vide Tabella n.º 9).

A concordancia ou não concordancia deste participio auxiliar com o objecto do verbo é uma das grandes difficuldades da lingua franceza; o Italiano e o Hespanhol movem-se mais livremente; o Portuguez emancipou-se de uma vez, e tornou invariavel o participio. Todavia, os antigos classicos o faziam concordar, ex.: «*Votos que em adversidades e doenças tinha* FEITOS *para remissão de quantas culpas tinham* COMMETTIDAS (1)—*Porque sempre o achara bom servidor e leal e muito ditoso nos serviços que lhe tinha* FEITOS (2). Ainda em Camões lê-se «*E do Jordão a areia tinha* VISTA (3)».

Nas phrases «*Ter occupados os sentidos — Ter casadas as filhas*» o participio concorda porque não está como elemento de tempo composto, mas sim como mero adjuncto attributivo.

515. O participio aoristo, quando não empregado como adjuncto attributivo, nem como elemento de formação nos tempos compostos da voz activa e da passiva, forma clausulas participaes absolutas, equivalentes de outras clausulas do indicativo e do subjunctivo. Taes clausulas correspondem exactamente aos ablativos absolutos latinos, formados com participios preteritos.

---

(1) FERNÃO MENDES PINTO, *Peregrinação*, Lisboa, 1829, Tomo II pag. 347.

(2) FERNÃO LOPES, *Historia da India*, Tomo I, cap. 1.º

(3) *Lusiadas*, Canto III, Est. 27.

§ 8.°

Substituição dos tempos dos verbos uns pelos outros

516. Os tempos dos verbos determinam a actualidade, ou os differentes graus de anterioridade ou posterioridade do enunciado da sentença.

517. Para dar mais viveza e colorido á narrativa emprega-se frequentemente o presente do indicativo

1) em logar do aoristo do indicativo, ex.: «*Ao amanhecer de 19 de Fevereiro a esquadra* ACCENDE *as fornalhas,* LEVANTA *ferros,* SOBE *o rio, e, por sob avalanchas de balas, por entre bulcões de fumo, heroica, temeraria,* PASSA *Humaytá e* ANCÓRA *além, atirando aos ares as notas guerreiras do hymno nacional*».
2) em logar do futuro do indicativo, ex.: «*Amanhã* É *domingo—Nós* VAMOS *na semana que vem*».
3) em logar do imperfeito do subjunctivo, ex.: «*Si* SEI, *não lhe tinha dado o dinheiro*».
4) em logar do futuro do subjunctivo, ex.: «*Si* AVANÇAS, *morres*».

518. Por uso popular emprega-se o imperfeito do indicativo em vez do imperfeito do condicional, ex.: «*Eu não as* VIA *si m'as não tivesses mostrado—Vossas excellencias* PODIAM *ficar para jantar hoje comnosco*».

519. Emprega-se em logar do imperativo presente o futuro do indicativo, e tambem o infinito presente, ex.: «*Amarás a Deus sobre todas as cousas—Preparar! Apontar! Descançar armas!*

520. Para maior intimação, ao confirmar uma ordem, ao terminar um discurso, emprega-se o perfeito do indicativo

em logar do aoristo, ex.: «*Tenho decidido—Tenho dito—Tenho concluido*».

521. Por um arrojo de linguagem emprega-se ás vezes o aoristo do indicativo em vez do futuro, ex.:

«—*Onde está o passaro?*
—*Alli, naquelle galho torto. Vê?*
—*Vejo. Vou atirar-lhe, e já* MORREU».

522. Nas sentenças dubitativas emprega-se algumas vezes

1) o futuro do indicativo em vez do presente, ex.: «*Quantos não* ESTARÃO *hoje sem um tecto!*»
2) o futuro anterior do indicativo em vez do perfeito do indicativo, ex.: «*Quantos não* TERÃO *já feito aquillo mesmo que hoje tão acremente reprovam?*

523. As fórmas em *ra* do plusquam perfeito do indicativo, do imperfeito e perfeito do condicional, e do imperfeito e plusquam perfeito do subjunctivo eram muitissimo usadas pelos classicos: hoje as outras fórmas são geralmente preferidas.

524. Nos escriptos do seculo XVI encontra-se um uso curioso que deve ser mencionado apesar de estar hoje banido. O imperfeito do indicativo fazia as vezes do presente, e até alternava-se com elle na mesma sentença, ex.:

«Dar-te-ei, senhor illustre, relação
«De mi, da lei, das armas que *trazia* (trago)».

CAMÕES (1)

«Deste Deus-homem, alto e infinito
«Os livros que tu pedes não *trazia* (trago),
«Que bem posso escusar trazer escripto
«Em papel o que na alma andar *devia* (deve)».

CAMÕES (2)

(1) *Lusiadas*, Cant. I, Est. LXIV.
(2) *Idem*, Idem, Est. LXVI.

«Os dias vivo chorando; as noutes
mal as *dormia* (durmo)».

BERNARDIM RIBEIRO (1)

Este uso singular encontra-se tambem em Hespanhol, e, o que é mais para notar, fóra da rima; ex.:

«Caçador me pareceys en
«los sabuessos que *trayas* (traes) (2)».

«Si hallo el agua clara, turbia
«la *bevia* (bevo) yo (3)».

O que se dava entre o imperfeito do indicativo e o presente dava-se tambem entre o imperfeito do condicional e o futuro, ex.:

«Se armas queres ver, como tens dito,
«Cumprido esse desejo te seria (será)»,

CAMÕES (4).

Ferreira e Faria e Sousa chamaram «vulgaridade, modo vulgar» a este uso. Diez (5) tem-no por «solecismo».

§ 9.º

Correspondencia dos tempos dos verbos entre si

525. A correspondencia dos tempos dos verbos entre si effectua-se da maneira seguinte:

(1) *Egloga* IV.
(2) *Silva de Romances Viejos*, Vienna, 1816, pag. 238.
(3) *Idem*, pag. 310.
(4) *Lusiadas*, Cant. I Est. LXVI.
(5) *Obra citada*, vol. III, pag. 255.

1) Ao presente do indicativo correspondem
a) todos os tempos do indicativo.: ex.:

«Digo { que fazes bem,
que fazias bem,
que tens feito bem,
que fizeste bem,
que tinhas feito bem,
que farás bem,
que terás feito bem».

b) os dous tempos do condicional ex.:

«Digo { que farias bem,
que terias feito bem».

c) o presente, o perfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

«Estimo { que venhas,
que tenhas vindo,
que tivesses vindo».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

«Creio { chegarem elles hoje,
terem elles chegado hontem».

2) Ao imperfeito do indicativo correspondem
a) o imperfeito e o plusquam perfeito do indicativo, ex.:

«Dizia { que fazias bem,
que tinhas feito bem».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

«Eu julgava { que virias,
que terias vindo».

c) o imperfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

«Eu julgava { que viesses,
que tivesses vindo».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

«Eu sabia { terem elles dinheiro,
terem elles tido dinheiro».

Estas duas formulas bem como outras analogas são pouco usadas.

3) Ao perfeito do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex.:

«Tenho dito { que tu és rico,
que tu eras rico,
que tu tens sido rico,
que tu foste rico,
que tu tinhas sido rico,
que tu serás rico,
que tu terás sido rico».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

«Tenho dito { que tu farias bem,
que tu terias feito bem».

c) o presente, o perfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

«Tenho estimado { que tu venhas,
que tu tenhas vindo,
que tu tivesses vindo».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

«Tenho dito { ser elle rico,
ter sido elle rico».

4) Ao aoristo do indicativo correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex.:

«Eu disse { que tu és rico,
que tu eras rico,
que tu tens sido rico,
que tu foste rico,
que tu tinhas sido rico,
que tu serás rico,
que tu terás sido rico».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

«Eu disse { que tu irias,
que tu terias ido».

c) o imperfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

«Julguei { que tu viesses,
que tu tivesses vindo».

d) os dous tempos do infinito, ex.:

«Julguei { estar elle aqui,
ter elle estado aqui».

5) Ao plusquam perfeito do indicativo correspondem
a) o imperfeito e o plusquam perfeito do indicativo, ex.:

«Eu tinha dito { que o amava,
que o tinha amado».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

«Eu tinha dito { que tu virias,
que tu terias vindo».

c) o imperfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

«Eu tinha desejado { que elles viessem,
que elles tivessem vindo».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

«Eu tinha estimado { virem elles armados,
terem elles vindo armados».

6) Ao futuro do indicativo correspondem
a) todos os tempos do indicativo, ex.:

«Direi { que tu vens,
que tu vinhas,
que tu tens vindo,
que tu vieste,
que tu tinhas vindo,
que tu virás,
que tu terás vindo».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

«Direi { que tu irias,
que tu terias ido».

c) o presente, o perfeito, o futuro e o futuro anterior do subjunctivo, ex.:

«Direi { que venhas,
quando tenhas vindo,
quando vieres,
quando tiveres vindo».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

«Estimarei { vires tu,
teres tu vindo».

7) Ao futuro anterior do indicativo correspondem
a) todos os tempos do indicativo, ex.:

«Eu terei dito { que tu vens,
que tu vinhas,
que tu tens vindo,
que tu vieste,
que tu tinhas vindo,
que tu virás,
que tu terás vindo».

b) os dous tempos do condicional, ex.:

«Eu terei dito { que tu virias,
que tu terias vindo».

c) o presente, o perfeito, o futuro e o futuro anterior do subjunctivo, ex.:

«Pouco se terá perdido { quando tu venhas,
quando tu tenhas vindo,
quando tu vieres,
quando tu tiveres vindo».

d) os dous tempos do infinito pessoal, ex.:

«Ter-se-á dito { vires tu armado,
teres tu vindo armado».

8) A' excepção do perfeito e do plusquam perfeito do subjunticvo, ao presente do imperativo correspondem todos os tempos que correspondem ao presente do indicativo, e correspondem mais o futuro e o futuro anterior do subjunctivo, ex.:

«Dize {
que eu venho,
que eu vinha,
que eu tenho vindo,
que eu vim,
que eu tinha vindo,
que eu virei,
que eu terei vindo,
que eu viria,
que eu teria vindo,
quando eu venha,
si eu vier,
si eu tiver vindo,
vir eu,
ter eu vindo».

9) Ao imperfeito e ao perfeito do condicional correspondem

a) todos os tempos do indicativo, ex.:

«Eu diria *ou* teria dito { que vens,
que vinhas».

«Eu diria *ou* teria dito {
que tens vindo
que vieste,
que tinhas vindo,
que virás,
que terás vindo».

b) elles proprios, ex.:

«Eu diria *ou* teria dito { que virias, / que terias vindo».

c) o imperfeito e o plusquam perfeito do subjunctivo, ex.:

«Eu diria *ou* teria dito { que viesses, / que tivesses vindo».

d) os dous tempos do infinito, ex.:

«Eu diria *ou* teria dito { vires tu, / teres tu vindo».

10) A todos os tempos do subjunctivo correspondem todos os tempos do indicativo, do condicional e do infinito, ex.:

«Quando eu diga
«Si eu dissesse
«Quando eu tenha dito
«Quando eu tivesse dito
«Quando eu disser
«Quando eu tiver dito

{ que vais,
que ias,
que tens ido,
que foste,
que tinhas ido,
que irás,
que terás ido,
que irias,
que terias ido,
ires,
teres ido».

11) Os tempos do subjunctivo correspondem-se entre si da maneira seguinte:

a) ao presente corresponde elle proprio, ex.: «*Quando mesmo eu digo que faças*.

b) ao imperfeito e plusquam perfeito correspondem elles proprios, ex.:

«Se eu dissesse } que Pedro fosse,
ou tivesse dito } que Paulo tivesse ido».

12) Nas verdades positivas, provadas, a todos os tempos de todos os modos e fórmas nominaes corresponde o presente do indicativo, ex.:

«Tu dizes
Tu dizias
Tu tens dito
Tu disseste
Tu tinhas dito
Tu dirás
Tu terás dito
Dize
Tu dirias
Tu terias dito
Caso tu digas
Si tu dissesses } que a materia é eterna».
Quando tu tenhas dito
Si tu tivesses dito
Si tu disseres
Si tu tiveres dito
Dizeres tu
Teres tu dito
Dizer
Ter dito
Dizendo tu
Tendo tu dito
Dito

13) Aos dous tempos do infinito pessoal correspondem

todos os tempos dos modos e fórmas nominaes quando elementos de clausulas substantivos que porventura lhes sirvam de objecto.

526. Os participios, quando não empregados como adjunctos attributivos, nem como elementos de formação em tempos compostos e em verbos frequentativos, não entram em relação com os tempos dos quatro modos e do infinito por isso que, como já ficou dito (515), formam clausulas absolutas, independentes.

§ 10

Ser e Estar

527. A differenciação entre *ser* e *estar* é uma das maiores difficuldades que encontram os extrangeiros na aprendizagem da lingua portugueza: preciso é, pois, discriminar bem estes dous verbos.

1) O verbo *ser* serve de auxiliar da voz passiva em todas as phrases que podem passar para a voz activa sem mudança de tempo, ex.: «*O Cabo Tormentorio* FOI DESCOBERTO *por Bartholomeu Dias*»; na voz activa «*Bartholomeu Dias* DESCOBRIU *o Cabo Tormentorio*».
2) O verbo *estar* parece tomar algumas vezes um sentido passivo: neste caso, porém, elle exprime antes um estado do sujeito do que uma acção sobre elle recahida, ex.: «*A ordem* ESTAVA FIRMADA *pelo general*».

Passando-se esta phrase para a voz activa sem mudar o tempo do verbo, prova-se o que acima fica dito, porquanto altera-se-lhe o sentido. Com effeito «*O general* FIRMAVA *a ordem*» não é equiva-

lente exacto da primeira phrase, em que não se dava a entender que «*o general* ESTAVA FIRMANDO *a ordem*» mas que «*já a* TINHA *firmado*».

3) Para ligar ao sujeito uma ideia que lhe é propria, que lhe é inherente, usa-se de *ser*, ex.: «*A materia é indestructivel—A agua do mar é salgada*».
4) Para ligar ao sujeito uma ideia que indica apenas estado, situação, posição, usa-se de *estar*, ex.: «*Estou triste—Estou em Roma—Estou deitado*».

Milita esta regra ainda mesmo quando se seguem outras palavras que apresentam o estado, a situação, a posição do sujeito como cousa habitual, permanente, ex.: «*Pedro tem estado doente toda sua vida—Estas montanhas estão sempre cobertas de neve*».

5) O verbo *ser* póde ligar immediatamente ao sujeito um infinito, ex.: «*Vender com fraude é furtar*».
6) O verbo *estar*, em virtude da sua significação intransitiva, por isso que indica sempre estado, situação, posição, liga immediatamente ao sujeito adjectivos e participios, mas não póde sem auxilio de particula ligar-lhe um infinito. Assim não se póde dizer «*Pedro está dormir*» mas sim dir-se-á «*Pedro está dormindo*» ou «*Pedro está a dormir*».
7) O verbo *ser* exprime

a) a origem, a proveniencia	ex.:	«*Este vinho é de Xerez*».
b) a propriedade	»	«*A casa é de Paulo*».
c) a participação	»	«*Vasco é da armada*».
d) o destino	»	«*Este livro é para José*»
e) a dimensão	»	«*A cidade é pequena*».
f) a côr	»	«*O lenço é azul*».
g) a fórma	»	«*A mesa é redonda*».

h) a materia	»	*«O annel é de ouro».*
i) as qualidades inherentes proprias	»	*«A neve é fria».*
j) as qualidades physiologicas	»	*«Pedro é robusto».* *«Paulo é intelligente».*
k) o attributo expresso por substantivo ou infinito	»	*«Paulo é imperador».* *«Viver sem amar é vegetar».*

8) O verbo *estar* exprime

a) o estado	ex.:	*«Estou feliz».* *«Estou a ver navios».* *«Estou sem fazer nada»*
b) a maneira de estar	»	*«Estou sentado».*
c) a existencia em um logar	»	*«A espingarda está na caixa».*
d) a situação	»	*«A casa está em um alto.*

9) O mesmo predicado póde exprimir uma qualidade propria da natureza do sujeito e tambem póde exprimir apenas um estado, uma situação, uma posição. Como já ficou dito emprega-se no primeiro caso o verbo *ser*, no segundo o verbo *estar*. Facil é, pois, estabelecer a differença que existe entre as seguintes phrases:

Pedro é *alegre* (por indole).	Pedro *está* alegre (actualmente).
O chá é *caro* (é sempre artigo caro).	O chá *está* caro (actualmente).
João foi *feito eleitor* (é possivel que ainda esteja no desempenho do cargo).	João *esteve* feito eleitor (já não exerce mais as funcções do cargo).

10) Casos ha em que parece poder-se empregar egualmente o verbo *ser* e o verbo *estar*, ex.: «*Isso é claro* —*Isso está claro*». A razão é que a phrase póde ser encarada tanto no sentido de um verbo, como no de

outro; ou então porque são quasi imperceptiveis os matizes que nestes casos distinguem *ser* de *estar*. Com effeito, no primeiro exemplo diz-se que a cousa *é clara* por si propria; no segundo que ella *está apresentada com clareza*. Qualquer delles serve perfeitamente para manifestar o pensamento.

11) O verbo *estar*, seguido da preposição *de* e de um substantivo de emprego ou de profissão, indica que o sujeito desempenha os encargos d'esse emprego, dessa profisssão. Assim «*Paulo está de consul em Paris*» significa que Paulo está exercendo em Paris as funcções de consul, o que póde até acontecer sem que elle seja realmente consul.

12) O verbo *estar* seguido da preposição *de* e de um substantivo qualquer, indica um estado actual que póde durar ou não, ex.: «*Pedro está de cama—Antonio está de espingarda—Francisco está de luto—Maria está de filho*».

13) Casos ha todavia de difficil fixação, em que a escolha de *ser* ou de *estar* parece ter sido determinada unicamente pelo uso. Para taes casos o guia unico é a leitura de bons escriptos portuguezes.

14) *Ser* e *estar* podem ser empregados em sentido impessoal, ex.: «*E' que nós não queremos—Ora está que não vamos*».

15) Na linguagem antiga *ser* era frequentemente usado por *estar*, ex.: «*Já sois chegados.* (CAMÕES)». Alguns escriptores modernos seguem ainda este uso, mas sómente em estylo elevado, ex.: «*Eu era mudo e só na rocha de granito.* (GUERRA JUNQUEIRO)».

§ 11.º

Verbos impessoaes

528. O verbo impessoal, verdadeiro verbo defectivo, porque só é usado na terceira pessôa do singular, encerra em si um como sujeito impessoal que se não exprime.

Todavia, uma outra ideia impessoal, uma clausula substantivo, por exemplo, um pronome de sentido neutro, podem, n'este caso, desempenhar tambem as funcções de sujeito.

529. O verbo impessoal ou entra em construcção só, de modo absoluto, ex.: «*Chove—Troveja*»; ou toma um adjuncto adverbial apropriado, ex.: «*Chove a cantaros—Troveja horrorosamente*».

530. São verdadeiramente impessoaes certos verbos que indicam a realisação de phenomenos astronomicos e meteorologicos, taes como *amanhecer, anoitecer, gear, nevar, relampejar, trovejar, ventar, chover*, etc.

Estes verbos são empregados figuradamente quer como transitivos, quer como intransitivos, ex.: *A espada lusitana chove estragos—Chovem bombas sobre a cidade*».

531. Sem que sejam impessoaes por sua natureza muitos verbos são usados impessoalmente. Taes são entre outros, *acontecer, bastar, convir, constar, correr, costumar, cumprir, dar, dever, doer, estar, fazer, haver, importar, occorrer, parecer, pezar, poder, poder ser*, (composto), *querer parecer* (composto), *relevar, ser, soer, succeder*, etc.

A' excepção de *dar, fazer* e *haver*, estes verbos, quando usados impessoalmente, têm quasi sempre por sujeito uma clausula substantivo, ou um dos pronomes *isto, isso, aquillo*, etc., ex.: «*Convem ao general que os soldados observem a disciplina—Deve haver gente lá—Pe-*

za-me ter-te offendido—Estes homens parece estarem doentes—Da India é que nos vieram as tradições—Quer-me parecer que estámos burlados—Ora está que não vamos—Isto convem—Succedeu isso hoje—Aquillo não parece bem».

Emprega-se tambem impessoalmente qualquer verbo na terceira pessôa do plural, ex.: «*Em Paris dar-lhe-ão cabo da pelle—Mataram Presidente*».

532. O verbo *dar* empregado na sentença «*Já deu dez horas*» e em outras identicas, conservando-se transitivo, assume o kharacter de verdadeiro verbo impessoal, e não póde ter sujeito claro.

533. O verbo *fazer* empregado em sentenças como «*Faz annos que estou aqui—Faz mezes que nos vimos*», conservando-se transitivo, assume o kharacter de verdadeiro verbo impessoal, e não póde ter sujeito claro (1).

Em Hespanhol e em Francez ha construcções identicas, ex.: «*Hace diez años—Il fait des éclairs*». Gregorio de Tours escreveu em Latim (2): «*Gravem hyemem facit*». Si é authentica a passagem e si a verdadeira lição não é «*Gravis hyems fuit*», como traz um unico manuscripto, este uso do verbo *facere* é antiquissimo.

534. O verbo *haver* em sentenças como «*Ha homens—Ha fructas—Ha leis*», conservando-se transitivo, assume o kharacter de verdadeiro verbo impessoal, e não póde ter sujeito claro [Vide (163, 4)].

Em Italiano, Hespanhol, Francez e Provençal encontram-se construcções identicas, ex.: «*Ha quindici giorni—Diez años ha— Il a des femmes—Non a tan fin aman cum me*». Ha a notar que em Francez moderno a construcção requer sempre o emprego do adverbio de logar *y*, e que em Italiano, Hespanhol, Provençal e Francez antigo ora apparece ella com um adverbio de logar, ora não.

---

(1) Grivet, *Obra citada*, pag. 158—161.
(2) III, 37.

Em Portuguez antigo empregava-se tambem o adverbio, ex.: «*Não ha hi quem me soccorra* (1)—*Que geração tão dura ha hi de gente?* (2). Hoje não é mais usado tal adverbio.

As palavras requeridas pelo verbo *haver* nesta construcção representam o accusativo latino, e estão, conseguintemente, em relação objectiva. A prova disso são as seguintes passagens em que a flexão indica o caso original

Provençal —«MANS JOCS *y a*» (3).
Francez velho—«AGUAIT *ad* e TRAÏSUN» (4)
Portuguez —«*Mas ahi não* os *houve mais homens* (5)
—*Bom vinho! Si* o *haverá tão maduro* e *tão cerceal em Salamanca*» (6).

E', pois, dislate a doutrina de Argote assim formulada por Vergueiro e Pertence (7): «O verbo *haver* empregado no sentido «de exis-«tir usa-se nas terceiras pessôas do singular ainda que o sujeito seja «da terceira pessôa do plural».

Tambem não passa de subtileza metaphisica, condemnada pelos factos linguisticos, a explicação que desenvolvidamente dá Sotero dos Reis (8): «O verbo unipessoal *haver*, cuja significação é a mesma de «*existir* emprega-se ordinariamente com o sujeito grammatical occulto «—*classe*, *genero*, *especie*, *porção*, *quantidade*, *numero*, *tempo*, *espaço*, «etc.—e um complemento expresso desse sujeito precedido da preposição *de* tambem occulta. Ex.:

«Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
«Alguns traidores houve algumas vezes».
(CAMÕES)

(1) *Chronica do Condestabre*, Lisboa, 1526, cap. 58.

(2) CAMÕES, *Luziadas*, Cant. II, Est. LXXXI.

(3) *Choix des poésies originales de Troubadours*, Paris, 1816, Tomo III, pag, 211.

(4) LE ROUX DE LANCY, *Les Quatre Livres des Rois*, Paris, 1841, pag. 337.

(5) BERNARDIM RIBEIRO, *Obras Citadas*, pag. 19.

(6) GARRETT, *Arco de Sant' Anna*, Tomo I, pag. 78.

(7) *Obra Citada*, pag. 85.

(8) *Postilhas de Grammatica Geral*, 2.ª edição. Maranhão, MDCCCLVIII, pag. 58—59.

«A syntaxe regular neste caso é—Dizei-lhe que tambem numero «de alguns traidores portuguezes, ou de entre os Portuguezes, houve «algumas vezes».

Como a de Sotero pecca ainda por methaphisica e falsa a doutrina de Moraes, exposta pelo sr. Dr. Freire da Silva nos seguintes termos (1): «Muitos grammaticos chamam o verbo *haver* unipessoal, quan- «do empregado, como nas phrases seguintes: «*Ha homens extraordina- «rios—Havia iguarias—Si houver tempo, irei visital-o*». E' elle, ao «contrario, o mesmo verbo *haver* pessoal e transitivo, com a significa- «ção de *ter* ou *possuir*, derivado de *habere* que, em tal caso, é elegan- «temente usado no singular com o sujeito occulto, o qual facilmente se «subentende pelo sentido, como se vê das mesmas phrases que em se- «guida se acham repetidas com os sujeitos claros: «*Ha homens extraor- «dinarios*, isto é, *O mundo* HA ou TEM *homens extraordinarios—Havia «iguarias* isto é, *a mesa* HAVIA ou TINHA *iguarias—Si houver tempo, irei «visital-o*, isto é, *Si eu* HOUVER ou TIVER *tempo, irei visital-o*».

A verdade é que em taes construcções o verbo *haver* conserva-se transitivo, e assume o kharater de verdadeiro verbo impessoal; e que não necessita mais de sujeito claro do que *chove, troveja*, ou outro qualquer.

Os *caipiras*, fieis aos usos arkhaicos da lingua, como sóe sel-o a gente do povo, exprimem-se de modo analogo ao dos Francezes: põem claro um pronome que represente o sujeito neutro e impessoal dos verbos impessoaes. Dizem: «ELLE *chove muito lá*—ELLE *hai ainda algũas fruitas*—ELLE *corre por ahi que o rei vem vindo* (2)».

Substituem tambem *ter* a *haver*, e dizem : «TEM *muita gente na egreja—Agora* TEM *muito peixe no tanque*». Este uso vai-se tornando geral no Brazil, até mesmo entre as pessôas illustradas.

Empregam ainda *haver* como synonymo de existir, dizendo: «*No tempo da revolução eu ainda não* HAVIA— *Quando eu me casei, elle já* HAVIA». Só no imperfeito do indicativo é que usam deste verbo com esta accepção.

---

(1) *Compendio de Grammatica Portugueza*, S. Paulo; 1879. pag. 150.

(2) Parece ser tambem este o uso corrente em Portugal. Garrett o põe na bocca da gente do povo que faz entrar em suas composições: «*Tambem vós, Gertrudinhas!* ELLE *era o que faltava (Arco de Sanct'Anna*, Tomo I, pag. 120)». E só assim se explica a existencia de tal uso no fallar da gente rude brazileira: é um legado dos colonisadores.

535. O verbo *parecer* emprega-se impessoalmente em sentenças taes como «*Estes homens* PARECE *estarem doentes*». Todavia tambem se póde dizer «*Estes homens* PARECEM *estar doentes*».

536. O verbo *poder*, além da sua significação propria, tem tambem a de *ser possivel* (1): neste caso assume o kharacter de impessoal, ex.: «PÓDE *haver muitas mortes*, isto é, E' POSSIVEL *haver muitas mortes*».

Os *caipiras* accentuam muito esta significação, dizendo: «PÓDE *que chova*—PÓDE *que elles venham*».

537. *Ser*, ao assumir kharacter de verbo impessoal, deixa de ser mero verbo de copula entre o sujeito e o predicado; toma a significação absoluta de existencia que tambem tem *esse* em Latim, ex.: «*Da India* É *que nos vieram as tradições*—É, EXISTE, TEM REALIDADE».

538. O verbo *estar*, ao assumir kharacter de verbo impessoal, comporta-se exactamente como *ser*, com a differença apenas de que inclue em sua significação um matiz da ideia de elevação, de posição erecta que tem o Latim *stare*; o Grego στάω, ἵστημι a raiz sanskrita STHA; o Inglez *stand*; ex.: «*Ahi está o que eu previa*, isto é *ahi existe erecto o facto que eu previa*».

§ 12

Concordancia do verbo com o sujeito

539. O verbo concorda com o sujeito em numero e pessôa, ex.: «*Eu sou estimado—Nós temos dinheiro— Elle é pobre—Ellas são ricas*».

---

(1) ROQUETTE, *Diccionario Portuguez-Francez*, Pariz, 1855. Art., *Poder*, v. n.

Com os verbos que significam *sufficiencia, abastança carencia, falta* viola-se ás vezes esta regra, ex.: FALTA MUITOS DIAS *para os exames—José das Dornas é tambem uma bella personificação do nosso lavrador;* BASTA OS DITOS *que elle atira aos filhos e aos creados na occasião da esfolhada para inculcar a verdade d'aquella indole* (1).»

540. O verbo na voz passiva tambem concorda em genero com o sujeito.

541. Uma sentença, um membro ou uma clausula de sentença, uma phrase qualquer que sirva de sujeito, exige o verbo no singular, ex.: «*E' verdade* QUE SOMOS RICOS— PODER E NÃO QUERER *é preferivel a querer e não poder*».

542. Quando uma sentença tiver dous sujeitos, um da primeira pessôa e outro da segunda ou da terceira, irá o verbo para a primeira do plural, ex.: «*Eu e tu ficaremos aqui* (*eu e tu* isto é, *nós*).

543. Quando uma sentença tiver dous sujeitos, um da segunda pessôa do singular e outro da terceira, irá o verbo para a segunda do plural, ex.: «*Tu e ella passais bem* (*tu e ella,* isto é, *vós*).

544. Quando na sentença concorrem dous ou mais sujeitos, todos da terceira pessôa do singular, irá o verbo, ou para a terceira do plural a concordar com todos, ou para a terceira do singular a concordar com cada um de per si, ex.: «*A justiça e a providencia de Deus onde estão?*» ou «*Onde está a justiça e a providencia de Deus?*»

545. Quando o sujeito fôr um collectivo geral seguido da preposição *de* e de um substantivo no plural, o verbo irá para o singular, concordando com o collectivo e não com o substantivo do plural, ex.: «*O exercito dos alliados ficou inteiramente derrrotado*».

546. Quando o sujeito é um collectivo geral só ou

(1) JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA, *Critica* ás «Pupillas do snr. Reitor», *Gazeta Litteraria*, Porto, 1868, pag. 92.

seguido da preposição *de* e de um substantivo no singular, o adjectivo e o verbo ficarão no singular, concordando com o collectivo, ou irão para o plural, concordando com um substantivo que represente todos os individuos comprehendidos na collecção, ex.: «*Ditosa gente que não é maltratada* ou *que não são maltratados de ciumes*».

547. Quando o sujeito é um collectivo partitivo seguido da preposição *de* e de um substantivo no plural claro ou occulto, o adjectivo e o verbo devem empregar-se no plural, ex.: «*A maior parte dos homens são analphabetos*».

Mais depois de *um* leva o verbo ao singular ou ao plural, ex.: MAIS DE UM *é rico* ou *são ricos.*

Mais depois de qualquer numeral plural leva sempre o verbo ao plural, ex.: «MAIS DE DOUS *são ricos*—MAIS DE MIL *estão em armas*».

548. Quando dous ou mais sujeitos estão separados pelas conjuncções *e, nem, ou*, póde-se empregar o verbo no singular concordando com cada um, ou no plural concordando com todos, ex.: «*Ao adejar a victoria sobre um dos campos,* TERÁ DESCIDO *sobre o outro* O SILENCIO E O REPOUSO *do aniquilamento* ou TERÃO DESCIDO, etc.—NEM A PESCA NEM A CAÇA *O* DIVERTE OU *O* DIVERTEM—OU A CAÇA OU A PESCA *O* DIVERTE OU *O* DIVERTEM».

549. Dando-se, porém, a alternativa, isto é, não podendo o facto expresso pelo verbo caber sinão a um só, irá o verbo para o singular, ex.: «*Ou o pae ou o filho será eleito presidente*».

550. Representando as palavras componentes do sujeito differentes pessôas, o verbo irá para o plural, e concordará em pessôa com a que tiver prioridade, ex.: «*Desta vez ou eu ou tu seremos presidente da camara*».

551. Quando na sentença ha dous ou mais sujeitos, e o primeiro está ligado aos outros pela preposição *com*, póde empregar-se o verbo no singular ou no plural, ex.: «*O gene-*

ral com todos os seus soldados padecia ou *padeciam grande fome*». Mas si o verbo precede o primeiro sujeito do singular, deve empregar-se no singular, ex.: «*Padecia o general com todos os seus grande fome*».

552. Quando o sujeito é *um e outro* ou *nem um nem outro*, póde empregar-se o verbo no singular ou no plural, ex.: «*Um e outro é meu irmão*, ou *um e outro são meus irmãos. Nem um nem outro é meu irmão*, ou *nem um nem outro são meus irmãos*».

553. *Tudo e nada*, postos depois de muitos sujeitos continuados, levam commumente o verbo ao singular, ex.: «*O ouro, as perolas e os diamantes, tudo é terra—Jogos e espectaculos, nada o tirava do seu retiro*».

554. *Isso e tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, levam o verbo ao plural, ex.: «*Tudo* SÃO *sonhos de Scipião, enredos de Palmeirim, gigantes de palha—Isso* SÃO *boatos sem fundamento*».

555. O pronome conjunctivo *que*, quando tem por antecedente um pronome pessoal, é sempre da mesma pessôa desse pronome, ex.: «*Sou eu que tenho—E's tu que tens—E' elle que tem—Somos nós que temos*, etc.». Mas quando, em vez de *que*, se empregar *quem*, como esta palavra equivale n'este caso a *homem que, mulher que, homens que, mulheres que*, deve-se empregar o verbo na terceira pessôa, ex.: «*Sou eu quem tem—E's tu quem tem—Somos nós quem têm*, etc.».

Assim, póde-se indifferentemente dizer: «*Fui eu que comprei* ou *quem comprou este livro*»; ou com inversão: «*Quem comprou este livro fui eu*».

556. Quando o predicado do verbo *ser* é um substantivo acompanhado de *que*, o verbo seguinte póde concordar em pessôa com o sujeito desse verbo *ser*, ou com o predicado, devendo-se comtudo preferir a concordancia com o sujeito, ex.:

«*Eu sou um homem que ainda não vendi*, ou, *que ainda não vendeu a consciencia—Eû sou uma dona que venho* ou *que vem aqui*».

Ha exemplos frequentes de ir sempre *ser* para a terceira pessoa do singular, dando-se a concordancia com o outro verbo: «*Eu* É *que fallo—Tu* É *que fallas—Nós* É *que fallamos—Vós* É *que fallais — Elles* É *que fallam*».

VI

NEGAÇÕES

557. São palavras negativas *não, nem, nada, nenhum, ninguem, nunca*; e tambem conforme a phrase *algum, jamais*.

558. *Não* é a palavra de negação perfeita ex.: «NÃO *posso*—NÃO *dou*—NÃO».

Em algumas provincias do Brazil, como Bahia, Minas, *não* duplica-se, ex.: «NÃO *posso*, NÃO. NÃO *dou*, NÃO».

Nas sentenças exclamativas *não* emprega-se como particula intensiva para reforçar a expressão, ex.: «*Quantos a estas horas* NÃO *estão mortos!—*

> *Que poeta que* NÃO *era*
> *Da linda Ignez o cantor!*»

559. *Nem* por vezes tem sentido affirmativo, equivalendo a *e* ex.: «*Por ventura a necessidade será lá tamanha*, NEM *a esmola tão bem empregada?* Phrases ha em que *nem* equivale a *nem mesmo*, ex.: «*O pão nem de graça me serve*».

Nem que significa por vezes *como si*, ex.: «*Gasta* NEM QUE *fôra rico*.

Nem que equivale tambem a *ainda mesmo que, quando mesmo*, ex.: «*Nem que elle me peça de joelhos*».

Que nem equivale a *como*, ex.: «*Bebe* QUE NEM *uma esponja*».

Nem, emprega-se

1) apoiando-se em uma clausula em que já exista *não*, ex.: «NÃO *como*, NEM *quero ver comer*».
2) reforçada pela repetição, ex.: «NEM *tenho*, NEM *quero* TER TAL *cousa em casa*».
3) só; mas isto raras vezes e com sentido dubitativo, ex.: «*Deixei-o*, NEM *sei si morto*».
4) reforçada por *não* na mesma clausula, mas só em estylo familiar, ex.: NÃO *tenho* NEM *um vintem que possa dar a este homem*».
5) reforçada por *sem*, ex.:

«*E vão a seu prazer fazer aguadas*
«SEM *achar resistencia, nem defeza.*»

CAMÕES (1)

560. *Nada, nenhum, ninguem, nunca* empregam-se

1) sós na clausula si precedem o verbo, ex.: NADA *tenho*—NENHUM *veio*—NINGUEM *vemos*—NUNCA *estudamos*».
2) reforçados por *não*, si estão depois do verbo, ex.: «NÃO *tenho* NADA—NÃO *veio* NENHUM—NÃO *vemos* NINGUEM—NÃO *estudamos* NUNCA».
3) reforçados por *nem* em estylo familiar, ex.: «NÃO *vi festas* NEM *nada*—NEM NENHUM *tenho*—NEM NINGUEM *veio*—NEM NUNCA *estudamos*».

E' este o uso actual da lingua: os classicos reforçavam com a negativa *não* a *nada, nenhum, ninguem, nunca*, estivessem muito embora antes do verbo, ex.: «*Para que* NINGUEM NÃO *saiba*». Empregavam ás

(1) *Lusiadas*, Cant. I, Est. XCIII.

vezes como reforço, sinão como pleonasmo, uma triplice negação, ex.: «*Eu* NÃO VOU NUNCA *á casa de* NINGUEM (1)». Os *caipiras* dizem NÃO *deixa de* NÃO *fazer mal*—NÃO *deixa de* NÃO *atrapalhar*» em vez de «*Não deixa de fazer mal—Não deixa de atrapalhar*». O preceito de grammatica latina—*duas negativas equivalem a uma affirmativa*—preceito aliás falso em muitas construcções latinas, não passou para as linguas romanicas.

561. *Jamais* emprega-se em logar de *nunca*, ex.: «*Eu* JAMAIS *poderei ser rico*». E' tambem reforçado pela negativa principal *não* no mesmo caso em que o é *nunca*, ex.: «NÃO *descançou* JAMAIS». Encontram-se exemplos classicos de *nunca jamais*, ex.: «*Os maiores apparatos de guerra que* NUNCA JAMAIS *se viram* (2)».

562. *Algum* emprega-se ás vezes no fim da phrase em logar de *nenhum*, ex.: «*Eu por maneira* ALGUMA *consentirei*».

Todavia ha exemplos de *algum* posposto com o seu sentido proprio de affirmação ex.:

«*D'esta gente refresco algum tomamos*»

Camões (3)

«*Ethiopes são todos, mas parece*
Que com gente melhor communicavam;
Palavra ALGUMA *arabia se conhece*
Entre a linguagem sua que fallavam (4).»

563. Em estylo faceto empregam-se como intensivas da negação as palavras *boia, cuminho, fava, figo, gota, mique, nada, pataca, patavina, pitada, rasto, sombra, chique,*

(1) Diez, *Obra citada*, vol III, pag. 390
(2) Moraes, *Diccionario*, edição citada, Art. Jamais.
(3) Camões, Cant. V, Est. LXIX.
(4) *Idem*, Cant. V, Est. LXXVI.

etc., ex.: «*Não entende patavina—Não sabe pitada—Não vi rasto—Não ha nem sombra—Nem chique, nem mique, nem nada* (1)».

O uso de palavras intensiveis para negar com vehemencia era muito frequente no Latim: *circum, granum, micam, passum, punctum, unguem* e muitas outras eram a cada passo empregadas pelos melhores escriptores como reforço da negação. *Passum* e *punctum* introduziram-se no Francez e, sob as fórmas *pas* e *point*, fazem hoje parte do fundo da lingua, ex.: «*Je ne veux* PAS—*Je ne vais* POINT». Em Gil Vicente lê-se

«*Triste pranto até Belem*
«*Nem* PASSO *não se esquecia* (2)».

Mica, miga encontram-se no Italiano, ex.: «*Ni mica trovo il mio ardente disio—Se sa miga*». Gil Vicente usou em Portuguez do derivado *migalha*: «*Não me presta ne migalha* (3)». A antiga palavra *rem* foi tambem muito usada como intensiva, ex.: «*Não valeu rem* (4)». As palavras latinas *nil, nihil, nihilum*, e as innumeras que d'ellas se derivam, devem o ser ao uso das intensivas: com effeito, *nil, nihil, nihilum* equivalem a *ne hilum* (5)».

VII

PREPOSIÇÃO

§ 1.°

A

564. A preposição *a* (do Latim *ad* que exprime essencialmente o movimento para um ponto determinado) indica

(1) GIL VICENTE, *Obras*, edição citada, vol. I, pag. 127.
(2) *Ibidem*, vol. III, pag. 350.
(3) *Ibidem*, vol. II, pag. 501.
(4) *Nobiliario do Conde D. Pedro*, Roma, pag. 288.
(5) «*Hilum*» significa «*o olho preto da fava*».

1) a direcção, ex.: «*Estar a oeste—Jazer a leste—Ir a Lisbôa—Vir a Madrid*».

2) a contiguidade, ex.: «*Estar á janella—Estar á porta —Estar á beira do rio*».

3) a exposição ex.: «*Viver ao sol—Estar á chuva*».

4) o tempo em que, ex.: «*A 4 de Janeiro—A oito dias precisos—A' 1 hora, ás 5*».

5) a tendencia, ex.: «*Incitar á ira—Guiar á loucura*».

6) a hora, ex.: *A's tres horas—A' uma hora e cinco minutos*».

7) o modo, ex.: «*Vender a retalhos—Comprar a pedaços—Andar á moda—Vestir á Luiz XV—Matar a sopapos—Ferir a lançadas—Beber a sorvos—Chorar a potes*».

8) a distancia, ex.: «*A tres leguas —A doze milhas — A dezoito khilometros—A trinta passos—A cincoenta braças*».

9) o instrumento, ex.: «*Bater-se á espada — Matar á pistola—Carregar á bala—Passaro morto a chumbo —Pintar a pincel*».

10) a materia, ex.: «*Bordar a ouro—Pintar a oleo*».

11) o fim, ex.: *Antonio vai a capitão—Pedro a bispo*».

12) a realisação em futuro muito proximo, ex.: «*Antonio está a chegar—A vaca está a parir*».

13) o preço distributivo, ex.: «*Vendo carneiros a dez mil reis—Compro vacas a quinze moedas— Dou os figos a vintem*».

14) a taxa de juros, ex.: «*Dinheiro a dez por cento—Tomei um conto de reis a cinco por cento*».

565. A preposição *a* serve (Vide 486) para pôr em relação adverbial o objecto de um verbo afim de evitar ambiguidade, ex.: «*Milão matou a Clodio*».

566. Unida aos artigos *o, os,* a preposição *a* encorpora-se e fórma com elles uma palavra só—*ao, aos.*

567. Unida a *a, as, aquelles*, etc., *aquillo* a preposição *a* desapparece, e um accento agudo indica essa desappasição, ex.: *á—ás—áquelle*, etc.—*áquillo*».

568. A preposição *a* liga-se por vezes ao nome que rege, de modo que fórma com elle um todo susceptivel de ser regido por outra preposição, ex.: «*Vou de a pé— Andamos de a cavallo*».

Estas locuções usadissimas entre nós pelos *caipiras* constituem um romanicismo extreme, que tambem se encontra no Hespanhol, ex.: «*Mozos de hasta veinte años—Rimas de a seis versos*». A construcção franceza do chamado artigo partitivo *du, de la, des* outra cousa não é sinão o mesmo romanicismo, ex.: *Avec du sucre—Sans de la farine*».

§ 2.º

Ante

569. A preposição *ante* (do Latim *ante*), bem como a sua composta *perante*, indica confronto, comparecimento, ex.: «*Ante mim estás tu—Perante o principe*».

§ 3.º

Após, pós

570. As preposições *após, pós*, (do Latim *post*) indicam posposição, seguimento, ex.: «*Após o exercito — Pós elles*». *Pós* é hoje pouco usada.

§ 4.º

Até, té

571. As preposições *até, té*, (do Latim *hactenus*) indicam o termo local ou temporal preciso, exacto, ex.: «*Até Paris— Até aqui— Até hoje— Até hontem á noite*». *Té* é pouco usada em prosa.

§ 5.º

Com

572. A preposição *com* (do Latim *cum*) indica

1) a companhia, ex.: «*Estou com Pedro—Antonio está com o rei*».
2) a permanencia sob o dominio ou em poder de alguem, ex.: «*Esse moço está comigo— Meu dinheiro está com João*».
3) a adjunção, a mixtura, ex.: «*Topar com alguem— Cal com areia*».
4) o termo de acção, ex.: «*Usa caridade com os inimigos—Sê brando comigo*».
5) a comparação, ex.: «*Antonio parece com Pedro*».
6) o modo, ex.: «*Andar com pressa—responder com altivez*».
7) o meio, ex.: «*Elle ganha dinheiro com seus romances*».
8) o motivo, ex.: «*Gritar com dores*».
9) o instrumento, ex.: «*Matar com faca—Ferir com espada*».
10) o preço, ex.: «*Comprar com vinte mil reis*»,
11) a opposição, ex.: «*Arcar com os males— Atrever-se com os elementos*».

573. A preposição *com* precedida de *para* significa *em relação*, ex.: «*Para com ella minha alma é de cera — Elle se tem portado bem para comigo*».

§ 6.º

Contra

574. A preposição *contra* (do Latim *contra*) indica

1) opposição, ex.: «*Pelejar contra os mouros*».

2) posição fronteira, ex.: «*Dista cinco leguas de Diu contra a ilha de Bet*».

§ 7.º

De

575. A preposição *de* (Latim *de*, que primitivamente exprimia a descida e depois o afastamento em geral) indica

1) o logar donde, ex.: «*Venho de Roma—Parto de Stockolmo*».
2) a extracção, a origem, ex.: «*Sou de Ravenna—Somos de Obidos*».
3) a possessão, ex.: «*Casa de Pedro—Servo de Paulo*».
4) a limitação, a restricção, ex.: «*O reino de Napoles—A cidade de Coimbra*».
5) a posição, ex.: «*Estou de frente—Estou de costas*».
6) o estado, ex.: «*Antonio está de sitio—Francisca está de parto*».
7) a separação, ex.: «*Tirar os filhos da mãe*».
8) mudança, ex.: «*Trocar de facto*».
9) o ponto de partida em relação a logar e a tempo, ex.: «*De Vianna para cá—De hoje em diante*».
10) o tempo em que, relativamente aos phenomenos astronomicos, ex.: «*De madrugada—De manhã—De dia—De tarde—De noute—De verão—De inverno*».
10) a participação, ex.: «*Comer deste pão—Beber deste vinho—Ser dos nossos*».
11) a materia, ou constituinte, ou componente, ou conteuda, ex.: «*Livro de ouro—Bolo de milho—Cacho de uvas—Feixe de cannas—Calix de licor—Copo de vinho*».
12) o assumpto, ex.: «*Fallar de guerra—Murmurar do rei*».

13) a mudança de estado, ex.: «*De leão está feito ovelha—Liberto de servo que era*».

14) o agente do verbo passivo, ex.: «*Lavores gastos do tempo—Bemdito de Deus—O mar que só dos feios phocas se navega*».

15) o motivo ex.: «*Morrer de medo—Chorar de alegria—Escumar de bravo*».

16) a falta, a isenção, o provimento, ex.: «*Privado de bens—Baldo de recursos;—Abrigado de chuvas—Livre de dividas—Cheio de filhos—Rico de terrenos*».

17) meio, ex.: «*Cercar de muros—Nutrir-se de fructas*».

De encontra-se aqui com a instrumental *cum*, si bem que a primeira particula propriamente só accrescente um complemento a certas idéias verbaes, ao passo que a segunda accrescenta uma circumstancia especial ás idéias mais diversas, porquanto a concepção não é a mesma quando se diz, por exemplo «*Sustentar-se de peixe*» e «*Sustentar alguem com dous peixes*». No estado mais antigo da lingua popular romanica *de* tinha uma força instrumental illimitada, de sorte que, sob este ponto de vista, substituia absolutamente o ablativo, e designava por isso o instrumento até que *cum* lhe disputasse essa accepção. Pelo menos em Latim baixo *de* é muitas vezes empregado com esse valor. Eis uma lista de empregos diversos desta *de* instrumental: «*Emi de mea pecunia* (Brequigny et Theil, *Diplomata, chartæ, epistolæ et alia monumenta ad res franciscas spectantia*, Paris, 1791, 2.ª ann. 475)—*De anulo nostro subtersigillare, (Ibidem*, 27.ª ann. 528)—*De radicibus alebatur* (Gregorio de Tours, 6, 8) —*Vittam de auro exornatam* (Brequigny, *Op. cit.*, 86.b, ann. 590)—*De manus suas excorticatas (Vetera analecta, formulæ Mabillionii*, Paris, 1723, 24)— *De linguas eorum dixerunt (Formulæ vetères Marculphi Monachi aliorum que auctorum*, Paris, 1765, app. 33)—*Alveus de cadaveribus repletus (Gesta Regum Francorum*, Paris, 1739, Tome II du Recueil des Historiens de la Gaule et de la France, 37).—*De ramis celare (Lex salica*, Tit. LXVIII)— *De nostris opibus subvenire* (Tiraboschi, *Storia della badia di Nonantolo*, Modena, 1785, 7.b, ann, 753)—*De ignibus concremaverunt (España Sagrada*, Madrid, 1747, XIX, 384, ann. 995)». O sentido opposto

de despojar exige tambem *de*: em Italiano, por exemplo, «*Spogliare, privare, diffraudare, sgombrare, scaricare, sfornire d'una cosa*». Em Latim baixo «*De pecoribus denudare* (GREGORIO DE TOURS, 4, 45)—*Evacuare de hominibus* (*Ibidem*, 6, 31) (1)».

18) a determinação, ex.: «*Estar bem de saude—Prompto de mãos—Formoso de rosto—Ruivo de cabellos*».
19) o modo, ex.: «*Estar de luto—Pôr-se de joelhos—Vir de carro*».
20) a intermediação entre o verbo e o adjectivo que representa a natureza ou a propriedade physica ou moral de uma pessôa, ex.: «*Acoimar de feio—Chamar de coxo—Fazer de ignorante—Tractar de pobre*».
21) a medida, ex.: «*Fosso de cinco palmos — Fita de trinta pés*».
22) a quantidade, ex.: «*Corpo de vinte soldados— Esquadra de trinta vasos*».

Explectivamente, para dar força á expressão emprega-se a preposição *de* entre o adjectivo descriptivo e o substantivo ou pronome, ex.: «*O bom do homem—Pobre de mim*».

§ 8.º

Desde, des

576. As preposições *desde* e *des* (sem origem immediata latina) indicam precisamente o ponto de partida, quer local, quer temporal, ex.: «*Desde Sevilha— Desde hontem á noute até hoje pelas cinco horas*».

(1) DIEZ *Obra citada*, vol. III, pag. 152.

§ 9.º

Em

577. A preposição *em* (Latim *in*) indica

1) o logar onde, ex.: «*Estou em Roma—Móro em Milão*».
2) o tempo em que, ex.: «*Em 1814—No terceiro dia*».
   Frequentemente occulta-se esta preposição quando ella indica tempo, ex.: «*Vim Domingo—Dou um baile esta semana*».
3) divisão, ex.: «*Cortado em quatro—Livro dividido em capitulos*».
4) o modo, ex.: «*Braços em cruz—Gente em circulo—Andar em guerra—Viver em paz*».
5) o assumpto, ex.: «*Pensar em amores—Fallar em combates—Crer em Deus*».
6) o fim, ex.: «*Declaro-o em abono da verdade— Digo-o em honra da patria*».
7) a avaliação, a estimativa, ex.: «*Tenho-o em grande conta—Avalio-o em cinco contos de reis*».
8) a transição de um estado para outro, ex.: «*Traduzir em Francez—Converter em peixes—Fazer em pedaços*».

578. A preposição *em* ao combinar-se com *o, a; este, isto; esse, isso; aquelle, aquillo*, etc., deixa cahir o *e*, muda o *m* em *n*; o que dá «*no, na; neste, nisto; naquelle, naquillo*: etc. (Vide 56)».

§ 10

Entre

579. A preposição *entre* (do Latim *inter*) indica.

1) posição intermediaria, ex.: «*Entre Pedro e Paulo—*

Entre quatro paredes—Entre vermelho e azul—Entre triste e alegre».
2) a reciprocidade, ex.: «*Artes e sciencias tem muita connexão entre si*».

§ 11

Para

580. A preposição *para* (do baixo Latim *per ad*) indica

1) a direcção, ex.: «*Virado para o nascente—Voltados para a esquerda*».
2) o logar para onde, ex.: «*Vou para Milão—Irei para Macau*».

O emprego da preposição *para*, quando se quer exprimir logar para onde, indica a intenção de demorar no logar; quando se pretende passar pouco tempo no logar usa-se de *a*; ex.: «*Vou hoje* A *Londres, onde tenho negocios, e depois de amanhã partirei* PARA *Calcuttá onde resido.*

3) o fim, ex.: «*Livros para estudo — Ferros para o trabalho*».
4) a futuridade, ex.: «*Para o anno—Para o mez que vem*».
5) a realisação em futuro proximo, ex.: «*Pedro está para chegar—Antonio está para fechar o negocio*».
6) a proporção, ex.: «*3 está para 6, assim como 7 está para 14*».
7) a attribuição, ex.: «*Zelo para as cousas da religião*».
8) a approximação de quantidades, ex.: «*De duas para tres leguas*».

581. Relativamente á locução «*para com*» veja-se o que fica dito acima (573).

§ 12

Por

582. A preposição *por* tem duas séries de accepções diversas por isso que é dupla a sua origem etymologica. *Por*, com effeito, vem de *per* e vem de *pro*.

Até o seculo XVI a fórma inalterada *per* era a representante em Portuguez da preposição latina *per*, como *por* o era de *pro*: dizia-se «*Per montes e valles*» e «*Pola ley e pola grey*».

Mais tarde, confundidas as significações, *per* e *por* tornaram-se indistinctas, e uma d'ellas teve de desapparecer: foi *per*. *Por* supplantou-a, e é hoje a unica. Todavia *per* teve tambem as suas victorias: as fórmas compostas *pelo, pela*, etc., venceram e eliminaram as fórmas rivaes *polo, pola*, etc. *Per* vive ainda em muitas palavras compostas, e na locução «*de per si*» conserva-se em toda a pureza primitiva.

A confusão de *per* e *pro* data já da baixa latinidade: muitas vezes figuram ambas na mesma sentença. Na *España Sagrada*, por exemplo, lê-se: «PER *omnes montes ac* PRO *illis locis* (1)

583. A preposição *por*, derivada de *per*, indica

1) logar por onde, ex.: «*Por mar e por terra—Elle anda por lá*».
2) a parte por onde se pega habitual ou accidentalmente qualquer objecto, ex.: «*Pegar pelo cabo— Segurar pela perna*».
3) individuação e distribuição, ex.: «*Um por um — Grão por grão— Milhares por dia— Seis contos de reis por anno*».
4) a duração, ex.: «*Por duas horas—Por tres annos*».
5) a divisão, ex.: «*Repartir por pobres*».
6) o modo, ex.: «*Contar por partes*».
7) o meio, ex.: «*Elevar-se pela intriga— Vencer por armas*».

(1) XXVI, 443, ann. 804.

8) o motivo, ex.: «*Faltar por enfermo — Occultar-se por vergonha*».

9) o agente do verbo passivo, ex.: «*Assassinados por Indios—Cultivados por nós*».

10) o juramento, a attestação, ex.: «*Juro por Deus — Affirmo por minha honra*».

584. A preposição *por* derivada de *pro* indica

1) a substituição, ex.: «*Dar homem por si — Pedro compareceu por Paulo*».

2) o preço, ex.: «*Vendi o livro por cinco mil reis — Comprei a casa por seis contos de reis*».

3) a opinião, a qualidade em que se tem, em que se recebe pessôa ou cousa, ex.: «*Tenho-o por sabio — Tomei-o por transfuga—Recebi-a por mulher—Adoptei-o por filho*».

4) a parcialidade, o favor, ex.: «*Estou pelo rei— Somos pela republica—Combatemos por Paulo*».

5) o não acabamento, ex.: «*A casa está por concluir —O muro está por emboçar*».

§ 13

Sem

585. A preposição *sem* (do Latim *sine*) indica privação, falta, ex.: «*Estou sem dinheiro—Pedro está sem mulher*».

§ 14

Sob

586. A preposição *sob* (do Latim *sub*) indica a situação inferior, ex.: «*Sob a cama—Sob os olhos*».

Desta significação decorrem todas as outras que tem *sob*, taes como a de disfarce, a de tempo de governo, ex.: «*Sob apparencia de paz —Sob Napoleão I*».

§ 15

Sobre

587. A preposição *sobre* (do Latim *super*) indica

1) a situação superior, ex.: «*Está sobre a montanha —paira a nuvem sobre nós*».
2) a aproximação, ex.: «*Sobre a manhã—Sobre a noute—Sobre o branco*».
3) o excesso, ex.: «*Sobre cem mortos duzentos feridos—Sobre quéda couce*».
4) o assumpto, ex.: «*Fallar sobre physica— Escrever sobre biologia*».

§ 16

Trás

588. A preposição *trás* (do Latim *tras*) indica a posposição, ex.: «*Traz-os-montes—Trás mim*».

E' pouco usada. Substitue-a a locução *atrás de»* ex:. «*Atrás de mim—Atraz da casa*».

§ 17.°

Preposições concurrentes

589. Muitas vezes, para exprimir a natureza complexa de duas relações que se dão conjunctamente, unem-se duas preposições, ex.: «*De sob—De sobre— Por entre— Por sobre*, etc.»

VIII

CONJUNCÇÃO

590. Quando por meio de *e* liga-se uma phrase começada por *que* (pronome ou conjuncção) a outra que deva começar pelo mesmo *que*, é facultativo exprimil-o ou calal-o na segunda phrase, ex.: «*Eis o homem que atacou e que venceu os Palmares* ou *que atacou e venceu—Creio que elle é rico e que quer comprar esta casa* ou *que elle é rico e quer comprar esta casa*».

591. E' quasi de obrigação exprimir-se a conjuncção *que* no segundo membro quando se passa do sentido affirmativo para o negativo e vice-versa, ex.: «*Creio que elle é rico, e que não quer comprar esta casa*».

592. Depois de *e* e de outras conjuncções coordenativas póde-se exprimir ou calar certas palavras de fórma ou de determinação precisa, ex.: «*Da Italia e da França* ou *Da Italia e França—Para a corôa e para o sceptro* ou *Para a corôa e sceptro*.

A grammatica franceza, cujas leis a este respeito são ferrenhas, não nos póde servir aqui de modelo; o Italiano e o Provençal movem-se um pouco mais á vontade; só o Hespanhol gosa n'este terreno da mesma liberdade que tem o Portuguez. A ommissão ou a repetição do artigo depois de conjuncções subordina-se a regras especiaes ja consignadas no logar competente.

IX

ADVERVIO

593. O advervio colloca-se juncto da palavra por elle modificada, ex.: «*Homem* MUITO ILLUSTRADO—*Pedro* ESCREVE RAPIDO—*Cesar escreveu* MUITO CONCISAMENTE».

Por vezes o adjectivo concordado com o sujeito tem força de adverbio, ex.: «*Ella soffre calada—Os Turcos atacaram resolutos*».

594. Quando se agrupam varios adverbios terminados em *mente* só o ultimo assume esta desinencia, guardando os outros a fórma feminina singular dos adjectivos de que nascem, ex.: *Luctaram os Paraguayos calorosa, desatinada, loucamente*».

Esta regra, que hoje só existe no Portuguez, existiu nos velhos dialectos francezes d'*oc* e d'*oil:* nesses dialectos a terminação *ment* se collocava, ou só depois do primeiro, ou só depois do ultimo adverbio.

Os actuaes escriptores portuguezes e brazileiros já nem sempre respeitam a regra: usam por vezes de todos os adverbios completos, ex.: «*Batem rijamente, brutamente, de encontro á verdade*».

E isso fazem para dar emphase á expressão.

595. *Cá* emprega-se como intensivo da primeira pessoa, e *lá* como intensivo das outras, ex.: «*Eu cá julgo que elle não vem—Nós cá queremos; — Tu lá sabes — Vós lá podeis—Elle lá tem—Elles lá são ricos*».

596. *Lá* emprega-se como dubitativo em referencia a todas as pessoas, ex.: «*Eu lá sei — Nós lá queremos isso*».

Este modo de expressão é acompanhado de uma intonação particular.

597. A locução adverbial *no mais* equivale a *não mais*; como se encontra duas vezes em Camões (1); o colendo mestre, sr. Adolpho Coelho, tem-na por peculiaridade camoniana que não se faz mister attribuir á influencia da lingua hespanhola.

(1) *Lusiadas*, Cant. III. Est. LXVII, e Cant. X. Est. CXLV.

Em Sorocaba, cidade da provincia de S. Paulo, que uma feira annual de bestas punha sempre em contacto com Orientaes e Correntinos, e onde a linguagem é ainda sensivelmente acastelhanada, tal locução é usadissima; ouve-se a cada passo: «*Entre* NO MAIS—*Tire churrasco* NO MAIS —*Ensilhe* NO MAIS *o matungo*» isto é «*Entre,* NÃO MAIS; *entre sem ceremonia* — *Tire churrasco,* NÃO MAIS; *sem mais preambulos* —*Ensilhe o matungo,* NÃO MAIS; *nada mais tem a fazer sinão ensilhar o matungo*». A existencia da locução no dialecto sorocabano só póde ser devida á influencia castelhana.

598. A fórma masculina dos adjectivos que têm fórma differente para cada genero, é empregada adverbialmente, ex.: «*Fallar* ALTO (Vide 324).

Os adjectivos que têm uma só fórma para ambos os generos admittem tambem este uso, porém mais raramente. Já se viu o exemplo de Gil Vicente (324). Uma construcção usadissima é a adverbiação do adjectivo *possivel*, ex.: «*Vai em nove annos que o auctor emprehendeu trabalhos que deviam ser os mais completos* POSSIVEL *sobre as linguas, as tradições e as superstições do seu paiz* (1).

X

INTERJEIÇÃO

599. A *interjeição,* como brado instinctivo que é, não se subordina a regras de syntaxe. Nada ha aqui a dizer sobre ella.

---

(1) ADOLPHO COELHO, *Questões da Lingua Portugueza*, Porto, 1874, Advertencia, pag. V.

LIVRO QUARTO

ADDITAMENTOS

I

PONTUAÇÃO

600. *Pontuação* é a arte de dividir por meio de signaes graphicos as partes do discurso que não têm entre si ligação intima, e de mostrar do modo mais claro as relações que existem entre essas partes.

A pontuação é para a syntaxe o que a accentuação é para a lexeologia: a accentuação faz distinguir a significação das palavras isoladas; a pontuação discrimina o sentido dos membros, clausulas e sentenças do discurso. *Os accentos* são, pois, *signaes lexeologicos; as notações da pontuação, signaes syntacticos.*

601. Doze são as notações graphicas da pontuação:

1) a *virgula* ou *comma*	(,)
2) o *ponto e virgula* ou *semicolon*	(;)
3) os *dois pontos* ou *colon*	(:)
4) o *ponto final*	(.)
5) o *ponto de interrogação*	(?)
6) o *ponto de admiração*	(!)
7) os *pontos de reticencia*	(...)
8) a *parenthesis*	(( ))
9) as *aspas*	(« »)
10) o *hyphen*	(-)
11) o *travessão*	(—)
12) o *paragrapho*	

I

Virgula

602. Usa-se da *virgula*

1) entre palavras, membros e clausulas que estão na mesma relação, ex.:—*A riqueza, a saude, o praser são cousas transitorias—Antonio vive, Pedro vegeta —Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros*».
2) antes e depois de toda a palavra, phrase ou clausula que se póde supprimir sem desnaturar o sentido, ex.: «*Não vos aparteis,* FILHOS, *do caminho da honra—A amizade,* DOM DO CEO, *é o goso do sabio—A vida,* DIZIA SOCRATES, *só deve ser a meditação da morte—O tempo,* QUE VÔA QUANDO SOMOS FELIZES, *parece estacar quando somos desgraçados*».
3) depois de uma clausula que se não póde supprimir sem offensa do sentido, mas que é bastante extensa, ex.: «*Um arabe que se destina ao rude officio de salteador do deserto, acostuma-se cedo ás fadigas das correrias*».

Chama-se a esta virgula *virgula de respiração.*

4) para substituir um verbo subentendido, ex.: «*Eu comi figos; Antonio, laranjas*».
5) depois de muitos sujeitos eguaes em força de expressão, quando entre os dous ultimos não medeia a conjuncção *e*, ex.: «*Africanos, Gaulezes, Getulos, Egypcios, tinham transformado a linguagem de Roma*».

Esta regra tem por fim evitar que o verbo pareça referir-se com mais especialidade ao sujeito que o precede immediatamente.

6) depois das conjuncções *mas, ora, pois, porquanto, todavia, quando*; si, principiando por ellas a sentença, quer-se insistir sobre a sua significação, ex.: *Mas, note bem o que eu digo*».

7) depois de *assim, então, demais* e de outros adverbios e locuções adverbiaes empregadas em principios de sentenças com sentido de conjuncção, ex.: «*Assim, conto com o que me prometteu—Então, iremos hoje sem falta?*».

8) depois de *sim* ou *não* collocados no principio da sentença, ex.: «*Sim, irei—Não, já lhe disse*».

603. Omitte-se a *virgula*

1) entre partes ligadas pelas conjuncções *e, nem, ou*, a não ser que taes partes sejam muito extensas, ex.: «*A soberba destróe e suffoca todas as virtudes—Não estive em Roma nem em Napoles — E' preciso vencer ou morrer*».

Diz-se, porém: «*Ninguem se contenta com o que possue, nem se descontenta com o espirito que tem*» porque as partes ligadas pela conjuncção *nem*, são em demasia extensas para serem pronunciadas de um só folego.

2) depois do ultimo de muitos sujeitos quando a esse ultimo se tem chegado por uma como gradação, ex: «*Uma palavra, um sorriso, um só olhar basta*».

2

Ponto e virgula

604. Usa-se do *ponto e virgula* para separar preposições similhantes e de alguma extensão, sobretudo si taes preposições compõe-se de partes já divididas pela virgula, ex.:

«*As graças, que ha no mundo, mais seductoras são as da belleza; as mais picantes, as do espirito; as mais commoventes, as do coração*».

3

Dois pontos

605. Empregam-se os *dous pontos*

1) antes de uma citação, ex.: «*Aristoteles dizia a seus discipulos: Meus amigos, não ha amigos*».
2) antes de uma enumeração, si pela enumeração termina a sentença, ex.: « *Eis toda a religião khristã : crer, esperar, amar*».
3) depois de uma enumeração, si pela enumeração começa a sentença, ex.: «*Crer, esperar, amar: eis toda a religião khristã*».
4) antes de uma reflexão ou de uma explanação, ex.: «*Nada faças encolerisado: levantarias ferro em occasião de tempestade?*»

4

Ponto final

606. Usa-se de *ponto final*

1) para fechar a sentença, ex.: «*Saudei um morto. Vou fallar rapidamente de um livro que foi a sua despedida, e é seu monumento. Volvo a este modesto cantinho, onde tenho affirmado uma cousa que julgo grande e util*».
2) nas abreviações, ex.: «*Sr.—Gram. Port.*».

5

Ponto de interrogação

607. O *ponto de interrogação* põe-se no fim das sentenças interrogativas, ex.: «*Como passa?—Quantos são?*»

608. Muitas vezes o verbo está em fórma interrogativa sem que haja interrogação no pensamento: neste caso não se usa do ponto de interrogação, ex.: «*Fazem-lhe a menor observação, zanga-se*».

609. Quando uma interrogação é seguida das phrases *disse elle, perguntou ella* ou de outras analogas, precede-as o ponto de interrogação, ex.: «*Que quer vossê? perguntou-lhe a velha*».

6

Ponto de admiração

610. O *ponto de admiração* emprega-se no fim das phrases que exprimem affectos subitos, considerações vivas e, em geral, depois das interjeições, ex.: «*Que prazer!—Como é bello!—Ah!*».

611. Quando uma parte da phrase exclamativa é seguida de palavras que della dependem, mas que estão fóra da exclamação propriamente dita, põe-se o ponto de admiração antes dessas palavras, e então póde elle equivaler a uma virgula, ou a um ponto e virgula, conforme o sentido, ex.: «*Que transportes! mesmo antes de erguer o panno*».

7

Pontos de reticencia

612. Os *pontos de reticencia* indicam interrupção da expressão do pensamento, ex.: «*Ventos ousados, eu vos... Insta, porém, abandonar as vagas*».

8

Parenthesis

613. A *parenthesis* é um signal duplo que serve para fechar palavras que, no meio de uma sentença, formam sentido distincto e separado, ex.:

> «Eu só com meus vassallos, e com esta,
> «(E dizendo isto arranca meia espada)
> «Defenderei da força dura, e infesta,
> «A terra nunca de outrem subjugada: (1)».

9

Aspas

614. *Aspas* são signaes que se põem no começo e no fim de uma citação, e muitas vezes mesmo no começo de todas as linhas della e no fim da ultima, ex.:—*Diz o sr. Guerra Junqueiro*: «Ha duas especies de pudor: o que nasce da igno-«rancia e o que nasce da dignidade; o pudor da menina e o «pudor da mulher».

10

Hyphen

615. O *hyphen* serve para unir duas ou mais palavras que se devem pronunciar como si fossem uma só ex.: «*Mestre-Escola—Espera-me—Dir-te-ia*».

Collocado no fim da linha indica que a palavra se dividiu alli, indo acabar no principio da linha seguinte.

---

(1) *Lusiadas*, Cant. IV, Est. XIX.

11

Travessão

616. O *travessão* indica

1) uma pausa maior que a do ponto e virgula e ao mesmo tempo, pedido de attenção para as palavras que seguem, ex.: «*Os Khristãos viam com apparente indifferença os seus vencedores polluirem as ultimas cousas que, até sem esperança, ainda defende uma nação conquistada—as mulheres e os templos*».
2) mudança de interlocutores em um dialogo, substituindo as phrases *disse elle, acudiu ella, responderam elles, interromperam ellas*, etc., ex.:

«Os forasteiros são nossos irmãos pela carne, disse Amador Bueno.
Os paulistas assassinados o eram pelo sangue, volveu Luiz Pedroso.
—Matar o inimigo vencido é uma baixeza.
—Poupal-o é quasi um crime.
—A humanidade requer perdão para os *emboabas*.
—Piratininga exige o seu exterminio.
—E' inutil vencer, si não é possivel transigir.
—Si se vence para amnistiar, não vale a pena combater.
—O cauterio actual queima as carnes...
—E cura o cancro.
—O rigor aterra...
—E submette.
—O odio excessivo é villania.
—Clemencia demasiada degenera em traição (1)».

(1) *Padre Belchior de Pontes* (romance do auctor), Campinas, 1876, Tomo I, pag. 229—230.

617. O *paragrapho* que é formado por um espaço em branco deixado no principio da linha, deve ser considerado como um signal de pontuação. Indica elle uma separação mais accentuada do que a do ponto, e emprega-se para distinguir os differentes grupos de idéas de que se compõe um escripto, ou para marcar a transição de um assumpto para outro. O paragrapho acaba geralmente por um ponto final; todavia póde tambem terminar-se por ponto e virgula e dous pontos, como acontece nos *considerandos* e nas enumerações.

Para certos casos da composição typographica ha notações peculiares taes como o *asterisco* (*), o *obelisco* ou *adaga* (†), a *dupla adaga* (‡), a *secção* (§), as *parallelas* (‖), o *párrafo* (¶), os *colchetes* ([ ]), a *chave* (}), o *carete* (^), a *mãozinha* (☞), etc.

II

EMPREGO DE LETTRAS MAIUSCULAS

618. Empregam-se *lettras maiusculas*

1) no começo de sentenças, ex.: «*Tudo perdemos excepto a honra*».
2) no começo de citações, ex.: «*Ao ver erguido sobre si o punhal de Bruto, Cesar exclamou: Tambem tu, meu filho*».
3) na palavra que segue aos pontos de interrogação e admiração, quando elles finalisam o sentido, ex.: «*Não me vês? Pois sou bem alto—Que loucura a de meu filho, santo Deus! Si elle nos abandona, perecêmos*».
4) nos nomes proprios, ou nos communs tomados como taes quer sejam de pessoas, quer de cousas, ex.: *Deus—Romulo—os Portuguezes—os Quebra-Khilos—Abril—Londres—o Evangelho—o Coliseu*».

Os nomes referentes ás divisões territoriaes do mundo, quando empregados como adjectivos escrevem-se com lettra minuscula, ex.: «*Aprendi Francez por livros portuguezes; Inglez por livros francezes; Grego por livros inglezes*».

5) nos nomes de tractamento, ex.: «*Vossa senhoria—Vossa Santidade—Senhor—Senhora*, etc.»

Nos escriptos modernos mórmente nos do jornalismo, vai-se estabelecendo o uso de escrever estes nomes com lettra minuscula.

6) no principio de cada verso, ex.:

«Vai despontando o rosicler da aurora:
O azul sereno e vasto
Empallidece e córa,
Como se Deus lhe desse
Um grande beijo luminoso e casto.
A estrella da manhã
Na altura resplandece;
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vai pelo azul um cantico vibrando,
Tão limpido, tão alto, que parece
Que é a estrella no céo que está cantando (1)

7) nos titulos de livros, jornaes, ex.: *Os Luziadas—O Monitor Catholico*».

N'estes casos, bem como em taboletas, inscripções, epitaphios, é tambem uso serem maiusculas todas as lettras, ex.: «OS LUSIADAS—A GAZETA DE NOTICIAS—VINHOS FINOS—A' MEMORIA DE TIRA DENTES—AQUI JAZ LUIZ DE CAMOES».

(1) GUERRA JUNQUEIRO, *Morte de D. João*, Porto, 1876, pag. 313.

III

ORDEM DAS PALAVRAS E PHRASES NA CONSTRUCÇÃO DE SENTENÇAS SIMPLES

619. A construcção da sentença simples chama-se *direita* quando se segue na disposição das palavras e phrases a ordem logica da concepção do pensamento, ex.: «*Antonio livrou-se das garras do monstro por um esforço desesperado*».

620. A construcção da sentença simples chama-se *inversa* quando para maior energia de expressão não se attende na disposição das palavras e phrases á ordem logica das idéas, ex.: «*Por um desesperado exfórço livrou-se Antonio das garras do monstro*».

Sobre o logar que em casos especiaes devem occupar as differentes partes do discurso já tudo ficou dito nas secções respectivas.

IV

ORDEM DOS MEMBROS E CLAUSULAS NA CONSTRUCÇÃO DE SENTENÇAS COMPÓSTAS

621. A construcção de sentença composta chama-se *direita* quando se segue na disposição dos membros e clausulas a ordem logica das concepções que constituem o pensamento, ex.: «*Ha poucas linguas nesta sociedade gangrenada em que vivemos, que não apregôem as minhas vergonhosas derrotas como triumphos esplendidos*».

622. A construcção da sentença composta chama-se *inversa* quando na disposição dos membros e clausulas não se guarda a ordem logica das concepções que constituem o pensamento, ex.: «*Nesta sociedade gangrenada em que vivemos poucas linguas ha, que não apregôem como triumphos esplendidos as minhas vergonhosas derrotas*».

A tendencia que actualmente apresentam todas as linguas para tornarem-se analyticas, é a causa da preferencia que cada vez mais tem a construcção direita sobre a inversa.

Não é por se não fazer estudo dos modelos legitimos e castiços, não é por se lerem muito os livros francezes que se vai transformando a lingua portugueza; nem tal transformação é vergonhosa ou prejudicial (1). Producto inevitavel, necessario, fatal da evolução linguistica, ella accusa nova phase do modo de pensar, accusa desenvolvimento do cerebro, accusa progresso da humanidade.

Compare-se a linguagem das seguintes descripções, uma, feita por um escriptor do seculo XVI, outras por um contemporaneo nosso:

«Seis leguas de Congóxima está huma fortaleza sujeita ao mesmo rei de Sacçuma, que se póde contar entre as maravilhas do Japão: nem das desta sorte haverá muitas no mundo; porque, se n'outras partes se esmerou a arte, e industria humana em mostrar o saber, e ingenho com que contrafaz as cousas naturaes, aqui deu todas as mostras da força e violencia, que póde fazer á mesma natureza. He o sitio huma alta e grande serra de rocha viva, onde está em roda, feita ao picão, huma cava mui larga, e tão profunda, que mais parece se abria para ir fazer guerra aos dominios do inferno que para os homens se defenderem huns dos outros na terra: ficárão no meio do vão, a largura d'esta cava desapegados e postos, como insulas no mar, dez baluartes, que

«*O chão estava cheio de folhas sêccas, e, entre os troncos espaçados, moitas de hortensias pendiam abatidas, amarelladas dos chuveiros; ao fundo a casa baixa, velha, de um andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede grandes aboboras amadureciam ao sol, e no telhado, todo negro de inverno, esvoaçavam pombos. Por traz o laranjal formava uma massa de folhagens verde-escuras; uma nora chiava monotonamente.*

....

Junto do muro cresciam rosas de todo o anno; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de lua com tons amarellados, um grande campo de herva; os tectos baixos do curral coberto de colmo destavam ao longe em escuro, e d'esse

(1) Ao pouco estudo dos classicos portuguezes e á leitura de livros francezes attribue Sotero dos Reis a transformação do Portuguez, e a qualifica de *vergonhosa metamorphose* (*Postillas citadas*, pag. 56—58)!!!

tendo no baixo o mesmo firme com ella, vem subindo, em boa proporção, solidos e massiços até o alto, onde são vasados quanto basta para commoda habitação da gente, que os defende. Ha d'huns aos outros boa distancia; porque assim é mui grande o circuito da espantosa cava: mas todos se correm com pontes levadiças; e da mesma maneira se passa de cada hum ao campo do meio, onde está o forte principal, a quem estes de fóra servem sómente de muro (1)».

lado um fumozinho leve e branco perdia-se no ar muito azul......

Era uma abertura estreita no vallado: a terra do outro lado, mais baixa, estava toda lamacenta Via-se d'alli a fazenda da S. Joaneira: o campo plano estendia-se até um olival, com a herva fina muito estrellada de pequenos malmequeres brancos; uma vacca preta, de grandes malhas, pastava; e para além viam-se tectos aguçados dos casaes, onde voavam revoadas de pardaes (2)».

V

ESTYLO

623. *Estylo* é o modo peculiar de fallar e escrever que tem cada homem: quem o determina é a natureza: quem o corrige é a observação.

Todavia, ha certos modos irregulares de expressão de pensamento, que é util classificar. Estes modos irregulares de pensar e de exprimir o pensamento manifestam-se, alterando a syntaxe regular.

1) por omissão
2) por augmento } de palavras e phrases
3) por transposição

(1) Lucena, *Vida de São Francisco Xavier*, Liv. VII, Cap. 21. Foi conservada a orthographia do auctor.

(2) Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*, Porto, 1880, pag. 157, 148, 250.

624. As alterações da syntaxe regular acceitas pelo uso chamam-se *figuras da syntaxe.*

625. A omissão faz-se pela figura ellipse.

626. Consiste a *ellipse* na suppressão de uma ou mais palavras faceis de subentenderem-se, ex.: «*Ordeno que saias daqui*».

Neste exemplo constitue ellipse a suppressão dos pronomes *eu* e *tu*.

627. A ellipse toma o nome

1) de *zeugma*, quando se supprime o sujeito ou o verbo da sentença que se coordena com outra, formando-se assim sentença contracta (Vide 366) ex.: «*Napoleão bateu os Austriacos, derrotou os Inglezes, destruiu os Mamelukos, venceu a todos—Deu a uns conselhos, a outros esperanças, a todos dinheiro*».
2) de *syllepse* quando supprime o substantivo ou o pronome com que deveria concordar o verbo ou o predicado, ex.: «*Eu e tu somos tolos*».

628. A syllepse póde ser

1) de genero, ex.: «*Vossa Magestade é justo e bom*».
2) de numero, ex.: «*Parte dos inimigos fugiram*».
3) de genero e de numero, ex.: «*Parte da gente foram destroçados e mortos*».

629. O augmento faz-se pela figura pleonasmo

630. Consiste o *pleonasmo* em junctar ás phrases outras phrases que em rigor deveriam ser omittidas, mas que servem para dar graça e energia ao pensamento, ex.: «*Parece-me a mim—Vi com estes olhos*».

631. A transposição faz-se pela figura hyperbato.

632. Consiste o *hyperbato* na inversão das palavras e phrases da sentença.

633. O hyperbato toma o nome

1) de *anastrophe*, quando é ordenada a inversão das palavras e phrases, ex.: «*De Jesu Khristo a egreja vezes nove*».
2) de *synkhysis* quando é desordenada a inversão de palavras e phrases, ex.: «*O céo fere com gritos nisto a gente* (1)».

634. E' viciosa a synkhysis que gera confusão de idéas, ex.:

«*Entre todos co'o dedo eras notado*
Lindos moços de Arzilla em galhardia (2).

VI

VICIOS

635. Vicios ha que deturpam o discurso, já nos seus elementos lexeologicos, já nos seus elementos syntacticos.

636. O vicio lexeologico chama-se *barbarismo*, e consiste

1) em usar de palavras e phrases extranhas á lingua, ex.: «*Afroso — Abat-jour*» em vez de «*Medonho — Quebra-luz*».
2) em dar ás palavras significação que ellas não têm, ex.: «*Confeccionar—Desapercebido*» em vez de «*Organisar—Despercebido*».
3) em accentuar e articular erradamente as palavras, ex.: «*Púdico—Cravão*» em vez de «*Pudico—Carvão*»

---

(1) CAMÕES, *Lusiadas*, Cant. VI, Est. LXXII.
(2) VASCO DE QUEVEDO MOUSINHO, *Affonso Africano*, Cant. III, Est. LXXIII.

4) em empregar termos obsoletos, ex.: «*Bofé—Lídimo*» em vez de «*Certamente, Legitimo*».

637. O vicio syntactico chama-se *solecismo* e consiste em infringir as regras da syntaxe, ex.: «*Nós vai—Para tu*» em vez de «*Nós vamos—Para ti*».

638. Ha outros vicios que deturpam a parte musical, a harmonia do discurso; são:

1) a *kakophonia* ou encontro de duas palavras que produza uma terceira de significação baixa ou torpe, ex.: «*Al***ma minha**—*Es***sa fada**—*El***la trina**».
2) o *hiato* ou encontro de vogaes accentuadas, ex.: «*Vou á aula—Mandou-o o honrado chefe*».
3) o *ekho* ou concurrencia de sons identicos, ex.: «*Quando ando trabalhando—Elles procurarão consolação á afflicção do seu coração*».
4) a *collisão* ou som aspero e desagradavel resultante da successão de articulações roladas ou sibilantes, ex.: «*Temol-o por rei—As azas azues*».

Os rethoricos tem regras e figuras para fazer de todos estes vicios primores de linguagem.

FIM

ANNEXOS

I

Agente indeterminado em Romanico

Os factos de uma lingua qualquer só podem ser cabalmente elucidados pelo estudo historico comparativo da grammatica dessa lingua.

As explicações metaphysicas, mais ou menos subtis, mais ou menos engenhosas, nuncà satisfazem.

Os meios que emprega o Latim, que empregam as linguas romanicas para indicar de modo abstracto a indeterminação do agente de um verbo, têm servido de thema a milhares de divagações tão prolixas quanto abstrusas, tão requintadas quanto estereis.

Analysar esses meios á luz do estudo historico comparativo das grammaticas romanicas e da latina, eis o fim que levo em vista.

E não me apresento como exhibindo novidades: sigo apenas os passos dos srs. C. Waldbach e Adolpho Coelho, de Diez e Bopp, de todos os mestres de philologia e linguistica.

I

O primeiro meio de indicar em Baixo Latim e nas linguas romanicas a indeterminação do agente de um verbo, é dar por sujeito a esse verbo o substantivo *homo* em Latim; *uomo* em Italiano; *hombre* ou *ome* em Hespanhol; *homem* em Portuguez; *on* em Francez; *omul* em Valaquio.

Taes substantivos assumem neste caso verdadeiro kharacter pronominal, e equivalem exactamente ao *man* allemão.

Exemplos:

BAIXO LATIM. *Ut inter tabulas adspicere* homo *non posset* (1).

Sic debit (*debet*) homo *considerare* (2).

ITALIANO. *Com'* uom *fa dell'orribili cose* (3). *Com'* uom *dice* (4).

HESPANHOL. *No puede* hombre *conocer* (5). *Es razon que* ome *guarde mucho aquello* (6).

PORTUGUEZ. *O que* homem *traz na phantazia* (7). *Segredos que* homem *não conhece* (8).

FRANCEZ. On *dit*. On *croit*.

VALAQUIO. *De este* omul *beteag*.

O FRANCEZ é a unica lingua romanica que no periodo actual ainda conserva vigente este modo de expressão: appli-

---

(1) GREGORIO DE TOURS, IV, 12.

(2) LUPUS, *Codex Diplomaticus*, pag. 527.

(3) DANTE, *Purgatorio*, XIV, 69.

(4) BOCCACIO, *Decameron*, I, 7.

(5) MARQUEZ DE SANTILLANA, *Proverbios*, 70.

(6) *Las siete partidas del rey don Affonso el sabio*, Tom. I, pag. 76.

(7) BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e Moça*, cap. VII.

(8) CAMÕES, *Lusiadas*, Cant. III, Est. 69.

ca-o elle a ambos os generos, a ambos os numeros—On *doit être bon*. On *doit être bonne*. On *se battit en désespérés*.

Em Portuguez a palavra *gente* presta-se a uso identico: *Quando* a gente *tem tutor ou padrinho*...

II

Indica-se tambem nas linguas romanicas a indeterminação do agente de um verbo, unindo-se a esse o pronome reflexivo *se* considerado como mera particula apassivadora.

Neste uso que remonta aos monumentos mais antigos do dominio romanico, cumpre distinguir dous casos:

1.°) *Expressão impessoal*

A) com verbos transitivos

a) ITALIANO. *Si dice. Si crede, Si sa. Non si puó dire.*

b) HESPANHOL. *Se dice. Se cree. Se sabe.*

c) PORTUGUEZ. *Diz-se. Crê-se. Sabe-se.*

B) com verbos intransitivos

a) ITALIANO. *Si va. Si vien. Si vive.*

b) HESPANHOL. *Se anda. Se viene. Si vive.*

c) PORTUGUEZ. *Vai-se, Vem-se. Vive-se.*

d) VALAQUIO. *Se mearge. Se vine.*

2) *Expressão pessoal.* N'este caso o verbo, que só transitivo póde ser, regula-se pelo numero do sujeito.

a) ITALIANO. *Il libro non si trova. I libri non si trovano.*

b) HESPANHOL. *Se teme una borrasca. Si dicen muchas cosas.*

c) PORTUGUEZ. *Dá-se um baile. Plantam-se arvores.*

d) FRANCEZ. *Cela se fait. La maison se bâtit.*

Sendo o sujeito, como nos exemplos adduzidos, nome de cousa, nada se oppõe a esta construcção; si é, porém, o sujeito nome de pessôa ou mesmo de ser vivo, a expressão póde ficar equivoca. Assim, não se dirá em Italiano— *I fratelli*

se puniscono; em Hespanhol—*Las mujeres se miram;* em Portuguez—*Ferem-se os soldados,* etc.

Mas, como não ha confusão a temer, diz-se em italiano—*Laddove Cristo tutto dì si merca* (1); em Hespanhol—*Las mujeres se conquistan por semejantes medios* (2); em Portuguez—*Vencem-se os reis com lisonjas.*

Segundo Diez a grammatica italiana prescreve o emprego da voz passiva propria em vez desta construcção com *si*, sempre que a phrase contem um pronome pessoal; ensina o douto mestre que se deve dizer—*Mi é stata tagliata la borsa,* e não *Mi si tagliò.* Todavia Silvio Pellico escreveu: *Mi si fece un lungo interrogatorio* (3).

Ora o que resta a saber é si estas fórmas são realmente passivas.

São, e a prova é que ás vezes empregam-se com o agente claro.

Lê-se em Solis: *Adorno-se luego* por sus mismos criados *con las mejores alhajas de su guardaropa* (4). E em Cervantes: *En un instante se coronaron todos los corredores del patio* de criados e criadas (5).

E não é tudo: estas fórmas correspondem com exactidão mathematica ás fórmas passivas latinas.

A voz passiva em Latim classico tem por principaes objectos

1) trazer a lume o nome que teria servido de paciente, si a oração fosse construida em voz activa, nome esse que na passiva figura como sujeito.

---

(1) DANTE, *Purgatorio,* XVII, 51.
(2) MENESES.
(3) *Le mie prigioni.*
(4) *Historia de la conquista de Mejico.*
(5) *Dom Quijote.*

2) indicar uma acção sem designação precisa do agente que a leva a effeito (1).

O primeiro destes usos só tem logar com verbos transitivos; o segundo extende-se até os intransitivos.

São ambos tão communs nos escriptos latinos do periodo classico, que não se faz mister apontar exemplos: todavia adduzirei alguns do segundo

1) com verbos transitivos:

Subeatur ista quantacumque est indignitas.

Quum de fœdere agitatum esset. (TITUS LIVIUS).

2) com verbos intransitivos:

Vivitur ex rapto.

Nunc pedibus itur. (OVIDIUS).

Itum est in consilio.

De provinciis decedatur. (CICERO).

Si agro Samnitum decederetur. (TITUS LIVIUS).

Fica, pois, demonstrado que as fórmas romanicas construidas com *se*, bem como as fórmas latinas passivas, servem para exprimir a acção sem trazer a lume o agente.

Mas como servem construcções tão differentes para um mesmo fim?

Não são differentes as construcções, e quem o vai provar é ainda o estudo historico comparativo.

As antigas linguas aryanas tinham tres vozes—a activa, a media e a passiva.

A *voz activa* indica uma acção do sujeito, a qual passava para um objecto; a *media* exprimia uma acção que, partida do sujeito, recahia sobre elle proprio; a *passiva* traduzia uma acção que, vinda de agente extranho, era recebida ou soffrida pelo sujeito.

Volvendo os annos, a voz media confundiu-se com a passiva.

---

(1) GUARDIA E WIERZEYSKI.

Os tempos dos verbos em Grego, á excepção do primeiro aoristo e do futuro, têm as mesmas fórmas para a voz media e para a passiva.

O Latim teve de certo, para exprimir o sentido da voz media, desinencias analogas ás gregas μαι, σαι, ται perderam-se porém, deixando apenas os vestigios que hoje nos auctorisam à tal supposição. Substituiu-as uma formação periphrastica: o pronome reflexivo *se* juntou-se ás fórmas de todas as pessôas dos tempos de acção incompleta da voz activa para constituir uma nova fórma de voz media, que afinal veiu a ser a passiva do periodo classico.

A tendencia das linguas aryanas foi sempre exprimir o sentido da voz media por fórmas simples: os elementos, pois, da composição fundiram-se em Latim, e constituiram palavras apparentemente simples.

Tal fusão operou-se sob a acção das leis phoneticas peculiares ao Latim.

Dessas leis tres ha que se faz mister conhecer para se poder comprehender o processo da fusão:

1.ª) Entre duas vozes a modificação *s* converte-se em *r*.
2.ª) As vozes finaes não accentuadas caem,
3.ª) As vozes longas finaes abreviam-se.

Assim, pois, por exemplo, pela addição do pronome reflexo *se*.

lego	deu	**legose,**	**legore,**	**legor;**
lege	»	**legese,**	**legere,**	
legeto	»	**legetose,**	**legetore,**	**legetor;**
leganto	»	**legantose**	**legantore,**	**legantor;**
legam	»	**legase,**	**legare,**	**legar;**
legis	»	**legise,**	**legire,**	**legere;**
legimus	»	**legimuse,**	**legimure,**	**legimur.**

Nas terceiras pessôas em *t*, como *legit*, *legunt*, encontra-

se na voz passiva, entre a desinencia activa e o pronome reflexivo apassivador *se*, um *u*:

legit,	**legituse,**	**legiture,**	**legitur;**
legunt,	**leguntuse,**	**legunture,**	**leguntur;**

Provém de certo esse *u* de um *o* connectivo que se vê tambem na desinencia grega *to*.

E' verdade que em Latim não ha fórma correspondente á fórma grega ελέετο; mas ás fórmas gregas λεγοιτο, λεγοιντο correspondem as latinas *legeto*, *legento*, que, pela addição do pronome *se*, e por transformações regulares converteram-se em *legetor*, *legentor*.

Muito se poderia aprofundar este assumpto; basta, porém, o que fica dito para provar que as fórmas passivas dos tempos de acção incompleta do periodo classico latino foram fórmas medias creadas pela addição do pronome *se* ás fórmas activas correspondentes.

Ora, é exactamente o mesmo que se dá nas linguas romanicas: a voz media ou reflexa converteu-se em voz passiva, appropriando-se nas terceiras pessôas a exprimir a indeterminação de um agente que se não especifica.

Ha ainda a notar que a voz reflexa em romanico é tambem empregada como equivalente da passiva nas primeiras e nas segundas pessôas. E' obvio o sentido passivo destas construcções:

Devoro-me de pezar.
Tu te pagas de lisonjas.

Mesmo em Inglez, lingua *foncièrement* germanica, ha um passivo curiosissimo para exprimir a indeterminação do agente:

Piter is said to have spente uselessley his time.
We do not suffer ourselves to be trifled with.

Nesta identidade dos meios de expressão, dos processos linguisticos dos modernos idiomas aryanos, não se enxergará um effeito do atavismo, lei tão provada na evolução sociologica, como está na biologica?

III

Em Latim e Grego a terceira pessôa do singular da voz passiva, quando se tracta de indicar a indeterminação do agente, póde ser trocada pela terceira pessôa do plural da voz activa sem sujeito claro: em Latim *dicitur* equivale a *dicunt*; em Grego λεγονται tem a mesma força que λεγουσι.

O mesmo dá-se na mór parte das linguas romanicas, o mesmo acontece em Inglez; em Italiano *si dice* vale tanto como *dicono*; em Inglez *credit is given to this* e *they give credit to this* são expressões identicas.

Em Portuguez e Hespanhol são vernaculissimas construcções como estas:

Mataram o general em Paris.
Me han convidado para las cinco menos cuarto.

Este verbo no plural representa muitas vezes uma acção que, pelo contexto, sabe-se ter sido exercida por agente do singular:

Menina e moça me levaram da casa de meu pae pera longes terras (1)
Una vira me han tirado (2)

Em ambos estes exemplos quem executou a acção do verbo foi uma só pessôa.

Frequentemente dá-se em Portuguez á terceira pessôa do

(1) Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*.
(2) *Silva de romances viejos*.

plural da voz activa um sujeito que, sendo incapaz de exercer a acção do verbo, indica por isso mesmo a indeterminação do agente.

Muitos a vida, e em terra extranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram (1).

E os que neste sentido o acompanharam
Os ossos em penhascos transformaram (2).

Objectar-se-á de certo que, a ser assim, só philologos e linguistas poderão entender e explicar taes construcções.

Mas, por Deus, de accordo, de perfeito accordo!

Não ha necessidade de dar a uma pessôa razões falsas, por isso que ella não póde entender as verdadeiras.

Ao estudante de grammatica basta que lhe ensinem o uso correcto: quem se lembrou jamais de explicar a um menino que começa a aprender a grammatica de sua lingua o processo de derivação porque passaram as conjugações dessa lingua para chegarem ao estado em que se acham?

Ninguem, porque seria desatino.

Pois o que se dá na lexeologia, porque se não dará na syntaxe?

Apresenta-se a declinação, a conjugação como factos linguisticos; pois apresente-se tambem do mesmo modo a construcção, deixando-se de parte elucidações especiosas,

Explique e entenda um e outro facto, e todos os da lingua, quem tiver estudado philologia e linguistica.

Subtilezas só engendram confusão: em metaphysica cada

(1) Camões, *Lusiadas*, Cant. V, Est. 81.
(2) Gabriel Pereira de Castro, *Ulisséa*, Cant. V. Est. 91.

qual discreteia a seu modo, e ha sempre tantas sentenças quantas são as cabeças.

As irregularidades, os idiotismos, os dizeres intimos de uma lingua só pelo estudo historico comparativo podem ser postos em luz, explicados, solvidos.

Campinas, 27 de Agosto de 1881.

II

O artigo Portuguez (1)

Postas de parte por anti-historicas e falhas as opiniões de Constancio (2) e de José Alexandre Passos (3), que entendem vir o artigo portuguez das formas do artigo grego ὁ, ὁ (ho, he), examine-se a doutrina de Diez (4), seguida por quasi todos os romanistas.

Diz o grande mestre que o artigo portuguez foi outr'ora identico ao artigo hespanhol, e que as fórmas *lo, la* abreviaram-se por apherese em *o, a*. Diz mais—que se acha em Gallego *el* ao lado de *o*; que esta fórma actual remonta tão alto no romanismo que já é encontrada em documentos do seculo

---

(1) Este, bem como os subsequentes artigos, escrevi-os em homenagem ao erudito dr. Karl von Reinhardstoettner: era dever meu dar as razões da não acceitação de algumas das emendas que em o numero 5 do «*Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*» de 1882 fez-me o douto professor.

Outras observações suas, que não são poucas, achal-as-á elle aproveitadas nos logares competentes.

Sobre a etymologia de *algures, alhures, nenhures* nada aqui adduzo, porque a esse respeito escrevi em Francez uma memoria que vou mandar para uma revista de philologia.

(2) *Novo Diccionario Critico e Etymologico.*

(3) *Diccionario Grammatical Portuguez,* Rio de Janeiro, 1865.

(4) *Grammaire des Langues Romanes,* Traduction de Morel Patio et Gaston Paris, Paris, 1874, vol. II, pag. 29 et suivantes.

XIII; que as duas fórmas *el* e *o* viveram de par em Portuguez muitos seculos.

Admittidos os factos da segunda parte das asserções do mestre, porque são rigorosamente exactos, discuta-se a primeira parte das mesmas asserções, o ensinamento de que *lo* abrandou-se em *o*.

Porque esta apherese? Qual a sua razão de ser?

Nenhuma.

Si o *o* de *lo* fosse uma voz tonica, isto é, uma voz fortemente accentuada, poder-se-ia ter dado o facto: sendo elle, porém, voz atonica, sendo o artigo um verdadeiro proclitico, era de boa razão, era mais, era glottico, era physiologico que se conservasse, para apoio da voz fraca, a modificação kharacteristica *l*.

Foi o que fez sempre o Francez, foi o que fizeram o Hespanhol e o Italiano em certas emergencias.

O caso é que o artigo portuguez não vem de *ille* em fórma nenhuma, mas sim de *hoc, hac*, formas ablativas de *hic*.

Que *hic, hœc, hoc* empregavam-se em Latim para distinguir o genero dos nomes não ha que duvidar. Plinio o antigo, seguido por seu sobrinho, Plinio o moço, e pelos grammaticos posteriores propõe que se reconheça um artigo em *hic, hœc, hoc*.

Na baixa latinidade encontra-se a cada passo *ille* como fórma articular e pronominal, mas tambem não faltam exemplos de *hic*.

Eis alguns desses exemplos tomados da collecção *Diplomatae et Chartae*, de que vem extractos no começo do segundo volume do *Diccionario* de Frei Domingos Vieira:

«*Que spontanea morte corporea de* HOC *seculo ad alia uita humana transferuntur animas*... (Anno 870)».

Para melhor elucidação veja-se *o seculo* (*seculo* precedido de *o*) em Moraes, artigo *seculo*.

«*Ranemirus presbiter qui* HEC *notuit manu mea* (Anno «897)».

«*Et qui hunus ex nobis ad infringendum uenerit* HUNC *culmellos divisionis chareat omne sua portione in* **has** *villas desuper nominatos* (Anno 950)».

«*Cum demone habeant participium qui* HUNC *votum nos-«trum irrumpere voluerint* (Anno de 983)».

«*Moneo ut nemo presumerent in alia parte transferre «uindere uel donare sed in* HOC *loco predicto seruire*... (An-«no 1041)».

HAS *uillas et ecclesias sicut in* HANC *testamento et in «alias nostras scripturas sunt colligate*... (Anno 1058)».

Encontram-se exemplos de *ille* alternado com *hic* na mesma sentença:

«*Nunc autem ordinamus ut ipsa uilla osgildi habeant* «ILLA *in ipso arcisterio sorores in slipendio illorum in uictum «et tolleratione per manu abbatis qui* HUNC *cenobio ducatum «habuerit et reddat ad* ILLAS *fideliter* ILLO *fructu per curri-«culus annos cunctis diebus sceptis alia sua ratione que de* «HANC *monasterio sunt solitas accipere* (Anno 1058)».

A fórma *o*, articular e pronominal alterna com *lo* nos primeiros documentos escriptos em Portuguez:

«*Venerum a Vila, e filali* O *porco ante seus filios e cu-«merum-s'si*LO. *Venerum alia vice er filarum* O *trigo ante* IL-«LES, *er cumerum-s'*O. *Venerum in alia vice, er filiarum uma «ansar ante sa filia, er cumerum-se-*A (Anno 1185 a 1211)».

O, a, os, as, fórmas articulares já inconcussas no Portuguez antigo, escrevem-se por vezes com *h* etymologico em documentos do seculo XII:

«Hos *alcaldes non estem em corral com os VI sinon quando enviaren por elos.*

Hos *alcaldes non fagan en uno corral con VI, nin en «vernes, nin en sabado, si non fore por barallar sus vozes».*

(Foros de Castel Rodrigo, *Liber Secundus*, L. LI, anno 1209).

Ha a notar que parece haver tendencia a usar de *o* (*hoc*) como artigo e de *lo*, illo (*ille*) como pronome:

«*Super isto plazo ar ferum suo pleito e* A *maior ajuda que* ILLOS *hic conocerum que les acanocese Laurenço Fernandis, sa irdade per preito, que a tevesse* o *Abate de Santo Martino, que como vencessem outra que assi les desse de ista* o *Abade, e que nunca* ILLOS *leixassem d'aquella irdade* (Anno 1185 a 1211)».

«*E las calonas que forem feytas en una alcalderia si «non* LA *demandaren essos alcaldes de esse anno,* HOS *outros «alcaldes que entraren non* LAS *demanden mays, mas deman- «de* O *quereloso* O *seu dereyto*».

(Foros de Castel Rodrigo, *Liber Secundus*, XXXXVI, Anno 1209.)

Nos seculos subsequentes accentua-se o triumpho definitivo das fórmas *o, a, os, as,* quer como artigos, quer como pronomes, e as fórmas vencidas *lo, la, los, las* desapparecem de uma vez.

Em conclusão: porque recusar uma etymologia de perfeito accordo com o systema romanico, e, o que é mais, attestada pela evidencia dos factos?

Porque Diez ensinou que *o* vem de *ille*?

Mas isto é forçar a derivação, e o prespicassimo e honestissimo Diez reconhece-o. Diz elle (1):

«Este artigo dá ares de ter alguma cousa de particular, «quasi de anti-romanico».

Ainda mais: em relação ao pronome provençal Diez reconhece a verdadeira etymologia da fórma *o*. «Para a terceira «pessôa, diz o venerando e saudoso mestre (2), faz-se mister «assignalar ainda o neutro *o* (Latim *hoc*) de um radical diffe«rente, por exemplo «*S'ilh es folha, ja ieu non o serai*».

Em vista do exposto relevar-me-á o douto professor de Munich (3) que eu continue a manter nesta edição a etymologia que dei na primeira ao artigo portuguez.

Capivary, 31 de Dezembro de 1884.

(1) *Obra citada*, logar citado.
(2) *Obra citada*, vol. II, pag. 88.
(3) Dr. Karl von Reinhardstoettner.

III

Aoristo

As grammaticas francezas, seguidas por muitas portuguezas, chamam *perfeito definito* a um tempo verbal que as grammaticas inglezas appellidam *indefinite*, as italianas *indeterminato*, e as gregas ἀόριστος.

Burnouf, procurando explicar esta contradicção, diz (1): «Le mot *aoriste* vient du grec ἀόριστος, et signifie *indéfini*, *indé*«*terminé*. Pourquoi donc le même temps s'appelle-t-il en fran«çais *défini* et en grec *indéfini?* Le voici: en français la de«nomination de ce temps est tirée de l'emploi qu'on en fait, «Or, on ne s'en sert que quand l'époque est fixée par quel«que terme accessoire, comme *l'an dernier*. En grec, au con«traire, sa dénomination est tirée de sa nature même. Or par «sa nature il est indéterminé; car si vous dites, *je lus ce li*«*vre*, on vous demandera, *quand?* et c'est la réponse à cette «question qui seule déterminera l'epoque. *Je lus* n'offre donc «par lui même qu'une idée indifinie, indéterminée; la déno«mination d'*aoriste* est donc parfaitement juste. A la difference du français le grec emploie souvent cette forme dans les «phrases où l'époque n'est marquée par aucun terme.»

. Em relação ao nome do tempo Diez, é ainda mais positi-

---

(1) Dübner *Grammaire Elémentaire et Pratique de la Langue Grecque*, Paris 1855, pag. 82, note.

vo: «Os grammaticos francezes chamam-lhe *definito* por«que, segundo a opinião d'elles, esse tempo designa um momento determinado—*j'ecrivis hier*—. E' uma expressão *mal* «*escolhida*, e que *não convem* ao seu emprego mais impor«tante como tempo historico. O Italiano diz pelo inverso *inde*«*terminato*, e o Grego designa um tempo absolutamente similhante pela palavra ἀόριστος».

O tempo verbal em questão é o que indica em absoluto a preteritividade do enunciado: eu lhe chamo com os Gregos *aoristo*.

O tempo verbal que indica a reiteração preterita do enunciado é um tempo acabado, completo: para este reservo eu o nome de *perfeito* (*perfectum*, acabado, completo).

Ha ainda uma rasão historica, melhor diria eu – atavica, para dar a tal tempo o nome de *aoristo*. O perfeito latino, de quem elle é filho legitimo, mais deve ser considerado como um artigo aoristo do que como um perfeito.

Diz Bopp (1): «Assim o perfeito latino, a que por sua si«gnificação ter-se-ia bem o direito de chamar aoristo, *nada* «*tem de commum com o perfeito grego e sãoskrito*. Eu creio «poder relacionar todas as fórmas delle ao aoristo sãoskrito, «mesmo sem exceptuar as fórmas redobradas como *cucurri*, «*momordi, cecini*. Temos, com effeito, aoristos como *acûcu*«*ram*, medio *acûcurê* (raiz *cur* «roubar» e ε'πεφραδον, ε'πεφνν. «*Cucurri*, *momordi*, *cecini* perderam simplesmente o augmen«to, como tambem o perderam *scripsi*, *vexi*, *mansi*, e como «tambem o perdeu o imperfeito. E' esta ausencia de augmen«to que lhes dá o aspecto de perfeitos gregos e *sãoskritos*».

Isto posto, considerando

1) que em Sãoskrito e em Grego ha dous tempos *aoristo* e *perfeito*;

(1) *Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*, Traduction de M. Michel Bréal, Paris MDCCCLXXV, vol. 3.º pag. 179.

2) que o *perfeito* latino desempenha as funcções de ambos

3) que o *perfeito* latino é um aoristo e não um verdadeiro perfeito

4) que o tempo portuguez em questão é filho legitimo do perfeito latino ou antes, é o mesmo perfeito latino «com pouca corrupção»;

5) que a funcção exercida pelo tempo portuguez é essencialmente aoristica;

Concluo que, sem restricções e legitimamente, se pode chamar a esse tempo *aoristo*.

E para corroborar a conclusão tenho ainda duas auctoridades.

1.ª

Diez (1): «Os tempos do passado (romanico) comparam-«se melhor com os tempos do Grego do que com os do La-«tim. O imperfeito corresponde ao imperfeito grego; o pri-«meiro perfeito (2) ao aoristo; o segundo perfeito (3) ao per-«feito».

2.ª

Caix de Saint Aymour (4): «En dehors de ce parfait par «redoublement, le latin connait deux autres parfaits d'une for-«mation toute differente; nous voulons parler des parfaits en «vi où Benfey a reconnu le premier le parfait fui du verbe «fu (rac. bhu, exis*ter, être*), et aussi du parfait en si *qu'il «fraudrait nommer* aoriste, né du verbe as, en latin es, «*souffler, respirer, exister, être*».

Capivary, 1 de Janeiro de 1884.

---

(1) *Obra citada,* volume citado, pag. 256.

(2) O *defini* das grammaticas francezas.

(3) O *indefini* das sobreditas grammaticas.

(4) *La Langue Latine*, Paris, 1868, pag. 191.

IV

O grupo Kh

Os Latinos, querendo representar o χ grego, que é κ aspirado, pospozeram ao *c*, equivalente exacto do κ entre elles, o *h*, signal de aspiração, constituindo o grupo *ch*.

Andaram bem, e χόρος, ηχω, μοναρια ficaram perfeitamente representadas por *chorus*; *echo*; *monarchia*,

Com o volver dos tempos alterou-se a pronuncia do Latim, e o grupo *ch*, em vez de continuar a representar sómente o valor de χ grego, assumiu tambem em algumas palavras de origem diversa um som particular, o som de *x* em *faxa*, e transmittiu-se assim geminado em funcções a certas linguas romanicas, ao Portuguez por exemplo.

Que fazer então para othographar nesta lingua palavras oriundas do Grego, e nelle escriptas com χ ?—Usar de *ch* latino ? Mas em virtude do facto acima exposto, isso abre logar a enganos deploraveis.—Representar o χ por outro symbolo, por outro grupo que não *ch*, por *c*, por *k*, por *qu* ? Mas isso dá ás palavras um aspecto barbaro, obscurecendo as filiações etymologicas.

O remedio é simples e intuitivo: é fazer o que fez Constancio, o que fez Baudry, o que fez Regnier, o que fez Bopp, o que fez Dübner, o que fizeram todos os hellenistas que representaram kharacteres gregos com lettras latinas; e pospor *h* a *k* e constituir o grupo *kh*.

E tal grupo não é *novo* como o entende o sabio profes-

sor de München, Dr. von Renhardstoettner. Muito pelo contrario é mais antigo do que o χ, é vetustissimo.

Ora attenda-se:

«L' alphabet latin n' a point de caractères pour exprimer «le son des explosives sourdes aspirées. Quand les Latins écri«vaint *ph*, *ch*, *th* ils ne faisaient que transcrire φ, χ, θ qui s'é«crivaient, *avant l'invention de ces lettres aspirées*, KH, ΠH, TH (1)».

«N'ell' antichissimo alfabeto greco che appare nelle iscri«zioni delle isole di Thera e di Melos il χ è ancora espresso con «KH, ed anche φ con ΠH». (2)

«Inoltre la metatesi accenata dell'aspirazione, il KH p. X, «ed il ΠH p. Φ, e la trasformazione de K, T, Π in X, Θ, Φ, al«lorquando adderiscono ad uno spirito aspro, ci dimostrano che «l'elemento fonetico, il quale aggiungeva se all'esplosive sorde «nelle aspirate greche, era la mera aspirazione *h*, non la spirante omorganica, come altri suppose (3)».

Provada a legitimidade do grupo, estabelecido o seu antiquissimo direito de cidade no dominio hellenico, que se póde objectar de serio contra a sua adopção em Portuguez?

A sua extranheza de aspecto no meio dos grupos usuaes?

Mas isso é devido ao descostume, e uma vez que nos tenhamos affeito, elle será para a nossa vista como um outro grupo qualquer.

---

(1) Guardia et Wierzeyski *Grammaire de la Langue Latine*, Paris, 1876, pag. 22.

(2) Domenico Pezzi, *Grammatica Storico Comparativa della Lingua Latina*, Roma, Torino, Firenze, 1872, pag. 89, nota.

(3) idem, *Ibidem*.

O que se deve considerar é que a adopção d'esse grupo nos traz duas vantagens reaes:

1.ª

Poupar-nos a erros vergonhosos de pronuncia quando encontremos escriptas palavras que não conheçamos, ex.: «*archote, arkhonte*; *chóro*, *khoro*.

2.ª

Habituar-nos a reconhecer a filiação da palavra ao primeiro relance, ex.: «*archote* de *arseda* (baixo Latim por *arsa taeda*), *arkhonte* de ἄρχοντος; *choro* de *ploro*, *khoro* de χόρος.

Capivary, 2 de Janeiro de 1884.

V

Conjugações portuguezas

Quer o douto professor de München que haja em Portuguez só tres conjugações.

Diz elle que *pôr* é uma contracção de *poer*, e que, por isso, é um verbo da segunda conjugação.

Quanto á primeira parte do asserto nada ha a dizer: *pôr* é de facto uma contracção de *poer*. Quanto a outra, o illustre philologo não tem rasão.

Com effeito, que é conjugação praticamente fallando? E' a maneira de flexionar-se um verbo. Haverá, pois, tantas conjugações quantas forem as maneiras mais geraes de flexionar-se os verbos. *Pôr* e seus compostos, tendo fórmas exclusivamente suas, constituem conjugação á parte.

E este systhema de arvorar em conjugação cada maneira especial de flexionar um grupo de verbos é de tanto alcance pratico, que até Brachet (1) chega a admittir *cinco* conjugações em Francez, geminando a chamada segunda das grammaticas usuaes.

A vigorar na pratica a theoria do sabio professor de München haveria nas grammaticas latinas uma só conjungação, a de flexão forte, a terceira cujo thema termina por *u* ou por modificação vocalica; a primeira, a segunda e a quarta cujo

(1) *Nouvelle Grammaire Française,* Paris, 1878, pag. 105.

thema acaba em *a, e, i* desappareceriam, filiando-se todas na referida terceira da qual são contracções.

Amare effectivamente está por *amăĕre, monere* por *monĕĕre, vestire* por *vestĭĕre.*

E, havendo em Latim uma só conjungação, tambem em Portuguez, tambem em Francez uma só haveria.

Sob o ponto de vista scientifico, historico, de facto assim é: tanto em Latim, como em Portuguez, como em Francez ha uma só conjuncção.

As *quatro* conjungações latinas, as *quatro* Portuguezas, as *cinco* francezas de Brachet, são mais praticas do que theoricas, mais de uso do que de sciencia.

Capivary, 2 de Janeiro de 1884.

NOTA DO REVISOR

Alguns erros typographicos de somenos importancia não poderam ser evitados na revisão das provas apezar do maximo cuidado que com ellas tivemos. Faceis são esses erros de emendar, e á boa comprehensão do leitor deixamos a correcção d'elles.

Porto 22 de dezembro de 1885.

O REVISOR.

INDICE

PARTE PRIMEIRA

LIVRO PRIMEIRO

LIVRO SEGUNDO

PARTE SEGUNDA

LIVRO PRIMEIRO

LIVRO SEGUNDO

LIVRO TERCEIRO

LIVRO QUARTO

ANNEXOS